

1950



""AAA^K*[] ^Jj-^v=K[]K[]K[]-[]-[]

WJ*®*** '\$

THE

^ J

$$\text{H} \text{---} \text{H} \text{---} \text{H}$$

V..

fc§§

$$\text{rf}^{\wedge}\text{HStopp} \quad \$^{\wedge}\text{Hfc}$$

H S

y\$ê
 t Má!«.*
 Mm
 *WK!HP

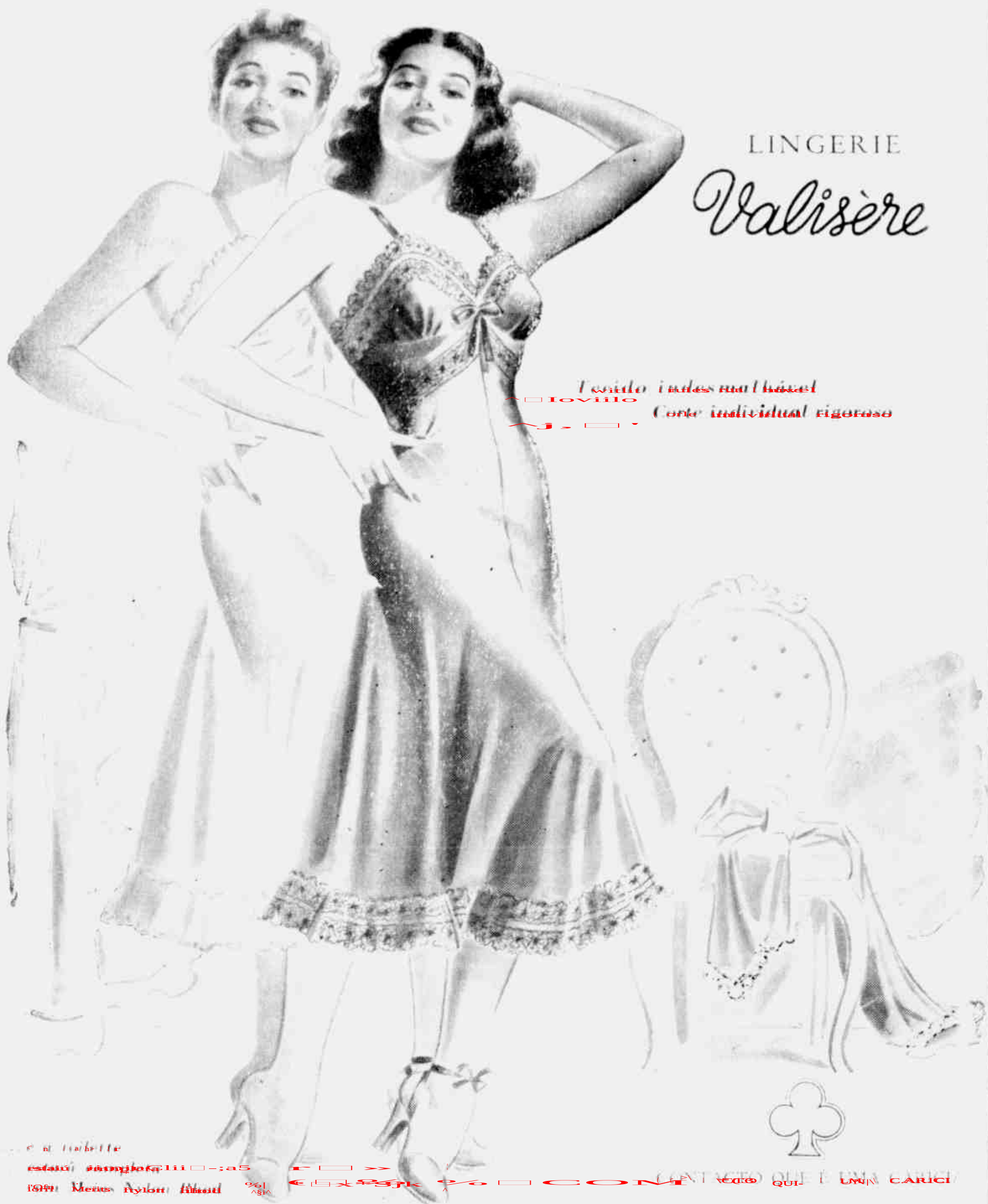
$\text{pffif} \quad \text{WKN:HP}$
 $\text{pffif} \quad \text{WKN:HP}$

1. | P'V_K W. í:lp>.-; '«'»'*

1 ... áfaÉTk

JP 1811 I* *f A- v.<Jk^t >&.* ^g^^Slfeatt?^ 1 -Al.BB3: mm_si 13 KE

- Como se fosse feita pelo seu proprio manequim...



LINGERIE

Valisère

Feito a medida do cliente

João

Corte individual rigoroso

João



Estilo

Estilo

Estilo

Estilo

Estilo

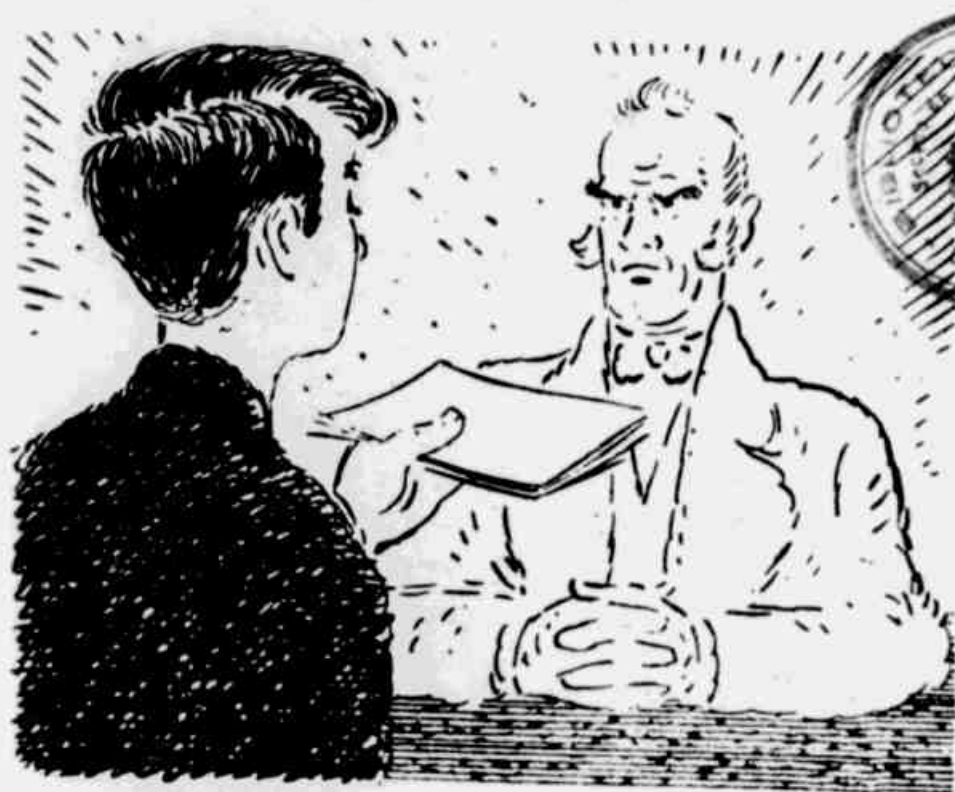
Estilo

Estilo

Estilo

Estilo

Estilo



Uma lição proveitosa

O conhecido professor escocês John Stuart Blackie era de temperamento irascível por natureza, e esse defeito se acentuava por ocasião das inscrições.

— Mostrem seus documentos! — ordenou um dia aos candidatos a vestibular que se enfileiravam diante de sua mesa.

Como um dos rapazes exibisse um tanto desajeitadamente os seus, o professor Blackie berrou-lhe:

— Mostre direito! Com a mão esquerda, não, imbecil, com a outra!

O estudante murmurou qualquer coisa e continuou a apresentar seus documentos do mesmo modo.

— Com a mão direita, já disse, idiota!

Pálido e trêmulo o rapaz levantou o braço direito, onde havia, em vez de mão, um coto com uma cicatriz de queimadura.

Os outros estudantes vaiaram o irascível professor, mas este já havia saltado do estrado abaixo e cingia o rapaz com seus braços fortes.

— Meu filho, perdôe-me, — falou o feroz professor, lutando para reprimir lágrimas de remorso. — Eu não sabia!

Voltou então para os rapazes a fisionomia penalizada e disse:

— Rendo graças a Deus por Ele me ter dado alunos de corações bem formados que me chamam à ordem quando se torna necessário!

Todos os estudantes foram apertar-lhe cordialmente a mão.

Esse foi o ano escolar mais frutífero durante toda a vida do grande professor.

Rev. Philip Jerome Cleveland

TIRAGEM DESTA EDIÇÃO: 42.000 EXEMPLARES

NESTE NÚMERO

CAPA

A graciosa Gail Russell, da Paramount, numa tricromia do gravador Waldemar Turner.

CONTOS

A doação	2
Miguel Serolepe	6
O espelho	10
Destinos na tempestade	16
Antônio Firmino	22

REPORTAGENS

Os nossos irmãos da selva	30
Sereias capixabas	33
Ganhou todos os títulos	36
Miss França	38
Roubo de Jóias	42
O «Sétimo Céu»	44

ARTIGOS

O batismo	49
O Sherlock Holmes da arte	50
A sra. Burdick é médium	54
Coréia, uma nação tragicamente mutilada	58
Peter Pan e a mãe de seu autor	62

HUMORISMO

Quitandinha	64
Sêdas e plumas	68

MODA

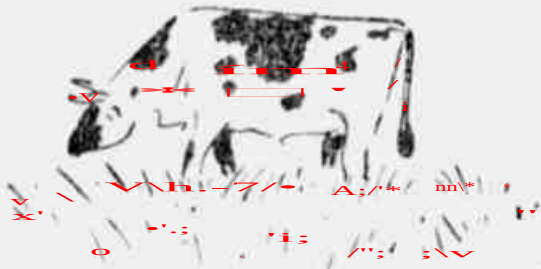
A partir da página	73
--------------------	----

CINEMA

A partir da página	86
--------------------	----

SEÇÕES

Fuga	52
Bazar feminino	92
Esparsos	94
Panorama do mundo	96
Arte culinária	106
Sugestões para o seu lar	108
Página das mães	110
Caixa de Segredos	112
O crime não compensa	118
O rádio em revista	122
No mundo dos enigmas	124
Xadrez	128
Vamos trocar cartas	136
Acontece cada coisa	138



A DOAÇÃO

OSMAN LINS

Ilust. de Moura

1.º PRÊMIO NO CONCURSO «MINAS - BRASIL»

«Quem tudo quer, tudo perde...» —
Ele sabia disso, mas não se emendava...

Pois é isso, compadre. Esse negócio de santo é uma coisa séria. Minha velha tem um oratório cheio. Até santo roubado ela tem. Diz que só serve assim:

— Que santo é esse?

— Um tal de Onofre. Um barbudo.

Passam duas matutas com jarros d'água à cabeça; saúdam-no. Ele responde e fica longo tempo a espiar as costas das mulheres, que a água derramada dos potes desce sob os vestidos. Tira um cigarro, não oferece — pois sabe que não fumo, — acende-o e deita-se na rede. Não tem filhos, nem eu tampouco — o que não impede de nos tratarmos mutuamente por "compadre", o que lhe causa imenso prazer. Tem a cabeça vigorosa, os olhos pequenos, matreiros e, como o santo a que se referiu há pouco, usa uma

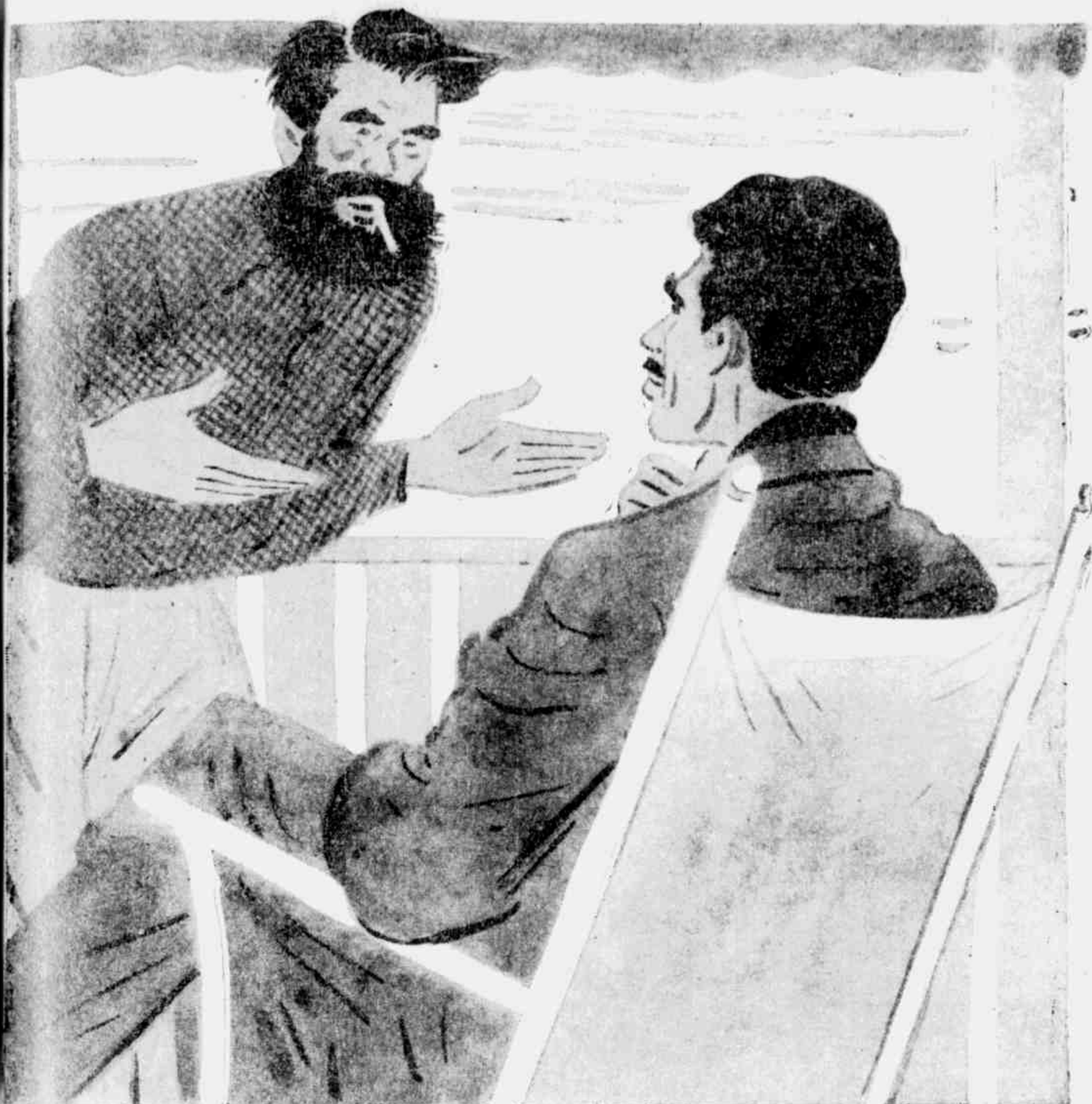
grande barba, que lhe empresta um ar selvagem, mas tem a vantagem de ocultar as inúmeras rugas que retalham seu rosto. Com esse disfarce, torna-se impossível supor que já passou dos cinquenta. Na realidade, tem cinquenta e quatro. Mas detesta ficar parado, monta a cavalo como um jovem, anda léguas a pé, possui quase todos os dentes e os cabelos mal começam a embranquecer. (Creio que em breve passará a usar, às escondidas, a tintura da esposa). À mesa, come de tudo que houver, toma com a mesma indiferença aguardente ou cerveja e costuma rematar suas refeições com três copos d'água, após os quais bate com força no peito e arrotta. É emperugado, tem músculos fortes, pele rosada; e quando fala, não conhece meias-medidas: diz o que lhe vem à cabeça, tão alto quanto for possível.

Estamos no alpendre de sua casa e como é domingo, ele não saiu, o que lhe causa profundo mal-estar. Ainda não faz um minuto que se deitou e já está de pé outra vez.

— Dia bom pra trabalhar! — diz. — Vamos dar uma volta, compadre.

Recusa sorrindo, alegando que o sol está muito quente, que prefiro ficar sentado e que, além do mais, é dia de descanso.

— Você é um murchão — diz ele. E como se explicasse: — Queria mostrar nu-



yado, pra lhe contar uma história.

Sei que sua desculpa é mero pretexto para movimentar-se e respondo sem sair do lugar:

— Estou vendo daqui.

— Bonito, não? Pois há um tempo atrás, eu quase fico na miséria. Era morrer boi, que não tinha remédio...

— De quê?

— Quem sabe? Parecia uma praga.

Põe outro cigarro na boca; acende-o com a pon-

ta que resta do anterior e retorna à rede.

— Mande até chamar meu sobrinho, aquele que é doutor de bicho. Ora, veja só... Formou-se em doutor pra bicho... Esteve por aqui, engoliu meu pirão uns três dias, não tomava leite e acabou dizendo que a culpa era do pasto. Ora veja só. Que pasto, que nada. Não sei pra que é que esse povo estuda — esbraveja.

— Depois disso, — prossegue — já que meu sobrinho não dava jeito, mandei

chamar Fernando Macumbreiro. Quando foi de noite, ele veio. Todo misterioso... parecia um ladrão — que é o que ele é. Farejou os quatro cantos da casa, com um rosário encarnado na mão; terminou no cercado sozinho. Não queria que ninguém fôsse atrás. Lá, não sei o que foi que ele fez. Só sei que me levou cinquenta mil réis, adiantado.

— Cruzeiros.

— Mil réis. No outro dia, vi logo o efeito: cinco novilhos no chão; no ou-

tro, mais dois. Perdi a paciência e mandei chamá-lo. No mesmo instante, ele veio. Penso que esperava dinheiro. Tranquei-o aí nessa sala com ele, só não chamei de santo. Peguei depois a palmatória e dei-lhe duas dúzias de bôlo, que ele saiu de mão inchada, pra deixar de sem-vergonhice. Isso, às dez horas do dia. Minha velha quase se acaba de bater na porta, pedindo que eu parasse. Parar o quê?! E quando o cabra chegou na porta, eu ainda gritei de lá de dentro: — Faça agora catimbó pra meu braço murchar, moleque safado!

Levanta-se, joga o cigarro fora, agita os braços e volta a sentar-se.

— Foi boa ou não foi?

— Pergunta. — Foi boa ou não foi?

— Foi — concordo. — Muito boa.

— Fiquei contrariado. Remédio, não tinha. Macumba, não adiantava. Só restava uma coisa.

— Apelar para os santos?...

— Que jeito? Foi disso mesmo que a velha se lembrou, quando nasceu Estrelinha. Era um novinho beleza. Todo preto, com mancha branca no costado, feito uma estrela. Ela disse:

— João, vamos dar esse garrote a São Benedito.

— Está doida, mulher?

— Diga eu. — Santo preto?! Vamos dar a um branco.

Ela se benzeu e disse pra mim:

— Deixa de ser doido, homem. Você já viu santo preto? Todo santo é branco na alma.

E deu o bicho a São Benedito. Cortou uns pelos do rabo dêle, botou num saquinho e encostou na peanha do negro.

Um cachorro gordo, agitando a cauda sem ponta, vem farejar-me. Toca com

o úmido focinho em meus braços, afasta-se e pula para a rede do velho. Olho para fora. No céu, cheio de azul, não há lugar para nuvens. A luz se reflete em cada grão de areia, em cada haste de relva, grita, deslumbra. O morcego amolece. Recosto-me mais na cadeira.

— Logo no outro dia, a coisa melhorou — continua ele. — Acredite por essa luz, que se no outro dia o gado não estava melhor, eu quero cegar. Sim senhor, compadre. Foi uma coisa nunca vista. Todo mundo se admirou. Haja o gado a melhorar, e para encurtar a história, afora

Quando um homem já tem suficiente importância para se dar ao luxo de dispor de duas horas para o almoço, tudo o que lhe permitem almoçar é geralmente leite com torradas. — Clark A. Sanford

os que matei para o açougue, não morreu mais nenhum. Ficou tudo gordo que fazia gosto, sendo que Estrelinha era o mais luzidio de todos. Parecia mesmo protegido do santo. Mas acontece que o diabo tenta... E lá um dia, eu disse cá comigo:

— Sabe de uma coisa? Isso melhorou, porque tinha de melhorar. Nem foi milagre, nem nada. E eu vou é matar esse bicho.

Chamei a velha de parte e disse a ela:

— Quer saber de uma coisa? Estrelinha está uma beleza pro corte.

Ah! compadre, ela quase endoidece. Mas quando eu digo que vou fazer uma coisa, acabou-se. Pode escrever, que eu faço mesmo. Meti-lhe o ferro e botei pro açougue. Sabe o que foi que se deu?

— Ninguém quis.

Ele pula da rede. Pense que vem agredir-me. Fica de pé a dois passos de mim, curvado sobre meu rosto, em posição agressiva.

— Ninguém quis? — grita. — Vendeu-se toda! Deitou-se foi a morrer gado outra vez!

— Mas o quê?!...

— Pois foi!

Noto que as veias da testa estão salientes e que o nariz está mais vermelho. Ergue os braços peludos para o céu, crista os dedos grossos, possantes.

— Ah! santo mesquinho dum figa! — pragueja. — Nunca vi mais sovina.

Dá oito ou dez passos sem direção, resmungando, e atira-se novamente à rede, da qual saltou o preguiçoso rafeiro.

— E que fez o senhor para salvar o gado? — pergunto.

— Que é que eu tinha a fazer? Nasceu outro bezerro. Dei novamente a São Benedito e agora está tudo bonito outra vez. Santo mesquinho dum figa! Santo mesquinho dum figa, compadre!

Com gestos nervosos, acende mais um cigarro, atira o fósforo longe. Aspira longamente a fumaça; expela-a pelo nariz e bate a cinza com o dedo. Creio que o fumo acalmará seus nervos.

— Parece uma tentação — comenta, como se falasse consigo mesmo. O diabo do outro bezerro está bonito que parece uma moça.

Olha-me, desvia o olhar, volta-se outra vez pra mim, perscruta-me; chega-se mais para perto, toma um ar confidencial.

— Diga uma coisa — pergunta. Você acha que se eu matá-lo, vai suceder o mesmo que da outra vez?... Hein?...

ANTÔNIO FIRMINO (Conclusão)

Respeitaram-lhe a dor, o silêncio e a timidez. Depois, a voz mansa de Dona Teresa suscitou-lhe ao ouvido:

— Não quer ver o Zeferino?

— Querida, dona.

— Venha ver...

E tomou-lhe o braço.

Antônio Firmino aproximou-se do caixão. Dona Teresa levantou um lenço, e o caboclo ficou olhando, estatelado, sem um mover de lábios, sem um piscar de olhos, o rosto de amarelo terroso do filho, que parecia sorrir.

Dona Teresa chorava, as moças choravam, Paulo Dinarte, que se aproximara e passava o braço sobre o ombro do sertanejo, franzia a testa e arregalava os olhos, para as lágrimas não saírem. Sômente Antônio Firmino continuava impassível, os olhos enxutos, os lábios cerrados, como se não sentisse, como se não compreendesse.

Veio um padre, disse uma oração de coisas, numa voz cantada, que Antônio Firmino não entendeu, de olhos muito assustados no latim do padre. Depois falaram-se coisas que Antônio não percebeu bem e que foi obedecendo, como um automático. Pegou numa das algas, Paulo Dinarte na outra, alguém mais nas outras duas. Um carro partiu, entrou noutra, chegaram a um cemitério importante, houve mais uma capela, mais um padre, novo transportar de caixão, o caixão descendo, a terra caindo, e aquele silêncio.

— Vamos, Antônio Firmino?

Era Paulo Dinarte de um lado, era Dona Teresa do outro. Antônio Firmino calado, Antônio Firmino fora da vida, Antônio Firmino de olhos en-

xutos. Passos incertos no pedregulho do caminho. Chegaram ao portão largo. Antônio Firmino para, olha para os lados, como um animal acuado, olha para trás, e subitamente, na explosão incontrolável de toda a sua dor, uma crise de choro o sacode, violenta e desvaivada.

A dor do caboclo rebenta como que num alívio para todos. Como outras lágrimas rebentam, também, dos outros olhos. Paulo Dinarte, entre o sentimento de culpa e de pena, abraça-o, procura dizer palavras de excusa, de conforto. Era preciso ter paciência, era preciso compreender, a vida era assim mesmo, fora a vontade de Deus. Ele, Paulo, fizera tudo que pudera, não o levasse a mal...

— Nós fizemos tudo o que era humanamente possível, Antônio Firmino. Não foi culpa nossa...

Antônio Firmino dominou-se. A explosão sobre-humana de dor fora controlada outra vez. Resta ali, de pé, o mesmo sertanejo humilde e fatalista de sempre.

— Culpa, seu doutor? Ninguém no mundo fazia o que vassuncê fez... Nós só pode ficar agardado. Meê deu passage, deu médico, deu hospita, deu remédio, deu padre.

Parou, enxugou com as costas da mão uma grande lágrima que descia.

— Mas, seu doutor, o que eu agradeço mais foi o caixão... O Zeferino foi a primeira pessoa de minha família que foi enterrado em caixão.

Esmagou nova lágrima e quase sorriu:

— E ele bem que merecia, seu doutor...

INDIRETAS ENÉRGICAS

Um homem de negócios muito arrebatado de gênio, mas bem educado, ficou furioso contra um negociante que faltou a um compromisso. Eis a carta que lhe ditou:

«Senhor, em atenção à minha datilografia que é moça educada, não lhe posso ditar o juízo que faço a seu respeito; e como lhe prezo de ser um cavalheiro, também não o posso escrever próprio; mas o senhor, sendo o que é, adivinhara facilmente o que eu quero dizer-lhe!»

BARBA SINTÉTICA

UMA das mais importantes acenas dinamizantes anuncia que acaba de desenvolver um processo que permite a fabricação de pelos de barba artificiais.

Sabem qual a utilidade desta descoberta? E' proporcionar dita fábrica o meio de experimentar as lâminas de navalha de sua produção... O gênio humano é realmente inesgotável!



ESCREVA UM CONTO E GANHE OUTRO!

É a oportunidade que a Companhia de Seguros MINAS-BRASIL está oferecendo aos contistas do Brasil através do concurso permanente de contos de «Alterosa», iniciando uma bela campanha de merecido incentivo cultural à nova geração.

Escreva, portanto, o seu conto, habilitando-se aos seguintes prêmios mensais:

1º prêmio	Cr\$ 1.000,00
2º prêmio	Cr\$ 600,00
3º prêmio	Cr\$ 400,00

Correspondência:

«Concurso MINAS-BRASIL»

Revista ALTEROSA

CAIXA POSTAL, 278 - BELO HORIZONTE

Companhia de Seguros
MINAS-BRASIL
SEGUROS DE VIDA

INCENDIO — TRANSPORTES
ACIDENTES DO TRABALHO
ACIDENTES PESSOAIS E SE-
GUROS COLETIVOS

Miguel Serelepe

JOÃO DE SÁ

Ilustração de Rocha

2.º PRÊMIO NO CONCURSO "MINAS-BRASIL"

Apoiado na sua inércia, esperava que
tudo lhe caísse do céu...

ERA funcionário «classe E». E há muito tempo. Não ignorava, porém, o motivo de haver «marcado passo»: não gostava de bajular. Dava um doce a quem o apontasse como tal, pois sim! Não era desses... A sua indolência fatalista e o seu gênio acomodaticio jamais lhe permitiram correr atrás de qualquer coisa que lhe parecesse trabalhosa; esperava que ela viesse ao seu encontro.

Mesmo em época de promoções, não sabia fazer por onde e, por isso, ia sendo preterido indefinidamente. Via novos colegas galgarem posições que por justiça lhe pertenciam e ficava impassível; quando os amigos lhe faziam ver a injustiça de que estava sendo vítima, limitava-se a dizer-lhes:

— O meu às minhas mãos virá...

E aí ficava. Nunca se revoltara contra as injustiças que lhe faziam. Mas, no entanto, bem que as sentia. Quantas vezes, a sós, não preparou mentalmente grandes protestos verbais para despeja-los, colérico, naqueles que o haviam prejudicado? Mas logo depois, no momento preciso, esquecia tudo e continuava calado, embora remoendo ódios...

Era um passivo e dessa passividade lhe vieram dois apelidos que os colegas lhe botaram: «Mania Va com as potras» para uns e «camaleão» para outros. Miguel Serelepe, porém, não se dava por achado; sabia que sempre fora assim e que não adiantaria lutar contra a sua índole.

Lembrava-se de que, desde menino, sempre chegara por último em tudo. Os irmãos corriam invariavelmente à sua frente para apanhar o melhor; ele não; vinha sempre depois, calmo e sem atropelos... e quando a sua parte lhe chegava as mãos — guardada pela previdência materna — Miguel Serelepe sorria, vendo aprovada a sua teoria do devagar e sempre...

— O meu às minhas mãos virá...

Mas a mãe de Miguel não viveu sempre. Morreu repentinamente e repentinamente ele ficou sem ter quem lhe reservasse a sua parte. Sofreu com a perda irreparável um rude golpe, mas não por isso deixou de crescer e fazer-se homem.

Serelepe homem conservou-se preso ao mesmo fatalismo que jungia a vida de Serelepe criança: era um homem comum, sem grandes pretensões e que se limitava a viver a vida tal como a encontrava, aceitando os seus fa-

tos como concludentes. Não tinha ambições e atinha-se a desejar somente aquilo que pudesse ser conseguido sem lutas nem canseiras.

O seu horror a disputas e aborrecimento entravavam-no até em sua vida amorosa. Quantos noivados já desfizera? Nem sabia mais a conta... Bastava-lhe, para desmanchar um compromisso, perceber na pequena qualquer vislumbre de mau gênio, e por isso era considerado como refratário ao casamento. Essa fama, porém, não era justa: ele gostaria de casar-se e, principalmente, de ter filhos, pois adorava crianças, mas tinha medo de encontrar uma mulher que o fizesse se arrepender depois...

Muitos dos seus amigos admiravam-se de que, sendo ele o tipo submisso, abanado, de que elas tanto gostam, ainda estivesse solteiro. Alguns, mais interessados, chegaram a apresentar-lhe diversas pequenas, mas Serelepe em todas encontrava algo que lhe não convinha e se arrieta, depois de tê-las namorado algum tempo, dizendo:

— O meu às minhas mãos virá...

E ficou solteiro. Solteiro e solteirão. A vida assim não o aborrecia, mas, às vezes, pensava em ter ao seu lado uma mulher que o acariciasse como as suas cunhadas faziam com os seus irmãos... Mas, por uma associação de idéias lhe vinham à mente as discussões desafortunadas que presenciara entre os cônjuges quando os visitava. Notara que, em dez visitas que lhes fizera, em cinco eles brigaram fortemente, de nada valendo as razões que ele aduzia para pôr termo às contendas. Essas e outras coisas que observava faziam com que cada vez mais se fortificasse a sua velha teoria e dizia lá com os seus botões:

— Se eles não se houvessem precipitado, nada disso aconteceria...

E sorria, satisfeito, escudando-se mais no seu fatalismo. Assim passou dos vinte aos trinta e dos trinta aos quarenta: solteiro e «classe E». Até que um dia...

Não se sabe porque, mas há sempre em nossa vida um dia em que sucede algo que nos estávamos longe de supor que pudesse acontecer... E esse dia chegou também para Miguel Serelepe. Não que ele o buscasse; chegou e já chegou tarde.

Completa-se Miguel 40 anos e nessa idade homem algum ama: necessita apenas. Precisa da mulher. Quer uma companheira que lhe



...de dos achaques e não uma esposa apaixonada. E' a época da vida em que o homem dá, à mulher, o seu exato valor; vê nela o objeto complementar que lhe falta e a aceita, como aceita o irremediável...

Esse «irremediável» veio, para Miguel, na figura mais ou menos bonita e mais ou menos outras coisas, de Maria, filha única de um seu colega de repartição, também funcionário «classado», reumáticamente aposentado.

Quando a viu Serelepe estava longe de pensar que aquêle vestido estampado ainda havia de ser pendurado em seu guarda-roupa... Não supunha sequer que, ao entrar naquela casa para passar o domingo, fôsse lá encontrar, em caráter definitivo, o que há 40 anos houvera encontrado passageiramente, isto é, o que lhe estava reservado...

Maria que, pelo visto, também esperava, como ele, há uns bons 30 anos, pelo seu, lhe pareceu uma boa pequena: diligente, trabalhadora e aliás instruída — essas qualidades ele só as percebeu porque já estava com 40 anos bem passados... Se fôsse vinte anos antes ele já teria desistido da empreitada porque, então, notaria o muxôxo malcriado que ela fez ao pai quando êsse insistiu para que ela mudasse de vestido... Mas Miguel não reparou nisso. Tinha, nos costados, a carga dupla dos 40 e precisava...

Ela, também, estava nas mesmas condições: aos trinta anos a mulher solteira não perde mais tempo em analisar o homem como o faz

aos quinze. Olha apenas o conjunto e basta. Ademais, se ficara solteira até aquela idade não fôra, certamente, por que esperasse como êle, que o destino trouxesse o seu. Devia agradecer somente a duas coisas: à sua boca que, sem ser muito grande, passava do normal e a um **lombinho** massudo e irremovível que lhe nascera ao lado do nariz e que ameaçava tornar-se do mesmo tamanho dêste. Isso, se não a tornava horrível, muito contribuía para lhe estragar a estética do rosto.

Atribuía a êsses defeitos a causa de haver sido passada para trás tantas vezes; mas ao conhecer Miguel, achou ela que a sua oportunidade, talvez a derradeira, fôra encontrada e resolveu pegá-lo de qualquer modo...

Não foi preciso, no entanto, recorrer ao qualquer modo; conseguiu apanhá-lo até com relativa facilidade porque êle estava no ponto de bala... Assim, um belo dia, Miguel, sem saber bem como aquilo acontecera, acordou ao lado de uma mulher que, por imposição da Lei, era sua. É certo que relutou um pouco no princípio, mas, depois aceitou-a com **lombinho** e tudo!... Afinal não seria aquela excrecência de massa que iria prejudicar as outras que ela possuía normais e atraentes...

Acontecia, também, que já estava casado e tudo indicava que não o estava mal: a sua vida não sofrera grandes mudanças e as que sofrera fôra para melhor; os botões do seu pa-

letô agora eram à prova de apertos e sacudidas; o vinco de sua calça estava sempre visível e, ao seu chá de barba de milho para o reumatismo, vieram juntar-se outros que ela sabia bons e preparava.

Estava, pois, satisfeito, e como era cordato e maleável por natureza, não dava motivos de queixas à esposa e assim ambos se completavam. Viviam felizes e se-lo-iam ainda mais se não houvesse uma pequena falha na sua vida conjugal: não tiveram filhos. Isso desgostava-os muito, sendo que a ela mais do que a ele. De fato, Miguel, atendendo à sua idade, não fazia muita questão, mas nada dizia, de modo que por isso não brigavam. Aliás, uma briga naquele casal seria coisa impossível. As vezes, porém, em conversa sobre o assunto, eles lamentavam ter acontecido aquilo, ou melhor, não haver acontecido. Ambos se sentiam sem culpa e chegaram à conclusão de que o melhor seria adotar uma criança. Nesse ponto da conversa, porém, Miguel dizia:

— O meu às minhas mãos virá...

E ela concordava. Mas, apesar de concordar, a idéia de ter filhos se tornava obsessão em seu cérebro e, às ocultas do marido, tomava beberagens, consultava curandeiros e gastava, em vão, dinheiro e saúde, só conseguindo de positivo, enfraquecer-se dia a dia. Ia definhando à força de tanto tratamento e o pobre Miguel, sem saber a causa do mal, para ele ainda mais contribuía, levando-a a médicos e obrigando-a a tomar remédios. Nada, porém, adiantou e Maria morreu.

A sua morte abalou grandemente a fé que ele depositava no seu slogan: pela segunda vez já não havia mais quem lhe guardasse o seu e, dessa vez, o seu seria o filho tão desejado.

Meio descrente, Miguel Seralepe chorou a sua desdita; chorou longamente, mas depois conformou-se e continuou dizendo:

— O meu às minhas mãos virá...

Sentia, no entanto, que agora seria uma coisa quase impossível. Estava com 50 anos e com essa idade um homem ser pai lhe parecia coisa ridícula, mesmo se casasse. E casar-se ele não desejava. Sentia-se velho demais para o casamento e pensava que os seus cabelos brancos eram incompatíveis com uma paternidade recente.

Imaginava-se com um pimpolho ao colo, passeando sob os olhares incrédulos dos outros e sofria. Agora achava a sua vida vazia e inútil. Havia-se acostumado à rotina doméstica naqueles escassos anos de casado e achava-se só. Sentia necessidade de ter alguém ao seu lado, mas, ao mesmo tempo, desejava guardar fidelidade à memória de sua mulher — a única entre todas que lhe havia sido reservada, a sua...

Por que Deus lhe negara um filho? Ah, se

tivesse um! Como tudo teria sido diferente! Mas não lho dera; paciência... E se adotasse um? No tempo da falecida mulher haviam debatido esse assunto, mas agora talvez não valesse a pena...

— O meu às minhas mãos virá...

Ele ainda tinha fé no seu slogan. Não aquela fé que antes nele depositava, mas, por costume, ainda o repetia. Qualquer coisa lhe dizia que esperasse; mas o quê? Nem ele próprio o sabia... Não seria a primeira vez que o destino lhe mandaria o seu repentinamente. Lembrava-se do seu casamento realizado exatamente quando ninguém, nem ele mesmo, esperava. Sempre pensara que o seu destino seria o celibato e, no entanto, casara-se. A sua chegara às suas mãos aos 40; mas chegara! Assim talvez...

— O meu às minhas mãos virá...

E veio mesmo. Em certa noite chuvosa e fria, quando Miguel Seralepe se recolhia à casa, sentiu ferir os seus ouvidos — no momento em que passava em frente a um terreno devoluto — um leve rumor. Julgou, a princípio, que fossem miados de gatinhos ali abandonados por alguém. Parou e prestou atenção: vinham de dentro do mato e Miguel, penalizado com a sorte dos bichanos, resolveu procurá-los, apesar da escuridão, para deixá-los em lugar mais abrigado da chuva.

Entrou no mato e, tateando, conseguiu chegar até o lugar de onde partia o rumor. Divisou, por entre a folhagem molhada, um emburulho de papéis e a sua mão agarrou-o. Miguel estremeceu; não podia ver bem o que era, mas adivinhava. Era um recém-nascido! Alguém ali o deixara exposto, cruelmente, à chuva e aos bichos!

Como um relâmpago, por sua mente, passou o seu velho e nunca desmentido slogan. Ali estava a sua confirmação mais uma vez! O destino lhe mandara aquela criança, não havia dúvida, e ele a adotaria. Seria o seu filho querido e embora não o fôsse de sua carne, selo-lhe de sua compaixão.

Saiu para fora do mato e foi examinar o seu achado à luz de uma lâmpada: era, de fato, uma criancinha recém-nascida... mas era preta! Pretinha como o ébano.

Miguel Seralepe ficou aturdido. Um filho negro! Então era assim?...

Seu primeiro pensamento foi o de levá-lo à delegacia mais próxima, porém, pensou: — «O destino não me deu filhos de minha mulher e eu compreendo agora por quê; ela era branca como eu e jamais poderíamos ter filhos pretos... E o meu tinha de ser esse...»

Crente no fatalismo de sua vida, Miguel Seralepe embrulhou cuidadosamente a criança em sua capa e desapareceu na escuridão.

O seu mais uma vez chegara às suas mãos...

* * *

LADRÃO CONSCIENCIOSO

Mostrou-se consciencioso um ladrão que roubou um automóvel em Alameda (Califórnia), deixando a seguinte carta ao proprietário:

«Caro senhor: Terei todo o cuidado com o seu carro e oportunamente o devolverei ou lhe

direi onde poderá encontrá-lo. Vou para o Sul em férias, mas não o guiarei com excesso de velocidade e evitarei danificá-lo. É claro que não me é agradável dar-lhe este aborrecimento, mas minha mulher está doente e precisa mudar de ares dois meses».

AS MAÇÃS PASSADAS

Para o homem e a mulher que se ocupem de negócios. — W. P. Warren.

Um amigo meu falava-me do falso conceito que muitos formaram a respeito da economia, incorrendo por isto nas tolices que ainda ainda apresentam como modelos de sensato comum.

Quando era criança — disse-me — tinha um grande pomar. Meu pai era econômico a seu modo. Ao chegar a época de colher as frutas, apanhávamos em primeiro lugar as maçãs passadas e deixávamos as outras. Depois que acabávamos de comer a provisão de frutas estragadas, já pendiam das árvores outras no mesmo estado. Assim passávamos todo o inverno comendo maçãs apodrecidas e deixando as boas nos galhos. Meu pai julgava um inútil desperdício comer a fruta sadia quando a outra estava quase a perder.

A economia das maçãs passadas privar-lhe-á dos melhores dons que a vida possa oferecer-lhe.

TUA DOR NÃO É ÚNICA

Por que julgas que tua dor é única? Por que te torturas pensando que não existe no mundo ser mais desventurado que tu? Por que insistes em crer que o amor que choras é o único amor que morreu, que teus males físicos são os únicos males, que teus mortos são os únicos mortos? Acharás tua experiência dolorosa numa infinidade de casos; assim é e assim será ao longo de toda a existência, pois vivemos num mundo em perpétuo fluxo e refluxo, num mundo incompleto, sem terminar, constituído, em última instância, pelo homem, o mais «perfeito» da criação... e já conhecemos suas debilidades e fraquezas. Não penses na dor como algo insólito, e sim como um fenômeno normal no curso da existência comum a todos os seres humanos. É claro, pois, que haverá dor; o resultado em ti dependerá da filosofia com que a aceitas, da atitude que assumas ante tua inevitável parte de sofrimento. Antes de tudo deves fugir da própria miséria, que é um «virus maligno», como já disse alguém. Se tens tanta compaixão de ti mesmo, se te julgas o ser mais miserável que existe sobre a terra, viverás torturado pela tristeza e por um insano sentimento de culpa que te atará os pés e as mãos para toda obra construtiva. Chora tua dor no silêncio de teu coração ou sobre um peito amigo — bendito seja o dom divino da amizade! — Mas depois lança-a longe de ti como a um germe maligno que ameaça infectar teu espírito de solidão e tristeza. Tua dor não é única. Não estás sozinho no sofrimento, tem a coragem de rir um pouco dele; constrói de novo teu ninho de ilusões e alça-o às estrelas. — Pedro N. Urcola.

O EXEMPLO

Diante de um mau exemplo vale muito pouco o melhor preceito, porque o homem segue melhor o exemplo do que o preceito. — Smiles.

Limpa melhor POR FORA E POR DENTRO



Porque tem

Ação Dupla

Sua melhor garantia para dentes saudáveis e um belo sorriso é a escova Tek — de ação dupla. Tek, com seu desenho anatômico, limpa melhor por fora e protege por dentro, onde as cáries começam.



Por fora — as curtas fileiras de cerdas limpam melhor, alcançando os interstícios mesmo nos últimos dentes da boca.



Por dentro — devido à forma convexa das cerdas, adequase à arcada dentária, limpando os pontos onde as cáries começam.



As Escovas

Tek

Duram...

Duram...

Duram...

Um produto da

Johnson & Johnson

Avilifren



Qual amigo benfazejo éle serviu de
incentivo para o seu triunfo e a sua
reconciliação.

espelho

MARIA THEREZA MELLO SOARES

ILUSTRAÇÃO DE MOURA

3º PRÊMIO NO CONCURSO «MINAS-BRASIL»

Quando o mensageiro bateu à porta de nossa casinha modesta com um volumoso embrulho de papel de seda, julgamos logo que ele estivesse enganado. Entretanto, como o meu casamento era no dia seguinte e já havíamos recebido alguns presentes antecipados, resolvemos verificar se de fato o endereço era o nosso. Em outra ocasião qualquer, teríamos despachado imediatamente o rapaz. Mas lá estava direitinho o nome da nossa rua e o número da casa. E foi com surpresa ainda maior que li o cartão que o acompanhava:

«A' sobrinha Celina,

Que éle possa sempre refletir as horas felizes de sua vida. Com um abraço da tia Carola».

Não podia mais haver dúvidas. Era mesmo para mim aquele embrulho imenso.

Despachamos o portador e, todas, mamãe, minhas irmãs e duas primas que tinham vindo para ajudar nos preparativos do lanche modesto que iam oferecer, arrancamos ansiosamente os barbantes, rasgando na pressa os papéis que acondicionavam a grande dádiva. E quando ela se apresentou a nossos olhos, imediatamente refletiu seis fisionomias que exprimiam as mais diversas emoções.

Lembro-me de que a minha era a mais decepcionada, pois o objeto era simplesmente um espelho!

A primeira a desabafar foi mamãe:

— Bonito, não é? Mas que ideia a da Carola! Qual! Por estas e outras é que dizem que ela já está caducando! Sabendo que somos pobres, e que você, minha filha, não vai casar com rapaz rico, mandar um presente destes! Vai até destoar na sua casa!

Minhas irmãs protestaram! O espelho era

muito lindo! E teciam comentários, analisando-o.

De fato era um belo objeto: oval, bisotê, rodeado por um veludo grená onde se incrustavam, como jóias preciosas, pequenos pedaços de vidro, lapidados como brilhantes. Ocuparia bem a metade da parede de nossa modesta sala de visitas. E, como naquele tempo era moda usá-los em tal cômodo, seria um magnífico presente se não fôssemos tão pobres.

Afinal resolvemos pendurá-lo ali mesmo, na casa de mamãe, até que pudesse ser transportado para meu futuro lar.

Quando Artur chegou, à noite, e soube do caso, achou graça na minha decepção e consolou-me:

— Ora! Você então não tem confiança no seu maridinho? Tenho fé em Deus que hei de trabalhar e ganhar tanto dinheiro que um dia este espelho terá um lugar digno do seu valor e de sua beleza! Você sabe que acho até que éle será um bom princípio de vida? É um estímulo para mim, um incentivo para que eu possa elevar-me social e financeiramente.

Eu achei graça nesses sonhos, certa de que eram produto apenas do entusiasmo de meu noivo diante da felicidade que almejávamos.

As 11 horas, despedimo-nos.

E sós, na salinha vazia, éle trouxe-me amorosamente para perto do espelho e beijando-me com carinho disse:

— Hoje éle começa a refletir nossas horas felizes. Este momento é um marco em nossa vida. Amanhã já não nos despediremos mais e ficaremos juntos eternamente.

Sorri para nossas fisionomias radiantes de alegria e de esperança. De repente, voltamos surpresos. Cinco carinhas irônicas fugiram apressadas de uma das portas. Minhas irmãs e as primas espionavam-nos maliciosas.



O dia seguinte foi tão alvoroçado e tão cheio de preocupações que me esqueci completamente do presente da tia Carola. Só ao sair para a igreja, apressada e sorridente, quase tropeçando na cauda do vestido, é que estaquei surpresa diante daquela figurinha nervosa, toda branca e mergulhada em tule e flores de laranjeira. E assim, o espelho amigo tirou a minha primeira fotografia de noiva. Naquele momento desejei ardentemente que a minha imagem fosse refletida por ele sempre com aquele sorriso cheio de confiança e de ventura.

*

Já em minha casa, dois dias depois de casada, auxiliada por meu marido, instalei, entre um humilde sofá de palhinha e uma peanha de madeira escura, o meu rico espelho. Destoava bastante daqueles móveis de segunda mão, já bem usados, mas dava mesmo assim um toque de distinção na salinha pobre. E após colocado em seu lugar de honra, bem pregado, bem polido, foi ainda um beijo apaixonado de dois recém-casados a primeira imagem que ele refletiu.

Segundo os desejos de Artur nossa vida foi melhorando progressivamente. Nossos móveis foram sofrendo uma lenta transformação até que um dia pudemos enfim realizar todos os nossos ideais. Nessa ocasião muitos foram os que nos aconselharam a nos desfazermos do espelho.

— Já está fora de moda, — diziam. — Hoje em dia não se usa mais isso!

Relutamos porém. Aquêlo objeto era um amigo, quase como um ser humano que nos tivesse acompanhado até então. A profecia de tia Carola tinha-se realizado totalmente. Ele só refletira horas felizes. Tínhamos mesmo por hábito consultá-lo antes de qualquer acontecimento importante em nossa vida. Nos momentos graves ou nas horas de prazer, mirávamos nele e encontrávamos apoio aos nossos anseios ou tranquilidade nas nossas depressões.

Com a fortuna, porém, parece que alguma coisa entrou ou saiu de nossa casa. À princípio, esta desconfiança esboçou-se apenas em detalhes insignificantes que atestavam a infidelidade de meu marido. Até que se traduziu

na certeza atroz de que ele já não tinha por mim a afeição que fôra o alicerce de nossa felicidade conjugal. E esta certeza levou-me à conclusão de que já havia alguém ocupando o lugar que até aquela época fôra meu no coração de Artur.

Desde então observei que ele não mais procurava o nosso espelho. Não sei se o remorso ou a vergonha impediam-no de fitá-lo frente a frente.

Até que um dia encontrei meu marido na rua com a «outra». O choque foi tão brutal, tal foi a decepção e a humilhação que senti, que não admiti desculpas nem aceitei promessas de regeneração. Artur insistiu que era uma aventura banal e inconsequente, um flirt sem importância, mas não transigi. Arrumei uma valise com algumas roupas e fui para a casa de mamãe. Mas lá o meu sofrimento foi maior. Como se a vida fosse recuando cinco, seis ou sete anos, relembrei dia por dia os momentos felizes do meu namoro e noivado. Ao chegar a meu casamento, vinha-me sempre à mente o bilhete da tia Carola: «Que ele possa refletir as horas felizes».

Pobre espelho! Ao deixar minha casa, ele fôra o único que me acentara com um sorriso. O meu próprio sorriso triste com que o deixei ao passar pelo hall onde agora se encontrava.

Muitas foram as tentativas dos parentes e amigos e principalmente de Artur, para que eu desistisse do desquite e concordasse com uma reconciliação. Apesar de infeliz, longe dele não podia esquecer a mágoa que sua leviandade me causara.

Afinal, resolvemos liquidar nossos bens e vender a casa antes de iniciarmos o processo que legalizaria nossa separação. E foi assim que, três meses depois, regresssei àquela que fôra minha casa, para assistir à retirada dos móveis e objetos de valor que seriam vendidos em leilão. Artur acompanhava-me e foi com certo nervosismo que entrei com ele no hall onde o nosso espelho refletiu duas fisionomias infelizes e apreensivas.

— Você não quer levá-lo? — indagou meu marido. — É um objeto de estimação e custa-me bastante vê-lo em mãos estranhas!

— Por que não o leva você? — perguntei contrariada.

— Para mim é mais difícil. Vou morar num hotel, pois não pretendo ter nova casa. Num quarto, é quase impossível alojá-lo. Se não fôsse isso...

— Não, — interrompi. — Deixe que o levem. Não quero guardar nenhuma recordação dessa época feliz!

Artur ia dizer qualquer coisa, mas os carregadores entraram no momento e ele teve que determinar o transporte dos móveis.

Embora demonstrasse indiferença, cada peça que eu via passar a caminho da rua era uma dor a mais para o meu coração. Eu andava de um lado para outro, com vagar, como se estivesse despreocupada e feliz, completamente desinteressada de tudo.

De repente, Artur chegou-se a mim e disse: — Celina! Chegou a vez do nosso espelho. Deixe-o para o fim para ver se você mudava de idéia. Não quer mesmo levá-lo? Vai deixá-lo ir?

Havia uma súplica, quase um apelo desesperado em suas palavras. Tive vontade de chorar, de perdoar tudo, de abraçá-lo com carinho, mas achei que era tarde demais para recuar. Por isso respondi baixinho:

— Não! Não o quero para mim.

Ele afastou-se aborrecido e voltou logo após.

— Não quero vê-lo sair. É um objeto que me inspira uma afeição invulgar. Nunca imaginei que pudesse gostar tanto de uma coisa tão sem importância, mas é que você nunca soube o quanto este espelho me animou e me ajudou a vencer na vida. A promessa que lhe fiz na véspera de nosso casamento foi cumprida mais pela influência dele do que por todo o trabalho que realizei!

Ficamos em silêncio. Só se ouvia no cômodo ao lado a voz dos carregadores:

— Cuidado! Segura com jeito!

Um outro resmungou:

— Éta bichão pesado!

Depois saíram e o silêncio foi completo. De repente, na rua, ouviu-se uma algazarra seguida do barulho de vidros quebrados. Instintivamente, sem sentir o que fazia, abracei-me abraçando com Artur:

— O nosso espelho, Artur! Partiu-se!

Quando os homens entraram momentos depois para explicar a causa do acidente, encontraram-nos ainda abraçados e chorando como duas crianças.

Hoje conservamos ainda o espelho da tia Carola. Como só o vidro partira, mandamos colocar outro igual na moldura de veludo verde, com pedacos de vidro coloridos imitando brilhantes.



COMPANHIA DE SEGUROS

MINAS-BRASIL

SEDE SOCIAL - BELO HORIZONTE - C. POSTAL 426

SEGUROS DE VIDA • SEGUROS COLETIVOS

Os planos mais modernos na apólice mais liberal.

INCENDIO • TRANSPORTES • AC. PESSOAIS • AC. DO TRABALHO

SUCURSAIS E AGÊNCIAS EM TODOS OS ESTADOS DO PAÍS

A FAMÍLIA

Será possível que o amor resolva todos os problemas e que ao nosso coração agustiado, como ao nosso espírito curioso, baste tão pouca coisa — uma família — para encontrar a paz e a felicidade?

Sim. Produzir felicidade à nossa volta, tornar ditosos, nos estreitos limites do lar, os seres cuja sorte está ligada à nossa — haverá ideal mais nobre e mais elevado?

Há criaturas que buscam, com tremendos esforços, a satisfação de ambições efêmeras, sem nenhuma finalidade nobre ou altruística. Outras procuram a glória que o tempo apaga. Outras ainda correm atrás da fortuna, outros caprichos desconcertam os cálculos mais hábeis. E nesta caçada obcecante, esquecem completamente dos seres que deveriam amar sobre todas as coisas e pelos quais deveriam dedicar a maior soma de seus esforços.

Todas essas criaturas devem saber que um dia morrerão, e que todas as suas obras são também perecíveis. Não subsistirá nem uma só pedra dos edifícios que construírem, nem uma só letra dos nomes que julgavam gravados na História. Mas muita coisa poderá ficar das chamadas de amor que acenderam em sua passagem pela Terra.

São necessários milhares de anos para que desapareça a luz de uma estrela que se apaga. Do mesmo modo, poderão viver e perpetuar-se, depois de nós, os sentimentos puros e simples que tenhamos irradiado de nossos corações.

CANDIDATOS A LOCUTORES

Este é o teste radiofônico apresentado num recente curso de locutores na Rádio Difusão Francesa:

Os arsenicais atuam sobre tripanosomíases, mas a antroterapia cura a hipertensão sem esplenectomia, a neuralgia sem neurotonia retrocessariana, a nefrite sem desepsulação, e uma série de outras moléstias sem estelecto-

UM TESTE DE AUTO-ANÁLISE



Você é influenciável?

Você tem personalidade frouxa ou marcante? É fácil de ser influenciado pelos outros ou resiste aos argumentos ou lisonjas dos que pretendem impor-lhe sua vontade? Procure conhecer seu espírito de independência respondendo «Sim» ou «Não» às seguintes perguntas e observando depois o resultado à página 41.

1. Ao conversar com alguém você geralmente concorda com quase tudo o que lhe dizem? .
2. Já se surpreendeu a adotar, como suas próprias, idéias que lhe foram sugeridas por outros? .
3. Já se tem arrependido de ter mantido sua opinião contra os conselhos de outrem, mesmo quando resultaram consequências desagradáveis? .
4. Você sente mal-estar pelo fato de adotar idéias e opiniões das quais quase todos discordam? .
5. Ao ver alguma pessoa comprar ou fazer alguma coisa, você sente desejo de imitá-la? .
6. Você hesita para tomar uma importante resolução quando não lhe é possível consultar uma pessoa experiente? .
7. Para comprar roupas ou jóias você pensa na impressão que elas vão causar aos seus amigos? .
8. O fato de um artigo ser escasso ou raro serve de estímulo para você adquiri-lo? .
9. Acredita geralmente que as notícias que ouve ou lê sejam a perfeita expressão da verdade? .
10. Quando lhe perguntam se leu algum livro muito conhecido, você, no caso negativo, trata logo de o ler? .
11. Acha que vale a pena percorrer as casas de negócios para comprar alguma coisa mais barato? .
12. Sente prazer em ser diferente dos outros tanto em suas opiniões como no mais? .
13. Você irrita-se com os elogios ou lisonjas de alguém que lhe quer vender alguma coisa ou obter de você um favor? .
14. Acha a maioria das pessoas crédulas ou facilmente influenciáveis? .
15. Gosta de refletir muito tempo antes de tomar uma importante decisão? .
16. Quando alguém que tenha autoridade sobre você lhe ordena que faça alguma coisa, você sente facilidade em objetar sobre a sensatez de sua ordem? .
17. Sente-se muitas vezes contrariado com a insistência de algum vendedor que lhe deseja impingir alguma coisa de que você não necessita? .
18. Já tem escrito cartas de protesto a algum jornal ou revista? .
19. Gosta de discutir ou argumentar com os outros? .
20. Acha fácil impor suas idéias e opiniões aos outros? .



O nosso concurso de contos

O sentido de estimular as vocações e proporcionar incentivo aos valores novos de nossas letras, a direção de ALTEROSA em colaboração com a Cia. de Seguros Minas-Brasil, instituiu um «Concurso Permanente de Contos», premiando com a importância de Cr\$ 2.000,00 os melhores trabalhos que recebe durante cada mês, nesse gênero.

Concorra, também, a este interessante concurso que tem revelado ao público contistas de valor, obedecendo às seguintes bases:

1º) — O original deve ser dactilografado em uma só face do papel, em espaço nº 2, com o máximo de 7 laudas em formato ofício e o mínimo de 4 laudas.

2º) — Motivo e ambiente nacionais.

3º) — Observância dos princípios morais que norteiam os costumes da família brasileira.

4º) — Argumento isento de tragédias fortes ou mistérios tenebrosos, fixando de preferência as emoções do ambiente de família, do lar e os dramas de fundo moral sadio e honesto.

5º) — Todos os contos enviados para este concurso devem ser inéditos e, uma vez premiados, terão os seus direitos autorais reservados por ALTEROSA.

*

Ao conto classificado em 1º lugar, caberá o prêmio de Cr\$ 1.000,00. Ao 2º colocado, Cr\$ 600,00 e ao 3º Cr\$ 400,00. Os prêmios, oferecidos pela Cia. de Seguros Minas-Brasil, serão enviados aos autores diretamente pela administração da revista logo após a publicação de seus trabalhos.

Não se devolvem originais enviados para este concurso, ainda que não aproveitados, nem se manterá correspondência sobre o destino dos mesmos. Os trabalhos aprovados serão mencionados sempre na última página da revista.

DESTINOS NA TEMPESTADE

(Conclusão)

— Há coisas muito piores a que temos de nos acostumar.

Ela esfriou de chofre! Baixou os olhos e estava a pique de chorar.

— Você está procurando ofender-me!

Ele também baixou os olhos e se entreteve observando os dedos.

— Eu não faria isso; ainda que você o mereça.

Selene reagiu, colérica:

— Você sabia que eu não lhe poderia dar demasiado. Agora vive torturado porque não o amo tanto quanto você deseja! Tenha ao menos a dignidade de saber suportar seus sofrimentos.

Fernando empalideceu. Quando a fitou havia um drama em seus olhos! Todavia um drama surdo, um drama silencioso que não o deixou dizer uma só palavra. Selene estava chorando há algum tempo, quando ele se levantou e disse no mesmo tom de voz com que iniciara a conversa.

— Vou embarcar amanhã de noite. Gostarei de que você apronte as minhas malas.

Beijou-a na testa e saiu.

Selene ficou metida em seus pensamentos. Sentia-se prostrada por uma melancolia intensa, uma coisa desoladora que lhe dava a impressão de que tudo acabara, de que o mundo se fundira num grande amontoado de paisagens mortas e fatos sem vida. Sentia perdas

tôdas as suas crenças, todos os pontos sólidos a que se apoiara até ali. Percebia um cheiro acre de ruínas pairando em torno dela; ia até o fundo de si mesma e voltava de coração vazio; sua alma parecia uma pedra escavada.

Olhou o céu cinzento que acabava lá ao longe, sobre a crista da serra e aquilo deu-lhe ainda maior sensação de abandono e distância. Como poderia viver dali por diante? Como poderia ter fé em alguma coisa se ela fôra para si mesma a maior das decepções? Como reerguer-se diante de Fernando se ela fôra incapaz de fazê-lo feliz?

Seu peito estava oprimido. Daria tudo para poder fugir do que pensava, para esconder-se de si própria, para esquecer e começar tudo outra vez.

Mas sabia-se impotente! Sua cruz era não esquecer Pedro; não ter paz; não ter o doce consolo de morrer para o que houvesse.

Perdia com a partida de Fernando a última grande oportunidade de reconciliar-se com a vida. Tivera dele tôdas as ternuras que um dia ela desperdiçara nos braços de Pedro. Mas era inútil lutar contra as imposições do destino; Pedro estava gravado no mais profundo do seu ser.

(Continua no próximo número)

*

MILLIUM, A EXTRAORDINÁRIA FIBRA METÁLICA

Grças ao alumínio, ao calor animal e a um engenheiro americano, James H. Rand, poderemos ter sempre o corpo quente com as roupas mais leves, até mesmo durante o mais rigoroso inverno. 85% do calor produzido naturalmente pelo corpo humano dispersam-se inutilmente no ar. Esta circunstância sugeriu a Rand a idéia de impedir esse desperdício de calor impugnando os tecidos de nossas roupas com minúsculas partículas de algum metal que retem o calor — ouro, prata ou alumínio.

Das experiências feitas com o alumínio, o metal mais barato, e com nylon, rayon, cetim, algodão e lã, saiu um novo tecido flexível, macio, lavável e podendo ser limpo a seco — o millium.

Apesar da presença do metal, o millium não aumenta o peso da roupa. Pelo contrário, as capas forradas com ele são tão leves, que parecem unicamente destinadas a ser usadas nas noites amenas da Costa Azul.

Coisa curiosa — o agradável calor de que nosso corpo se acha assim envolvido nunca excede certo grau e não é também excessivamente forte.

Esta invenção deverá ser bem acolhida pelos pedreiros, policiais, soldados, e por todos aqueles a quem seu trabalho obriga a ficar ao ar livre, seja qual for a temperatura ambiente.

Enfeite também os seus lábios

Michel

SEU BATON FAVORITO

PERMANECE MAIS TEMPO

Também os seus lábios estarão na moda quando embelezados com o baton Michel na cor mais harmoniosa. Este baton, de perfume exclusivo, favorito das mulheres mais elegantes, vem em 10 cores atraentes para satisfazer qualquer exigência. Especialmente fabricado para permanecer por mais tempo. Use-o sempre!



• AMARANTH • BLONDE • CHERRY • CYCLAMEN • MARIPOSA • RASPBERRY • VIN BRULÉ • VIN ROSÉ • VIVID



A NOVELA NACIONAL

DESTINOS NA

NEYDE JOPPERT

RESUMO DA PARTE PUBLICADA

Mônica e Selene, órfãs dum asilo, são criadas por D. Amélia, viúva rica e solitária. Quando se tornam moças, Selene é seduzida por Pedro, administrador duma fazenda de D. Amélia, que depois a despreza, porque se apaixona por Mônica. Esta, porém, só lhe vota ódio, quando vem a saber do ocorrido. Pouco depois, D. Amélia, no Rio, adoece subitamente e morre sem ver Selene, que em S. Paulo acha-se impossibilitada de viajar com o nascimento de sua filha. O advogado da família revela então a Mônica, conforme desejo de D. Amélia, que elas são realmente netas dela, filhas de Aurora, que fugira para casar, contra a vontade do pai, com Bernardo, um engenheiro pobre. Poucos anos depois, os jovens esposos morrem, deixando as duas garotinhas num orfanato. Somente doze anos depois é que D. Amélia descobre-lhes a pista, com o auxílio duma vizinha de Aurora, que narra toda a vida de sofrimentos de sua filha. Cria então as garotas, mas sem lhes dizer que é sua avó. Após sua morte, Mônica conhece Cláudio, filho do advogado de D. Amélia, e os dois se apaixonam. Mas, achando que Selene precisa dela, parte para São Paulo.

CAPÍTULO XI

Selene não passara bem durante sua convalescença. Guardava ainda seu leito no hospital quando Mônica foi para São Paulo vê-la e auxiliá-la.

Mônica trazia o coração aos saltos enquanto o elevador encia plácidamente os andares que a separavam da irmã querida. Acabara de chegar pelo último avião; sentia-se ainda toda impregnada do amor de Cláudio, que a partir dali ela começava a torná-la feliz sob um novo aspecto.

O ascensorista disse que era aquele o andar. Mônica correu pelo corredor percutando as portas, como se atrás de cada uma houvesse uma Selene para abraçar e cobrir de beijos.

Achou o número que buscava.

zer, tanto que comentar, tanto que saber! No entanto satisfaziavam-se com um abraço; expandiam-se com lágrimas ao invés de palavras.

Mônica dominou mais depressa a emoção.

— Selene, meu bem, como é que está você?

— Quase boa, Mônica.

— E a garôta?

— Oh! é linda! logo pedirei para trazerem-na.

Olharam-se satisfeitas. Selene afagou-lhe o rosto.

— Então éramos irmãs e sem saber!

— Incrível o destino, não?

Selene concordou. Depois quis saber tudo em detalhes: a morte de Amélia, a revelação do dr. Donato, o resumo do testamento, tudo aquilo que Mônica já lhe relatara mil vezes, por carta e por telefone.

Mônica, pacientemente, ia em meio da narrativa, quando Selene a interrompeu com uma exclamação:

— Querida, ainda não lhe disse!

O susto de Mônica foi enorme.

é uma criatura adorável! foi meu médico assistente desde que cheguei a São Paulo.

Mônica segurou-a pelos ombros, incrédula.

— E você o ama, Selene?

Ela se amargurou com aquela pergunta. Baixou os olhos e tentou dar firmeza à voz.

— Hei de fazê-lo feliz, Mônica; isto é tudo que importa. Ele foi generoso comigo; não o iludí em coisa alguma, nem mesmo quanto aos meus sentimentos.

Mônica esmoreceu.

— Você continua amando Pedro!

Selene não desmentiu.

— Está acima de minhas forças, Mônica; mas não tem mais nada que ver com a minha vida.

— E o homem que você desposou? Fale-me dele.

— Já lhe disse que é adorável. Poderia contar-lhe todos os cuidados extremos que teve comigo: sua bondade, seu carinho, sua dedicação; nada listo serei capaz de pagar-lhe tanto quanto ele merece.

Mônica analisou cada palavra de Selene.

— Querida, você talvez tenha cometido um irrande erro; gratidão não é base para um lar. Para um lar feliz, pelo menos.

Selene lançou um olhar cheio de dor sobre a irmã.

— Não acredito que ainda venha a ser feliz, Mônica. Sei apenas que preciso pensar em minha filha. Foi por ela que fiz isso.

Alguém aproximava-se. Ouviram os passos e calaram-se.

Entrou no quarto um rapaz louro, de meia estatura, os olhos azuis e inquietos. Selene estendeu-lhe a mão enquanto se dirigia à irmã.

— É a pessoa de quem falava, querida; Fernando, meu marido. Esta é Mônica, minha irmã.

Apertaram-se as mãos.

Subitamente Mônica sentiu que estava sendo demais. Compreendeu que Selene já não era a menina desamparada que viera proteger. Ali estava uma mulher, uma adulta amadurecida, muito mais dentro da vida do que ela. Selene agora tinha uma casa, uma filha e um marido; nada restava da doce menina sofredora que ela imaginara esperando por seu carinho; era ridículo tentar auxiliá-la! de que forma poderia fazê-lo?

TEMPESTADE

ILUST. DE MOURA

va. Bateu de leve e entrou com passos de sombra, mas lá numa esquina, num canto ao sol, estava a criatura querida que ela conhecia como a si mesma.

— Selene!

— Mônica!

Estiveram abraçadas e emocionadas. Selene tinha o olhar profundo de quem sofreu profundamente de corpo e alma. Estava magra, o rosto fundo nas faces, os olhos pareciam maiores e mais luminosos.

— Selene, minha irmã querida!

Parecia que longos anos houvessem caído entre as duas desde a última vez em que se tinham visto. Os sofrimentos têm o mágico poder de aumentar as distâncias, de duplicar o tempo, mas simultaneamente aproximam as almas e robustecem as amizades. Havia tanto que

— O quê, Selene?! Alguma coisa má?

— Não, meu bem, uma coisa fantástica! você vai ficar estupefata.

— Que foi?

A voz tremeu-lhe ligeiramente embora fizesse por sorrir.

— Casei-me esta manhã, querida.

Mônica perdeu momentaneamente a fala. Seus olhos ficaram enormes, estupefatos, como Selene previra.

— Oh, Mônica, estava tão louca por lhe dizer!

A outra continuava boquiaberta. Selene sacudiu-a.

— Fale, querida, diga alguma coisa; felicite-me!

Mônica, antes de felicitá-la, perguntou uma coisa importante.

— Com quem, Selene? com quem?

— Oh! você não o conhece;

Levantou-se aparentemente satisfeita.

— Solene, meu bem, já vou andando.

— Ainda não, Mônica!

— Cheguei, fatigada, querida! Gostaria de ir para o hotel e dormir um pouco. Amanhã bem cedo estarei aqui.

Solene não insistiu; pareceu-lhe justo aquele motivo. Beijou-a ternamente no rosto. Mônica voltou-se para Fernando e apertou-lhe a mão.

— Prazer em conhecê-lo.

Ele sorriu e agradeceu. Quis levá-la até o corredor, porém, Mônica protestou:

— Não se incomode! já que todos convidados convém abençoarmos as cerimônias.

Solene lembrou-se de alguma coisa importante.

— Fernando, leve-a ao berçário para ver a Amelinha.

Mônica sentiu-se comovida.

— Você vai dar-lhe este nome, Solene?

— Vou, querida, não foi boa ideia?

— Ótima, Solene! — e beijou-a de novo.

Depois saiu com Fernando. Passou pelo berçário e viu a garota. Era gorda e rosada, tinha os cabelos encaracolados como Solene. Mas havia um não sei que em sua fisionomia que lhe lembrou instantaneamente Pedro. Imaginou que Solene já deveria ter notado aquilo. Qual a mãe que não procura nos filhos um vestígio do homem amado? Inquietou-se com a ideia: aquilo seria um eterno sofrimento para ela e para Fernando. Olhou de esguelha para o eunhado. Que coisa mais imprevisível, aquele casamento de Solene! Concluiu que gostaria de casar com um homem assim. Tinha a fronte alta, o olhar inteligente; fluía dele uma misteriosa atração.

Deixou a criança no berço e assegurou a Fernando não ser necessário acompanhá-la. Separaram-se ali mesmo.

Mônica foi para o hotel absorvida em mil conjecturas. Enfim Solene tinha sua vida em ordem; casara e seria feliz, se o destino consentisse. Ainda que não chegasse a amar o marido, teria o doce consolo de entreter-se com a Amelinha.

Pensou na intensidade do amor de Solene. Que coisa absorvente! Que coisa cega aquela paixão que tivera por Pedro. Seria assim o seu amor por Cláudio? Seria assim superior ao tempo, superior às conven-

ções e aos desenganos? Cláudio era terço e compreensivo, uma espécie de desdobração de si mesmo; uma continuidade de sua alma; um fim exato para todos os incêndios. Dêle emanava uma suave proteção que a fortalecia em suas fraquezas e a guiava em seus propósitos. Mas seria isto o amor insano que Solene tivera? Seria isto capaz de converter-se em borrasca violenta que a escravizasse para sempre?

Chegando ao hotel pediu ligação para o Rio. Precisava de Cláudio. Sentia-se absolutamente só agora que Solene tinha tanto em que se ocupar; precisava de alguém ao seu lado, alguém como Cláudio, já que não havia no mundo criatura que ela mais desejasse.

Cláudio atendeu-a.

O céu não é um lugar ilusório; ele existe realmente no coração do homem que faz um trabalho que lhe agrada e vive com a mulher a quem ama. — Helen Rowland.

— Alô, Mônica!

— Alô, meu bem. Não me esperava tão cedo, não é?

Ele estava indistintamente satisfeito. Disse-lhe mil coisas que a confortaram e enterneceram.

— Estou louca de saudades, Cláudio! Que faremos?

— Quer que eu vá vê-la?

Mônica sentiu o coração pulsar-lhe forte.

— Você viria?

— Poderia amanhecer aí em sua porta se isto lhe agrada.

— Pois então venha! Solene está casada e tem uma filhinha. Creio que não precisa tanto de mim quanto eu imaginava.

Ele não entendeu o que ela dissera.

— Que foi que você falou?

— Nada, Cláudio; mais tarde explicarei tudo direitinho.

Calaram um instante.

— Mônica...

— Que é?

— Quer casar comigo?

— Você se está aproveitando da distância para pilheriar!



Para manter os seus móveis vivos e lustrosos, passe levemente, com uma flanela, óleo de peroba.



— Mônica, responda; você sabe que é sério.

— Você gosta de mim?

— Gosto; você nem imagina quanto.

— E se eu não gostar de você?

— Você gosta, tenho certeza! Gosta, se bem que não o admita. Mas ainda que você não gostasse eu a desejaria mesmo assim. Você não sabe que o tempo é milagroso? Eu a ensinaria a querer-me.

— Você é muito convencido!

— Que seja. Chamo a isto otimismo.

Ela riu.

— Cláudio, querido, creio que foi para ouvir você dizer aquilo que telefonei.

— Então você quer?

— Quero.

Apesar da distância, Mônica notou que ele estava excitado. Depois de um longo silêncio ela chamou.

— Cláudio, você desmaiou!

— Quase, querida.

CAPÍTULO XII

A vida de Mônica fora, até ali, quase um padrão de felicidade. Entrara em seu quarto ato de casamento, e a tranquilidade bucólica de seu lar em uma coisa sólida e confortadora.

Nunca imaginara que se daria tão bem casando-se com Cláudio. Eram gêmeos de alma e isto é o bastante para consolidar uma paixão. As paixões são efêmeras até o dia em que encontram base para erguer, acima delas, qualquer coisa mais sublime que o mero passageiro dos sentidos. Quem tiver provado a doce ternura de uma amizade, nunca poderá recuar perder o que tem a amizade é algo inextinguível depois de nascida. Cláudio empolgava-a como homem e como amigo.

No entanto, lá no mais fundo de seu ser, havia uma inquietação, uma efervescência desconhecida, uma espécie de tempestade abafada. Pensava às vezes, longamente, sobre o que seria. Havia uma relação que quer entre aquilo, ela e Cláudio; mas não definia qual fosse.

Às vezes a inquietação o esmagava e sufocava-a. Tinha aquilo quando pensava em Solene; quando se recordava de Amélia; quando revivia o drama de Zuleika e Bernardo. Sentia-se ameaçada; tinha uma espécie de pressentimento de que sua vida não poderia ser toda paz.

dia. Todos tinham seus dramas; por que seria ela uma exceção à regra? Tinha medo de que o novo dia que se levantava, sua felicidade era, assim, uma coisa tumultuosa, sobremaneira, como se a proteção de Cláudio fosse insuficiente para salvá-la dos pântanos de alma em que ela vagava.

Nunca temeu que lhe roubassem o amor de Cláudio; sentia-o até um limite incalculável; seu amor tinha um aspecto de infinito: medido era como que se atirar no espaço para encontrar o teto do céu.

Mas havia um pressentimento dentro dela, dando-lhe a certeza de que um dia aconteceria alguma coisa. E esta coisa pertinha dela.

É estranho como muitas vezes o destino nos fornece detalhes de uma próxima batalha, sem contudo indicar-nos as armas para vencê-la. Muitas vezes sentimos o perigo, vemo-lo, sem podermos evitá-lo, torná-lo.

Cláudio conhecera dela apenas o lado torpe, a doçura; conhecera apenas o capim tenro que verdeja no vale, sem suspeitar dos abismos que dormiam para além da planície. Conheceu-a e amou-a, por se identificarem na ternura dos mesmos sonhos, por terem no íntimo os mesmos tons de um só arco-íris; conheceu-a e amou-a até o limite em que seus destinos permitiam ir em mãos dadas, como um único ser. Daí para diante ela teria suas provações, seus dramas de alma, que Deus, em sua bondade, ocultaria aos olhos dele.

*

Naqueles quatro anos a vida de Selene não fora risonha. Não a sua vida aparente; esta era equilibrada. Falo de sua vida íntima; de seu lado de dentro. Não se arrependia de haver casado; apenas sentia-se incapaz de proporcionar a Fernando a felicidade que desejara. Fernando era impetuoso e dominador. Nada existiria de mais adorável para uma mulher que possuísse um esposo como aquele. Para qualquer coisa nada seria melhor que a adaptabilidade de seus beijos e a doçura ternura de suas palavras. Sabia entontecer, sabia fazer-se desejar, sabia, docemente, impor o seu domínio.

Mas não havia em Selene reflexo para aquele arrebatamen-



Mrs. H. Laetche Roosevelt, *oradora do grand meeting americano* no dia: "Sou entusiasta do Creme C Pond's. Minha pele fica tão fresca, macia... imantavelmente limpa".

Há dentro de você um poder mágico que a faz irradiar uma beleza fulgurante. Ajude-o a brotar irresistivelmente colocando seus encantos na flor da pele. Faça como a Sra. H. L. Roosevelt, que cuida diariamente de sua pele com Creme C Pond's. E você será mais linda e sentir-se-á mais feliz. É tão simples. Antes de dormir, faça isto todas as noites:

ESTÍMULO PELO MOVIMENTO

Exagite o rosto com água quente.

LIMPEZA COM CREME

Com movimentos circulares da mão, aplique Creme C Pond's no rosto, exerto os olhos. Este creme leve e fino dissolve o creme e as impurezas e a maquiagem das aberturas dos poros. Limpe bem o rosto.

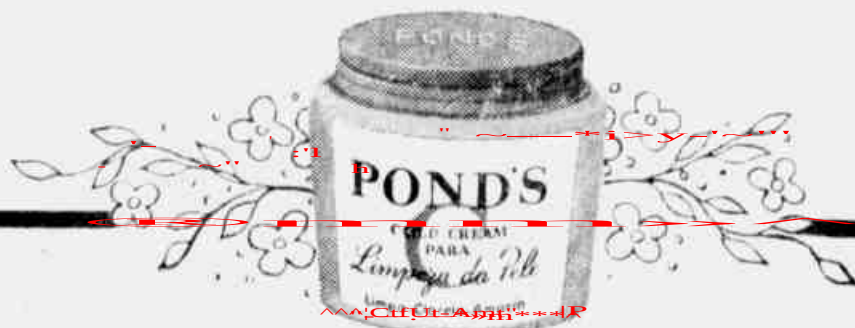
ENXÁGUE COM CREME

Torne a passar da mesma forma uma segunda camada do Creme C Pond's. Os últimos traços de impurezas são agora removidos. Sua pele fica imaculada. Limpe bem o rosto.

ESTÍMULO PELO FRIO

Lave o rosto com água fria.

Consulte agora o espelho. Sua pele não está mais viçosa, elástica, juvenil? Não está você mais linda?



to. O amor de Fernando era exatamente o que fora o dela por Pedro. E não se tem, duas vezes na vida, um amor tão intenso. Era-lhe impossível retribuir aquele ardor, vibrar aqueles êxtases, sem recordar a criatura adorada que um dia passara por ela. Era traír todas as suas lembranças, todas as suas ternuras, todos os seus doces momentos de recordação. Fernando fizera-se o amigo precioso, o refúgio seguro. Mas não conseguira desfazer-lhe o gelo da alma. Pedro enterrara a vida emocional de Selene; só um milagre a ressuscitaria.

Amelinha era o seu encanto. Estava agora com quatro anos e enchia os seus momentos. Era esperta e bonita; uma garçeta rosada que possuía o riso de Mônica, a dogura de Amélia e os grandes olhos de Pedro.

Selene sentia que Fernando não estimava sua filha. Aquilo era o abismo que os separava. Nunca seriam felizes enquanto a menina fosse a imagem do outro homem alimentando sua saudade. Por isso recusara definitivamente a possibilidade de ser feliz. A filha era o seu mundo. Fernando era apenas um amparo; um nome para o seu futuro.

Mas antes de tudo Fernando era um homem apaixonado. Um homem perseguindo um espectro; perseguindo a sua intensa necessidade de ser feliz. Fizera tudo para arrancar Selene daquele torpor! Queria uma mulher humana, viva, vibrante e não aquela sombra gelada que o servia como escrava. Dispendera todas as suas reservas de carinho e tolerância. Suplicara amor ao invés de submissão; mas Selene permanecera infini-

tamente distante, sózinha, amando sua filha e suas recordações, traindo-o nos seus pensamentos silenciosos e nas suas longas reflexões sobre o passado.

Fernando cansou. Sentiu-se derrotado. E um homem que admite a derrota, quase sempre está perto do desespero.

Certo dia, após a refeição matinal que costumavam fazer na varanda de inverno, Fernando pediu a Selene que mandasse Amelinha brincar no jardim; queria falar-lhe à sós.

Selene atendeu-o.

Depois que a menina os deixou, Fernando ajustou-se a cômodo na cadeira que ocupava; fitou Selene nos olhos. Ante aquele pronunciado estubo que ele estava realizando em seu rosto, foi Selene quem começou.

—□Alguma coisa importante, Fernando? por que é que você está me olhando assim?

—□Estou imaginando como seria você se se apaixonasse por alguém.

Selene chocou-se.

—□Que idéia extravagante, Fernando! acaso não gosto de você?

—□Falei em paixão; em amor intenso; você deve conhecer a diferença entre isto e o tedioso têmo gostar.

Ela riu para espantar sua preocupação.

—□Você está estranho hoje!

—□Foi tolhe o que falei, esqueça. O que tenho a comunicar a você é que vou para o Rio.

Selene começou a sentir o coração agitado. Por que ele dissera "vou para o Rio" ao invés de usar seu costumeiro aviso para que arrumasse as malas quando tinham que viajar? Olhando de frente esfor-

çando-se por manter a naturalidade.

—□Vai sozinho?

—□Vou. Achei mais conveniente.

—□Vai demorar?

Ele refletiu antes de responder. Encarou-a como se dependesse dela a sua resposta. Diante de seu silêncio Fernando baixou os olhos.

—□Não sei — disse.

Selene compreendeu o que aquilo significava; aquele "não sei" podia valer por toda a eternidade. Teve pena dela. Quase foi afagado; mas sabia que este gesto era o menos aconselhável. Seria enchê-lo de esperanças falsas, de sonhos que não se realizariam. Sendo rude com ele estava apenas sendo leal.

—□E' algum serviço? — perguntou.

Fernando tornou a fitá-la; estava abatido.

—□Há uma boa vaga de interno em Teresópolis. Achei mais vantajoso que meu lugar no hospital daqui. Já aceitei o cargo.

Selene não conteve o espirito.

—□Mas, Fernando, isto significa uma mudança total!

—□Não cheira a ser tanto, Selene. Você continuará aqui em nossa casa. Como interno do sanatório só poderia passar em casa os sábados e domingos; não é justo que você deixe imos aqui por tão pouco.

Selene não se conformava.

—□Mas, Fernando, como é que você se vai acostumar a essa vida de sanatório? Deve ser horrível!

Então, diante de seu espanto e preocupação, Fernando disse o que mais poderia feri-la.

(Continua na pag. 11)

PASSATEMPO

O GRÃO VIZIR

Richard L. Frey

Como o sultão de certo país desejava escolher o mais sagaz de três candidatos para o cargo de grão-vizir, propôs-lhes o seguinte teste:

Depois de vender os olhos dos três, colocou na cabeça de cada qual um chapéu que seria de uma das duas cores — branca ou vermelha. Depois de retiradas as vendas todo aquele que visse um chapéu branco na cabeça de algum dos outros devia erguer a mão; e, assim que cada candidato adivinhas-

se a cor de seu próprio chapéu, deveria baixá-la.

Logo que retiraram as vendas, todos os candidatos ergueram a mão; mas houve um intervalo apreciável antes que o vencedor, que vira chapéus brancos nas cabeças dos outros dois, baixasse finalmente a sua, anunciando que já sabia qual era a cor de seu chapéu.

Qual era ela, e como chegou a adivinhar?

Solução à página 24

NOVOS MATERIAIS... NOVAS IDÉIAS TORNAM POSSÍVEL

a nova

Parker "51"

a primeira caneta...

a única com o

Dispositivo "Aero-metric"

Escreve seco com tinta líquida !

A Nova "51" oferece-lhe mais em perfeição de funcionamento do que qualquer outra caneta até hoje aparecida. Enche-la é um milagre de simplicidade. O fluxo da tinta, que sai de um reservatório maior e visível, é regulado de modo a produzir uma escrita uniforme e perfeita, sem a mais leve pressão da pena sobre o papel. É um prazer escrever com a Nova "51". Experimente-a no seu revendedor. Use Tinta Quink com solvente.

Preços : Cr\$ 450,00 e Cr\$ 375,00

O Dispositivo de Tinta "Aero-metric" compreende o Novo Sistema de Enchimento "Fibro-Fill". Regulador do fluxo da tinta, exclusivo. Escreve mais tempo sem renovação da tinta. Pena com ponta de "Platinum".

Veja
no interior
o tubo
prateado

Vencedora da Medalha de Ouro
de 1950 da Fashion Academy



Nova "51" - a caneta
mais desejada do mundo

Representantes exclusivos para todo o Brasil e Posto Central de Contatos:
COSTA, PORTELA & CIA.

Rua 1.º de Março, 9 - 1.º andar - Rio de Janeiro

Minas Gerais - José Harry Leite - Rua dos Coelhos, 650 - 1.º and. - Belo Horizonte

Antônio Firmino

ORÍGENES LESSA

ILUST. DE EUCLIDES SANTOS

Custa muito pouco consolar a quem nunca teve nada. E são muitos os que esperam por esse pouco de felicidade.

- Que idade tem o menino?

- Menino? Esse que tá aí é quase um homem! Tá com dezessete anos, — disse Antônio Firmino, com uma voz em que havia orgulho, tristeza e carinho ao mesmo tempo.

Paulo Dinarte conteve a tempo o «não é possível!» que ia irromper espontâneo.

- Dezessete?

- Pois é, seu dotô. Garrô dá doença nêle desde pequeno, foi ficando assim. Não destorceu nunca. Num teve mezinha, num teve nem remédio de cidade que botasse êle pra frente...

E acariciou com a mão dura, de dedos nodosos, de unhas negras, a cabeça do filho.

Paulo Dinarte examinou, de coração confrangido, aquele frangalho de gente. Era uma coisa amarelada, seca e descalça, a cabeça grande, o rosto enrugado, os olhos no fundo, as olheiras pisadas, grandes orelhas quase transparentes, embacadas de craca nos concavos e dobras. As pernas e braços eram juntas e joelhos saltados, quase furando a pelanca sem vida. Um ventre enorme, entumescido, de onde o umbigo negro e rebentado se fazia ver, entre a linha da calça rasgada, sustentada por barbante, e a camiseta curta, encardida. De tamanho, não tinha sete anos. Não tinha dezessete, tinha vinte, tinha trinta, na tristeza dos olhos, olhos de um claro adulto e amargo de inteligência e sofrimento.

O menino ficou, na soleira do casebre, num jeito humilde de coisa largada. Quantas vezes não passara pelo mesmo

vexame, não vira o espanto e a pena nos olhos dos outros.

- Passa, Leão!

Enxotava o cachorro, eria sem vergonha de roer, magro e vivo, bernes inchados no lombo sem carne.

Antônio Firmino cocava a perna, tracando sulcos dessecados na pele queimada, meia de todas as cores, de boca larga desenrolada em beijo de negro sobre o sapato de orelha, cor de terra.

Um latido ao longe quebrou o longo silêncio.

- Num destorceu nunca. — repetiu Antônio Firmino, pensando alto.

O cabalo, o menino, o seu doutor se entrecolharam, como dentro de um pesadelo. Paulo Dinarte, sentado num caixão de querosene, coberto com um coelhinho velho, que era o sentido de visita importante, contemplava agora na parede de barro socado, com o esqueleto de varas irregulares, tudo à mostra, mais a nu que o corpo da criança, uma Nossa Senhora Aparecida, suja de moscas, brinde de um Elixir Depurativo. Miséria das populações sertanejas! Miséria daquela gente abandonada! Deputado da oposição, trilhava passagens por cadeias e presídios, via ali a confirmação viva ou moribunda dos quadros que, na sua exaltação revoadada de moço, descrevia da tribuna aos seus nobres colegas desinteressados, pensando em concessões e negociações, aderindo e louvando, recitando necrológicas e votando leis a favor dos amigos.

Malária, amarelão, tracoma,



analfabetismo e cachaça. Não vira outra coisa, naquelas semanas de sertão, onde viera enfrentar um grileiro qualquer, de capangas bem armados a tomar posse de longas datas de terra, terra que, afinal, não pertencia nem ao grileiro nem ao Doutor José Carlos, mas àquela gente de olhos em sangue, de barriga inchada, de queimação na boca do estômbo».

Uma galinha entrou, ciscou em vão por baixo da mesa, fugiu ao sapato de Antônio Firmino, que esboçava um portapé. Tinha visita na casa...

Quando voltasse a São Paulo e enfrentasse de novo os colegas sonolentos, ele havia de chibatear violento aqueles parasitas sem pudor. E ninguém teria tratado com mais energia e com maior ardor o problema do saneamento dos sertões. Nem mais inutilmente... Aquêlê pensamento cortou o discurso que começava a tomar forma.

— Passa, Leão! — insistia o Zeferino, coçando a barriga.

Inutilmente, pensou Paulo. Sim, não ia adiantar coisa nenhuma. Talvez servisse apenas para facilitar a nomeação de alguns jovens médicos bem aparentados, que ficariam na capital, gozando as delícias do regime, com verba mais firme para o bar do Esplanada. No sertão, os caboclinhos continuariam a entumescer e a morrer, entêrro de anjinho, acompanhamento a pé, dedão na estrada, rumo ao comitê de muro caído, mato subido pelos montes anônimos de terra. Os caboclinhos e...

Passa, Leão!

... e, entre eles, o Zeferino morria. Esse, morria com certeza... Um sentimento de solidariedade, mais que de solidariedade, de responsabilidade pessoal, encheu seu coração.

Firmino...

Seu dotô...

Quer que eu leve o Zeferino pra São Paulo?

Pra quê, seu dotô?

Pra tratar...

O caboclo, quase sem entender, ouviu a oferta inesperada que vinha ao encontro do sonho mais impossível da sua vida. Sentia que era oferta de coração. Com tudo pago. Tudo os cuidados do seu doutor.

Ora... mas o senhor vai se incomodar, seu dotô...



Não era incômodo. Era prazer. Era obrigação. O cabo elo relutou e, comovido, acabou aceitando. E alguns dias mais tarde, primeiro a cavalo, depois no trem em que entrava pela primeira vez na vida, Zeferino partia para São Paulo, um clarão de deslumbramento nos olhos. De deslumbramento, de esperança, de novidadeirice.

Entrou no trem, o trem partiu. Antônio Firmino ficou dizendo adeus da plataforma. Nhá Maria havia ficado em casa, que não havia cavalo para os quatro.

— Piuuu!

Zeferino assustou, riu, ficou examinando o luxo sem parar para ele, daquele carro ordinário de primeira classe. Depois, debruçou-se na janela, ficou vendo a vida, que era jogada para trás, numa velocidade nunca vista. Árvores surgiam, árvores fugiam. Ao longe, nos pastos verdes, cabeças de gado ficavam mais tempo, sob o seu olhar maravilhado, perdiam-se afinal no para-trás que não voltava. Olhou o deputado, sorriu, contente, debruçou-se outra vez na janela. Acompanhava agora a marcha sinuosa do longo trem sertanejo, coleando pelos trilhos sem fim. Para a direita, para a esquerda, às vezes reto, quase sempre curvo e serpenteante, como que se dobrando sobre si mesmo. Veio uma fagulha, entrou-lhe no olho. Lutou contra ela alguns minutos, libertou-se, ajudado por Paulo. E ainda cheio da imagem nova do trem que colubreava sobre os trilhos, sob o sol ardente, sorriu:

— Esse trem, prá se cobra, só fartava o veneno...

✱

Zeferino tropeçava em espantos. Mas eram eles tantos e tão rápidos, que quase parecia ter nascido em capital, crescido em casa de soalho, e

soalho lustroso e com tapetes, móveis de jacarandá trabalhado, quadros estranhos, estátuas de bronze, cristais de doer na vista.

Só achava graça, e a isso ele não podia resistir, era naquela história de prato na parede. Olhava, olhava a dona da casa, olhava as irmãs de seu doutor, e não dizia nada. Ria, sacudindo a cabeça grande, de olhos vivos e orelhas transparentes, já bem limpas.

Mas Paulo Dinarte já se arrependera de havê-lo trazido. Fizera o num impulso impensado, com a espontaneidade aberta de todos os seus gestos. E estivera muito tempo contente consigo mesmo. Vivia a sensação de ser bom. Gostara do gesto. Quando contemplava no trem a felicidade silenciosa daqueles olhinhos humildes, que nunca talvez tivessem esperimentado tanta ventura, alegrava-se de os ver e orgulhava-se de estar sendo ele a causa, a providência. Quando surpreendia esse sentimento que achava mesquinho e vaidoso, reagia. Não fazia mais do que a obrigação, o seu dever. Pagava apenas uma dívida coletiva, de gerações e gerações. E assim como o seu discurso na Câmara acabaria sendo inútil para o Zeferino, tudo o que fizesse para o Zeferino seria inútil para os outros milhões de Zeferinos do sertão. E a tristeza o assaltava novamente, o sentimento da inoportunidade daquela reparação isolada, esmagada pela injustiça e pela cegueira da sociedade em que vivia. Agora, os seus sentimentos eram outros. Era o desapontamento, era o remorso. Apresentara Zeferino a um amigo, um dos médicos da cidade. Exames completos, minuciosos. E o diagnóstico impiedoso: um caso perdido.

— Já é tarde de mais, — dissera o amigo. — O menino está liquidado. Tem anquilostomos

até na alma. Ele, antes de ter sido gerado, já devia sofrer de amarelão. O espantoso é que ainda esteja vivo. Essa é que é o prodígio.

— Mas não há esperanças?

— Menos do que um defunto...

Paulo Dinarte conhecia bem o amigo. E sabia que aquela linguagem sombria não era desinteressada nem o gosto fácil das palavras.

— Mas não se pode fazer nada?

— Ponha o menino na Santa Casa. Ponha na minha enfermaria. Eu cuido dele. Farei tudo. Nós faremos tudo.

Agiu a cabeça, esticando o lábio inferior:

— Mas não adianta nada...

Paulo Dinarte voltou para casa desesperado. Trouxera então para morrer aquele desgraçado? Para morrer longe dos seus? Tivera a inconsciência de encher de esperança o coração daquela gente ingênua e simples, fatalista por experiência e vocação, para causar-lhes agora aquela desilusão desmoronante? Não era possível! E, ao escrever ao velho Antônio Firmino, acovardado, não teve coragem de dizer a verdade, mentiu, com ódio e nojo de si mesmo, contou que o menino ia bem, que voltaria bem.

Procurou o médico. Pediu que o colocasse num quarto especial da Santa Casa.

— Mas quem paga?

— Eu.

— Mas é tolice, homem. Não é preciso. O menino nunca esteve acostumado com luxos. Na enfermaria geral ele terá um conforto e um cuidado como nunca viu, em dezessete anos de miséria!

— Não faz mal, eu faço questão...

O médico olhou-o, comovido, compreendendo a sua tragédia. Mas tinha o hábito,

PASSATEMPO

(Solução do problema da pág. 20)

Seu chapéu também era branco. Ele raciocinou da seguinte forma: «Todos nós vimos chapéus brancos. Se meu chapéu fosse vermelho, os outros dois candidatos só seriam chapéus brancos na cabeça um do outro, e, portanto, logo ficariam sabendo de que cor era o seu. Se não baixaram as mãos, é porque estão em dúvida, e isto só podia suceder vendo em minha cabeça um chapéu branco.»

Por outras palavras: Designemos o vencedor pela letra A e os outros dois candidatos pelas letras B e C. Se o chapéu de A fosse vermelho, B raciocinaria: «Se C viu um chapéu branco, só podia ser na minha cabeça, uma vez que o de A é vermelho.» Pelo seu lado, C raciocinaria de modo semelhante.

adquirido pelo contacto cotidiano com o sofrimento, de reagir contra o sentimentalismo inconsciente do seu temperamento, refugiando-se em pilhérias pesadas:

Você não quer dizer que Zeferino é seu filho...

Olhar de ódio do moço desafiou-se ante a imensa simpatia humana dos olhos do outro, tão mal escondida.

Está bem, Paulo, está bem. Não se zangue. Nós faremos tudo.

É a luta, imensa, heróica e sem descanso, começou. Um caso de família não despertava mais pena, mais dedicação, mais amor. Todos os Dinartus, a mãe, as irmãs, viviam aquela criança enferma como se ela pertencesse ao próprio sangue e não tivesse chegado dias antes, inesperada e desconhecida, de um desses fundos de sertão. E Zeferino, que nunca na sua vida ruidosa de bicho do mato, soubera o que fosse cama com lençol e mão branca de moço de unha pintada, passando maquiagem na testa e nos olhos dele, fechava os olhos como num sonho, como num sonho que talvez tivesse tido... Tinha enfermeira de dia, tinha enfermeira de noite. Eram as moças que se alternavam no hospital. Seu doutor telefonava da Câmara, pedindo notificação. Seu doutor tomava o carro, vinha correndo ver o Zeferino. O médico tinha por ele uma dedicação que só se compreende com doente velho, milionário e de morte certa. Mas todo o trabalho era inútil. Não era apenas amarelão. Todas as doenças tropicais haviam passado por aquele molambo. E parecia que o alívio do seu «habitat» primitivo viera diminuir ainda mais as suas possibilidades de resistência. Outros médicos se interessavam pelo caso. E já havia quem temesse que naquele organismo humilhado, sempre entregue a todos os remédios, fossem mais novos que benéficos. Enquanto isso, e as semanas passavam, Paulo Dinarte se torturava, tomado por uma covardia como nunca sentira na vida. Imaginava-se um criminoso. Surpreendia-se em momentos que eram autocatilinas impiedosas. Nunca os apêndices e a seção livre dos órgãos do governo haviam usado, contra ele, um descabe-

Saúde

Embora não se conheça a verdadeira causa das cãibras musculares, os fisiologistas descobriram que elas ocorrem quando a ingestão de sal é muito pequena ou quando a taxa de sua eliminação é muito alta. As cãibras podem manifestar-se nos dedos depois de se escrever ou de se fazerem trabalhos de agulha, e geralmente cedem com repouso e massagens. Quando as cãibras aparecem nos músculos maiores, suas vítimas devem fiscalizar seu regime de sal e evitar fadigas musculares e os extremos do frio e calor. Devem também tomar quantidades suficientes de vitaminas B1 e B2. As cãibras ocasionalmente se associam com um baixo nível de cálcio no sangue, como se observa no raquitismo e na gravidez, e nesse caso deve-se tomar também uma quantidade suficiente de cálcio.

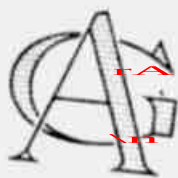
A família já numerosa dos antibióticos vem juntar-se a novo membro — a terramicina, que foi oficialmente isolada do fungo do estado americano de Indiana pelos srs. Charles Pfizer & Co., de Brooklyn. Numa conferência realizada ultimamente em Manhattan a respeito desse novo produto, ficou esclarecido que a terramicina atua eficientemente nas algumas infecções do aparelho urinário, nas pneumonias bacterianas e atípicas e na brucelose, coqueluche e disenteria amebiana. Mas o dr. Chester S. Keefer, uma das maiores autoridades americanas em antibióticos, admite que os clínicos necessitarão de mais uns dois ou três anos de testes para chegarem a conclusões definitivas a respeito desse fungo. Já se sabe, porém, que sua toxidez não é elevada, e experiências feitas em ratos indicam que a terramicina (juntamente com a estreptomicina) é eficaz para evitar a morte ocasionada por infecção superveniente a irradiações letais durante o período em que o corpo é incapaz de manter sua defesa normal contra os germes.

Os odores das axilas e do mau hálito podem ser eficazmente eliminados por meio de comprimidos contendo clorofila, segundo se evidenciou em recentes experiências.

Em seguida à observação de 1.031 casos de bloqueio das artérias coronárias, os investigadores recomendam, nesse caso, o uso de heparina e dicumarol. Esses anticoagulantes reduzem a proporção de óbitos quando administrados durante seis semanas após uma crise cardíaca. Os perigos de hemorragias se reduzem determinando-se a taxa de material coagulante no sangue. Sobrevenindo hemorragia, recorre-se à vitamina K e a transfusões de sangue total.

A hereditariedade é fator importante na ocorrência da diabetes. Estudos clínicos revelam que, se os dois pais são diabéticos, todos os filhos, potencialmente, o serão. Mas se apenas um dos pais for diabético, só metade dos filhos fica sujeita a sofrer dessa moléstia.

Carta para a mulher que ainda não usa **Modess**

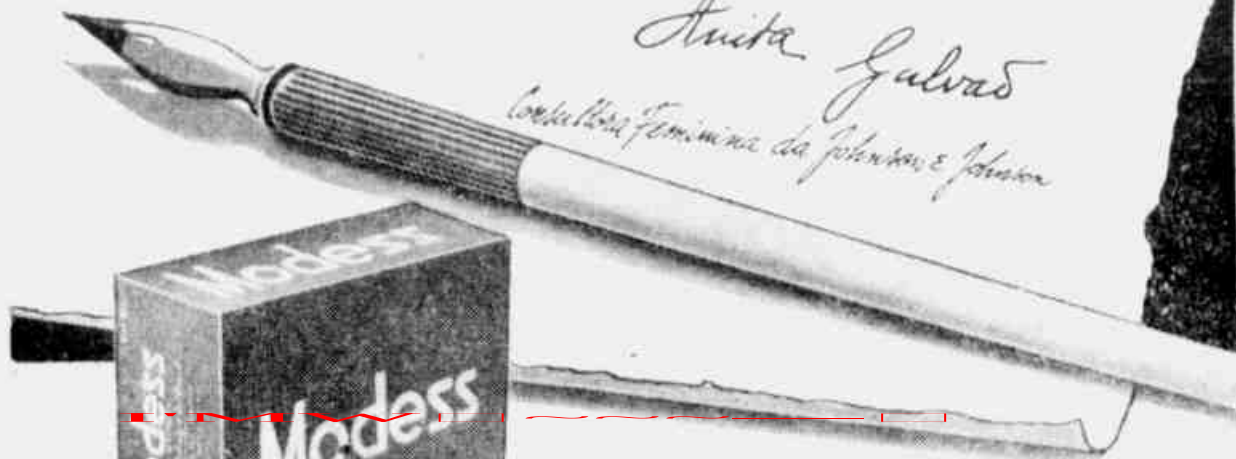


Querida leitora!

Desejo convidá-la a não ter mais preocupações naqueles dias do mês. Quero que você trans-
forme os dias críticos em dias normais.
Desde que você esteja protegida com o confortável e macio absorvente Modess, tudo estará seguro e mais absorvente que algodão.
Você poderá usar os vestidos mais leves, por-
que Modess permanece invisível. Não haverá
manchas embarracadas, porque Modess é
protegido de um lado por camadas
de papel repelente. E o que é formidável,
cada absorvente só é usado uma vez e paga-
lavra mensal.

Anita Galvão

Consultora Feminina da Johnson & Johnson



Um produto
Johnson & Johnson

JOHNSON & JOHNSON — Dept. 14-F-123 — Caixa Postal, 5030 — São Paulo

GRÁTIS - Queira me enviar o livreto "Ser quase mulher... e ser feliz!"
e 2 amostras de Modess.

NOME: _____

RUA: _____

CIDADE: _____ ESTADO: _____

lados palavrões, tão pesados
insultos.

Miserável! Imbecil! S. Fran-
cisco de fancaria! Cabo ino-
vulgar! Fizera aquilo para fin-
gir que era bom, que era hu-
mano. Queria mascarar-se de
santo, o patife! Com ceneza
queria era ganhar votos. E na-
quela fúria de autodemoção
esquecia-se de que trouxe o
Zeferino das terras da Para-
napanema, para além da fron-
teira do Estado, onde jamais
teria ocasião de solicitar um
voto.

— São Francisco de boba-
gem! Bestalhão sem conserto!
Assassino!

Mas, ao escrever para An-
tônio Firmino, depois de adiar o
adiar a carta longamente estu-
dada, em que contaria a ori-
gem e mandaria dinheiro pa-
ra Antônio Firmino e Xá-
Maria virem à capital, a grun-
de covardia o assaltava. E
mentia. Que o Zeferino esta-
va melhorando, que os médi-
cos davam esperança, que ele
não precisava de nada, que
não tivesse cuidado. Enquanto
isso, o corpo de Zeferino, can-
sado da longa luta, se enco-
lhia cada vez mais na cama
de lençóis tão brancos. Ele
ficava cada vez menor, numa
preguiça mansa, de olhos fe-
chados. Quando aqueles dedos
de sonho, macios, de unhas
longas e vermelhas, passava-
m que nem orvalho em folha de
árvore, pela testa dele, já
quase não falava. Os olhos
sim. Aquela expressão viva
inquieta, sofrida e in-
gente do passado, desapare-
ra. Eram agora docura. Po-
cura, docura, docura. Uns
olhos de cordeiro tão miúdos
e tão cansados que ninguém os
fixava de olhos enxutos. Mas
estava no fim. Era questão de
dias, de horas talvez. Mãe re-
nhuma, pai nenhum, aco-
nharia com desamparo m-
a agonia de um filho. Ap-
nia que se refletia inteirinha,
e trágica, no desamoramento
de alma de Paulo Din-
Passava dias sem rumo, n-
sem destino, insônias at-
Esquecera a política, as
mas sociais, o escritório
crevia? Telegrafava ao
no? Sim. Era preciso.
cadrê coragem! Era com-
tivesse de dizer ao co-
olho, aquele moço tão
aquele do t-
não passava de um ban-
de um assassino, está m-
do seu filho! Venha salv-

seu filho. — E por que não escrever assim mesmo? Mas estava o ânimo. E agora ele não escrevia, passando os dias e as horas a imaginar o que sofreria, o que diria, o que pensaria aquele pobre ser tão confiante e tão ingenuo que lhe entregara o filho. Isso, sem falar em Nhá Maria, de quem nunca ouvira essa palavra, tão boa de tempo no preparo de galinha, e tão calada. Essa, nunca lhe daria uma palavra. Mas os olhos com que o olhasse não tinham mais o jeito de quem olhava para Nosso Senhor...

*

Foi uma noite atroz. Começou a clarear quando Zeferino abriu pela última vez os olhos. Não eram olhos. Era a dor. Uma dor envoltiva, transbordante e perdoadora. Depois, o peito magro deixou de se agitar mansamente. E os olhos ficaram parados e a expressão se foi. Era o fim. Paulo Dinarte saiu como um desatinado, tomou o carro, voou para casa. Dona Teresa viu o filho entrar, compreendeu, passou-lhe os dedos pela cabeça atormentada como fazia quando ele tinha sete anos, e disse:

Eu vou ao hospital, pego o testado de óbito, vou providenciar o caixão.

E saiu.

O enterro era à tardinha. Não saíra de casa. Reservara, pelo telefone, a compra de uma sepultura no Araçá. E passara o dia rasgando telegramas e cartas, sem saber como se explicar com Antônio Firmino, acuado por sombras assustadoras, estremeecendo a cada momento. Até que a campainha soou, rápida. Uma moça gorda foi à porta, voltou.

Tem um caipira querendo ver o doutor.

Paulo correu à porta e empalideceu. Era Antônio Firmino.

En... entre, Antônio Firmino.

O caboclo veio chegando muito tímido, muito humilde, baixando o chapéu.

Sente, Antônio Firmino. Olhou, assustado, a imensa poltrona.

Sente...

Encuraram-se:

Pois é, seu dotô... Eu tá lá no sítio, garrô a me dá uma coisa, uma pensão no Ze-



Bom-Tom

Os

Presentes

Em geral os presentes são uma prova de atenção que prodigalizamos às pessoas de nossa amizade. De certo modo eles nos retratam, pois nossa personalidade se reflete nos objetos de que gostamos, revelando nosso bom ou mau gosto, nossos meios, e até mesmo denunciando, às vezes, nosso desinteresse na sua escolha. Isso acontece quando distraidamente oferecemos a uma pessoa amiga, um objeto que ela já possui, ou ainda pior, quando presenteamos a mesma pessoa no seu aniversário e no Natal, com o mesmo livro de versos... Para evitar esses acidentes, uma pessoa de muitas relações sociais, ou de família numerosa, deve ter um pequeno e discreto fichário, onde anotará os objetos que for oferecendo. Dessa maneira não só se livrará de cometer uma descortesia, como encontrará sempre à mão sugestões para presentes.

Ao presentear uma pessoa devemos ter em mente não só o que lhe dará prazer, como também cuidar de que esse presente, pelo seu valor material, não a ponha mais tarde em posição difícil para retribuí-lo. Devemos oferecer um objeto que agrade, mas que não vá causar preocupações futuras.

Quando um rapaz deseja presentear uma moça, deve ter bastante cuidado no modo de fazê-lo. Ainda é aconselhável a velha fórmula para esses casos: livros e flores. De outro modo poderia não só mostrar-se indelicado, como também colocar a moça em situação desagradável em relação à sua família.

Quando são noivos e o seu compromisso já está oficializado, aí então já não será tão restrito o campo de sua escolha. Porém é aconselhável abster-se de oferecer presentes de uso pessoal como jóias e perfumes, que chocariam as famílias de idéias mais conservadoras. A moça, depois de noiva pode retribuir os presentes que recebe, mas de modo discreto. Não lhe compete, porém, tomar a iniciativa e ao eleger um presente para o noivo é prudente moderar-se na escolha, lembrando-se de que não lhe fica bem agir como se estivesse fazendo a corte ao rapaz.

Para presentear um afilhado os padrinhos não devem hesitar em consultar os pais da criança. Se isso for difícil, é perfeitamente correto oferecer um cheque, sendo este atualmente um uso muito generalizado e que agrada sempre, pois dá aos pais a oportunidade de escolherem um objeto de acordo com as necessidades da criança.

Quando se deseja presentear um casal de noivos, deve-se fazê-lo vários dias antes da data do casamento para evitar confusões e para facilitar os arranjos da noiva.

E lembremo-nos sempre de que um objeto, por mais modesto que seja, se for escolhido com carinho e bom-gosto, agradará sempre.

VIDAS ILUSTRES

PABLO MANTEGAZZA

UM GRANDE ANTROPÓLOGO

Nasceu este sábio médico italiano em Monza, a 31 de outubro de 1831, e faleceu em Florença a 28 de agosto de 1910. Seguiu a carreira da medicina, obtendo seu título com altas classificações e depois de brilhantes estudos. Aos 19 anos já havia escrito alguns trabalhos que chamaram a atenção para ele. Foi nomeado médico de um dos maiores hospitais de Milão e mais tarde professor de patologia da Universidade de Pavia. Sua vasta preparação em questões antropológicas fez com que fosse chamado a desempenhar uma cátedra de antropologia, no Instituto de Estudos Superiores, de Florença, onde expôs suas famosas teorias, que o fizeram célebre em todos os círculos científicos do mundo. Seu trabalho foi muito intenso e deixou escritas numerosas e importantes obras, sobre diversos temas, muito elogiadas.

Mantegazza foi um menino precoce e, aos 15 anos, escreveu um livro que levou a um editor. Dada a pouca idade do autor e julgando-o um audacioso, negou-se a tornar-se responsável pela edição. Tratava-se de umas «Pequenas noções de química ao alcance das crianças».

Já médico, iniciou suas viagens por vários países da Europa, estudando sempre. Logo embarcou para Buenos Aires, atraído por estas terras, tão pouco e mal conhecidas até então. Chegou em princípios de 1856, mas não quis estabelecer seu consultório, e viajou pelas províncias.

Urquiza, que era então presidente, ofereceu-lhe um alto emprego de acordo com a sua profissão, mas não quis aceitá-lo. Durante sua viagem à Salta, conheceu uma jovem a quem tornou sua esposa. Com ela regressou à Itália, e em Pavia criou o primeiro laboratório italiano de patologia experimental.

Fundou também um grande Museu de Etnografia e Antropologia em Florença. A série de seus trabalhos sobre craneologia, fisiognômica e antropologia, lhe deram renome mundial e se discutiram e aprovaram suas teorias que serviram para resolver muitos problemas científicos.

Foi um ameno vulgarizador e seus livros chegaram a vender-se aos milhares, traduzindo-se em vários idiomas. Entre os mais notáveis figuram: «Fisiologia da dor», «Fisiologia do ódio», «Fisiologia do amor», «Viagem na Índia», «Viagem na Lapônia», «Rio da Prata e Tenerife», «O evangelho da saúde» e «Estudos Antropológicos». Também escreveu um livro para crianças, «Testa», além de grande número de memórias e diversos romances.

Foi fundador duma revista especializada, «Archivio per l'Anthropologia e la Etnologia».

Pablo Mantegazza foi também deputado durante onze anos e em 1876 foi nomeado senador.



ferino. Eu não arresisti vim... O Zeferino tá bão?

Paulo Dinarte tinha a impressão de um naufrágio. Um vazio sem fim se abria diante dele. Estava anulado. Pela surpresa, pelo acabrunhamento.

— O... o Zeferino?

— Ele tá bão? — insistiu o caboclo.

— O... o... ele estava. Estava sendo bem tratado... com todo o carinho... com... como um filho... Com... com bons médicos... Mas... mas estava tão fraco, coitado, tão fraco... que... que não pôde resistir...

Houve uma pausa.

— Morreu?

Paulo Dinarte confirmou sem palavras, sem gestos, com os olhos.

Antônio Firmino não teve uma reação, ficou olhando o vazio.

— Quando?

— Esta madrugada. Vai ser enterrado esta tarde.

Antônio Firmino continuava imóvel. Fixou em Paulo Dinarte os olhos tímidos.

— E... eu posso assistir ao enterro?

— Mas, claro, Antônio Firmino! Eu ia para lá, agora. Levo você no meu carro.

As palavras agora saíam mais fáceis.

Ajudou Antônio Firmino a sair, fez questão que ele passasse na frente, passou-lhe as mãos amistosamente pela costta, fez o caboclo sentar-se no almofadão macio do banco dianteiro, e a viagem fez-se, dessa vez, inteiramente sem palavras, até à Santa Casa, com aquela sensação de temor, de crime e de pena, agora muito mais dóida e muito mais aguda.

Antônio Firmino entrou na capela sempre calado e sério, estendeu a mão dura para as mãos finas que o procuravam, sem dar pelo espanto e pelo susto que a sua presença demonstrava. A roupa de brim usado, as mangas curtas e o chapéu na mão esquerda, para ter a direita livre para possíveis pêsames que chegassem. Ficou primeiro de longe, sem acreditar, meio a medo. O caixão estava lá no centro sobre uma coisa grande de onde pendia um largo pano preto com cruces douradas.

(Conclui na pag. 5)

Uma carícia perfumada!...

De inebriante perfume e suave como uma carícia, o pó de arroz Lady dá maior beleza aos mais lindos rostos... Sua aderência perfeita o mantém sobre a cutis durante longo tempo. Por isso o pó de arroz Lady é o mais usado e preferido no Brasil, há mais de trinta anos.



PÓ DE ARROZ

Nas cores:

- * Branco
- * Rosa
- * Raquel
- * Ocre-claro
- * Ocre-escuro

Lady

É O MELHOR E NÃO É O MAIS CARO!

À VENDA EM TODO O BRASIL

52-2" SERRAZ

OS NOSSOS IRMÃOS DA SELVA

A inadaptabilidade do índio ao nosso meio — Um borôro que depois de viver em Roma e Paris retornou à vida de selvagem — O folclore indígena — A cantiga romântica de um javaé — Os índios já fazem vôos de aeroplano — A visita de Kamalive a Xavantina — O «capitão» da tribo dos nahquás e sua atitude em face das realizações do civilizado — Brincadeira de mau gosto na usina geradora de energia elétrica — Os selvícolas mais hospitaleiros do Brasil — Os tapirapés, seus usos e costumes — Sacrifícios de vidas inocentes — Morte para o curandeiro incompetente — Moléstias transmitidas pelos brancos que levam os índios, facilmente, à sepultura.

ÚLTIMA, DE UMA SÉRIE DE SEIS REPORTAGENS

Lincoln de Souza

Muitas pessoas têm, quanto à integração do aborígene na comunidade nacional, certo

ponto de vista absolutamente errôneo. Para que seja atingido aquele objetivo, pensam o se-

guinte: retirar um índio de sua aldeia, trazê-lo para o nosso meio, educá-lo mostrando-lhe as vantagens da nossa civilização e, depois, devolvê-lo aos seus para que, entre eles, realize uma obra educativa e, assim, os aproxime de nós.

Isso, porém, não passa de rematada utopia. O índio é, sobretudo, um ser profundamente ligado ao seu habitat, aos usos e costumes de sua tribo, em consequência de milenário atavismo. O selvícola não pode, mesmo que o queira, fugir ao fascínio da vida livre da floresta e do convívio com sua gente. Engana-se quem julga que os confortos e requintes de nossa civilização representam para eles qualquer coisa como o mergulho num paraíso. O índio, no geral, é indiferente a tudo que para nós é precioso — uma habitação moderna, uma cama com colchão ventilado, de molas, uma boa mesa, roupas, ele trocaria de bom grado pela sua maloca de palha, a sua rede ou esteira, um pedaço de aipim e os trajes que usava no Eden.

Não negamos que existam selvícolas que assimilaram a nossa civilização e que vivem entre nós como qualquer homem da cidade. Esses, todavia, constituem verdadeiras exceções à regra. A verdade é que é sem conta o número dos que, depois de passarem anos a fio



Tiago Marques — ou Aipoburen — o índio borôro que depois de residir em Roma e Paris regressou à sua aldeia, no Merure, onde vive a mesma vida selvagem dos de sua tribo.



Vista da base da Funda o hospital e escola; à di



Brasil Central em Aragarças. À esquerda, prédios residenciais; ao centro, resta o armazém e casas de funcionários.

no nosso meio — alguns tendo mesmo cursado escolas ou trabalhado em repartições públicas — nostálgicos da selva, regressam, na primeira oportunidade, às suas aldeias, despendem o fa-
vô de civilizado, pintam a ca-

ra e o corpo e, munidos de suas primitivas armas, embrenham-se na mata para caçar, ou se dirigem aos rios para pescar.

Como prova eloquente do que afirmamos, podemos citar o caso do bororo Aipobureu, que tomou o nome cristão de Tiago Marques, e que, educado pelos missionários, depois de fazer o curso secundário em Cuiabá, foi mandado para Roma e, em seguida, para Paris, tendo passado dois anos em cada uma dessas capitais. Pois bem, esse índio, regressando ao país, foi aproveitado como professor de sua gente na aldeia do Merimé. Mas não levou muito tempo para que ele abandonasse a escola e, com arco e flecha, preferisse passar as suas horas caçando. Quando estivemos no Brasil Central, em 1947, foi-nos informado que Aipobureu, em nada se diferenciava dos demais boróros.

UMA CANÇÃO DE AMOR DOS JAVAÊS

A primeira manifestação intelectual e artística que temos dos selvícolas é, no geral, através de suas histórias de bichos, cuja urdidura põe de manifesto a mente imaginosa dos habitantes da selva. Todos nós nos recordamos da história da onça e o bode, a do veado e o jaboti,

a do urubú e o sapo, e tantas mais que embalaram a nossa infância. Também ficamos conhecendo outras, em que explicam a origem do homem e da mulher, do dia e da noite, dos astros e dos elementos, sob um



Um jovem que nos deu a conhecer uma das belas canções do folclore de sua tribo.



Kamaité, o "capitão" dos nahquás, envergando uma camisa que lhe ofereceu um estudante paulista.



Casas típicas de sertanejos do Brasil Central. Tudo nelas é de palha: telhado, paredes, divisões internas e até mesmo porta e janelas

prisma tocantemente ingênuo, em concordância com a sua inculta mentalidade.

Agora, vamos divulgar uma canção de amor dos javaés, que, nos foi cantada por Canari, um jovem daquela tribo, a qual pertence ao mesmo ramo dos carajás. A letra da canção é a seguinte:

Aunican
Réré-areri
Idiaram' can

Réré-areri
Leranquê, quiribí
Ichaguê, riuarian
Uberiuarian
Réré-areri
Idiaram' can
Réré-areri.

Não garantimos a perfeição do nosso trabalho, visto que em certas palavras por nós registradas há sons que não se podem passar para o papel, por não haver em nossa gramática

signais que os traduzam. O final de «ichaguê», por exemplo, não é bem «quê», mas um som parecido, de impossível fixação gráfica.

Feito esse esclarecimento, vamos revelar o que querem dizer aqueles versos, segundo a explicação ultralacônica de Canari, que respondia às nossas perguntas ora por monossílabos, ora em curtas palavras sem ligação quase. Canari disse: Índia, pa-seava, mato. Viu índio. Índio cantando. Índia correu. Foi perto índio. Foi com índio embora. Longe.

Através dessa super-sintética narração, podemos perfeitamente recompor, na sua beleza selvagem, todo um romance entrecortado de amor: — a índia, descuidosa, solitária, vagando sob as folhagens sussurrantes como uma Diana bronzeada. Nisto, ouve ao longe o canto bonito de um índio. Deve ser jovem, forte, corajoso. E o Corifeu da selva, que arrebata com a maravilha de sua voz os ouvidos das belas índias. E ela, a Diana de bronze, parte então, fascinada, subjugada, rendida, ao encontro daquele irapurú que cantou mais alto dentro do seu coração... Depois, abandonando tudo — a maluca doméstica, sua gente e sua aldeia, — feliz e orgulhosa, ela parte com o companheiro para outra terra, para outra aldeia, para muito longe, para o amor...

A VISITA DE KAMALIVE MAIORAL DOS NAHQUÁS, À BASE DE XAVANTINA

Kamalive, o «capitão» dos nahquás, tribo de que restam poucos representantes, dizimada em sua quase totalidade pelos ferozes carajás, foi fazer uma visita à base da Fundação Brasil Central em Xavantina, quando ali estávamos de passagem, à espera de condução para S. Domingos.

Kamalive fez o percurso do Culuene, onde residia, a Xavantina, então menos importante do que hoje, não a pé, e não todo índio, quando viaja, mas no mais moderno e veloz dos veículos de transporte — o avião. Aliás, não é a primeira vez que um selvícola anda de avião. Izarari, o indigitado assassino do Coronel Fawcett, já voou e Uatari, chefe dos carajás do Bananal, realizou um longo vôo sobre o Araguaia em companhia do sr. Getúlio Vargas, à época presidente da República.

(Continua na pág. 48)



Inauguração, às margens do Araguaia, do «Pouso da Paciência», onde os componentes da expedição Meireles conheceram, durante dois longos dias, o suplício da fome.



Sirenussa e Benhita, duas belezas tipicamente tropicais

Sereias Capixabas

Texto de Almir Neves

Fotos de Pedro Fonseca, do Foto Clube do Espírito Santo

© O encanto de uma cidade não reside apenas na beleza de seus jardins, na imponência de seus edifícios ou no intermitente borborinho de suas ruas. Encontra-se, sobretudo, na graça e na elegância de suas mulheres, que dão à paisagem humana da cidade um colorido especial.

Vivemos uma época assinalada pela presença da mulher. Em tudo o elemento feminino está presente, numa exuberante demonstração de vivimentos próprios. Enquanto os homens perdem o seu precioso tempo nas esquinas e pelos cafés, em intermináveis discussões políticas, elas trabalham e se divertem, praticam esportes,



dirigem automóveis e... candidatam-se também aos postos eleivos. Não resta dúvida. Vivemos um século que não é somente do homem do povo. E', antes de tudo, o século da mulher.

Numa destas manhãs, enquanto passávamos pelas alamedas solitárias de uma das praças de Vitória, pensando nesta festa estonteante de vida que nos oferece a mocidade feminina da capital capixaba, passou por nós, como um tufão, um bando de alegres e belas ciclistas. Tipos helênicos de beleza, estuantes de graça e vivacidade.

Pouco depois, alcançávamos a Praia do Canto, uma das



Resistir a estas, quem há-de?

maravilhas d'êste recanto abençoado que é a ilha de Vitória do Espírito Santo. Outro majestoso espetáculo de

beleza nos aguardava nas figurinhas de sonho das suas «sereias», que espalham a alegria de viver, enquanto aca-

riciam a areia fina que rebri- lha aos raios do sol e se deixam banhar pelas ondas mansas do Atlântico. Aqui, um

Para que legenda? Não acham que essas fotos falam por si?





Seis garotas, seis sorrisos

grupo de loiras e morenas saltam, alegres, para apanhar a bola, que vai e vem de mão em mão. Ali, descansa outro

grupo no qual se teria dificuldade em eleger a mais bela, depois de um mergulho mais demorado nas ondas calmas

da baía. Mais além, figurinhas que parecem saídas de uma tela de Van Gogh, desfilam.

(Conclui na pag. 48)

Yeda e Glorinha, a mais bela e a mais elegante do Espírito Santo. Duas expressões da graça e do encanto da capixaba





**GANHOU TODOS OS
TÍTULOS**
mas perdeu aquele
que mais desejava

Ronald Carlisle

Margaret Phelan, nascida em Chicago, estudou canto em Hollywood, depois do que vem atuando com sucesso no rádio norte-americano.

E' uma garôta bonita, de olhos e cabelos castanhos, com brilhos dourados, e um bocão daquilo que os americanos chamam de «sex-appeal». Eis aqui alguns dos muitos títulos que ela tem conquistado:

1º) Os ombros mais perfeitos do mundo, num concurso realizado pela Liga de Artistas da América.

2º) Rainha da 11ª Divisão de Fuzileiros Navais.

3º) «A pequena de quem mais gostamos», da 1ª Divisão da Infantaria do Exército Americano.

4º) «Miss Olhar de Tufão», pela Associação de Elegância.

5º) «Uma das 10 mulheres mais bem vestidas do país», pelo Sindicato dos Costureiros.

6º) «Embaixatriz da Semana Nacional da Flor», pela Sociedade Americana de Floristas.

(Conclui na pag. 131)

Elegantíssimas...
conservam-se
bem ajustadas
mesmo depois de lavadas!

Feitas em máquinas próprias e por processos exclusivos – que garantem a qualidade do fio e a durabilidade do elástico – as Meias Soquete Lobo nunca perdem a forma e não enrugam, mesmo depois de lavadas. Resistentes, em cores sóbrias – dignas do maior nome em meias para homens!



Standard

**MEIAS
SOQUETE**

Lobo

UM PRODUTO DA FÁBRICA LUPO



ARARAQUARA - EST. DE S. PAULO



Miss França

ganha um
e uma viagem

Miss França, a garôta sensacional que foi considerada a mais bonita da Europa, nasceu em Marselha. Paris inteira rendeu-se à sua graça, num preito digno da eterna devoção dos franceses pela beleza.

Muitos foram os presentes que a linda marselhesa obteve de seus patrícios e, entre êles, uma viagem à volta do mundo, com todas as despesas pagas. E

a fim de melhor prepará-la para esse delicioso passeio, Madeleine Vramant, um dos nomes mais consagrados da alta costura parisiense, ofereceu-lhe o guarda-roupa completo para essa viagem. Numerosas toaletes, especialmente criadas para ela, foram-lhe oferecidas pela famosa criadora de modas, algumas das quais se podem notar nas fotos que ilustram estas páginas.



guarda-roupa à volta do mundo

Um detalhe interessante: miss França conserva ainda os cabelos longos, que ela recusou sacrificar à nova moda. Outro detalhe mais interessante ainda: sua cintura mede apenas 52 centímetros. Não é mesmo fenomenal?



Ora! Por que ocultar as imperfeições da pele com o "maquillage" exagerado?

Confie na

*Base
Medicinal*

do Leite de Colonia
para eliminar

*Manchas, Sardas
Espinhas e Cravos*

Ora! Ora! É um erro usar o "maquillage" excessivo para disfarçar as imperfeições da pele. O certo é corrigi-las com Leite de Colonia. Preparado pelo médico Dr. Arthur Studart, o Leite de Colonia tem base medicinal e ação curativa: Elimina manchas, sardas, cravos, espinhas e outras erupções da pele. Aplique-o também para fixar o pó de arroz e proteger a pele contra o sol... vento frio... e poeira. Mas não confunda! Só há um Leite de Colonia para conservar sempre jovem o encanto do seu rosto.



Leite de Colonia

É preparado pelo médico Dr. Arthur Studart

Você é influenciável?

Solução do teste da página 13

As respostas das perguntas 1 até 10, inclusive, devem ser «Não»; e as respostas às perguntas 11 até 20, «Sim». Multiplique o número das respostas certas por 5 e o produto lhe dirá seu grau de independência. Se a contagem der 75 por cento, ou mais, você tem uma resistência incomum às influências alheias. Se der 25 por cento ou menos, você é, aparentemente, muito suscetível de ser influenciado.

Nosso grau de independência é em geral aquele que já nos foi de mais utilidade. As pessoas que colheram bons resultados por confiarem mais em suas próprias ideias do que nas opiniões alheias, são naturalmente mais difíceis de influenciar. Por outro lado, as que colheram melhores resultados seguindo os conselhos alheios, são mais fáceis de ser influenciadas.

Acidentes de aviação

Periodicamente as companhias de navegação aérea fazem divulgar estatísticas animadoras tendentes a provar que o avião é o mais seguro dos meios de transportes.

Talvez seja... Mas, à força de ouvirmos entoa-los louvores às asas, acabamos por esquecer-nos de que também existe segurança nas viagens terrestres, nos nossos humildes e antigos trens de ferro.

Por a respeito, algumas cifras oficiais fornecidas pelo Departamento das Vias Férreas francesas em resposta a uma interpelação do senador Jacques de Menditte:

— Número de desastres de estradas de ferro que ocasionaram mortes: em 1947: 13; em 1948: 9; em 1949: 10.

— Número de viajantes mortos em desastres de estradas de ferro por cada bilhão de viajantes-quilômetros: em 1947: 0,64; 1948: 0,52; 1949: 2,4.

Podrá haver algo mais eloquente?

QUEM MANDA SOU EU!

... E EU QUERO É "Guarapan!"



GELADINHO, FRAPÊ OU NATURAL!
"GUARAPAN" É O REFRIGERANTE IDEAL!

cr. \$1.50

EM TODA PARTE

UM PRODUTO
DA IND. PAGÉ S.A.
FONE: 4-0638



Adquira os seus medicamentos nas

DROGARIAS RAUL CUNHA LTDA.

O maior estoque e os menores preços — Serviço rápido de REEMBOLSO POSTAL para todo o país.

Rua Rio de Janeiro, 363 — Fones 2-3767 e 2-2161
BELO HORIZONTE

MATRICARIA F. DUTRA

PROTEGE A DENTICÃO DO BEBÊ

O ROUBO DE JÓIAS NO BAILE DE MÁSCARAS

Jerome Zerhe — Fotos I.N.P.



O baile de máscaras constitui uma riquíssima fonte de assunto para a literatura. Milhares de poemas, contos e romances já foram escritos tendo por tema essa encantadora festividade.

Hoje, infelizmente, está quase totalmente relegado a um segundo plano, ao contrário dos séculos anteriores, em que atingiu o apogeu.

Sua decadência é devida em grande parte, aos ladrões. A fantasia e a máscara sempre constituíram grande oportunidade para o amigo do alheio. Para ele nada mais fácil que meter-se numa roupa diferente, cobrir seus traços sinistros com uma máscara e entrar num salão de baile, onde todos se vestem como ele e se ocultam sob o mesmo anonimato. Afirmam-se que milhões de dólares em dinheiro e jóias já desapareceram nessa ocasião, graças à ação dos ladrões.

Compreendendo o rico campo que o baile de máscaras oferece aos ladroes, a polícia sempre procura dificultar sua realização, por vigiar a segurança de tal festa causa-lhe grandes dores de cabeça.

Vez por outra, no entanto, a alta sociedade consegue realizar um baile de máscaras. Ultimamente, Elizabeth Arden ofereceu uma dessas festividades no Waldorf Astoria, em benefício da Orquestra Filarmônica de Nova York.

Embora tenham corrido rumores de várias jóias perdidas nessa ocasião, só um roubo — ou perda — foi constatado. O resultado é que uma dama bastante conhecida voltou para casa sem um grande diamante e um broche de rubi, no valor de \$10.000.

(Conclui na pag. 131)

✱

Máscara rosa, com penas brilhantes e proeminente chifres de prata, eis como apresentou-se Tilly Losch a Condessa de Carnarvon.



Alexandra, esposa do rei Pedro da Iugoslávia, escondeu seu rosto atrás de uma máscara preta de renda. Seu vestido apresentava uma artística combinação de «faïlle» e motivos rendados.



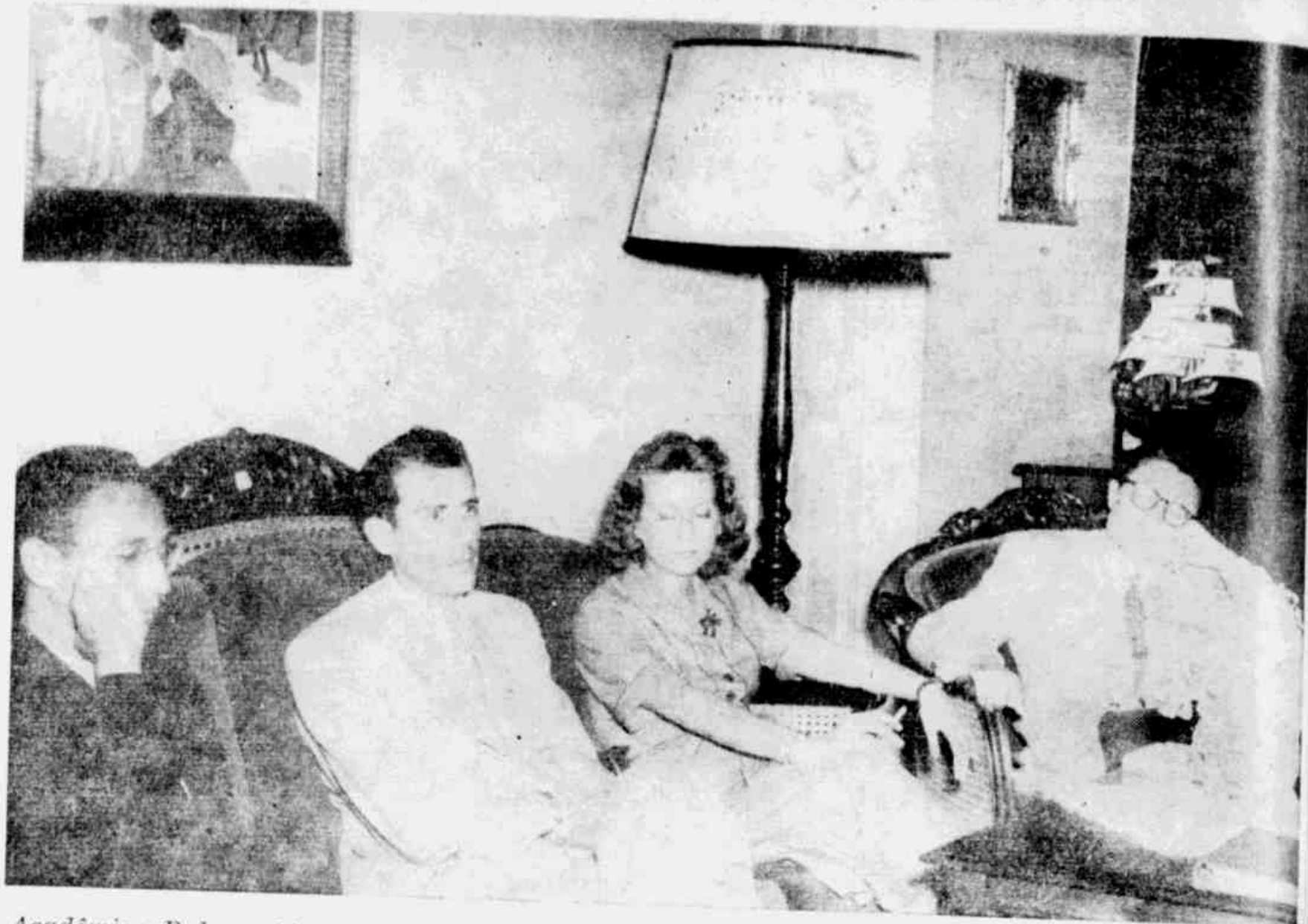
Sharman Douglas (à direita), filha do Embaixador dos Estados Unidos na Inglaterra, ao lado de Gene Tierney, estrela do cinema. Gene surgiu com um romântico vestido criado por seu marido, Oleg Cassini, e máscara de veludo verde com pedrarias; Sharman combinou veludo negro, laços e pérolas.



Uma grande figura do baile de máscaras foi a sra. William Woodward Junior que apresentou uma exótica fantasia em cetim esmeralda, com máscara de «paillettes».



Lady Sarah Spencer Churchill (sra. Edwin Russell), filha do Duque de Marlborough, sorri satisfeita.



Acadêmico Rubens Lins, de São Paulo, sr. Aristide Wirsta, Mme. e Mr. Richepin, ouvem, en-
levados, as sonatas de Stradalli, por Horowitz.

© "SÉTIMO CÉU"

TEXTO DE JOSE' LARA

FOTOS DE ALCIR COSTA



T omámos um carro e pedi-
mos ao «chauffeur» que
rumasse para o «Sétimo Céu».
O homem olhou-nos de es-
guelha, com uma expressão
que era um misto de espanto
e piedade, como que duvidando
da inteireza de nossa razão. «Não
há o culpado», pois nos lem-
mos de que nós mesmos já ex-
perimentáramos, antes, igual en-
timento para com um amigo
que, num encontro fortuito nos
perguntara, sem maiores eli-
cações: «Escute aqui, por que
não faz você uma reportagem
sobre o «Sétimo Céu?» E, em
nos dar tempo a que nos as-
tizessemos do espanto, deu-nos,
com ar misterioso, este endre-
ço: rua Campanha, 188, no li-
vro do Carmo.

Anotámos o endereço, mas
não pensamos mais no caso. Ao
vo encontro e novamente pe-
tida a pergunta. Cham.: nos

O sr. Carvalho manipulando
sua complicada eletrônica.

...ão o fotógrafo e pusemo-lo
par do assunto, fazendo, po-
mil, nossas restrições quanto
à perfeita sanidade mental do
predito amigo.

— Não — disse o fotógrafo
— o homem não tem nada de
maluco. Conheço-o bem. Vamos
ao tal endereço.

Fomos. Batemos à porta e
viamos-nos frente a frente com
o sr. Carlos Vaz de Carvalho,
nosso velho conhecido, o qual,
apertando-nos a mão, nos le-
vou para dentro, com aquela seu
sorriso amável, mas sem pro-
ferir qualquer palavra.

Vimó-nos em uma ampla e
confortável sala, bem mobília-

mentos da Sinfônica de Belo
Horizonte.

Aos nossos ouvidos, chega-
ram logo os sons de uma linda
sonata de Stradelli. Compreen-
demos, então, de imediato, por
que o nosso amigo nos ialara
em «Sétimo Céu». Com efeito,
nenhum nome poderia ser mais
sugestivo nem mais apropria-
do àquele ambiente de elevação
espiritual. Nenhum som profa-
no perturbava a atmosfera de
quase religiosidade do recinto.
E confessamos que, não fôra
por dever do ofício, preferiria-
mos deixar-nos elevar às re-
giões do sonho, embalado pe-

com rara felicidade, o nome de
«Sétimo Céu».

Assim, pois, em um inter-
valo propício, abordámo-lo, e
ele, procurando diminuir, com
modéstia, o valor de sua inicia-
tiva, fez-nos a breve narrati-
va que aqui vai.

A NECESSIDADE DO DISCO

Transferindo-me do Rio pa-
ra Belo Horizonte, em 1938,
sentí, desde logo, a necessidade
do disco. Não havia, naquela
época, a colossal Sociedade de
Concertos Sinfônicos que hoje
floresce, nem Belo Horizonte
contava com um prefeito como



Em intervalo da audição, o maestro Santórsola, dr. Barroca Marinho, Tenorcello da ACSBH,
dr. Carvalho, presidente da mesma, e dr. Nansen de Araújo, vice-presidente, discutem um pro-
blema da Sinfônica.

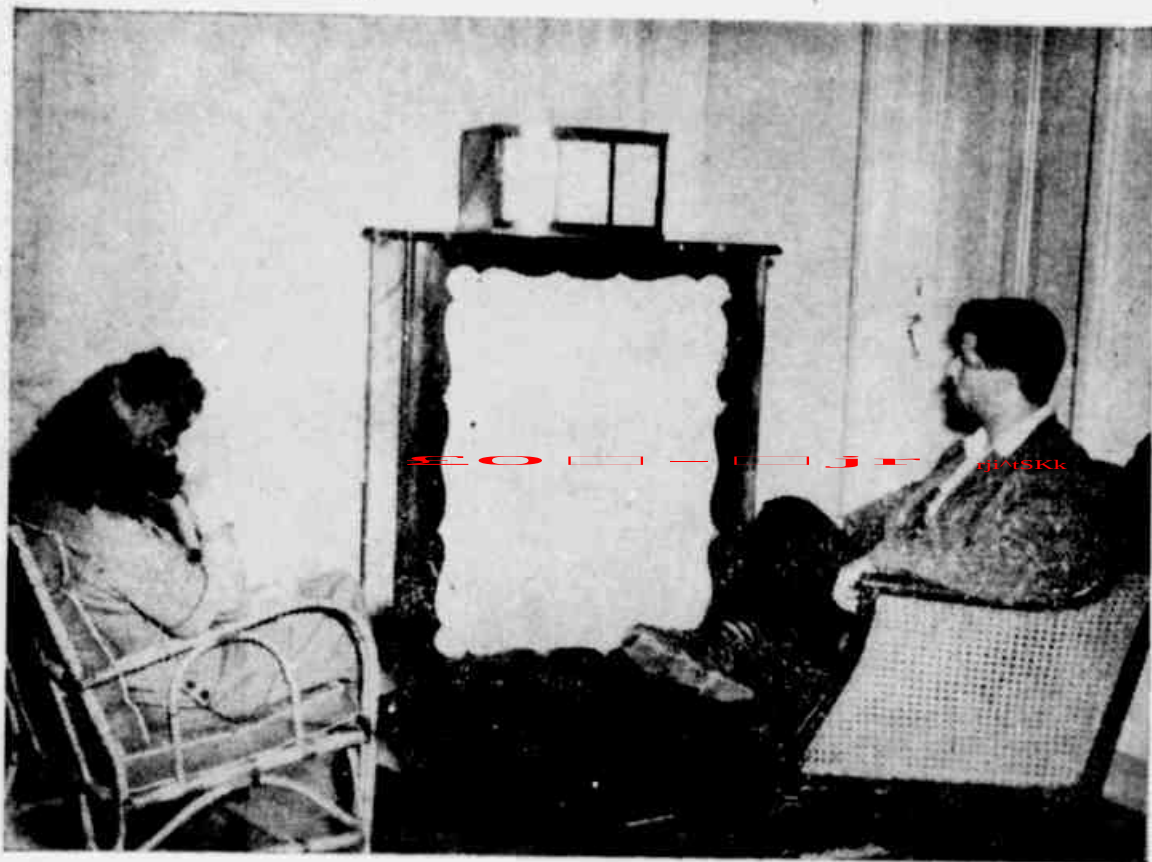
de e bem decorada, e onde se
encontravam algumas pessoas,
igualmente silenciosas, que
tudo bem por um gesto
de cabeça correspondiam ao
cumprimento. Entre elas,
reconhecemos, desde logo, o ma-
estro Guido Santórsola, o dr.
Barroca Marinho, o dr. Nansen
de Araújo, Célio de Abreu Ro-
sa Madam e Monsieur Riche-
pi Wladimir Brodski, Aris-
tides Wirsta, além de alguns ele-

los mágicos sons da melodia.
O que ali nos levava, porém, era,
além da curiosidade natural, o
compromisso assumido para
com Alterosa, de narrar aos
seus leitores a história do «Sé-
timo Céu».

Parece-nos, porém, mais in-
teressante que o próprio sr.
Carlos de Carvalho, com sua pa-
lavra fluente, contasse como
nasceu a ideia da criação do
seu clube de música, a que deu,

o sr. Otacilio Negrão de Lima,
com a coragem de construir
um teatro especialmente dedi-
cado à música.

Ora, para uma pessoa, como
eu, assídua frequentadora das
temporadas líricas do Municí-
pal do Rio de Janeiro, seria im-
possível viver assim divorciado
da música fina. Soube, então,
que se fazia música, regular-
mente, em casa do sr. Luiz Fo-
rain. Como, porém, não conhe-



O alto-falante, com dimensões rigorosamente técnicas. O grande, para os sons graves; o pequeno, em cima, para os agudos. A sra. Eliane Richepin e o sr. Wladimir Drobach ouvem um concerto de Wieniawsky, por Isaac Stern



Um dos inúmeros armários de discos. Vê-se o repórter, quando escolhia uma das músicas de sua predileção

cia o sr. Forain, nem possuía-
mos amigo comum, que pro-
movesse a nossa aproximação,
não me atrevi a ir à sua casa.

Deliberei, então, construir a
minha discoteca, o que fiz em
1940, iniciando-a com oito pe-
ças musicais. A conselho de
um amigo entendido, dediquei-
me, exclusivamente, à música
sinfônica e de câmara, entran-
do, assim, em um campo dife-
rente daquele que cultivava até
então. Alguns amigos passaram
a frequentar a minha casa, pa-
ra ouvir música, e residi, então,
a exemplo do sr. Forain, orga-
nizar reuniões regulares. Esta-
beleci, para isso, duas noites
por semana, com programa pré-
viamente organizado. O recinto
permanecia quase às escuras,
nela reinando completo silen-
cio. Eram tão agradáveis es-
sas tertúlias, que me ocorreu
dar à sala de audições o nome
de «Sétimo Céu», tal o êxtase
de que todos se sentiam possui-
dos naqueles momentos. E isso
me granjeou um círculo tão
grande de relações, que, se qui-
sesse prevalecer-me delas, teria
um grande contingente eleitoral
capaz de assegurar-me uma
cadeira de deputado.

Pensei, depois, em voltar pa-
ra o Rio, e, com grande pesar
para os «amigos» que frequen-
tavam o «Sétimo Céu», encer-
rei, em maio de 1944, as au-
dições. Meus negócios, porém,
tomaram tal impulso, em Be-
lo Horizonte, que, em breve ti-
ve que voltar, o que fiz com
imensa prazer, pois prefiro a
vida calma e sossegada da ca-
pital de Minas à vida trepidan-
te da «Cidade Maravilhosa».

Hoje, não faço as minhas rei-
niões em dias previamente fi-
xados, como dantes. Basta que
um amigo me telefone com uma
hora de antecedência, para ou-
virmos música em minha ca-
sa. A frequência não é tão gran-
de como nos velhos tempos,
porque hoje resido em porto
distante do centro, ao passo
que, naquela época, morava em
um apartamento no coração da
cidade, apartamento hoje ocu-
pado pelo mesmo sr. Forain,
que, agora — é excusado acen-
tuar — é um dos meus bons
amigos. Em compensação, o
ambiente onde vivo é muito
mais propício, minha discoteca
muito maior e minha vitrola
consideravelmente superior à
que eu possuía naquele tempo.

A DISCOTECA

— Minha discoteca não é das
maiores de Belo Horizonte, mas

(Conclui na pág. 70)

Como você pode vencer a Tuberculose



Ar fresco, exercício, boa alimentação e vida saudável continuam para evitar a Tuberculose.

Não permita a propagação da Tuberculose! A Tuberculose é mais frequente entre os 15 e os 45 anos. Não é hereditária, mais é muito contagiosa! E se propaga com mais facilidade entre pessoas de saúde abalada. Mantenham-se fortes e saudáveis — você e sua família — com uma dieta saudável e nutritiva, exercícios ao ar livre e bastante horas de sono. Não deixe de procurar seu médico regularmente, para um exame físico completo. Esta é a sua mais poderosa arma para vencer a Tuberculose.



A Tuberculose é uma doença contagiosa — evite contato com os tuberculosos.

A Tuberculose produz Tuberculose! Conheça as principais fontes de infecção (ilustração acima) e afaste-se delas. Cuidado com estes sintomas: constante perda de peso — falta de apetite e indigestões frequentes — cansaço ou fraqueza, escarros sanguíneos ou sanguinolentos — tosse persistente, rouquidão, dores no peito. Qualquer desses sintomas pode ser sinal de Tuberculose — procure logo seu médico. Lembre-se: A Tuberculose pode ser curada se tratada a tempo pelo seu médico.



Os Raios-X revelam a Tuberculose no começo — quando a cura é mais fácil.

Faça, todos os anos, uma Radiografia dos Pulmões! Uma radiografia dos pulmões descobre a Tuberculose muito antes que se declarem outros sintomas. A Tuberculose, em estado incipiente, quase sempre é curável. As novas drogas estão dando muito bons resultados, mas o diagnóstico precoce e o tratamento médico em tempo são as armas mais importantes. Se o seu médico constatar tuberculose, siga seus conselhos. Proteja-se — fazendo você e seus filhos — uma radiografia dos pulmões, hoje mesmo.

Esta publicação faz parte de uma série dedicada aos problemas de higiene e saúde pública. Lendo esta série, você verá como uma estreita colaboração com seu médico não só PROTEGE como também MELHORA o seu bem-estar físico e mental, permitindo-lhe desfrutar uma vida mais longa e saudável.



SQUIBB

PRODUTOS FARMACÊUTICOS
DESDE 1858

Se quiser receber, durante este mês, seu exemplar grátis do folheto "Como Proteger Sua Saúde", escreva para E. R. Squibb & Sons do Brasil, Seção de Publicidade, F-5, Caixa Postal 225-A - S. Paulo

Remover o maquillage?



a resposta é

YES

Eis uma das utilidades deste lenço de papel-pluma macio e absorvente: Remover maquiagem, excesso de batom ou esmalte. E pode ser usado também para:

- Assoar o nariz
- Limpar óculos
- Limpar vidros, etc.



Um produto

Johnson & Johnson

3.502-R

SEREIAS CAPIXABAS

(Conclusão)

lam sôbre as ondas num barco a vela, acenando para a praia, onde outras garôtas, não menos interessantes, cruzam a areia em tôdas as direções, mostrando-se numa variedade notável de modernos *maillots, shorts e slacks*. Um verdadeiro espetáculo de graça, elegância e beleza.

E foi aí que nos nasceu o desejo de fazer fotografias. Fotografias que pudessem levar a todo o Brasil, através das páginas de ALTEROSA,

um pouco dessa festa de graça e beleza que se pode sentir vivendo em Vitória.

Vendo e admirando essas belezas, como se fôssem a «própria manhã que se faz mulher», sentindo como a presença delas torna tudo azul, deliciosamente azul, poderíamos exclamar com tôda razão, dirigindo-nos aos moços: «Candidatai-vos, amigos! Casai-vos com elas e sereis felizes... mesmo sem dinheiro!»

*

OS NOSSOS IRMÃOS DA SELVA

(Continuação)

A viagem do nahquá, que transcorreu sem nenhum incidente, foi a nota mais sensacional na pacatez da base de Xavantina, que só é perturbada pelo ruído dos motores dos aviões que demandam aquela base.

De baixa estatura, sério, cabelos cortados à maneira dos franciscanos, vestindo um terno de brim ordinário, sem camisa, e sobraçando a sua encardida rêde, Kamalive — um índio destemido que atacou sozinho uma aldeia inimiga — desceu do aparelho, grave e sereno, como se estivesse acostumado a tais viagens. Em torno de sua pessoa, no campo de aviação, juntou-se logo uma porção de gente para ver e ouvir o franzino «capitão». E logo um mundo de coisas estranhas se abriu para Kamalive, a começar pelo caminhão, que ele jamais vira e no qual foi convidado a tomar assento. Depois, casas de tijolos, carroças, máquinas de debulhar milho e inúmeras outras expressões da nossa civilização, que ele contemplava, sem revelar o mínimo espanto. A mesa, quando se sentou pela primeira vez, todos admiraram seus modos corretos de proceder, nunca fazendo coisa alguma antes de observar como os outros agiam. Sem que ninguém lhe ensinasse, ele serviu-se da colher para comer o arroz com feijão e farinha. Não lhe deram carne, com receios de que lhe fizesse mal.

Depois do almoço, o engenheiro Roxo da Mota, então encarregado da base, na ausência do chefe efetivo, proporcionou a Kamalive um passeio a cavalo, — animal que ele não co-

nhecia e que montou desembaraçadamente — mostrando-lhe, na roça, o primitivo monjolo de socar arroz. Tudo o índio observava, como dissemos, sem a menor demonstração de espanto. O que, porém, o alai-mou foi uma brincadeira de mau gosto, partida de um médico que se encontrava a passeio em Xavantina e que, na usina geradora da energia elétrica, longe das vistas do chefe eventual da base, fêz Kamalive tocar num fio, que lhe deu tremendo choque. É desnecessário dizer que o gesto infeliz desse médico mereceu a reprovação de todos.

Após umas duas semanas, o nahquá, — que já havia aprendido a falar algumas palavras de nossa língua, afeiçoando-se deveras ao sr. Roxo, — regressou ao Culuene levando grande quantidade de presentes, muitos dos quais, pelo excesso de peso, tiveram de seguir em outro aparelho que, dias depois, rumou para aquelas bandas.

Agora, em junho último, ao passarmos por Xavantina, tivemos a triste notícia de que Kamalive havia morrido, vítima de uma quase fulminante pneumonia, apesar do pronto tratamento a que foi submetido, tendo tomado até injeções de penicilina fornecidas e aplicadas pelo pessoal do acampamento do Culuene.

USOS E COSTUMES DOS TAPIRAPÊS

Quando estivemos em Aragarças, na nossa primeira viagem ao Brasil Central, ciente-

(Conclui na pág. 70)

O BATISMO

COELHO NETO

ILUSTRAÇÃO DE MOURA

Espinhos das ásperas montanhas, topos e pedregais dos caminhos silvestres iam-lhes tomando, aos poucos, os vestidos.

Quase nus, os pés em sangue, os cabelos crescidos, ora dormindo à luz das estrélas, nos altos cimos frios, ora invadindo as cavernas molhadas, ela encolhida, a rezar no fundo do abrigo escuro; êle, de ronda fora, atento aos rumores da floresta e ao farfalho das fôlhas, na expectativa sempre de uma luta bravia com a fera, dona da humilde caverna.

Andavam errantes, fugindo à vingança de um fidalgo austero, simplesmente porque ela era a primogênita do nobre e êle apenas trovador.

Fugiam porque os corações pecaram, amando-se. O que lhes dava algum alívio nas horas de maior tristeza era o sorriso da criança, que, ora a mãe levava no colo, agarrada ao seio, ora o pai acariciava muito chegada ao coração.

Nessa jornada amorosa, através dos desertos não batidos, viviam como bárbaros, nutrindo-se de frutos, menos a criancinha, para essa sempre havia leite.

Certa noite parando em esteril monte a mãe desventurada notou que o filho estremecia. Pressentimento trágico agitou-a.

— Depressa, Alcindor. Água! Água, meu amor, que o pequenino morre!

— Água! — exclamou o trovador atônito, correndo olhares ansiosos por todo o escaldado monte.

— Sim! Depressa! Depressa... para batizá-lo!

A criancinha agonizava à luz dos círios pálidos do céu.

Alcindor desceu o monte aos saltos e ganhou a floresta da aba, em demanda de rio ou uma fonte onde apanhasse um pouquinho d'água.

Pobre Alcindor!

Não havia na floresta um veio! Em tôda a redondeza nem sinal de arroio!

Meia hora depois o trovador errante voltou com uma fôlha verde, vagaroso, passo a passo, para não perder o precioso achado:

— Edwiges, aqui tens. Tôda a água que encontrei na selva: duas gotas de orvalho numa fôlha.

— É tarde, Alcindor! O pequenino foi-se!

— Sem batismo! pagão!?

— Descansa! batizei-o. Tu não achaste fonte na floresta, eu achei-a bem perto. Olha, molhei-o todo.

— E onde descobriste a fonte, amor?

— No coração: batizei-o com lágrimas.



O SHERLOCK HOLMES

Martin Abramson



Da Vinci

Como se pôde descobrir que a segunda Gioconda não era autêntica — O dr. Maurice H. Goldblatt, cognominado o “Sherlock Holmes da arte”, tem métodos infalíveis para esclarecer quando se trata de uma obra-prima ou de uma cópia barata.

Uma réstea de luz do sol da tarde, garoando na penumbra do laboratório da Universidade de Notre Dame, desenhava uma grave figura contra a parte posterior de uma máquina espectográfica — engenhosa criação da ciência, geralmente usada pelos astrônomos para determinar os elementos das estrelas.

Cuidadosamente, o homem raspou, de não restaurada porção de uma pintura, uma pequenina quantidade de pigmento, e a colocou em um eletrodo. Então ele ligou a corrente elétrica, e o eletrodo foi juntado a um outro eletrodo que estava acima, para atingir um arco. E em uma fração de segundo o pigmento se transformou em gaz, e a cor assim formada refletiu numa chapa fotográfica as partes componentes duma minúscula partícula.

Uns trinta minutos mais tarde, o Dr. Maurice H. Goldblatt saiu do laboratório e foi ao escritório do chefe do museu de arte da universidade.

— Não é autêntico. — disse

êle, sem rodeios, ao grupo pasmado que o esperava.

— O senhor cometeu um erro colossal, — disse, cortando-lhe a palavra, uma mulher de meia idade, vestida com requinte, — tem de ser original. Eu paguei mais de 30.000 dólares por êle.

Mas os 30.000 dólares (cerca de 600 mil cruzeiros) tinham sido desperdiçados numa má cópia de uma pintura de um dos grandes mestres antigos do mundo da arte.

O Dr. Goldblatt e o espectógrafo haviam tirado provas incontestáveis. O branco usado na pintura era de zinco — um pigmento que havia sido inventado em 1787. O azul continha ferro manganês. Só o chamado «Azul Prussiano» contém ferro, e o Azul Prussiano foi inventado em 1704. Mas o grande mestre morrera mais de um século antes!

Como um detetive de arte, tendo poucos rivais onde quer que seja, o Dr. Goldblatt, nos últimos vinte e cinco anos, se tem empenhado em investiga-

ções habitualmente comparadas às de Sherlock Holmes ou de Dick Tracy.

A arte é uma criação de tal maneira evasiva, com tendências ao intangível, que muitas vezes é, para os trapaceiros, bastante simples ludibriar uma pessoa, fazendo-a pagar grandes fortunas em troca de cópias que êles alegam ser trabalho autêntico de famosos mestres antigos.

Para combater êstes falsificadores, o Dr. Goldblatt tem pôsto em ação uma elaborada série de planos caça-crimes, usados pelas melhores agências de investigações, para perseguir assassinos, peculatórios, falsificadores, e outros desta espécie.

Além do espectógrafo, seu laboratório de arte abrange raios ultra-violeta, Raios-X, produtos químicos, testes dactiloscópicos, e espectômetro.

O Diretor da Galeria de Arte da Universidade de Notre Dame, que é também um perito de arte a serviço do governo da França e perito-consultor de muitas das grandes galerias dos Estados Unidos, ajunta a êstes recursos da ciência o fator humano: memória fotográfica e um olho «terrível» para muitos detalhes que sempre escapam até mesmo as mais elaboradas pesquisas.

O mais brilhante sucesso deste detetive de arte foi o de deslindar o mistério que envolvia o roubo do original da «Mona Lisa» (também muito conhecido como «La Gioconda»), o mais célebre retrato jamais pintado. A obra-prima de Leonardo da Vinci foi arrebatada ao Museu do Louvre, de Paris, e a confusão criada por este roubo — magistral como a obra roubada... — foi igualada por outra quando, anos mais tarde, o quadro foi finalmente revisto em Florença, na Itália, e devolvido ao Louvre. E' que, subsequentemente, levantou-se uma controvérsia: seria verdadeira a «Mona Lisa» devolvida, ou apenas uma simples cópia? E um

DA ARTE

ponto em arte tinha encontrado a «Mona Lisa» que se pretendia fosse a original.

Quando a disputada pintura foi comparada à que estava no Louvre, a semelhança foi tão fantástica que os críticos de arte se viram atirados em desorientante confusão. Uma facção defendia a convicção de que o original da pintura de Leonardo da Vinci era a que estava no Louvre; e a outra jurava justamente o contrário.

Finalmente, Edouard Jones, crítico em arte do governo francês, viu-se incitado a uma ação inaudita. Ele pediu a um crítico americano, o Dr. Goldblatt, para decidir a momentosa questão. O «Sherlock Holmes da Galeria de Arte» se atirou ao trabalho e apresentou a solução final: o quadro do Louvre era, na verdade, o original — o outro era uma cópia (e o mais interessante: feita pouco tempo depois de ter sido pintado o original. As provas?

O Dr. Goldblatt descobriu que Leonardo da Vinci, grande engenheiro, sempre usara fórmulas geométricas ao delinear seus trabalhos de pintura. O famoso sorriso de Mona Lisa tinha sido fixado por meio de uma inclinação da linha da boca (na pintura original) no arco de um círculo que, quando prolongado, tocava os cantos laterais externos de ambos os olhos. A boca do quadro do Louvre estava inclinada desta maneira — mas a boca da outra pintura não estava. Também a distância entre a ponta do dedo mínimo e a imagem da pintura era a mesma tanto no quadro do Louvre como na fotografia tirada da original antes que ele fosse roubado. Na outra pintura a distância era um pouquinho menor.

E havia ainda outras discrepâncias. «Leonardo», explica Goldblatt, «era canhoto para pintar. Quando vai dar pinceladas horizontais, uma pessoa que é canhoto movimenta seu pincel da direita para a es-

querda; já a pessoa que não é canhoto, movimenta-o da esquerda para a direita. As pinceladas horizontais da cópia — ao contrário das do original do Louvre — eram da esquerda para a direita».

Mas o ponto que apresentava argumento irrefutável estava ainda por vir. No «background» (último plano), logo atrás do ombro esquerdo de

Mona Lisa, aparece uma pequenina ponte. Na pintura original, como foi fotografada, a ponte tinha três e meia aberturas, cada uma delas arqueada no topo. Mas a cópia apresentava uma ponte com quatro aberturas, todas do mesmo tamanho e, ainda por cima de formato retangular. Esta diferença decidiu e pôs fim à questão.

Um notável caso de Goldblatt, que assumiu desusadas feições, foi investigado recentemente em New York. Presenciando um leilão em Gotham, o procurador Bailey Stanton, de Chicago, comprou o retrato de um oficial militar por 127 dólares e 50. Quando chegou à sua casa, começou a refletir sobre a compra que fizera, recordando-se de que o leiloeiro se decidira a aceitar seu lance

(Continua na pag. 61)





Leonor Telles

«A luz... Esparzi-la é o
mais alto destino que o
homem pode atingir...»

AS grandes, as belas, as boas coisas só se fazem quando se é bom, belo e grande. Mas a condição da grandeza, da beleza, da bondade, a primeira e indispensável condição, não é o talento, nem a ciência, nem a experiência: é a elevação moral, a virtude da altivez interior, a independência da alma e a dignidade do pensamento e do caráter. (Antero de Quental).

De Pearl Buck: «Seu espírito era uma taça de cristal; o trabalho de arte estava acabado, e a taça unicamente esperava que a enchessem.»

Com toda a vossa ciência, podeis dizer como e de onde vem a luz para a alma? (Thoreau)

No mais puro de nosso coração paira a aspiração de nos entregarmos espontaneamente por gratidão, a algo mais alto, mais puro, ignoto, em que se revelaria o mistério do ser eternamente inominado. Chamemo-lo: ser piedoso. Sinto-me participante de tal elevação espiritual, quando estou diante de ti. (Goethe)

De José Ingenieros: — «Aquêle que não emudece lendo Dante, contemplando Leonardo, ouvindo Beethoven, pode jurar que a natureza não acendeu, em seu cérebro, a tocha suprema.»

Divino Pan — e vós deuses outros destas paragens! Dai-me a beleza da alma, a beleza interior... (Sócrates)

De Elisabeth Leseur: «Nada desprezamos: nem os homens, porque o pior deles contém a centelha divina que pode sempre surgir; nem as idéias, porque no fundo de cada uma delas há sempre, nem que seja uma partícula de verdade, que é preciso saber descobrir; nem as ações dos outros, porque ignoramos muitas vezes o móvel, e sempre a consequência providencial e longínqua dessas ações...»

Dostoiévski disse que a beleza salvará o mundo... e é a beleza quem salvará minha alma... (Alia Rachmanova)

FUGA

De Robert Nathan: «Os homens aprenderam a utilizar-se do ar, da terra e de todos os metais, a voar acima das nuvens, e falarão-se além dos mares. Mas não aprenderam ainda a empregar a força que está em seus próprios corações. Eles ainda nem vislumbraram as maravilhas que têm pela frente.»

O homem é um grão divino que nasce para frutificar sobre a terra... (Gorki)

De Thoreau: «Se por um momento abandonássemos nossos eus insignificantes, se não desejássemos mal a ninguém, se não teméssemos o mal, se passássemos a ser apenas como o cristal que reflete os raios do sol — o que não refletiríamos nós! Que universo cristalizado e radiante não surgiria em torno de nós!»

De Renato Kehl: «A inteligência dá ao homem o recurso de conjugar o verbo viver: tu vivo, tu vives, ele vive, mas não lhe concebo o favor de saber o que de fato seja a vida, tanto assim que os poetas ainda perguntam: — Que é a vida? Uma ilusão? Sombra, sonho, uma ficção?»

FALE AOS
CORACÕES
COM A



CHAVE DO CORAÇÃO

Não há presente mais delicado — nem lembrado
mais longamente e com mais carinho pelos noi-
vos — do que a **Chave do Coração** para um dos
românticos apartamentos de Quitandinha.

A **Chave do Coração** — folheada a ouro e
apresentada em rico estojo de veludo — dá
direito à permanência de 7 dias — refeições
normais incluídas — para um casal em lua de
mel, em apartamento de frente do maravilhoso
Hotel Quitandinha. . . “O orgulho do Brasil!”

Q HOTEL
UITANDINHA
PETRÓPOLIS
Fone 175

Um caso de charlatanismo que põe em evidência a incapacidade de raciocinar dos fanáticos.

Conselho Universal de Pesquisas Psíquicas. É que le que apresentasse um fenômeno psíquico que não pudesse ser reproduzido por meios naturais. O espiritismo goza das regalias de uma religião como as outras. Os médiums adotam geralmente o título de pastores ou ministros, chamam templos aos lugares de suas sessões, e mantêm uma aparência de culto entoando hinos e fazendo orações. A maioria dos estudos americanos permite que eles oficiem em batismos, casamentos e enterros.

Esses médiums, em regra, não exigem remuneração pelos seus trabalhos, mas aceitam doações «offerings», esportulas de amor. Quando os censuram por isso, eles trazem a lembrança de seus acusadores as coletas que se costumam fazer nas igrejas. Os médiums de materialização, neste ponto, são privilegiados, e os poucos dessa especialidade, entre os quais a sra. Burdick, constituem o escal da profissão, atraem a clientela mais sólida, e recebem as mais belas «esportulas do amor».

A SRA. BURDICK É

JOHN KOBLER

A sra. Beulah L. Burdick mora em Nova York e é uma mulher gorda e amável, beijando os sessenta anos. Dá os ares de uma rainha aposentada de pantomima, porém é médium profissional. Mais especificamente — é médium de materialização. Seus colegas de ambos os sexos somam aproximadamente um milheiro em todo o país, tendo uma clientela de dois milhões de pessoas, que lhes pagam desde 1 até 50 dólares para se comunicarem, numa sessão, com os entes queridos de que foram separados pela morte.

Embora os médiums pululem, nenhum deles ainda ganhou os 10.000 dólares oferecidos pelo

O templo da sra. Burdick tem a denominação de Divina Missão Cósmica e consta de uma simples saleta no apartamento em que ela mora com o marido, o «professor» Burdick, que de dia mantém um curso de frenologia na Broadway, e de noite assiste em casa às sessões. Quanto à sra. Burdick, anteriormente «lia sortes» em bolas de cristal.

Fiquei sabendo da existência da sra. Burdick em virtude de um artigo a seu respeito que li no Observador Psíquico, o importante periódico espirita que se publica quinzenalmente em Jamestown, estado de Nova York, e em que um crente, que assistira a uma de suas sessões, dizia entre outras coisas:

«Meu querido avô Reuben materializou-se em volta numa capa «Príncipe Alberto» exatamente igual à que usava antes de se ter desenhado. Minha tia Sara, que deixou seu invólucro corpóreo há trinta e cinco anos, apareceu e falou com voz suave e clara. Estava lindamente vestida com alvos trajes de dobras fluantes debruados de preto. Minha avó, que também se materializou, ficou em dado momento um passo e desapareceu no chão aos nossos pés».

Ansioso de testemunhar esses prodígios, telefoniei à sra. Burdick, pedindo-lhe licença para assistir a uma sessão; ela, porém, com uma voz que mais parecia um rugido, exigiu que eu fôsse procurá-la pessoalmente.

Na manhã seguinte dirigi-me ao apartamento da sra. Burdick, sito no sexto andar de uma casa da Rua 130. A médium era de aspecto imponente. Calculei-lhe o peso num 120 quilos aproximados. Tinha cabelos oxigenados e vestia um leve «negligé» casado orlado de penas.

— Como passa, meu caro? — perguntou, esmagando-me a mão entre as suas. — Tenho a





... dado ocupadíssima! Estive em Kansas City prestando serviços na igreja de um amigo. Desde que cheguei não tive tempo para realizar nenhuma sessão. Nem pude continuar meu

MÉDIUM

aprendizado com um colega...

— Seu aprendizado?

— Sim, sou médium, mas procuro desenvolver-me ainda mais...

Ela empurrou-me para a sala de sessões, fez-me sentar num divã e instalou-se numa poltrona, em frente. Além desses dois móveis só havia ali um dúzia de cadeiras. Em frente existia um exíguo gabinete, ao qual servia de porta uma cortina de veludo negro.

— Disse que leu o artigo do **Observador** a meu respeito, não é, meu caro? Não achou interessante? Não lhe desagradou levar alguns exemplares para mostrar a seus amigos? — Antes que eu pudesse responder ela precipitou-se para fora da saleta, e regressou quase no mesmo instante com cinco exemplares, que enfiou nas minhas mãos. — Ao todo são setenta e cinco centavos. Deixe-os na mesa do hall quando se retirar.

Meu olhar surpreso foi atraído por um quadro de moldura dourada. Era o retrato, a pastel, de uma indiazinha pele-vermelha com o cabelo pendente em negras tranças.

— É o retrato de Águas Ridentes, — exclamou satisfeita a sra. Burdick. — Minha pequena guia espiritual. É sempre quem se manifesta primeiro. Desencarnou-se há noventa e sete anos. Tinha apenas nove anos, coitadinha quando sua canoa despenhou na catarata do Niagara. É uma criaturinha adorável. O senhor vai gostar dela!

Os guias dos médiuns americanos são quase sempre índios — explicaram-me — em virtude de terem sido os primeiros habitantes do país.

Qual foi o pintor?

Um dos meus alunos. Águas Ridentes teve a gentileza de posar para ele.

A sra. Burdick dizia isto com tanta natura-

lidade, que bem se via que para ela mortos e vivos eram a mesma coisa.

— Suponho que deseja comunicar-se com alguém, meu caro? — acrescentou ela rindo-se.

Expliquei-lhe que andava escrevendo uma série de biografias de personagens históricos e que por isso me seria muito útil poder entrevistar meus biografados.

— Históricos? — repetiu ela, refletindo. — Como Paul Revere, por exemplo?

— Realmente; e Paul Revere me poderia auxiliar bastante.

— Eles não gostam de testes e coisas semelhantes. — preveniu-me a sra. Burdick, brandindo um dedo gordo debaixo de meu nariz. — preferem falar espontaneamente e ficam aborrecidos com as pessoas que lhes pedem provas. Em minha última sessão estive aqui uma mulher muito tola que perguntou ao espírito do tio se ele ainda se lembrava do nome do hotel em que se hospedaram na última vez em que a levou a Washington. É claro que não se lembrava, pois isto se passou há cinquenta anos. E ele ficou tão contrariado, que até o fim da sessão não lhe pudemos arrancar nem mais uma palavra!

Nesta altura um homenzinho pálido e magro enfiou a cabeça no vão da porta, sorriu vagamente para nós, e dirigiu-se para o lado do saguão.



— O professor Burdick, meu marido, — disse a médium. — É quem me auxilia nas sessões.

Segundo parece, sua impressão a meu respeito foi favorável, pois disse-me que eu podia assistir à sessão daquela noite. Paguei os exemplares do *Observador* e retirei-me.

Quando voltei à hora designada, oito da noite, já lá encontrei quatorze pessoas sentadas rente às quatro paredes da saleta. Todas eram idosas, e pelo menos metade, pelo que inferi de seus sotaques, estrangeira. A pouca altura pendia do fôrro uma lâmpada sem quebra-luz.

No gabinete contíguo via-se agora um tamborete acolchoado. A sra. Burdick se encontrava nas proximidades; percebi que de vez em quando nos espionava, aguardando, sem dúvida, ocasião propícia para fazer uma entrada sensacional. O professor tomou-me a capa e o chapéu e fez-me sentar numa cadeira entre um velho esquelético e uma mulher miudinha e corcovada que resmungava coisas em sotaque alemão. Entre os demais assistentes viam-se dois gêmeos melancólicos, que trauteavam surdamente um hino; três gordalhonas risonhas, evidentemente amigas que se haviam reunido para irem juntas à sessão; e dois homens com perto de oitenta anos, que discutiam acaloradamente em espanhol.

Em dado momento soaram no saguão fortes passadas de alguém a aproximar-se.

— É ela! — murmurou, excitada, a alemã minha vizinha.

Reinou silêncio na saleta.

A sra. Burdick entrou com a imponência de uma imperatriz numa recepção em palácio. Usava outro «negligé» alvíssimo, e trazia os cabelos oxigenados presos por uma fita. Sorriu para seus fiéis clientes, beijou algumas conhecidas na frente, e apertou gravemente a mão dos mais.

— Estamos na hora de nossa pequena reunião, — disse, muito alegre. — Antes de tudo peço a dois dêsses cavalheiros que revistem o gabinete. Verifiquem bem que não existe nenhuma porta secreta... Ah, ah, ah! Certa mulher disse há tempos: «Deve-lhe custar muito caro contratar tantos atores!»

Todos riram-se ruidosamente do absurdo dessa insinuação.

Nesses entretimentos foi feita pelos dois gêmeos melancólicos a inspeção do pequenino e abafado gabinete contíguo.

— Será bom que agora duas das senhoras me revistem! Bem sabem que costume esconder gaze em meus vestidos, para fingir que é ectoplasma...

Esta piada provocou novas gargalhadas.

— Agora um aviso para os senhores que ainda não assistiram a sessões. Alguns podem ficar decepcionados porque os espíritos das pessoas queridas não se apresentam com o mesmo aspecto que tinham na vida terrena. É claro que eles sofrem transformações no outro mundo. Não perturbem os trabalhos quando algum espírito se materializar, mas podem cantar à vontade. Não somente hinos. Os espíritos gostam muito das antigas canções. Quando seus mortos queridos aparecerem, levantem-se para saudá-los. E conversem com eles, para não terem a impressão de serem uns intrusos e indesejáveis. Mas nunca lhes toquem, a não ser que eles o peçam. Seria o pior que os senhores poderiam fazer!

Um dos octogenários espanhóis levantou-se para explicar que pouco entendia o inglês, e perguntou se os espíritos não podiam conversar com ele em sua língua natal.

A sra. Burdick achou muita graça no pedido.

— Não é possível, meu caro! Decerto é notório nestas coisas, pois a língua universal do mundo dos espíritos é a inglesa. Todos eles têm precisão de aprendê-la. Imagine que confusão seria se cada qual falasse a sua língua terrena! Por que é a inglesa e não outra? É o que não sei explicar. São coisas do Além, incompreensíveis para nós... Bem, agora vou cair em transe. Vou dormir um sono profundo e sossegado!

Dito isto, entrou no gabinete. O professor cerrou a cortina de veludo negro, apagou a lâmpada da sala, e acendeu outra, pequenina, de mortíça luz infra-vermelha, existente em cima da porta. À sua claridade todas as formas se tornavam indecisas e empastadas. Colocando-se ao lado da cortina o professor proferiu as orações, que foram seguidas de um hino «espírita». E o crescendo das vozes se tornou tão forte, que a sra. Burdick poderia vestir uma armadura sem que ninguém escutasse qualquer ruído.

De repente o professor fez: «Pssit!»

Atrás da cortina uma voz incerta e trêmula de criança idiota silvou:

— Alô!

— Alô, querida! — responderam em coro os assistentes.

— E' Águas Ridentes, — cochichou-me a alemãzinha.

De trás da cortina saltou um vulto corpulento que daria para fazer três pequeninas índias... ou uma sra. Burdick. Branco véu o recobria da cabeça aos pés e tinha longas tranças negras. O vulto deu volta à sala, chamando a cada qual dos assistentes «Tio» ou «Tia», e proferindo gracejos extravagantes e trocadilhos de mau gosto.

— Como é espírita — disse uma das três gordas. — Nunca ouvi coisas tão engraçadas!

— Ela é impagável!

— Querem sentir o meu perfume? — perguntou Águas Ridentes — E agitou seu véu, espalhando forte aroma de extrato de alfazema. — Muitos espíritos gostam, como eu, de manifestar-se — acrescentou — e minha médium é a melhor que existe! Os espíritos que se manifestam por meio dela não sentem dificuldade em exprimir seus pensamentos, ao contrário do que em geral acontece com outros médiuns menos desenvolvidos.

Depois deste elogio voltou rapidamente para o gabinete. Os assistentes entoaram uma antiga canção de amor.

Súbito ouviram-se as palavras:

— Ó tia Adelaide!

Adelaide, vibrante de comoção, pôs-se instantaneamente de pé.

— Está aqui uma senhora que diz ser sua mãe. Eu vou mandá-la aparecer.

De trás da cortina saiu a mesma figura, mas sem as tranças. Adelaide adiantou-se de braços abertos para ela; mas o professor interps-se.

— Não lhe toque! — recomendou.

— Deus a abençoe, querida mãe! — sorriu Adelaide. — Que felicidade sinto em vê-la!

— Estou satisfeita por ver você com saúde, minha filha, — disse a aparição, cuja voz era agora grossa e pausada.

— Acha-me com saúde, mamãe? O dr. Gillis diz que não tenho melhorado.

— É engano dele, filha! Você está muito, muito melhor.

— Oh, fico tão satisfeita ouvindo isso! Querida mãe, que me diz a respeito de Ester? Seu espírito vai libertar-se logo? Ela tem sofrido tanto!

— Não nos temos esquecido dela, querida, mas creio que ela virá reunir-se a nós neste inverno.

— Será um grande alívio, coitada! — E voltando-se para uma das amigas: — Venha aqui, Georgia! Quero apresentar-lhe minha mãe.

Georgia aproximou-se pisando de manso.

— Como passa, sra. Horstelman? Sinto muito prazer em conhecê-la.

— E eu também, em conhecer uma amiga de minha Adelaide!

O «Espírito», segundo parecia, deixou-se abater em excesso pelo interesse da conversação, pois inadvertidamente começou a falar com o tom de voz da sra. Burdick. Mas ninguém o notou, e menos ainda Adelaide, que parecia extasiada, toda entregue ao prazer que lhe proporcionava aquela antiga trigue de vãs e cabeleiras postizas.

Uns após outros, todos os assistentes receberam a visita de espíritos que evidentemente reconheciam como sendo seus mortos queridos. Os mais favorecidos receberam a visita de quatro ou cinco e foram acariciados e beijados. Mas, quer fossem de crianças, quer de adultos, os espíritos tinham sempre aspecto exatamente igual. Os de homens não saíam do trás da cortina, donde falavam com voz forte e grossa. Davam conselhos médicos, faziam previsões sobre negócios, e ensinavam o modo de confortar os amigos e confundir os inimigos. Com frequência os espíritos diziam:

— Sendo este assunto muito íntimo, não pode ser tratado em presença de estranhos; só em sessão particular.

E uma sessão particular rendia à sra. Burdick cinquenta dólares.

Compreendi que fôra chegada minha vez quando a voz aguda de Aguas Ridentes balbuciou:

— Está aqui um homem de chapéu engraçado e roupa esquisita. Penso que deseja falar-lhe, tio John!

— Quem é ele?

— Diz que se chama Paul... Paul Revere!

— O senhor queria conversar comigo? — perguntou o fantasma.

— Sim — disse eu. E acudiu-me no momento esta pergunta: — Todos nós sabemos que o senhor não se chamava realmente Revere. Qual era seu verdadeiro nome?

— Qual era? — E o tom da voz baixou tanto que se tornou um sussurro. — O nome... Não sei dizer...

— Oh! — exclamou Aguas Ridentes — A força de minha médium está se esgotando!

— Ora, ora! — insisti. — O senhor não há de ignorar, sem dúvida, o seu próprio nome!

O professor admoestou-me apressadamente:

— Nunca fale assim aos espíritos! Algumas vezes eles não se podem recordar de certas coisas.

— Oh! o amigo não está devidamente preparado para assistir a uma sessão! — observou um dos presentes.

— Nesse caso não deveria ter vindo! — disseram Adelaide e Georgia ao mesmo tempo.

Ele já retirou-se, — disse Aguas Ridentes.

(Conclui na pág. 72)

Óleo PALMOLIVE

APRESENTA

o penteado do mês



Criação de Acessato

Amacie e perfume
os cabelos com

Óleo PALMOLIVE



Cabeleiros famosos recomendam o Óleo Palmolive para manter a PERMANENTE e conservar os cabelos mais brilhantes, mais macios e fáceis de pentear. Óleo Palmolive, tão bom para dar vida e beleza à PERMANENTE, é também maravilhoso para conservar a ondulação natural mais perfeita e atraente. Óleo Palmolive, feito de óleos super-refinados, realça a beleza dos cabelos, tornando possível qualquer penteado!

CORÉIA, UMA NAÇÃO TRÁGICAMENTE MUTILADA

LOUISE WEISS

Este artigo foi escrito poucos dias antes da invasão da Coreia do Sul pelas forças comunistas da zona norte do país, dominada pela União Soviética.

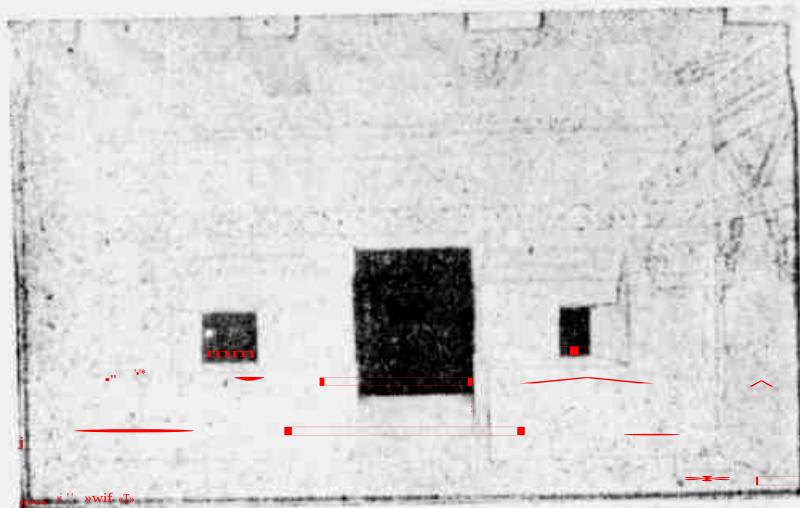
É um trabalho de observação pessoal, que dá uma idéia da situação política, econômica e social da Coreia, ao mesmo tempo em que esclarece as origens desse povo pouco conhecido do Ocidente. Sadio da pena de uma jornalista francesa, reveste-se das características de imparcialidade e sinceridade que o tornam atual em face do conflito em que se empenham ali os americanos contra os comunistas.

Em 1943, no Cairo, e em 1945, em Potsdam, os Aliados resolveram criar uma Coreia independente. Com esta intenção, houve um acordo militar por ocasião da vitória comum, para, ao norte do 38º paralelo, se confiar o desarmamento dos japoneses

derrrotados aos russos e, ao sul, ao exército norte-americano. Depois de restituídos os japoneses a seus lares, dever-se-iam realizar eleições livres, para os coreanos terem o governo que preferissem. Feito isso, os exércitos americano e russo deveriam reti-

rar-se. Tais foram as convenções.

Mas ocorreu coisa muito diferente. Os japoneses, de fato, foram rapidamente desarmados, mas os russos e os americanos, tanto diretamente como por intermédio da ONU, não puderam entrar em acordo a respeito do estatuto da Coreia independente, que eles haviam desejado e prometido aos coreanos. Procurando tirar vantagens de sua presença ao norte do paralelo 38º, os russos empreenderam organizar toda a Coreia numa República Democrática Popular, obedecendo aos moldes das outras organizações soviéticas da Sibéria, com o morticínio dos raros elementos cidadãos burgueses, deportação dos agricultores abastados, fechamento das igrejas cristãs, e, nas eleições, votação obrigatória em candidatos escolhidos por eles, de acordo com sua técnica habitual. Indignados, ao mesmo tempo que retiravam seu exército de ocupação da Coreia do Sul, os americanos não os deixaram empregar nesta seus métodos.



Este sepulcro do século V faz lembrar os mastabas egípcios e este pagode assemelha-se à pirâmide de degraus de Zóser

Providenciaram para que em sua zona se realizassem eleições livres, e estas deram a maioria ao atual governo constitucional do presidente Shyngman Rhee, modelado pelo das outras democracias do mundo.

A COREIA ANTES DO SÉCULO XX

A história antiga da Coreia perde-se na noite dos tempos. As infiltrações japonesas modernas só começaram, realmente, depois da vitória do Japão contra a Rússia, em 1905. Anteriormente a Coreia era um território fechado que durante muito tempo vivera sob a suzerania da China, mas que os imperadores de Pekin nunca puderam submeter completamente. As permutas de embaixadores e o pagamento dos tributos nunca se efetuavam sem lutas. Os estrangeiros eram massacrados. Em 1895, quando a China renunciou à sua soberania, Seul transformou-se numa espécie de pequena Pekin, com pavilhões encimados de dragões, e gênios adormecidos à margem de lagos recobertos de nenúfares.

Os chineses penetraram pela primeira vez na Coreia cerca de 1.000 anos antes de Cristo. Nela encontraram uma população de origem desconhecida que vivia em cavernas e que eles civilizaram. O budismo penetrou nessa península nos fins do século IV da era cristã e de lá passou para o Japão. A Coreia foi, aliás, a maior artéria por onde a civilização chinesa penetrou na Extrema Ásia. Servem de prova os monumentos, a pintura e a cerâmica. Foram feitos interessantes cotejos, por exemplo, entre os templos de Kyoto e Nara, e os templos da Coreia. O braço de mar que separava os dois países era fácil de transpor. As guerras e o comércio multiplicavam os contactos e as permutas.

—

Certos coreanos não renunciaram ainda a seus costumes nacionais. Esta jovem cantora coreana, que vemos embaixo, também permanece fiel a seu tambor



Mas a Coréia apresenta, além disso, grande quantidade de edifícios que se apresentavam com as pedras e monumentos das civilizações não chinesas, com os rochedos druídicos, ou os mastabas do antigo Egito. Nela se encontram monumentos funerários semelhantes à pirâmide em degraus de Zozer (planalto de Saggarah). E outros, ainda, inspirados nos primeiros, que se transformaram em pagodes, em vez de evoluírem para as pirâmides lisas, como as de Gizé. Surge, a respeito, o problema das influências desconhecidas. Ou talvez a arqueologia chegara à conclusão de que as civilizações de certa idade mental produzem sempre as mesmas construções, os mesmos ornatos e os mesmos objetos artísticos. Encontrei a serpente de penas, o Quetzacoatl do México, em traves que sustentavam o teto dos templos, no campo dos arredores de Seul.

A CORÉIA ATUAL

No ano de 1849 da era cristã a Coréia estava no ano 4.000 e tantos de seu calendário. Como patrono de sua juventude independente ela reconhecia o legendário e belicoso Togun, herói nascido de um urso de suas montanhas e de uma belíssima mulher.

Por ocasião de minha estada em Seul (1.500.000 habitantes) a Coréia continuava dividida pelo 38º paralelo e sofria consideravelmente com essa separação. O Norte, que possuía carvão e força hidrau-

lica, privava o Sul de calor e de luz. Em compensação, passava fome, porque a maior parte do arroz era produzida no Sul.

O general Roberts, que em 1944 levava sua divisão motorizada desde a Normândia até Saxe, instruída, auxiliada por quinhentos auxiliares, o exército da Coréia do Sul. Mostrava-se satisfeito com as aptidões militares daquele povo. Os descendentes de Togun eram, de fato, belicosos, ao contrário dos chineses que apenas gostam do comércio. Mas a América ainda se achava presente, sob outro aspecto, na Coréia. Peritos civis, técnicos de todas as espécies, faziam parte da embaixada dos Estados Unidos em Seul e aconselhavam os funcionários de Shyngman Rhee, aos quais às vezes faltava certa experiência ao se sentarem nos lugares ocupados durante tantos anos pelos japoneses.

A Coréia do Sul podia exportar minério de tungstênio, grafite, peixes e plantas medicinais, principalmente o ginseng, cultivado debaixo de abrigos de palha. E tinha necessidade de víveres, matérias primas, carvão, adubos, gasolina, óleo, papel, sal, máquinas e utensílios. A agricultura sofrera muito com a guerra. A regeneração das terras e o reflorestamento estavam na ordem do dia. As grandes propriedades dos japoneses foram retalhadas e entregues aos camponeses, o que constituiu a primeira fase da reforma agrária, a mais fácil de todas. A indústria da pes-

ca ia ser reequipada. A grande preocupação da América era que a fome — espectro familiar no Extremo Oriente — fosse definitivamente extinta na Coréia.

Em conclusão: os Estados Unidos mostraram-se muito generosos em relação a esse país. De 1945 a 1948, Washington deu-lhe 250 milhões de dólares, destinados principalmente à compra de víveres, adubos e maquinários agrícolas. Foram previstos outros financiamentos, principalmente o de importações provenientes do Japão. Outros presentes: 101 locomotivas e diversas máquinas, 32 milhões de dólares em vários investimentos e grande volume de equipamentos militares.

Chefiado pelo presidente Shyngman Rhee, o governo compunha-se de patriotas que durante toda a sua vida, e o mais das vezes do estrangeiro — das Filipinas, da China, da Índia e dos Estados Unidos — haviam combatido a ocupação nipônica. Eles achavam-se animados dos princípios constitucionais e sociais que até os nossos tempos asseguram a vida, a ordem e o progresso às democracias do Ocidente. O terrível e estéril isolamento da Coréia, que somente se franqueou às influências externas na segunda metade do século XIX, havia definitivamente terminado. O coronel B. C. Limb, ministro do Exterior, declarou-me:

— Nestes anos críticos em que cinquenta nações aliadas lutam contra o comunismo,



COMPANHIA DE SEGUROS

MINAS-BRASIL

SEDE SOCIAL - BELO HORIZONTE - C. POSTAL, 426

SEGUROS DE VIDA • SEGUROS COLETIVOS

Os planos mais modernos na apólice mais liberal.
INCÊNDIO • TRANSPORTES • AC. PESSOAIS • AC. DO TRABALHO

SUCURSAIS E AGÊNCIAS EM TODOS OS ESTADOS DO PAÍS

nossa Coréia não se encontra na vanguarda da liberdade? Se malográssemos na defesa dos princípios democráticos, não só trairíamos nossos amigos, como também cometeríamos um crime em relação às gerações futuras...

FOI DE SORTE...

Uma americana, a sra. Hudson Robinson, encontrou no corpo de uma carpa um brinco que, dois anos antes, ela perdera, numa ocasião em que fôra visitar um viveiro de peixes.

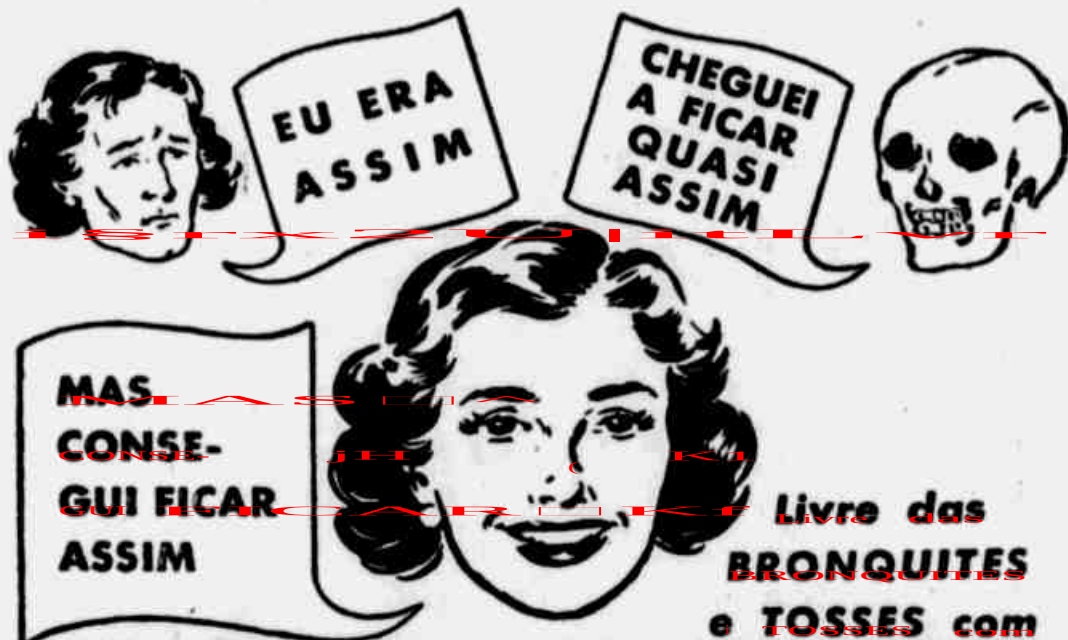
O SHERLOCK HOLMES... (Continuação)

final depressa demais. E então resolveu levar a pintura ao Dr. Goldblatt. E o «veredicto» final deixou-o estonteado! Era verdade que o quadro não valia cento e vinte sete dólares e cinquenta! Entretanto, valia 100.000 dólares! (Cerca de dois milhões de cruzeiros).

Pela lembrança de rostos das Galerias de Arte e pelas rachaduras da pintura, Goldblatt concluiu que se tratava de um retrato de Lafayette, que tinha pelo menos uns cento e cinquenta anos. Era, porém, original, ou uma cópia? O espectômetro esclareceu isto. Em uma pintura original há, geralmente, camadas que representam tentativas que o artista criador recobre quando muda de idéias. Estas camadas podem ser observadas, pois aparecem sob os raios de luz. Quando uma pintura é copiada, é lógico que apenas são reproduzidas as linhas finais do trabalho. O retrato de Lafayette apresentava um grande número de alterações. Era, pois, original.

Mas quem era o pintor? Ao Sherlock Holmes do mundo da arte, parecia ser John Trumbull, um dos artistas americanos de maior valor. Retratos mais antigos, pintados por Trumbull, mostravam que a iluminação do cabelo, a pintura das dragnas, as pinceladas, a grande intensidade de luzes nos botões de metal, e centenas de outras minúcias vitais, eram idênticas aos métodos de pintura empregados no retrato de Lafayette. Era mesmo um trabalho de Trumbull — e valia 100.000 dólares!

Além da consulta a um perito em arte, de grande experiência, não há prova com por cento
(Conclui na pag. 71)



ALCATRÃO E JATAHY PRADO

Distribuidores — ARAÚJO FREITAS & CIA.

ELA PRECISA AGORA!



Agora mesmo, sem dúvida! Não deve esperar que a debilidade orgânica ameace tornar-se doença mais séria. E aí está um tônico: — a Emulsão de Scott — rica em vitaminas, cálcio e fósforo, que tonifica por nutrição, que robustece o organismo. Do mais puro óleo de fígado de bacalhau. Comece já!



MUSEU DO OURO

DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA E ARTÍSTICA DO CICLO DO OURO EM MINAS GERAIS

Aberto diariamente das 12 às 17 horas

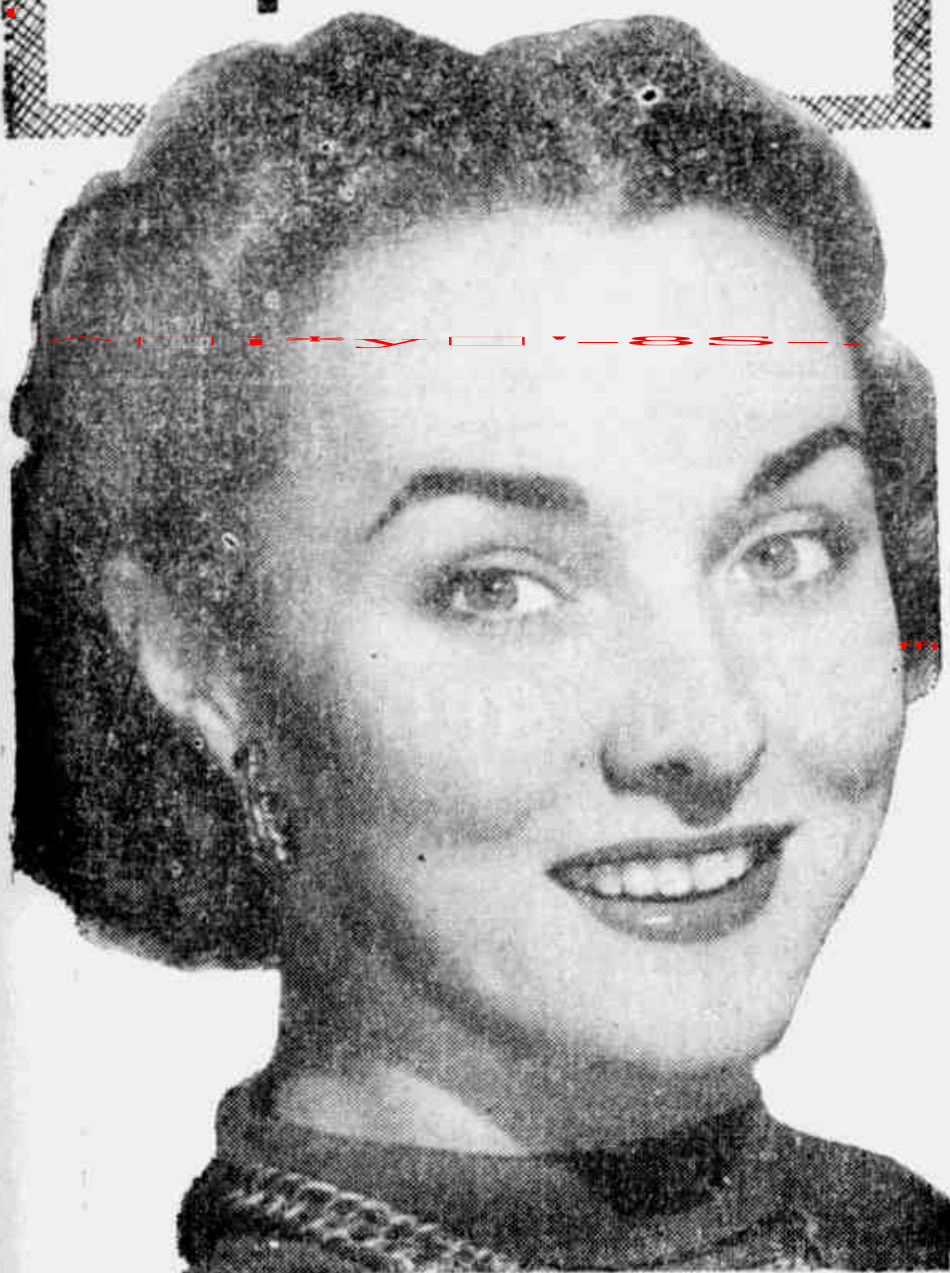
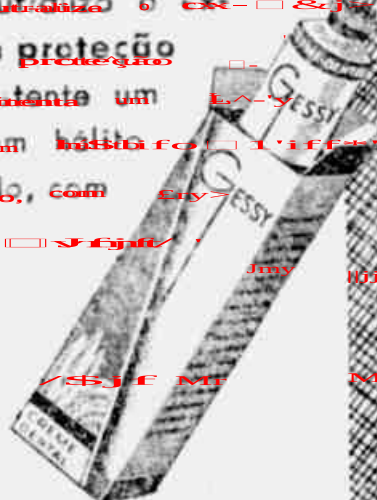
(Fechado às segundas-feiras para limpeza)

GESSY tem **AÇÃO EXPANSIVA**

para que seus dentes tenham
PROTEÇÃO TOTAL

A espuma gostosa e abundante do Creme Dental Gessy expande-se por toda a área interna da boca, limpa onde a escova não alcança, combate a fermentação dos resíduos e neutraliza o excesso da acidez... assegura proteção total para os dentes. Obtém um sorriso sempre lindo e um hálito sempre fresco e perfumado, com Creme Dental Gessy.

Creme Dental
GESSY



NA literatura infantil da língua inglesa — a mais rica talvez pelo valor e pelo número de obras-primas escritas para crianças por autores de renome mundial — dois livros encabeçam a lista internacional dos «best-sellers» — os livros mais lidos: em primeiro lugar vem «Alice no País das Maravilhas», de Lewis Carroll, do qual Monteiro Lobato deu às crianças brasileiras uma versão em português, e, logo em seguida, «Peter Pan», de James Barrie. Alice é cerca de quarenta anos mais velha que Peter. Mas, ambos estão impregnados daquele delicioso espírito do «non-sense» tão tipicamente britânico, que é o próprio espírito da infância eterna. E as duas histórias têm origem idêntica: antes de escritas, foram contadas a um grupo de crianças por um homem que não era seu pai, mas um amigo que as tratava em pé de igualdade, preferindo sua companhia ao convívio dos adultos. Um homem que sentia saudades da própria meninice, a ponto de só sentir-se bem brincando com crianças, sendo capaz de «fazer de conta», de ser um garoto como elas, e nessa qualidade era aceito como parceiro de seus jogos.

Peter Pan tem o subtítulo «O Menino que não queria crescer». Já na casa dos sessenta, abalado pela trágica morte de um daqueles amiguinhos a quem ele tinha contado as aventuras de Peter Pan e que pereceu afogado durante um banho de rio, James Barrie anotava no seu diário: «Muito depois de ter escrito Peter Pan, seu verdadeiro sentido tornou-se agora claro para mim. Esforços desesperados e a impossibilidade de permanecer adulto».

Eis, em poucas palavras, para quem não teve a alegria de ler este livro encantador, a lenda de Peter Pan: uma semana depois de nascido, Peter resolve fugir ao destino humano — que é de crescer e tornar-se adulto — escapando pela janela de seu quarto, para ir morar nos jardins de Kensington, um dos grandes parques públicos de Londres. Ali, ele forma um grupinho de meninos que, por inadvertência das respectivas babás, caíram dos seus carrinhos e ficaram esquecidos pelas alamedas ou na grama de Kensington Gardens. As vezes, sempre chefiados por Peter, eles fazem uma excursão ao «Never Never Never Land» — o País do Nunca Nunca Nunca — onde, na beira do Lago Negro, vivem as mais fantásticas aventuras, perseguidos pelo Capitão Gancho e pelo Crocodilo que engoliu um relógio e cuja presença é sempre assinalada pelo tique-taque dentro de sua barriga.

De vez em quando Peter passeia sozinho, voando pelas ruas da cidade e espiando pela janela dos quartos de criança, para ouvir os contos que as mães falam aos filhinhos na hora de adormecer. Acontece que leva consigo, para o seu reino encantado, as crianças com quem simpatiza. Assim, a pequena Wendy e seus irmãozinhos Michael e John vão juntar-se ao bando alegre, mas, sentindo saudades da mãe, pedem licença para voltar a casa. Entretanto, Wendy tornou-se indispensável, pois transformou-se na dona de casa dos gurus fantasmas de Kensington, como Branca de Neve na casa dos Sete Anões. Daí

«Peter Pan» e a mãe de seu autor

TEXTO E DESENHO DE OLGA ORRY



em diante, Peter vai buscá-la todos os anos para fazer a limpeza da primavera. Mas, o inconveniente é que Wendy continua crescendo enquanto Peter não muda. E, quando Wendy casa, Peter pede a sua filhinha Jane para substituí-la, no que é atendido. «Peter Pan» tem assim uma continuação num segundo volume: «Peter and Wendy».

A história de «Peter Pan, o Menino que não queria crescer» apareceu pela primeira vez no teatro, em 1904, e teve desde então inúmeras «reprises» em Londres, Nova York, Paris, pelo mundo afora. Na Inglaterra, nunca deixa o cenário por muito tempo: é tradicionalmente representada todos os anos na semana de Natal. Nos Estados Unidos, a peça de Barrie teve, há poucos meses, nova e luxuosa montagem e novo e retumbante sucesso perante o público infantil. Também já foi filmado, ainda nos tempos do cinema mudo e, sem dúvida, constituiria maravilhoso assunto para um desenho animado de longa metragem de Walt Disney, cujo maior predecessor na arte de ilustrar contos de fada foi Arthur Rackham, o desenhista inglês que executou as gravuras para a primeira edição em livro de «Peter Pan», publicada pouco depois da estreia da peça. James Barrie — que faleceu em 1937, — morreu, alguns anos antes de sua morte, toda a vida dos direitos autorais desta sua obra mais famosa a um hospital infantil londrino.

Quando escreveu Peter Pan, que devia levar seu nome através de mares e continentes, James Barrie já era um autor muito conhecido e lido no seu país. Tinha publicado inúmeros contos e romances, várias peças dramáticas e era colaborador dos maiores jornais de Londres. Sua carreira nas letras, sem ter sido fulgurante, foi a ascensão paciente e difícil de um perfeito «self-made-man» — um homem que se fez por si mesmo. James Barrie — ou melhor Sir James Barrie, pois foi agraciado com um título de nobreza — era filho de um modesto tecelão escocês, que ganhava com trabalho penoso a vida da numerosa família. A mãe, Margaret Ogilvy — é costume na Escócia a mulher casada continuar usando seu nome de solteira — Barrie votava uma verdadeira adoração. Dedicou-lhe, como homenagem fúnebre, pouco depois de sua morte, uma biografia que logo atingiu tiragens fabulosas, apesar de ser a singela história de uma simples e obscura mulher do povo, filha de um pedreiro, que via com espanto incrédulo o filho tor-

nar-se escritor de renome e ganhar com sua pena, numa semana, mais que o avô e o pai tinham jamais sonhado ganhar num ano.

«Aqueles mudos olhos azuis nos quais eu li tudo que sei e jamais cuidaria de escrever...» Isto é parte do retrato que James Barrie traçou de sua mãe na sua biografia «Margaret Ogilvy». Numa gravura, na primeira página do livro, vemos a velhinha, sentada por trás de uma mesinha onde figuram uma xicara e o clássico bule de chá, os ombros envoltos num xale de crochê, a cabeleira escondida numa alva touca amarrada sob o queixo, à moda das mulheres de sua terra. Mas, para o filho, também permanecera a «menina que não queria crescer», aquela menina que ele não conheceria, mas cuja vida ela lhe contava, sem cansar-se, na hora de adormecer: órfã de mãe ainda pequena, Margaret cuidava do irmão caçula, lavava e cozinhava, levava a marmita com o almoço ao lugar distante onde trabalhava o pai. Assim, muito antes de casar e ter filhos, Margaret Ogilvy conheceu as responsabilidades de dona de casa e mãe de família, nunca sobrando-lhe tempo para cuidar de si mesma. Mas, aos filhos, soube dar a infância despreocupada e feliz de que ela careceu, embora sempre se considerasse uma criatura privilegiada, queixando-se apenas da perda de duas filhas ainda pequenas e de um filho adolescente: de onze, ficaram-lhe oito, e James, o mais novo dos meninos, tudo fazia para substituir o desaparecido, procurando desesperadamente provocar um sorriso no rosto materno banhado de lágrimas.

«O horror de minha meninice», escreve Barrie, «era saber que tempo vinha em que deveria deixar os jogos; não sabia como poderia fazê-lo... Sentia que era preciso continuar brincando às escondidas.»

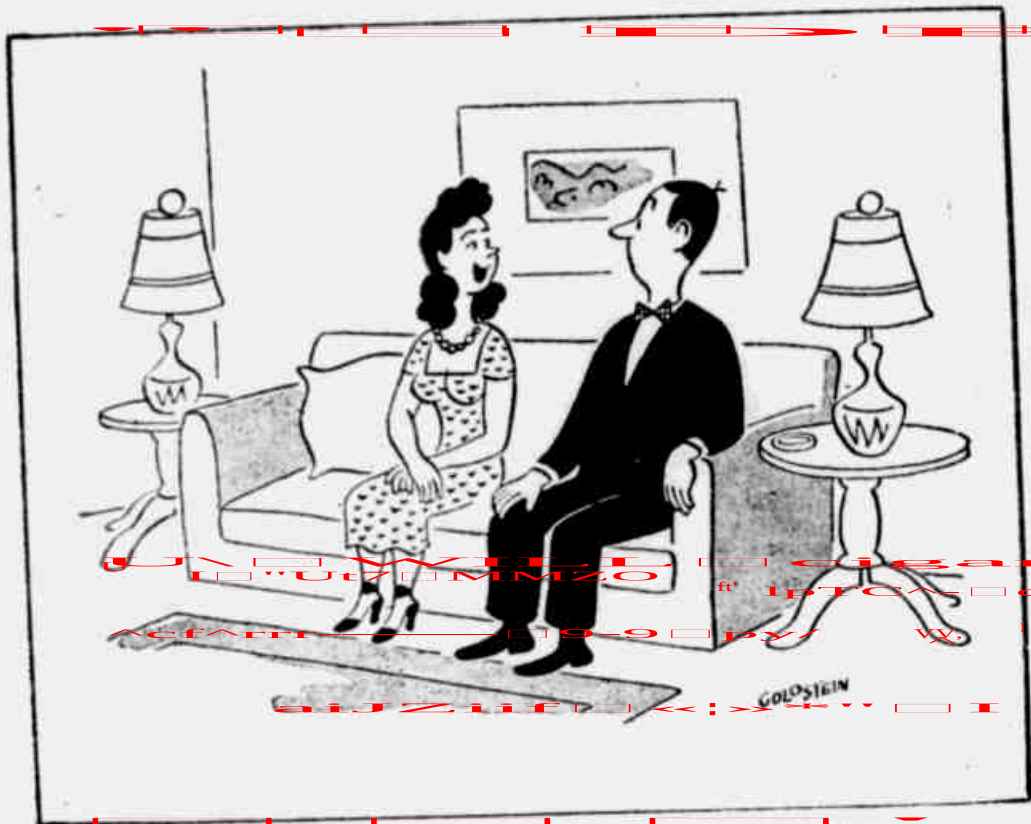
Aí estava, antes de ser idealizado, Peter Pan, o menino que não queria crescer. Da mãe veio-lhe o primeiro impulso para escrever: lia muito juntos, compravam a custo livros baratos, tomavam assinatura para uma revista; mas, o dinheiro era es-

(Continua na pág. 72)



Quitandinha

A ARTE DE SER MARIDO



Se tua mulher cisma de fumar um cigarro — oferece-lhe o cigarro e agradece aos céus não ter sido um charuto... Nunca se deve contrariar uma mulher nas pequenas coisas. As pequenas coisas são, para as mulheres, as grandes coisas...

Um marido excessivamente terno é tão detestável às mulheres como um marido excessivamente «seco». A ternura é como a sobremesa: deve vir no momento próprio. Usá-la sempre, seria como querer almoçar arroz-doce e jantar marmelada...

As pequenas brigas, os arrufos, dão graça ao amor e quebram a monotonia do casamento, a qual é para o coração o mesmo que a broca para o café... Uma paz que se celebra é um amor que se renova e renovar o amor é aumentar-lhe a existência.

Evita as intimidades excessivas. Não há grande homem para o seu criado de quarto — dizia Napoleão, que era o maior dos grandes homens. Um homem em cuecas (sobretudo se tem as pernas finas) é sempre um espetáculo ridículo. Não há nada que resista ao ridículo: nem um grande amor, nem uma grande glória.

Um marido feio é um mal relativo. Um marido sujo é um mal absoluto.

Se perderes a tua mulher, lembra-te de que um viúvo que se casa de novo — não merecia a felicidade de ficar viúvo...

BERILO NEVES

GENEROSIDADE ESCOCESA



Na Inglaterra as histórias de avarentos são atribuídas aos escoceses. Segue-se uma delas: Ao regressar de Londres, um fazendeiro escocês viu um mendigo sentado na beira da estrada, longe de seu solar familiar. O pobre homem mal havia fome com o único comestível que achou à mão. Não eram favas selvagens nem bolotas. O infeliz mendigo comia gulosamente esturme de vaca seco.

Comovido por tanta miséria o escocês mostrou-se caritativo:

— Jogue isso fora, amigo! Acompanhe-me, que você ficará satisfeito!

Já com água na boca, a antegozar alguma sopa deliciosa, o mendigo não esperou a repetição do convite. Chegado à fazenda, o escocês escancarou a porta do estábulo e, generoso, disse:

— Entre, amigo, e coma à farta. Aqui você encontrará muito esturme ainda quente e fumegante!

PINGOS DE HISTÓRIA



HABILIDADE DIPLOMÁTICA

Quando George Leveson Gower, conde de Granville, foi nomeado ministro do Exterior, encontrou empregado em seu gabinete um jovem recém-saído da Universidade de Eton e tão inexperiente que não se habituava com a sua sala de trabalho, onde a penumbra era tão intensa que se custava a encontrar a porta.

Gower despediu-o delicadamente, dizendo:

— Meu caro, você não tem vocação para a diplomacia. Um diplomata não vale nada se não sabe enxergar no escuro...

RESOLUÇÃO INABALAVEL

Alexandre Dumas divertia-se imensamente com os boatos frequentes de que não era ele quem escrevia seus próprios romances e sim uma quantidade de colaboradores a quem emprestava o nome. Em palestra com um seu amigo, famoso magistrado de Paris, dizia:

— Esse meu último livro fez um sucesso imenso, mas o meu criado de quarto exigiu um tal aumento de salário depois de sua publicação, que vou mandá-lo embora. Estou resolvido a escrever os meus próprios livros de hoje em diante...

COINCIDÊNCIA

Um fátuo se gabava diante de Piron de haver comido uma quantidade imensa de ostras.

— Comi um número tal, que suplanta o número de filisteus que Sansão derrotou.

— E o que mais me encanta, — retrucou Piron — é que você as comeu com a mesma queixa da usada por Sansão!...

HISTORIETAS



BAR AMERICANO

Num bar de Nova York via-se um letreiro fanfarrão: «Temos tôdas as espécies de sanduiche do mundo. Peça o que quiser!»

Um freguês pediu ao garçon um sanduiche de baleia. — Espere um minuto, senhor, que vou falar ao patrão.

Instantes depois voltou, declarando:

— O patrão manda dizer que sente muito, mas que não pode cortar uma baleia só por causa de um sanduiche! — Bennett Cerf.

UMA AUTÊNTICA ESTRELA



Lallie Devíl, a última descoberta de Hollywood, é mais esbanjadora do que qualquer outra das estrelas californianas. Mesmo assim ela protestou vivamente quando seu diretor falou em reduzir um tanto os seus fabulosos honorários.

— Como poderei pagar o automóvel que acabo de comprar? — alegou a estrela.

— Como?! Mais outro automóvel? Mas que fez daquele que comprou anteontem?

Lallie respondeu-lhe:

— Seus cinzeiros já estão entupidos!

NÃO ERA VANTAGEM

O rapaz, um tanto simples, não tinha coragem de pedir a mão de uma mocinha da qual estava loucamente apaixonado.

— Que bobo você é, — diz-lhe o pai. — Eu não tive êsses receios quando me resolvi a casar!

— Ora! — respondeu ele, — meu caso é muito diferente! Você pediu a mamãe, e eu tenho que pedir uma estranha!



— Pare de ralar com Carlos, mamãe! Dé-lhe uma chance de ouvir o que tenho a dizer-lhe!



Intimado a desocupar o cômodo em que residia no último cortiço da última rua de Botafogo, o tenente reformado Aristides Pinto de Oliveira saiu a procurar, pela cidade, uma casa, ou um pedaço de casa, em que se metesse com a mulher e os filhos. Em oito dias, úteis e inúteis, percorreu ele a Gávea, a Tijuca, o Andaraí, o Leme, São Cristóvão e Copacabana, sem encontrar um único telheiro desocupado. Palácios, palacetes, prédios de vila, casas para cachorro, jaulas para feras, gaiolas para papagaios, tudo possuía, já, os seus moradores. Desiludido de encontrar um refúgio, na terra, o tenente Aristides resolveu apelar para o céu; engoliu, militarmente, um vidro de li-sol e morreu!

Estava escrito, porém, que o seu tormento não terminaria na morte. Separada do corpo, a alma do ilustre soldado moveu as asas imaculadas, e foi bater, cantando, lou-vando o Senhor, às resplendentes portas do céu.

— Perdão, irmão! — respondeu-lhe, de dentro, a voz de São Pedro. — Vá bater adiante. Aqui não há, sequer, um lugar. Está tudo tomado.

Debalde o tenente Aristides aludiu às suas virtudes, à sua piedade, lembrando ao

apóstolo que nunca, na terra, fizera derramar o sangue dos homens, nem, tampouco, as lágrimas das mulheres.

— Eu sei... eu sei... — acudiu o velho celeste; — mas, que eu hei de fazer, filho? A lotação, aqui, está completa!

Amedrontado com a idéia de ficar eternamente no espaço, o tenente teve uma lembrança audaciosa: voou para o Inferno, e, atirando fora a grinalda de justo que lhe competia, bateu com força no portão formidável.

— Quem vem lá? — trovejou uma voz soturna, partida de uma cova longínqua.

— E' o tenente Aristides Pinto de Oliveira, que deseja um cômodo! — explicou do lado de fora o viajante.

Um momento depois o portão enorme rangia fragorosamente nos gonzos, dando passagem aos chavinhos do Diabo.

— Que deseja? — tornou o bruto, com os olhos faiscando como duas forjas.

— Um cômodo... — gemeu o tenente.

Uma gargalhada, que mais parecia uma tempestade com trovões e relâmpagos, estalou pelo firmamento.

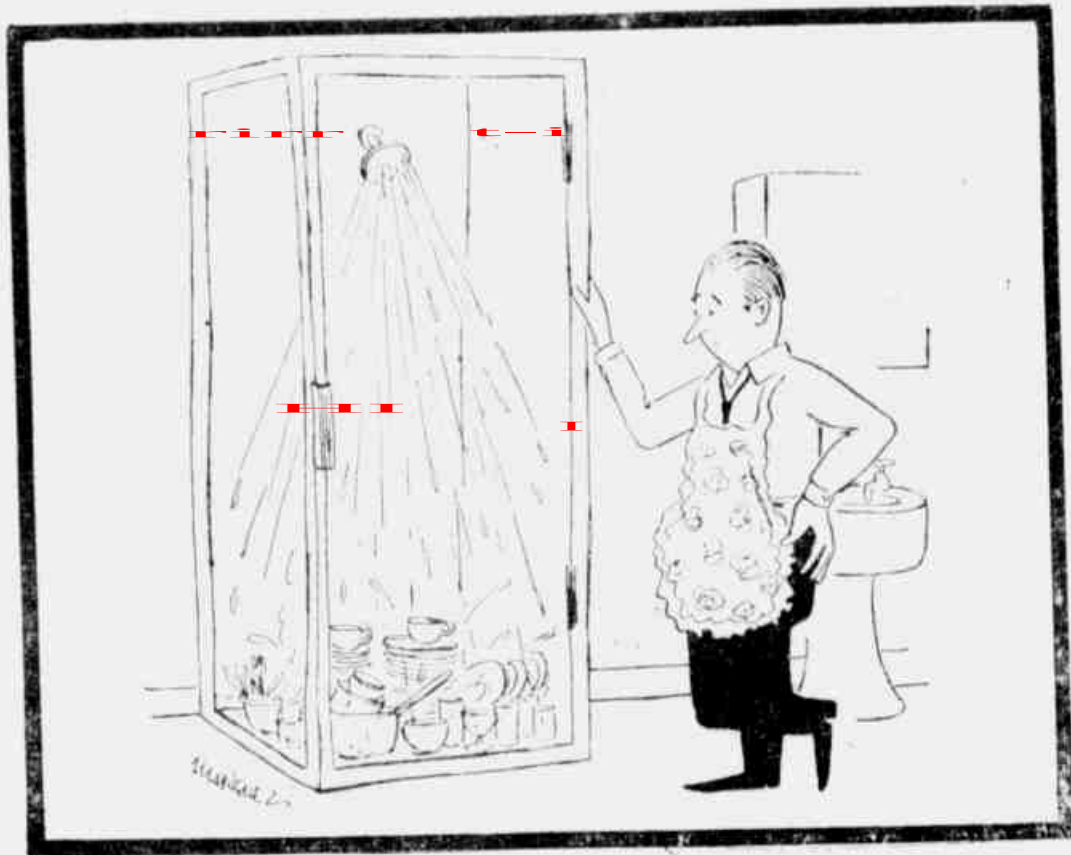
— Você está doido! — explicou o maldito. — As cavernas aqui estão cheias, repletas, ocupadas até à boca. Imagine você que eu até já mandei para o céu, ontem, a Jeanne D'Arc, unicamente para dar lugar a um banqueiro, que me ofereceu «lutas»!...

E desatou novamente a rir, num riso enorme, cavo, profundo, que abalava a amplidão.

Vinte e quatro horas depois, um corpo que ia ser conduzido ao cemitério de São João Batista começou a mexer-se no caixão, entre a alegria da família coberta de luto.

Era o tenente Aristides Pinto de Oliveira que voltava novan-te à vida, desiludido de encontrar moradia no outro mundo.

Humberto de Campos



ANEDOTAS DE QUARTEL



Agora que se cogita de uma possível cooperação brasileira na guerra da Coreia, repassa-se de grande atualidade o alentado livro editado em São Paulo e já em 2ª edição — «Depoimento de Oficiais da Reserva sobre a F.E.B.». Atendo-nos somente à sua parte humorística, destacamos alguns pequenos episódios anedóticos. Conta-nos José X. Góis de Andrade, pags. 318 e 348:

«O recruta está de sentinela, com o espírito fervendo de instruções regulamentares, quando sente uma estranha coceira. Leva a mão à altura do peito e recolhe o «insubmisso» na ponta do dedo e, depois de o examinar, tira o casquete e sentencia militarmente, conduzindo o «insubmisso» outra vez à cabeça:

— Volta pra teu quarté, desertor!...»

As vezes, é a praça velha a personagem do anedotário.

Naquele dia, em que se comemorava uma data nacional, um bondoso coronel entrou de surpresa num rancho de praças e passou a observar a comida. De repente, um soldado lá vo canto começou a dizer:

— Tou cego! Tou cego! Não tou vendo nada!...

Todos se voltaram para o praça e o coronel, seguido do oficial do rancho, dirigiu-se para ele.

— Que é que tem, soldado?

— Tou cego, meu coronel!

— Você está cego?!

— Eu acho que tou. Porque eu sei que este pão tá mantegoso. Mas eu não vejo manteiga, meu coronel! Só posso tá cego!...

O coronel compreendeu a piada e disse para o oficial:

— É preciso aumentar a manteiga no pão!

Com o advento de nova festividade, passados meses, o excelente coronel voltou a visitar o rancho das praças. E, ao chegar ali, dirigindo-se ao oficial, perguntou:

— Onde está aquele soldado garato, que disse que estava cego?

O oficial, que não se esquecera mais do «praça velho», mencionou logo o seu número, que o coronel «cantou». Do lado de lá, o «praça velho» respondeu logo:

— Pronto, meu coronel!

— Você ainda está cego, soldado? — perguntou-lhe o coronel com ar de riso.

— Não senhor, meu coronel! Eu agora, tou até vendo de mais!

E colocando defronte dos olhos a sua fina fatia de queijo, acrescentou:

— Eu tou até vendo o meu coronel, daqui!...



Seguro morreu de velho...

DEFINIÇÕES



POBREZA — Condição infeliz que nos priva de uma porção de coisas que não nos tornam mais felizes quando as possuímos.

CANIBAIS — Os raros homens que gostam de seus semelhantes... mas com algum tempero.

CONSCIÊNCIA — O nosso «Que dirão?» interior.

SOGRA — A melhor arma de combate contra certos indivíduos que não reconhecem o seu lugar.

EXPERIÊNCIA — Aquilo que nos resta quando não nos resta mais nada.

ECONOMIA — Uma grande virtude, principalmente quando praticada pelos nossos ascendentes.

Recorte

INOCÊNCIA



Como o universo é mal feito! — reclamava Zizi. — Justamente nas noites mais escuras a lua não aparece!

Sedas e plumas

OS jornais têm publicado estatísticas alarmantes referentes ao casamento. Na Inglaterra trinta por cento das mulheres não se casam; nos Estados Unidos, 28 por cento; na França, trinta e cinco por cento, e assim por diante. No Brasil, não há, sobre o assunto, cifras exatas, mas o dia 8 de dezembro, data preferida para uniões legítimas, foi, em 1949, um fracasso. Houve menos da metade de casamentos que em 1948. O jornal católico de onde extraímos êsses dados, atira tôda a culpa aos cassinos, às praias de banho, à falta de educação cristã.



De fato, nas praias de banho as jovens se excedem. Os homens gostam do espetáculo. Nada mais atraente do que lindos corpos tostados de sol a boiar no dorso verde das ondas. Mas poucos se arriscam a procurar ali futuras mães de família, ali-cercos de lares. E' uma cena encantadora para os olhos, para os sentidos, para emoções artísticas, para «flirts» sem consequências, para relações alegres. As mulheres não pensam assim. Julgam os homens mais materialistas do que, de fato, o são. Um belo animal não é tudo, é preciso mais alguma coisa. Êsse resto que as jovens julgam sem importância merece muita atenção. Os predicados morais, a cultura de espírito, a distinção natural, nunca deixarão de ser prendas do mais alto preço quando se avalia uma mulher.

O casamento deve ser uma revelação. Se as jovens não se resguardam, se corajosamente se despem nas praias de banhos, nas piscinas, aos olhos de todos, que tranquilidade poderá ter um moço de boas intenções que aspira uma companheira escrupulosa e discreta? Não queremos travar a roda do tempo. Mas isso que aí está não é progresso: — é desordem, é loucura, é insânia.

É por falar na insânia que prevalece por aí em nossos costumes atuais, ocorre-nos um episódio pitoresco que nos foi contado como absolutamente verídico.

Uma matrona de costumes rígidos, de virtudes coloniais e de cultura vernácula bebida na gramática de Abílio Cesar Borges, descobriu, há dias, a copia de uma carta de amor, de sua netinha, garota de 15 anos. Chamou a menina para repreendê-la com rigor.

— Então, você já se corresponde com o namorado? — disse com azedume.

— Que tem isso, vovó? — retrucou a pequena.

— Quem é êle?

— E' um «pedaço», vovó.

— Um pedaço?

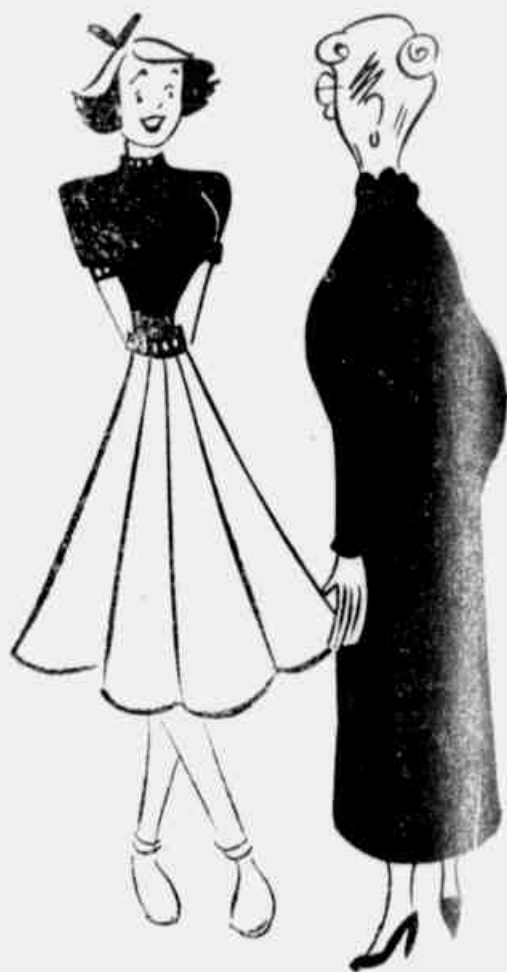
— Sim, um «granfa».

— Um granfa?

— A vovó não entende. E' um «zinho».

— Posso não entender os termos «pedaço», «granfa», «zinho», mas sei muito bem que a palavra beijo não se escreve sem i. Ouviu? Respeite ao menos a língua dos seus avós.

E saiu triunfante.



Proteja a sua beleza,

realce os seus encantos...

com o *Maquillage "Air Spun" de Coty!*

Os produtos de **maquillage** Coty protegem a cútis e acentuam a beleza natural. Adote a "Maquillage "Air Spun" de Coty" – o creme-base colorido "Sub-Tint", com o pó de arroz "Air Spun" de Coty.



PÓ DE ARROZ "AIR SPUN"

Fabricado por um processo exclusivo e único, o pó de arroz "Air Spun" é de textura macia e finíssima, conservando permanentemente o seu perfume suave.

CREME-BASE COLORIDO "SUB-TINT"

Prepara a epiderme para um maquillage uniforme, aumentando a luminosidade das cores do pó e dando um novo colorido à sua cútis.



Coty

(Conclusão)

Diário

de

Minas

O
MAIS COMPLETO
MATUTINO DE
MINAS GERAIS

AMPLO serviço informativo do país e do exterior, colaboração especial dos mais renomados comentaristas do mundo, reportagens nacionais e estrangeiras, esportes, cinema, rádio, sociedade, etc. O melhor suplemento dominical, com seções femininas.

ASSINATURAS:

Ano . . . Cr\$ 120,00
Semestre . . . 70,00
Trimestre . . . 50,00

ADMINISTRAÇÃO
RUA TUPINAMBÁS, 444
BLOCO HORIZONTE

de que o dr. Ramalho Franco, médico daquela base, havia procedido em certa ocasião a estudos de estranha enfermidade que estaria grassando entre os índios tapirapés, aldeados em terras banhadas pelo rio do mesmo nome. Fomos ouvir a respeito. Mas o dr. Franco nos desiludiu logo quanto à tal enfermidade, que, friso, só existia no espírito fantasioso de certo pseudo sertanista, autor da descabida notícia.

Contudo, não perdemos o nosso tempo, porquanto o distinto clínico nos pôs ao corrente de alguns usos e costumes dos tapirapés, que ele considera os índios mais hospitaleiros de quantos conheceu até então. Trata-se, porém, de uma tribo que caminha para a extinção total, por isso que de 350, em 1938, estão reduzidos agora a sessenta e três apenas, todos localizados a vinte léguas da margem esquerda do referido rio, no ponto onde a serra do Bonacador encosta no Estado do Pará.

Os tapirapés são pacíficos, trabalhadores, dedicando-se à agricultura, à caça e à pesca. Em suas terras plantam mandioca, milho, caná, amendoim e banana. Criam galinhas e alguns possuem cachorros. Trabalham individualmente, cada um caçando, pescando e plan-

tando para si e sua família. As vezes, uns se juntam a outros para o serviço em conjunto.

Vivem absolutamente nus. Apesar de não desejarem contacto com ninguém, nem mesmo com outros índios, esses aborígenes são de uma hospitalidade encantadora, oferecendo ao visitante, a todo momento, fuitas e comida.

Os tapirapés, porém, a despeito de sua afabilidade e gentileza, têm costumes bárbaros: sacrificam todos os filhos a partir do quarto, e, quando um índio falece e eles desconfiam que a morte se deu por inapacidade do curandeiro, não vacilam em sacrificá-lo sumariamente! As crianças que ficam órfãs de pai e mãe são condenadas injustamente a mais negra sorte, passando a categoria de indesejáveis na comunidade. Ninguém lhes liga a menor importância e só se alimentam com as sobras dos adultos, quando as há. Quanto a doenças, uma simples gripe ou sarampo lhes é quase sempre fatal, de vez que não tem seu organismo imunização hereditária, como nós. O contacto com o branco portador de moléstia é, pois, perigosíssimo para eles, como para os demais aborígenes de qualquer tribo afastada da civilização. (Fim).

O «SÉTIMO CÉU»

(Conclusão)

julgo-a bastante selecionada, pois, há dez anos, a venho organizando, aumentando, melhorando. Possuo mais de mil e quinhentos discos, na maioria de peças clássicas dos meus compositores preferidos: Beethoven, com 260 discos; Mozart, com 210 discos; Bach, com 140 discos; Brahms, com 120 discos; Haydn, com 90 discos. E muitos outros.

Prefiro, como quase toda gente, a música clássica, particularmente a forma de quarteto de cordas, que é a mais alta expressão musical. Possuo 70 quartetos, conseguidos aliás com grandes dificuldades, no Rio e São Paulo.

OS DISCOS «LONG-PLAYING»

— Tenho também 40 discos

«long-playing», a última conquista da técnica. Trata-se de discos de marcha reduzida — 33 rotações por minuto, em vez de 78, como os discos comuns. Têm esses discos o som extremamente fino, o que permite que um só disco possa conter uma sinfonia completa, ou um concerto, ou um quarteto. O som é mais fiel, com absoluta ausência de chiado, e os discos são de material inquebrável (vinalite).

Aí está como nasceu a ideia da criação do «Sétimo Céu», uma iniciativa das mais interessantes da cidade. Interessante e útil, pelo seu valor, não só no-

no meio de recreação, mas principalmente, como elemento de difusão da música fina e aprimoramento do gosto artístico. A prova desta assertiva é que não fora o «Sétimo Céu», talvez não tomasse o sr. Carvalheiro tanto gosto pela música clássica, e, conseqüentemente, não teria o interesse que tem pela Sociedade de Concertos Sinfônicos de Belo Horizonte, de que é hoje o presidente.

*

O SHERLOCK HOLMES...

(Conclusão)

inimável pela qual um colecionador amador possa determinar as diferenças entre um original e uma cópia, quando um quadro é oferecido para venda. Durante o período em que esteve desaparecida a verdadeira «Mona Lisa» roubada, apareceram, por exemplo, seis «Mona Lisa» que foram vendidas por preços fabulosos a americanos que foram convencidos de que o seu quadro era o histórico original de Leonardo da Vinci.

*

LITERATURA ARREPIANTE

A era do romance policial chega a seu fim e a da literatura atômica se inicia — tal foi a conclusão a que chegaram os autores americanos. Hoje, dizem eles, a maioria do público se afasta das clássicas narrativas em que entram punhais, metalhadoras de mão e veneno, para devorar gulosamente as histórias em que o raio da morte intercepta discos voadores. A prova disto são as estatísticas de venda.

Em conseqüência eles aconselham aos escritores de sua casa que mudem de técnica, modernizem-na. O punhal ensanguentado deve ser substituído pela bomba atômica de bolso, o inevitável cadáver encontrado na biblioteca tem que ceder o lugar à ruína cidade inteira devastada por um ataque bacteriológico, e a polícia especial deverá desparecer ante a intervenção-relâmpago de super-policiais vindos de Marte ou de Saturno.

Para causar arrepios ao leitor de 1950, declaram os editores, um cadáver em cada página não é bastante. Ele continua a sugerir que o «bom» triunfe e o «mal» seja punido, mas exige igualmente que se misturem neutrons na ação!

608 mulheres exigentes, criaram as qualidades do Talco PALMOLIVE!

Perfuma... Refresca...
Protege... Desodoriza...

Sim, 608 mulheres exigentes, fazendo experiências em suas próprias casas, determinaram as qualidades do maravilhoso TALCO PALMOLIVE.

1. Qualidade Super-fina para amaciar e proteger a pele das crianças...
2. Um perfume suave... mas que perdura durante horas.
3. É desodorante... Evita o cheiro da transpiração



Use TALCO PALMOLIVE nas axilas, para maior conforto e higiene.



Use TALCO PALMOLIVE depois de barbear-se, para suavizar a cutis.



TÃO FINO E SUAVE QUE FLUTUA NO AR!



Use TALCO PALMOLIVE nos pés. Reconforta e refresca.



Use TALCO PALMOLIVE depois do banho do bebê, toda vez que trocar fraldas.



ENSINO SEM EXPLICADOR



Pelo NOVO MÉTODO DE CORTE "VOGUE" para alta Costura, com 365 figurinos, amplas ilustrações sobre a fabricação e ricamente encadernado, por Cr\$ 125,00. ESCOLA DE CORTE "VOGUE", curso, com escalas de 1 metro, ombros e costas, Cr\$ 40,00. SUPLEMENTO ILUSTRADO "VOGUE" com mapas e tabelas de medidas Cr\$ 25,00. Pedidos pelo reembolso Postal para Rio Claro, Rua 6, nº 1322, Caixa Postal 152, Companhia Paulista, Ent. de São Paulo. Matricule-se no Curso por Correspondência da ESCOLA DE CORTE E COSTURA DE SÃO PAULO. Em 5 meses será perfeita modista. Cursos de Cortadeira Técnica com diploma de correspondência ou traço.

Cursos Especializados com diploma de Professora. Para ensino da Arte e Modas. Solicite-nos prospectos.

Cursos completos para alfaiates, com diploma de Cortador Técnico pelos mais modernos métodos do Corte "Vogue". Ouça todas as terças e sextas-feiras, pelo Rádio Nacional do Rio, das 9,30 às 9,45, o programa da Escola de Corte e Costura "São Paulo".

(Conclusão)

consternada. — O senhor espantou aquele homem tão simpático, tio John! Proceder muito mal! Minha pobre médium ficou doente!

Os assistentes manifestaram sua reprovação. Estavam todos furiosos contra mim.

Depois disso apareceram, por breve tempo, outros espíritos, mas era claro que a força da médium baixava. Por volta da meia-noite Aguas Ridentes avisou:

— Hoje não pode haver novas manifestações para vocês, meus amigos! Sinto muitíssimo... Agora só me resta dizer-lhes: Boa noite!

— Boa noite, querida, — responderam Georgia e Adelaide.

Atrás da cortina a sra. Burdick queixou-se:

— Sinto uma horrível dor de cabeça... Houve muitos flúidos contrários esta noite... Vão saindo sem fazer barulho, meus amigos. Não acenda luz por enquanto, professor!

Quando nos vimos de posse de nossas capas e chapéus, o professor já nos esperava no saguão, com uma bandeja.

— A espórtula do amor, — disse.

Três notas de um dólar exibiam-se já sugestivamente na bandeja. Cada um de nós deu igual quantia.

Na ocasião em que descíamos a escada eu achava-me atrás das três mulheres gordas.

— Foram as mais admiráveis materializações que vi na minha vida, — comentava Adelaide. — Repararam como os espíritos subiam através do assoalho?

— E os víamos claramente pairar no espaço! — declarou Georgia. — Foi um milagre, meninas! Um milagre!

PETER PAN...

(CONTINUAÇÃO)

casso, e quando não houve mais com que adquirir novas leituras, Margaret sugeriu:

— Por que não escreve você mesmo umas histórias para nós lermos?

Aí começou uma produção literária febril para substituir os livros inacessíveis. O autor tinha doze anos. «Nada do que nos acontece depois dos doze anos tem realmente grande importância», constataria Barrie, já velho. Porém, quando James resolveu que seria homem de letras, sua mãe assustou-se e a publicação dos seus primeiros trabalhos causou-lhe a maior surpresa: eram crônicas do lugarejo onde viviam, descrições da vida simples, dos velhos costumes dos seus habitantes, do tempo em que Margaret Ogilvy ainda era menina, coisas que ela tinha contado ao filho, sem pensar que pudessem um dia interessar a outros. Mas, o cunho de sinceridade, o estilo sóbrio, sutil e despretensioso, conquistaram ao jovem autor o favor de alguns editores mais perspicazes do que outros, que tinham recusado os manuscritos do principiante anônimo. O público acolheu estas primeiras tentativas de Barrie com tanta simpatia que, reunidas e publicadas mais

(Conclui na pág. 102)



*Póde-se amar muitas vezes
com entusiasmo e ardor...
mas nunca nos esquecemos
do nosso primeiro amor...*

Luiz Otávio

*Vai-te embora, lua cheia,
De tua luz não preciso:
Tenho os olhos de meu bem
E o brilho de seu sorriso.*

Adelino Marques

*A saudade é uma doença
que nos mata devagar!
Só é remédio a presença
de quem a soube causar!*

Clóvis Pacheco

*Teu amor que foi meu sonho
hoje em dia se resume
numas flôres que deixaste
desfolhadas... sem perfume!...*

Nidoval Reis

*Se eu pudesse fazer santos,
E se fôsse eu o prior,
Dava-te um nome de encantos:
Nossa Senhora do Amor.*

A. Garibaldi

*Santo Antônio — o taumaturgo,
é bastante justiceiro:
a quem não dá casamento
dá, pelo menos, dinheiro...*

Albertina Castro Borges

M

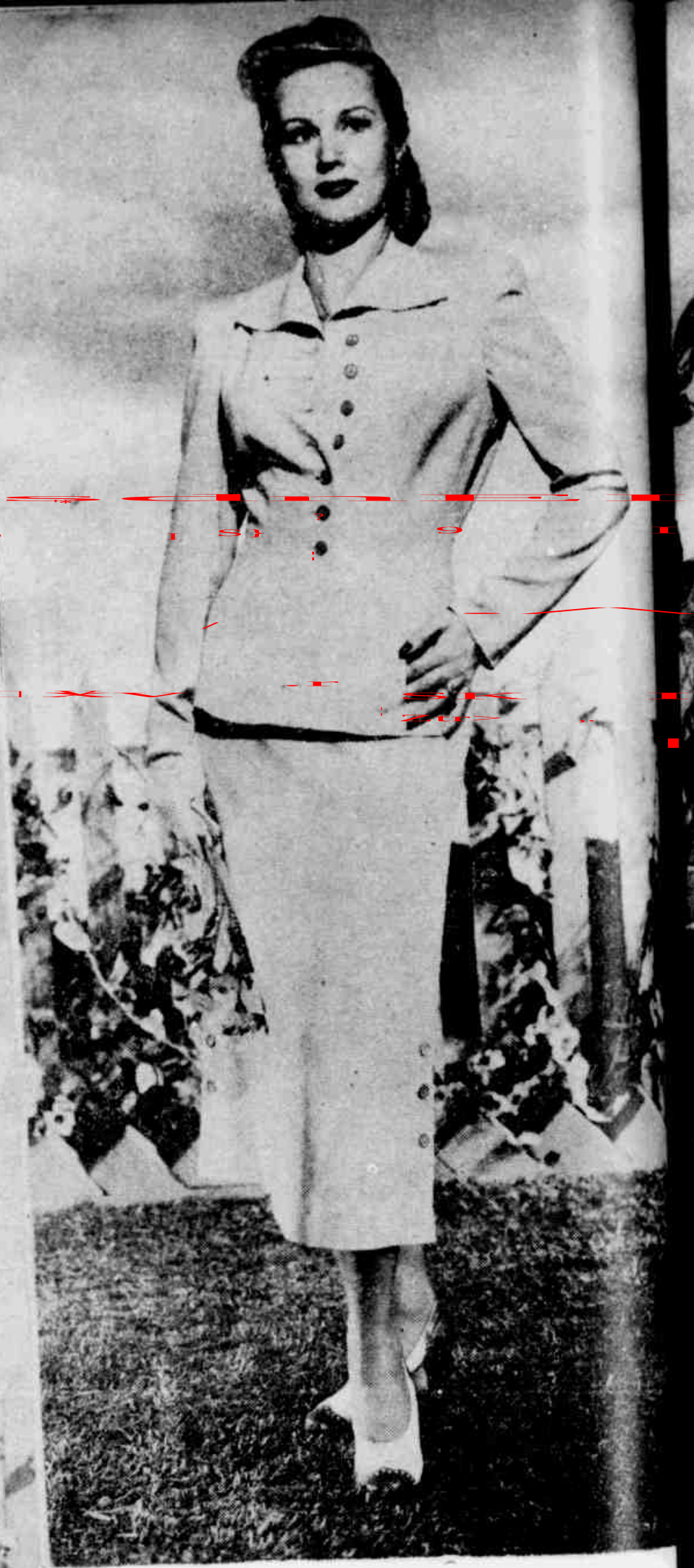
odelo

do mês



Criação de Joan Miller, em
organdi suíço azul-mari-
nho, com quadriculado des-
fiado. A gola e os bolsos
são forrados de organdi
branco riscado de verme-
lho. (Foto Apia).

T caletes



de

A bela Virginia Mayo, da Warner Bros., apresenta aqui dois elegantes costumes: o primeiro em gabardine esmeralda e o segundo em linho cor de pérola, ambos ornados de botões.



Virgínia Mayo

Vestidinho de cambraia estampada, com alças e bolero; a saia, de bainha recortada, apresenta nesgas em cambraia vermelha.

Delicioso modelo para os dias quentes em fustão branco, composto de vestido sem alças e écharpe da mesma fazenda. Bolsos quadrados ornem a saia.

"Shorts"



Ao lado, dois modelos es-
Juvenil criação de Addie
Masters, cujas mangas são
adornadas de papoulas em
cores alegres. (Foto Apla).

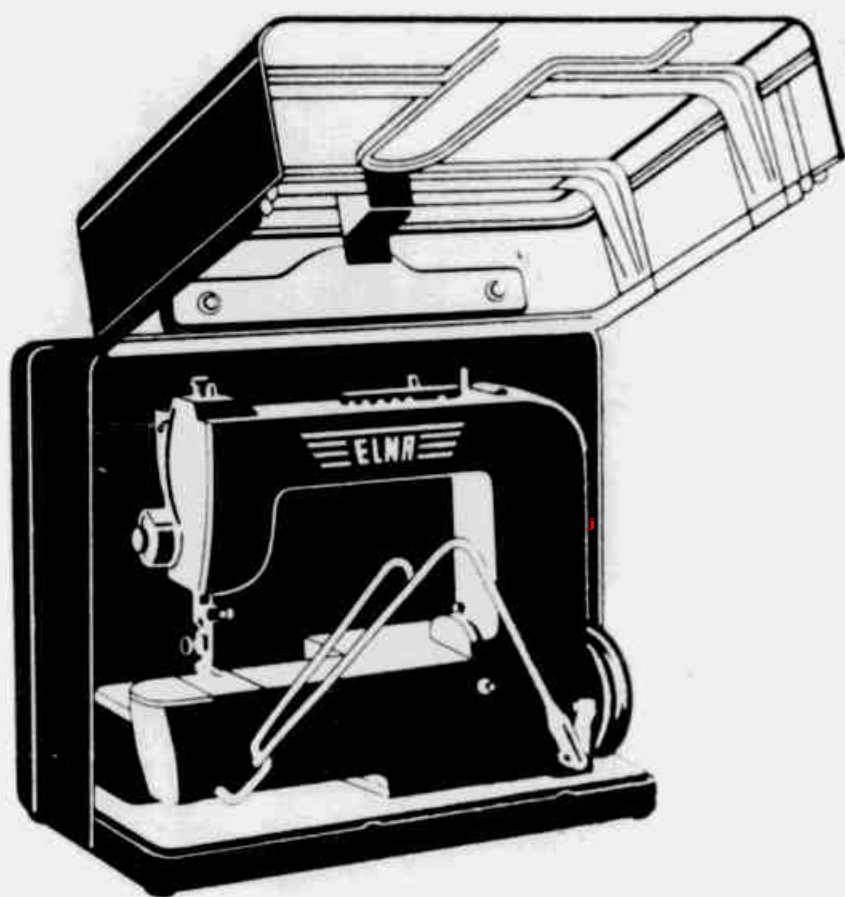
Ao alto, encantador con-
junto praiano em fustão
branco, enfeitado de pregas.

portivos: o primeiro, em
algodão, apresenta duas co-
res contrastantes, e o se-
gundo, de saia-calça pre-
gueada, é confeccionado em
linho branco.



ELNA

tem o progresso à elegância



ELNA costura os tecidos os mais espessos e executa os bordados os mais delicados.

ELNA resolve o problema do espaço, guardada num armário ou qualquer outro móvel.

Em seu próprio domicílio e sem compromisso, peça uma demonstração da famosa ELNA e verifique as suas múltiplas vantagens.



A organização ELNA oferece ensino grátis, a domicílio.

CIA. DE MÁQUINAS ELNA DO BRASIL

Brasília: Horizonte; Rua Tambores, 90 — Fone 2-1930
Rio de Janeiro: Rua Mal. Deodoro, 385 s/103 — Fone 16845
Rio de Janeiro: Av. Calógeras, 15-23 — Fone 32-6642
São Paulo: Rua 7 de Abril, 248-252 — Fone 4-8151
Porto Alegre: Rua dos Andradas, 1.638 — Fone 9-1613
Curitiba: Rua Raimão do Rio Branco, 41 s/615 — Fone 11-71
Rio de Janeiro: Rua da Condição, 113
Betrador, Bahia: Royal Palace — Rua Chile, 7 — Fone 4309

GARANTIA — VENDAS A CRÉDITO
ENTREGAS IMEDIATAS

Desejo receber, sem compromisso,
informações detalhadas da „ELNA“

Nome _____

Endereço _____ Tel. _____

Cidade _____

Estado _____

75 AAA




Maillots

*C*om a chegada do verão escaldante, as praias e piscinas regorgitam duma multidão colorida e pitoresca. Para essa deliciosa estação, Hollywood e suas pequenas criaram um número colossal de belos maillots, dos quais escolhemos alguns para as nossas leitoras.

(Fotos Paramount)



Na página ao lado, vemos Jane Nigh, num sóbrio traje de banho em duas peças, confeccionado em xadrez verde de algodão. A parte de cima, em estilo de bolero, é ornamentada com nós de corda branca. Jane trabalha no filme da Paramount, «Brasa Viva», juntamente com Betty Hutton e Victor Mature.

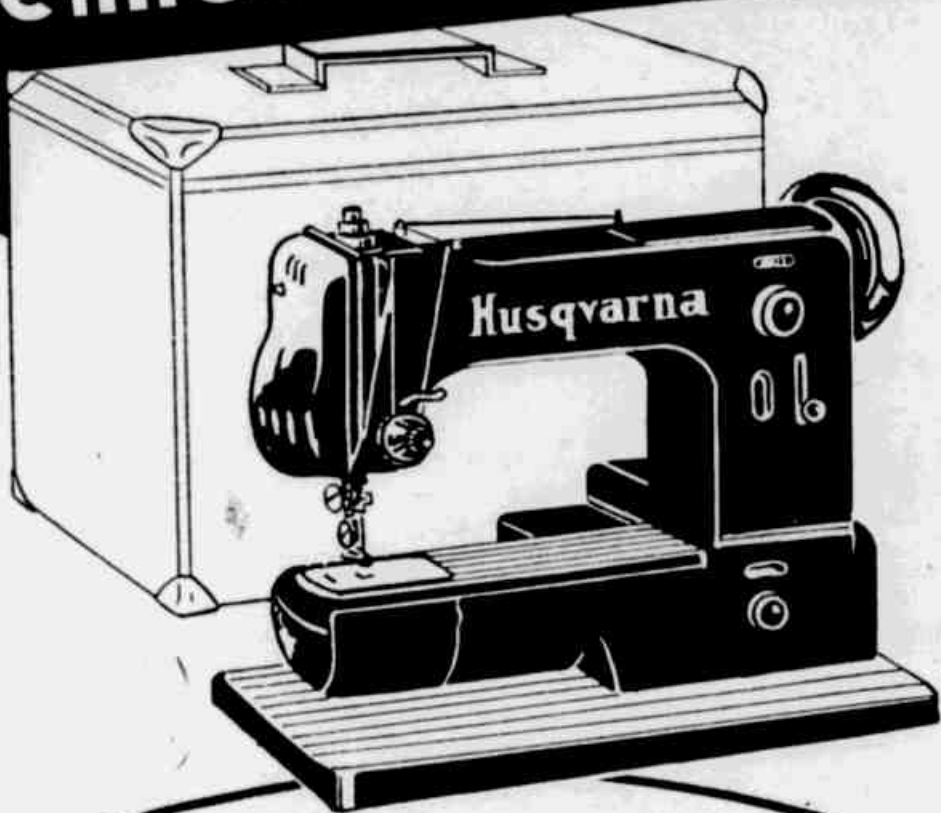
Em seguida, vem Marie Wilson, que aparece com êste modelo em uma só peça, de **lastex** negro, no filme «Amiga da Onça», produzido por Hal Wallis, da Paramount.



Embaixo, surge Georgia Clancy, que selecionou um **maillot** em pele de tubarão branca, com a linha do busto em biquinhos e pregueados no centro.

Os modelos desta página são apresentados por Laura Elliot e Nancy Olson: o primeiro, de uma só peça, é confeccionado em lã verde esmeralda. A adorável Nancy gosta muito dêste traje de banho de **lamé** dourado em **lastex**, com o qual surge em «Crepúsculo dos Deuses», juntamente com William Holden.

...a mais engenhosa do mundo!



Husqvarna

A perfeição
DA INDÚSTRIA SUECA!

A única máquina elétrica portátil que, além de coser e bordar, costura em zig-zag, prega botões, casêia, cirze meias, faz bainhas, bordado cheio, e outros trabalhos que só o zig-zag pode fazer.

CR\$ 300,00 MENSALIS

Peca uma demonstração em sua casa, pelo nosso telefone, sem qualquer compromisso.

B

EMOREIRA

Husqvarna

RUA TAMÓIOS, 48 - FONE: 2 1619 - BELO HORIZONTE

Recepção



Eleanor Parker, a talentosa estrêla da Warner Bros., exhibe um encantador modelo para recepção, em sêda negra, inteiramente plissado.

Ornando a página vêem-se também outros atraentes modelos apropriados para esta ocasião.



Chapéus

Chapéu em palha branca, com a copa envolta por um véu de sêda vermelho, que cai sôbre o ombro.

(Foto Fashion League)

MAUD ROSER — Delicioso chapéuzinho em palha côr de mel, com adôrno de pena da mesma côr. O véu recobre inteiramente o rosto.

(Foto Intercontinental)



de palha

Atraente modelo para o verão, em palha cor de âmbar provido de grande aba. A copa curta é contornada por um laço de veludo, que amarra o chapéu sob o queixo.

(Foto Fashion League)

Outro encantador modelo de Maud Roser, que batizou-o de «Fruit Sauvage»: confeccionado em palha azul, apresenta raminhos de cereja dos lados.

(Foto Intercontinental)



Tendência da Moda

Estilos de Garôta

No seu afã de renovamento, Eva sempre gostou de buscar inspiração nas roupas masculinas. Uma vez mais, as mais bem vestidas garôtas de Hollywood invadiram os guarda-roupas do sexo oposto e daí surgiu mais um acessório para a indumentária feminina: a moda dos suspensórios. Naturalmente, eles não são absolutamente novos, porém, as versões que estão surgindo agora no fabuloso reino do cinema são inteiramente originais e surpreendentes, pois aparecem em trajes esportivos, vestidos para o dia e mesmo em vestidos de baile.

Mona Freeman, a lindíssima jovem que faz o papel duma garôta no filme da Paramount, «Brotinho Infernal», combina suspensórios vermelhos com uma saia de piquê branco e blusa

bordada de vermelho e branco. Nos seus acessórios noturnos ela espalha ouro em profusão.

Gail Russell, a beldade de «Capitão China», usa suspensórios de xadrez preto e branco, com um costume de gabardine branca. Tem também outro conjunto em azul-marinho, com suas iniciais em amarelo-limão, que ela usa com um *tailleur* azul-marinho.

A diminuta Wanda Hendrix, que aparece ao lado de Alan Ladd em «Missão de Vingança», elogia a versão elegante deste interessante acessório que está causando sucesso em Hollywood. A uma saia plissada de *chiffon* negro muito delicado, ela adicionou uma blusa de mangas curtas, com um par de suspensórios de veludo. Decorados com centenas de diminutas sementes de pérolas e brilhantes multicoloridos, eles são a última palavra em elegância.



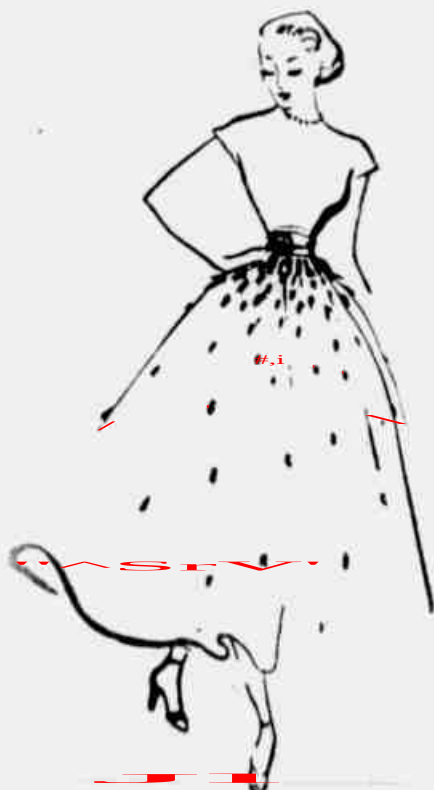
A moda
não é mania



Algumas mulheres crêem que a moda realmente não existe e, conseqüentemente, não passa de mania. Isto, porém, não é a expressão da verdade. A moda é o conjunto de estilos usados numa certa época, e sábia é a mulher que procura segui-los com elegância, ao passo que a mania é simplesmente algo passageiro, que peca pelo ridículo e deve ser evitada pelas mulheres realmente elegantes.

Para mantê-las informadas sobre as modas do ano, aqui estão algumas das tendências mais aceitas pela estrêla de Hollywood. Colleen Gray, por exemplo, tem uma saia de xadrez preto e limão de lã fina, que a estrêla de «Nada Além de Um Desejo» varia com blusas de jersey de decote alto, nas mesmas cores.

(Conclui na pag. 140)



você está sobrando...



E' justo! Assim tão despenteado!

Cuidar dos cabelos é mostrar bom gosto e apuro, é impôr-se como rapaz alinhado! BRYLCREEM — fixador perfeito — lhe facilitará tudo isso, pois é produto de primeira qualidade, é econômico e fixa sem colar, permitindo arrepentir! Comece agora mesmo a usar:



BRYLCREEM
O FIXADOR MAIS QUE PERFEITO

**PÓS CONTRA ASSADURAS
LACERDA**

Poderoso auxiliar na conservação da pele das senhoras — Util nas assaduras, brotoejas, coceiras, frieiras, irritações na pele, suôres, eczemas, sarna, queimaduras do sol, etc.

**AGORA EM EMBALAGEM MAIOR E
MAIS ECONÔMICA**

LABORATÓRIO LACERDA
Rua Conde de Bonfim, 832 — Rio de Janeiro

Envia-se pelo Reembolso Postal

Bill quer
ser vilão



William Holden

No «set» de «Brother Infernal», novo filme da Paramount, tivemos com William Holden uma pequena entrevista na qual ele nos disse:

Quero interpretar papéis de vilão. De agora em diante vou bancar o camarada ridente que dá socos, em vez de ser o rapaz sorridente que fica de lado e só faz falar. Já tive um bocadinho de papéis de herói simpático e, falando seriamente, penso que isso é a pior coisa que pode acontecer a um ator. Para começar, são papéis demasiado fáceis. Depois dos primeiros nem se precisa pensar mais na interpretação do tipo. E o perigo disso está em estacionar na carreira.

Claro que há exceções. O tipo que acabo de representar nesse filme, por exemplo, se bem que seja o mesmo, em linhas gerais, tem compensações, pois isso é uma comédia. Fazemos o público rir. E quando ouvimos esses risos numa sala de projeção, temos a sensação boa de ter realizado algo. Mas o trabalho que não exige esforço não encerra o prazer de um desafio.

Há tempos, interpretei
(Conclui na pag. 130)



UM POUCO SOBRE GAIL

Gail Russell, a simpática estrelinha de cabelos negros e olhos azuis, que pertence à Paramount, possui a curiosa mania de dar a seus animais de estimação os nomes de seus amigos ou de artistas famosos. Seu cãozinho terrier chama-se Cornelia, em honra de Cornelia Otis Skinner, cuja figura ela interpretou em «Almas em Flor». E sua gatinha tem o nome de Sarah, em homenagem à divina Sarah Bernhardt.

A própria Gail tem uma porção de apelidos que seus amigos e parentes lhe dão, como, por exemplo, «Baby Bernhardt», «Sarah», «Gail Face»...

Quando estudava, Gail frequentou o colégio juntamente com outra Russell, muito conhecida, a Jane Russell... Com o término do curso, separaram-se e seus caminhos só voltaram a cruzar uma boa dúzia de anos depois, quando se encontraram nos estúdios da Paramount. Nessa ocasião Gail fazia «A noite tem mil olhos», enquanto Jane atuava
(Conclui na pag. 130)



Gail Russell

MANIAS DE BOB



Bob Hope

Bob Hope, o impagável, vem aí no filme «Fancy Pants», da Paramount, em que faz o papel de cabeleireiro. Nela tem lugar uma sequência hilariante, em que Bob sonha com um pentecado para sua co-estrela Lucille Ball, que consiste numa coluna de cachos medindo palmo e meio de altura, numa miniatura de cabeleireiro de resas artificiais e flores de palha azul, tudo coroado por uma gaiola que encerra um canário vivo!

Como sabemos, Bob é maníaco pelo golf, e por causa disso um fan enviou-lhe um tãu para esse jogo que tem no cabo uma pistola para que ele possa dar um tiro na cabeça quando der um golpe errado...

Bob, ao contrário da maioria das pessoas, conserva num arquivo especial todas as cartas que o criticam ao lado das inúmeras elogiosas que recebe.

Ele acredita que o êxito que alcançou na sua carreira é devido ao senso de oportunidade
(Conclui na pag. 130)

A CHARADA DO FAN

Em nossa edição de agosto, apresentamos um desenho de William Bendix, da Paramount. Entre os leitores que acertaram na identidade do astro, sortearmos os seguintes, aos quais já foram enviados os prêmios constantes de livros, pelo correio: Joaquim Antônio de Araújo, de Inhuma; João Kruguer, de Votorantim; Nacib C. Hilel, de Governador Valadares; Maria Broisa Nunes, de São Borja; e Helyette Pureza, de Paraíba do Sul.

Convidamos agora os nossos leitores a identificarem a artista, cujo clichê ilustra esta nota. É uma das estrelas mais populares do cinema americano. Já fez cerca de quarenta e três filmes, embora tenha começado pelo teatro. Sua carreira artística teve início quando venceu um concurso de «charleston» em sua terra, no Texas. Embora nunca tenha re-
(Conclui na pag. 132)



"SEJA MAIS ADORÁVEL ESTA NOITE!" com o

NOVO e PERFUMADÍSSIMO SABONETE LEVER!

Susan Hayward tem este conselho para você. Hoje mesmo, esta noite mesmo, seja mais adorável com o romântico perfume do novo Lever. Agora em linda embalagem rosa, o sabonete de beleza das estrelas apresenta a mesma alvura e pureza, a mesma rápida e famosa espuma, que tanta economia representa! E outra sensação: Lever lhe oferece o vantajoso Tamanho Banho! Positivamente, o mais fino, mais puro, mais luxuoso sabonete que lhe é possível encontrar é o novo e perfumadíssimo Sabonete Lever, em dois tamanhos!

Agora também
em vantajoso

TAMANHO BANHO



Você verá seus sonhos realizados! Para cativá-lo, nada como uma cutis suave e deliciosamente perfumada! Siga hoje o conselho das estrelas! Use Lever e seja mais adorável esta noite!

USADO POR 9 ENTRE 10 ESTRELAS DO CINEMA



Lizabeth Scott,
trêla da Param
opiniã o s ô b r e
Em Hollywood
pazes aptos pa
da não encontr
meus sonhos",
"Amei até Mor
tos ilustram

Sempre
há tempo

Lizabeth Scott, a ardente
serenista de Hollywood, é
em realidade uma mo-
ga caseira e uma excelente
cozinheira, e diz que os ra-
pazes casadoiros de primei-
ra classe são um pouco ra-
ros, atualmente, na cidade
do cinema.

Lizabeth é solteira.

Apressamo-nos em dizer,
porém, que não o é por fal-
ta de propostas de matrimô-
nio. Essas ela as recebe diá-
riamente por telegrama, pelo
correio, através de presen-
tes de flores e até por pom-
bo-correio.

E' solteira porque ainda
não encontrou a pessoa com
quem sonha casar, mesmo
porque os homens em que
ela acha qualidades desejá-
veis para seu marido, em ge-
ral fogem das moças que
trabalham como artistas de
cinema.

— Claro que é fácil a gen-
te se «amarar», como dizem
muitos, — explica essa moça



a glamorosa es-
count, emite sua
o casamento *
são raros os ra-
ra casar * "Ain-
ei o homem de
diz a estrêla de
rer", cujas fo-
estas páginas



PARA CASAR



ajuizada, descansando agora do seu trabalho no filme «Amei até Morrer» (Paid in Full) que Hal Wallis fez para a Paramount. — Não faltam homens. Mas os atores, para mim, têm os seus inconvenientes. Muitos são convencidos. Outros convidam-nos só para que nos vejamos com eles em público. Outros, enfim, são demasiado materialistas.

Lizabeth, aliás, é a primeira a dizer que nem todos os cavalheiros em Hollywood sabem das falhas acima descritas.

— Mas o tipo comum de homem, aquele que é normal, encantador, sensato, pensa que é incapaz de prender uma atriz de cinema, — diz tristemente a loura que fez no ano passado mais filmes que qualquer outra estrêla de primeira grandeza.

E Lizabeth prossegue.

Vejamos, por exemplo, o caso dos jovens médicos, ou dos advogados recém-formados, ou dos comerciantes que estão começando a luta pela vida. Todos eles pen-

(Conclui na pag. 144)



Joan Fontaine e sua filhinha Deborah

TENHO A VIDA QUE ME AGRADA

Joan Fontaine

Acredito ter encontrado, por ora, a minha maneira ideal de viver. Bem sei que não se prolongará muito o arranjo presente, pois tenho planos para o futuro — talvez deva dizer esperanças — que virão modificar as coisas. Mas, quanto ao presente, devo dizer que me parece perfeito. Estou gozando a vida como uma moça solteira, com todas as alegrias da maternidade, uma carreira e uma vida social que se desenvolvem num perfeito padrão.

Meu trabalho em filmes e no rádio é, naturalmente, a base da minha vida. Tudo o mais

precisa ser arranjado em torno das exigências da minha profissão. Depois, tenho que planejar o máximo de tempo possível para estar com a minha filhinha Deborah. Bem sei como uma criança cresce depressa, e não quero perder coisa alguma desse tempo de desenvolvimento que eu possa gozar. E há também a parte social da minha vida que, no momento, não desejo intensificar muito.

Estou terminando agora «Paraiso Proibido» (September Affair), uma produção de Hal Wallis, e começarei, em breve,

«Mr. and Miss Anonymous», o primeiro de uma série de três filmes para a Paramount. Estou também muito ocupada com uns contratos de rádio. Eis o meu trabalho.

Meu dia começa cedo. Deborah desperta às seis e meia e é trazida para a minha cama para que eu a tenha nos braços e converse com ela tanto quanto é possível em sua tenra idade. Logo depois preciso ir para o estúdio, mas durante todo o tempo sonho com a hora de voltar para a casa, quando a nurse me entrega novamente minha filha com as necessárias instruções para que eu própria cuide dela. De então em diante ficamos juntas até que uma garotinha caindo de sono é vestida em seu pijaminha de urso, dadas que vestem as crianças até os pés, e é colocada na cama. De vez em quando venho ver se já está dormindo e não sossego enquanto não a vejo de olhos serenamente cerrados.

Depois disso, então, sento em meu quarto, servida numa bandeja, sentindo-me repou-

sada e feliz. Daí, um banho morninho, um roupão e uma liseuse de lã e vou para a cama onde me sinto confortável e para onde levo meus óculos de aro de tartaruga e o script para o dia seguinte. Antes de dormir vou ver Deborah ainda uma vez, endireito-lhe as colortas, faço-lhe uns agradinhos e pronto.

Aos domingos levo Deborah para seu passeio. Vamos ver pessoas ou coisas que eu penso que possam interessar Deborah e ajudá-la a se familiarizar com o mundo em que vivemos. É maravilhoso para mim ver as coisas através dos olhos de uma criança. Minha filha é inteligente e comunicativa; andava e falava mesmo antes de um ano de idade. Um domingo sim ou outro não ela vai ficar com o pai, que é William Dozier.

Quanto à minha vida social, posso alguns amigos íntimos com quem gosto de conversar e que vejo frequentemente. Enquanto eu estava casada com o pai de Deborah, vivíamos em tantas festas e havia tanto movimento em torno de mim que acho maravilhoso não ter essas responsabilidades agora.

Quanto a romances, assunto ao qual não se pode escapar — e quem quer escapar dessas coisas? — por agora, não quero saber de nada muito sério. Não quero me deixar envolver de novo já. Charles Mendl, cavalheiro de 78 ou 79 anos, cujo aniversário foi festejado também por mim, é um velho amigo que possuo e eu o acho perfeito como companheiro para sair. É fino, encantador e muito interessante, e não provoço escândalos nem comentários quando saio com ele. Melhor que tudo, quando me acompanha a uma festa, na volta ele me traz até a porta de casa, despede-me uma boa noite e é tudo. Não é maravilhoso?

Em tempo, espero casar outra vez, e gostaria de ter mais três crianças.

Outras esperanças que tenho são em parte profissionais, em parte pessoais. Gostaria de fazer um filme durante um ano em um país estrangeiro. Todos os meus parentes residem na Inglaterra e eu gostaria de que Deborah tivesse alguma educação europeia. Uma viagem dessas seria muito dispendiosa para mim, e um contrato cinematográfico arranjaria todo o caso.

Presentemente, tenho a vida que me agrada. Desde que tenho Deborah nunca me acho só, e gosto do meu trabalho e do meu reatamento.

CUIDADO!

O PERIGO DAS IMPUREZAS
ESTÁ NA POEIRA, NO CHÃO,
EM TODA PARTE!

Só Sabonete LIFEBOUY
possui o
**INGREDIENTE
PURIFICADOR**
que protege a saúde
contra as impurezas!



Uma brincadeira inocente mas... sob a ameaça das impurezas! Exclusivamente Lifebuoy possui o Ingrediente Purificador que protege seus filhinhos contra esse perigo. No banheiro e na pia, a toda hora e sempre antes das refeições, use Lifebuoy - o sabonete de saúde!

ÉIS A PROVA!
O cheiro de Lifebuoy mostra que se ele possui o Ingrediente Purificador.

DÊ À SUA FAMÍLIA A PROTEÇÃO DIÁRIA DE
LIFEBOUY

A Arte de Rir

Um lindo sorriso cativa e representa um dos mais poderosos elementos de sedução. Se é verdade que há mulheres frias, tristes e altivas que conseguem inspirar grandes paixões, não resta dúvida que a maioria dos homens aprecia mais a mulher que sabe sorrir, num sentimento espontâneo e justo de admiração e simpatia para com as pessoas que comunicam aos outros a alegria de viver!

Saber rir é uma arte que exige, antes de tudo, boa disposição. Em geral o riso é sinal de saúde, vitalidade e equilíbrio, e talvez seja por isso que tanto agrada.

Podemos julgar uma pessoa pela sua maneira de rir. Convém estar atenta ao modo de fazê-lo, pois o riso forçado não agrada a ninguém. Sorrir na hora justa e com a devida espontaneidade constitui um predicado indispensável a quem deseje conseguir a simpatia geral.

E' natural que o sorriso atraia as atenções dos que nos cercam, motivo por que se tornam necessários alguns cuidados para realçar a beleza dos dentes, além de algumas regras que constituem recursos de beleza ainda pouco conhecidos.

Todo o rosto deve participar do ato de rir. Os olhos devem brilhar e as faces se movimentarão o suficiente para não formar rugas exageradas que venham transformar o sorriso em careta. Quando se é muito jovem ou muito nervosa, os acessos de riso são difíceis de controlar, entretanto podem ser dominados respirando-se profunda e compassadamente.

Diante de um espelho, praticando exercícios diários, será possível a uma pessoa verificar se ri ou não com exagero e corrigir os defeitos notados pela sua própria auto-crítica.

E' claro que a ninguém é dado escolher o timbre de voz que desejaria possuir quando fala ou quando ri, mas assim como a dicção e o canto podem ser aperfeiçoados por meio da educação, assim também os exercícios apropriados podem contribuir para um riso harmonioso e agradável.

Quando não se possui um sentido perfeito de auto-crítica, é conveniente recorrer à opinião de amigas sinceras e francas, para se obter uma perfeita correção dos defeitos suspeitados.

Sendo uma manifestação inteligente, o riso deve ser dosado de acôrdo com as circunstâncias. Revela lastimável pobreza de espírito a pessoa que ri fora de tempo, a todo momento e exageradamente.

Rir à custa dos outros é, também, muito condenável, porque poderá atrair a antipatia dos que são vítimas de motejos.

Já que falamos na arte de rir e sorrir, é indispensável lembrar que os dentes podem contribuir poderosamente para o efeito desses atos na simpatia dos que nos cercam. Bons dentes, sadios, alvos e brilhantes são complemento inseparável de um belo sorriso.

Quando se avança em idade, muitas são as doenças que ameaçam a beleza dos dentes. Para afastar esse perigo contamos com a arte odontológica, que deve ser completada com os necessários cuidados pessoais.

Se os nossos dentes se desvitalizam e se tornam escuros, poderemos fazê-los voltar à cor primitiva recorrendo ao uso de água oxigenada bem concentrada ou ozona. Essas aplicações, todavia, só poderão ser realizadas pelo dentista, porque devem ser feitas no interior do dente. A cárie, outro poderoso inimigo da saúde dos dentes, é geralmente causada pelos resíduos alimentares que favorecem a proliferação de germens. Para evitá-la, é necessário escovar bem os dentes, de preferência com um dentífrico anti-ácido, tôdas as vêzes que se faça uma refeição capaz de produzir os mencionados resíduos. À noite, esse

(Conclui na pag. 134)



Bazar Feminino

Para as pernas e para os pés



Para proteger as unhas recentemente pintadas, Barbara Bales, da Warner, coloca entre os dedos um flexível, envolto em algodão, antes de aplicar o esmalte.

Em geral as pernas e os pés são as partes do corpo de que mais negligenciamos. Quando bem tratadas, contribuem para a boa aparência, principalmente no verão, quando ficam mais expostas.

O estado dos pés tem uma grande influência na expressão do rosto. Quando se têm calos, joanetas ou unhas encravadas, não só ficam feios e doridos, como dão ao rosto um ar de sofrimento, provocando rugas. Há cuidados que podem contribuir muito para evitar esses aborrecimentos. Eis aqui alguns deles:

1) Ir a um pedicuro ao menos uma vez por mês, mesmo que seus pés não a incomodem.

2) Tirar o esmalte todas as semanas, limpar bem as unhas e cortá-las retas, para evitar que encravem.

3) Raspar as pernas ou usar um depilatório, uma vez por semana. Untá-las depois generosamente com creme.

4) Escolher com cuidado sapatos e meias que assentem bem.

(Conclui na pag. 134)

Detalhes e Novidades

1. Use diariamente um bom desodorante. Prefira as fórmulas menos concentradas, que servem para uso diário, pois são mais eficientes do que as de emprego semanal. Durante os dias de verão este cuidado deve constituir um hábito.

2. Se deseja bronzear a sua pele evitando as desagradáveis consequências de queimaduras, faça uma fricção com vinagre à sombra, deixando secar ao ar livre antes do seu banho de sol. Depois deste, ao voltar para casa, uma nova fricção de vinagre. Estes cuidados darão à sua pele um encantador tom dourado, evitando ainda que fique empolada ou queimada.

3. Durante o verão tornam-se indispensáveis os banhos em água tépida, quase fria, na qual se praticará a imersão depois de adicionadas algumas gotas de água de Colônia ou de toalete. Ao sair do banho, usaremos a toalha somente para secar o corpo, evitando-se quaisquer espécie de fricção. Finalmente, uma aplicação de talco que contribuirá para evitar a transpiração e servirá para dar uma agradável sensação de frescor à nossa pele.

4. Os lenços de papel estão muito em voga como instrumento ideal para uma remoção perfeita da Maquillage.

5. Para evitar que as cerdas da sua escova de dentes percam rapidamente a resistência, enxagüe-as em água fria e use um pano para secá-las, logo após o seu uso.

6. O seu removedor de esmalte de unhas evaporará muito menos se você colocar em volta de sua tampa, depois de usá-lo, uma tira de esparadrapo.

OS COSMÉTICOS COMO PRESENTES

Para presentear uma moça não há dificuldade alguma na escolha de que lhe dará prazer. Basta procurar uma casa onde se vendam cosméticos, que aí encontraremos grande variedade de produtos. E' só saber escolher.

Se as suas finanças o permitirem, procure eleger uma elegante valise de viagem, contendo todos os artigos de beleza necessários à toalete feminina. Nela se encontram, na mais per-

(Conclui na pag. 134)



Este conjunto, que se compõe de baton e aplicador de borracha, vem num estojo de couro e constitui um presente que dará prazer a qualquer moça.



MOCIDADE

*Oh! mocidade alegre e descuidosa,
coroada de pâmpanos e de hera,
que esfolhais, no caminho, o lírio e a rosa
do sonho azul da vossa Primavera!*

*Quem me dera outra vez, ai quem me dera
a vossa luz esplêndida e radiosa,
que me aviva a saudade dolorosa,
do que hoje já não sou, mas dantes era...*

*A mocidade é um despontar de aurora,
que a gente, só mais tarde, sempre chora
haver perdido em louca insensatez...*

*Moços! gozai vosso viver risonho!
A mocidade é o sonho, um lindo sonho
que se sonha na vida uma só vez!...*

Alberto Olavo

ESPARRÓS

CANÇÃO

*Vento que passas desfolhando as rosas,
As pétalas levando fenecidas,
Rosas vermelhas, brancas, lacrimosas,
Tristíssimas amantes esquecidas...*

*Vento que as deixas mortas ou feridas,
Depois de as teres vivas e ardorosas,
Quero as rosas tombadas e perdidas
Que em noites fundas com teu beijo esposas*

*As princesas que, pálidas, arrancas,
Impetuoso e bárbaro, do ramo,
Eu quero que com elas tu me cubras...*

*Que eu amo as rosas líricas e brancas,
Eu amo as rosas côr de rosa, e amo
Apaixonadamente as rosas rubras!...*

Maria Tereza de Andrade Cunha



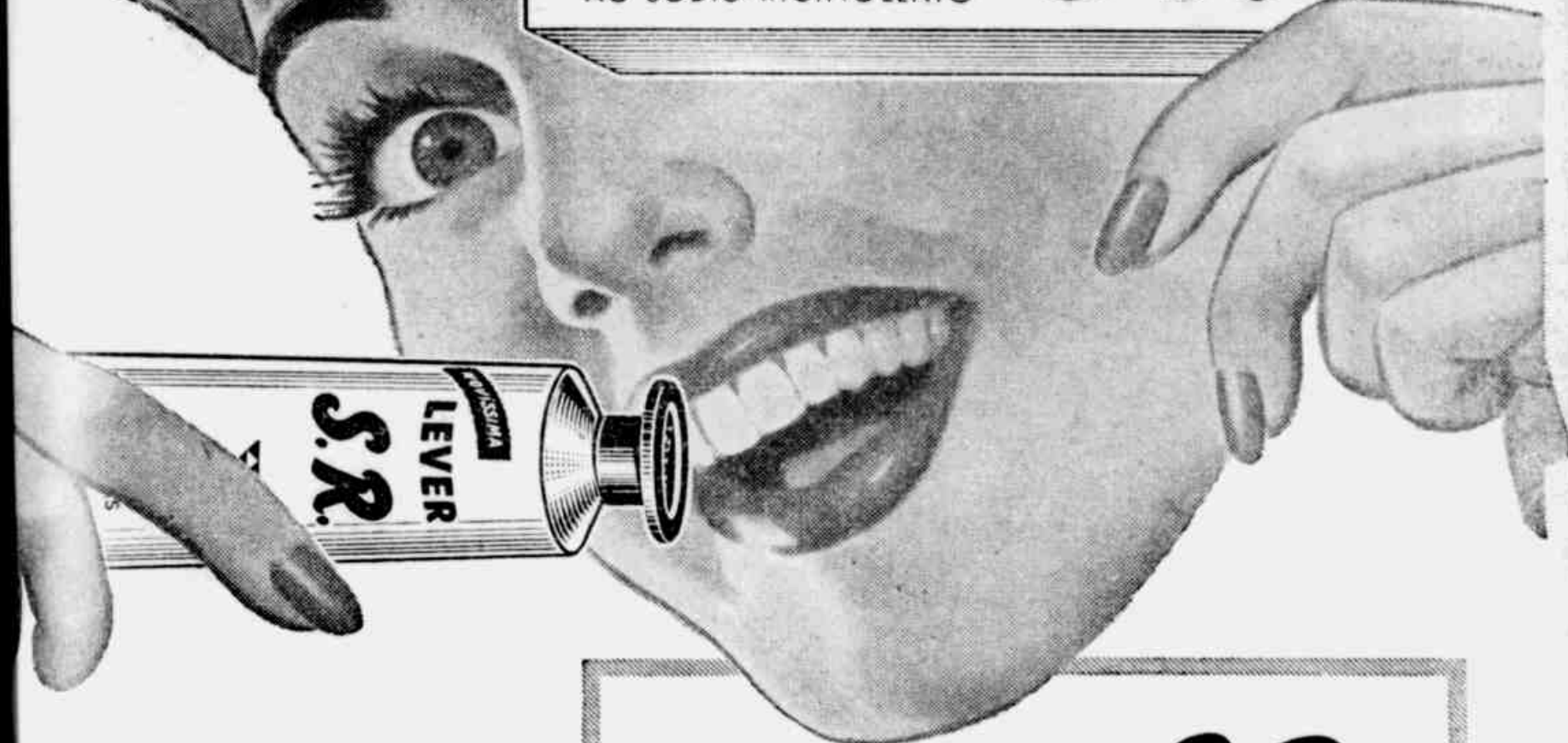
NOVÍSSIMA!

PASTA DENTIFRÍCIA

LEVER

AO SÓDIO-RICINOLEATO

S.R.



com o famoso **ELEMENTO S.R.**
numa exclusiva **Espuma-Delícia**

Certeza maior não pode haver! Pela embalagem, pela diferente e refrescante espuma, pelo delicioso sabor, você logo concluirá: a novíssima Pasta Lever S. R. é uma pasta realmente nova! E nos resultados, então, é simplesmente incrível! Pois, não só embeleza mais! Lever S. R. vai ao ponto mais importante para a saúde e a vida dos seus dentes - as gengivas! - graças ao seu famoso Elemento S.R. Positivamente! O certo é mudar, hoje mesmo, para a novíssima Pasta Lever S. R.!

◆ ***Novo Sabor***
delicioso!

◆ ***Nova Espuma***
que embeleza mais!

INSUPERÁVEL PROTEÇÃO para **DENTES e GENGIVAS TAMBÉM!**

FIGURAS EM FOCO



SYNGMAN RHEE
Presidente da Coreia do Sul

200 toneladas de metal, e não foi mais recolocado em seu lugar. Desde essa data, o maior sino do mundo é o do palácio de Seul.

Em agosto de 1948 Mac Arthur presidiu, ao lado de Rhee, a uma grande parada militar. Dez mil soldados arvoraram pela primeira vez, sobre seu extravagante uniforme, metade coreano e metade americano, as insígnias da Coreia independente. O grande sino foi tocado festivamente. Mac Arthur disse então que Seul «possuía o maior sino do mundo para anunciar a liberdade».

Aludindo à ameaça da ocupação da Coreia do Sul pelos comunistas, Syngman Rhee respondeu citando um provérbio coreano:

— Não podemos levantar uma pedra pesada sem nosso rosto ficar vermelho, mas, depois do esforço, enquanto limpamos o suor, contemplamos o feliz resultado de nosso trabalho.

Na hora do tradicional banquete o presidente Rhee evocou o tempo em que os japoneses se apoderaram de toda a Coreia, pretextando que os russos a transformaram num «punhal apontado para o coração do Japão». E concluiu:

— Hoje, se seus soldados nos abandonassem, a grande pedra russa nos esmagaria.

Mac Arthur limitou-se a responder:

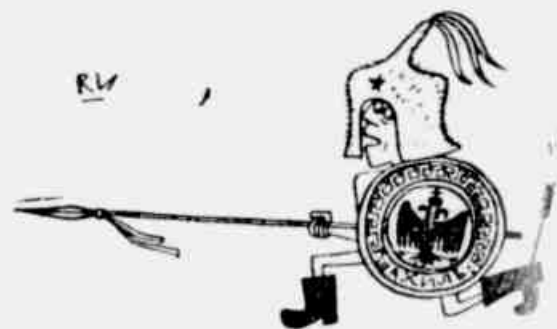
— Se sua estúpida política interna não o levar um dia a exigir a retirada de meus soldados, eles aqui ficarão até que a grande pedra russa não mais

(Conclui na pag. 116)

JÁ OUVIRAM FALAR EM AQUILOFF?

As gentilezas de que em Paris foi alvo o embaixador russo, Pavlov, não deixaram de enciumar um tanto o corpo diplomático francês. O «Pravda», o «Isvestia», e até mesmo o periódico satírico «Crocodil» não sabiam como louvar a amabilidade extrema com que foi acolhido. Por ocasião das festas em honra da rainha Juliana, foi visto com um ar imponente a passear nos corredores da Ópera, envergando um uniforme impecável e rodeado de belas e elegantes senhoras.

Serriedente e loquaz, Sua Excelência contava, como de costume alguma, de suas interessantes histórias. Per-



lou, por exemplo, que, de acordo com a tese de Ivan Jugoff, professor de história na Universidade de Leningrado, o Aquiles da célebre epopeia homérica (cujo calcâneo se tornou famoso) era um dos grandes ancestrais dos russos. A vitória dos gregos na guerra de Tróia foi devida, exclusivamente a ele, o que constitui uma prova da qualidade das armas russas na antiguidade. O ardoroso Aquiles seria natural, não da Tessália, mas da Crimeia, onde os gregos foram buscá-lo para confiar-lhe o comando do seu exército.

Essa tese constituiu o alvo de espirituosas piadas de alguns embaixadores ocidentais, os quais muito estranharam que se pudesse comparar Homero «à la russe».

Eis mais uma solene reivindicação soviética. Tão numerosas são elas em todos os terrenos, desde a invenção do telégrafo sem fio até o para-raio, passando-se pelo carrinho de mão e pelo avião, que — de ciara um comentarista francês — ninguém estranharia se algum dia pretendessem assumir a paternidade da Coca-Cola!

MUNDO

RELEMBRANDO MARCONI



GUGLIELMO MARCONI

Na madrugada de 20 de julho de 1937 faleceu Marconi vítima de «angina pectoris». Suas últimas palavras foram: «Sinto que morro e não me importo absolutamente com isso».

Este ano, o 13º aniversário de sua morte foi memorado com carinho pela imprensa italiana. De um bem informado artigo

biográfico de Mario Stella destacamos as seguintes linhas sobre os começos do seu maravilhoso invento:

«Depois do bom êxito das experiências de laboratório e das realizações em lugar plano entre dois pontos visíveis, tratava-se de se verificar se os sinais telegráficos sem fio podiam ser transmitidos para além de um obstáculo natural como a colina fronteira à vila Grifoni, nos arredores de Bologna, onde Marconi se dedicava com ardor às suas experiências.

No outono de 1895 foi realizada a grande prova. Seu irmão Afonso, auxiliado por outra pessoa, transportou o aparelho receptor com as respectivas antenas para o outeiro da colina. Haviam combinado que, no caso de captar os sinais transmitidos por Guilherme, Afonso o avisaria com o disparo de um tiro de espingarda. Guilherme deu tempo para que os dois chegassem ao lugar convenido, e então, premendo o manipulador Morse, iniciou a transmissão dos sinais. Um tiro de espingarda souou então no vale. Estava assegurado o êxito da invenção! O jovem cientista, que em seus vinte anos de idade ainda não obtivera diploma de nenhum curso além de um licenciamento técnico, oferecia à humanidade a mais genial e maravilhosa via de comunicação através do éter, e dava seu primeiro passo na senda do triunfo!

Realizou-se em sua casa um conselho de família e em consequência resolveram fazer uma comunicação ao ministro dos Correios e Telégrafos. A resposta foi dubitativa. Segundo conselho de família e carta para o embaixador da Itália em Londres, o qual a mãe de Guilherme, irlandesa, co-

(Conclui na pag. 116)

FLAGRANTES

● Nos círculos das embaixadas espanholas considera-se como certa a admissão da Espanha na Organização das Nações Unidas. O general Franco, com efeito, há muito tempo que garante aos cidadãos espanhóis o gozo de quatro liberdades fundamentais. São elas: a provisória, a vigiada, a condicionada e, finalmente, a liberdade com caução.

● A ex-rainha Amélia de Portugal, cognominada «Rainha esquecida», quer continuar a residir em Versalhes, onde já vive há muito tempo, sem embargo da lei recente que a autoriza a voltar para seu país. Neta de Luís Filipe, sobrinha bisneta de Luís XVI e viúva de um rei assassinado, a rainha Amélia teve uma vida rica de episódios trágicos. Com seus 84 anos, deseja continuar a residir na França e nela morrer. Apenas pediu que lhe preparassem em Portugal um túmulo, ao lado dos seus queridos mortos, no Panteão São Vicente, em Lisboa. A rainha Amélia, que foi a mais bela soberana da Europa, faz hoje suas compras pessoalmente. Mantém-se digna de si própria e de sua divisa: «Amar, sofrer e perdoar».

● Enquanto Truman se encontra reunido em sessão permanente com seus chefes militares, Trygve Lie, «diplomata mundial» e mediador da paz, acha-se muito preocupado desde o início da guerra na Coreia. Constantemente telefona para Blair House, insistindo com Acheson para fazer alguma declaração conciliadora. O secretário de Estado responde-lhe:

— Obtenha primeiro o «Cessem o fogo» de seu amigo Stalin!

● Nestes últimos cinco anos, de acôrdo com estatísticas oficiais, a recuperação italiana é exemplificada pelos seguintes números: no terreno das edificações particulares, por 6.800.000 habitações destruídas foram reconstruídas 3.120.000; no setor dos edifícios públicos (escolas, hospitais, paços municipais, museus), foram destruídos ou danificados 190.000, sendo construídos ou restaurados 150.000; quanto às estradas, pelos 14 mil kms. destruídos, 30 mil foram restaurados e 13 mil construídos de novo; da redução de 1.400.000 kw de energia, foram recuperados 1.372.000 e construíram-se novas centrais para 668.000; e das 2.968 pontes destruídas, só faltam 98 para reconstruir.

● Palavras do presidente Truman: «Eu sou a prova eloquente de que qualquer imbecil pode comandar uma bateria de artilharia, uma vez que tenha como auxiliar um sargento competente!»

● Muitas pessoas se perguntaram por que motivo Anthony Eden se divorciou (v. ALTEROSA, ag. 50, p. 115). Algumas encontraram razões políticas, mas a causa foi bem diversa. Eden divorciou-se porque sua es-

(Conclui na pag. 140)



INSTANTÂNEO DO MÉXICO

Símbolo nacional: a águia e a serpente.

Planta nacional: a agave ou piteira, que fornece fibras têxteis, alimento e uma bebida alcoólica (pulqué).

Córes nacionais favoritas: purpúrea, azul, vermelha e verde.

A mais bela catedral da América Latina: — A catedral de Puebla.

Padroeira dos brancos: Nossa Senhora dos Remédios.

Padroeira dos índios: A virgem de Guadalupe.

Heróis revolucionários: são tantos, que cada aldeia possui pelo menos um.

Homem esquecido: Fernando Cortez.

Problema nacional: a água

Virtude nacional: atitude filosófica em face da vida.

Vício nacional: carregar armas ocultamente.

Valor do peso: 2 cruzeiros e 40 centavos — UNW.

A gasolina, cuja venda foi hoje liberada na Inglaterra, ao preço de três xelins cada galão (2 cruzeiros o litro), achava-se racionada de dez anos a esta parte, e racionada com grande rigor. A quota fornecida só dava para se percorrerem 150 kms. por mês, criando-se exceções para os homens de negócios, os médicos, os jornalistas, os diplomatas e poucas classes mais. E como a atual e inesperada liberdade de venda coincidiu com a bela estação, assistiu-se a um fenômeno que muito impressionou os forasteiros. Dois milhões e meio de carros, em grande parte concen-



trados em Londres, foram despejados de um dia para o outro nas estradas. Celebrou-se uma orgia de automobilismo a que ninguém desejava faltar. Muitos velhos, apaixonados do volante, precipitaram-se com lágrimas nos olhos para seus decrepitos carros que jaziam desde muitos anos inativos e, depois de removerem grossas camadas de pó, conseguiram, por misteriosos processos mecânicos, restituir a vida e o movimento a motores que pareciam destinados a uma paz perpétua. E, não contentes com esse primeiro triunfo, instalavam-se nos assentos carcomidos, empunhavam o volante e partiam sem rumo certo, só pelo prazer de rodar... — Pierre Ottone.



O Duce, nos tempos de sua glória, e seu filho Romano, que agora ganha a vida como tocador de harmônica

O DIÁRIO DE MUSSOLINI

Nos últimos dias da derrocada italiana, Mussolini estava residindo em Gargnano del Garda, donde partiu a 18 de abril de 1945 em direção a Milão; e foi capturado em Dongio a 27 do mesmo mês, ocorrendo, como se sabe, no dia imediato, sua execução pelo comunista Walter Audisio, conhecido pelo pseudônimo de «Coronel Valério». Nessa ocasião desapareceram valores de grande valor e documentos de considerável importância histórica e política.

E' a isso que chamam o «tesouro do Dongio». E em junho último iniciou-se na Itália um processo contra umas três dezenas de acusados a fim de se determinar o paradeiro daqueles valores e documentos.

Entre o material que o Duce levava de Gargnano figuravam, sem dúvida, seu diário pessoal, que trazia sempre em dia, e que, segundo suas próprias palavras, iniciara em 1921. Os familiares do Duce esperavam (e ainda esperam) descobrir esse volumoso documento de formidável importância documental, e, igualmente, comercial. Dizem que Edda Ciano recebeu, pela venda do diário de seu marido na América, não menos de 200 mil dólares (4 milhões de cruzeiros). Quanto ao de Benito Mussolini, é de valor inapreciável. Encerra, nas suas 6.000 páginas, um material precioso como uma mina de ouro e terrível como uma bomba atômica.

Dê-lo só se conhecem por enquanto as páginas referentes ao nascimento de seu filho Romano e que ele permitiu que sua mulher, Raquel, fotografasse. Esta as conservava cuidadosamente consigo, mas na precipitação da fuga de Gargnano as fotocópias foram esquecidas. São os seguintes os dizeres da primeira:

«26 DE SETEMBRO (1927): Manhã nevoenta. Um telefonema de Carpena anuncia-me novidade. Sinto-me um pouco comovido. Parto inclementemente de automóvel. Chego a Carpena às 17. Fiz 135 Km. em 7 horas. Minha mulher ainda está de pé e não sofre. À noite, depois das 20, as contrações aumentam. As dez recorro-me, mas sinto

(Conclui na pag. 113)

CAÇA AOS CROCODILOS DO AMAZONAS

Os crocodilos gigantes da ilha Marajó (ilha maior que a Suíça), na embocadura do Amazonas, cobram dos fazendeiros daquela região um enorme tributo em rezes que constantemente trucidam.

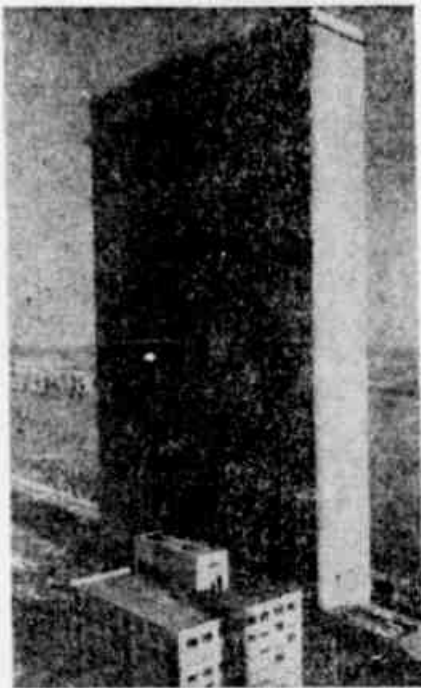
Na luta empenhada contra esses perigosos "salteadores", as armas de fogo não são satisfatórias, porque o crocodilo, mesmo ferido, pode sobreviver muito tempo e continuar suas devastações. Por este motivo os marajóenses preferem utilizar armas



tais antigas quanto o mundo, mas que se mostram muito eficazes: o arco, o arpão e o machado.

Elas rastream em direção ao animal e o capturam a laço, assim como um cow-boy do Texas capturava cavalos selvagens; em seguida arrastam-no para a margem, onde o matam com uma simples machadada. Se o crocodilo se encontra em águas profundas, os caçadores aproximam-se numa canoa, arpoando com uma precisão admirável, e o rebocam em seguida para a praia.

Perigosa que seja, esta caçada é, entretanto, frutífera, pois um grupo numeroso de caçadores pode matar até cinquenta crocodilos numa hora.



A futura sede da ONU, que se ergue à margem do Hudson

SEDE DA ONU, A OITAVA MARAVILHA DOS EE. UU.

Quando os turistas estrangeiros embarcam nos cais de Nova York para fazerem, um pouco atropelados, o giro de Manhattan, o guia chama-lhes a atenção para a oitava maravilha dos EE. UU.: o edifício da ONU que se ergue rapidamente à margem do Hudson.

Dentro de breves meses a construção estará terminada e, no fim do ano, alguns milhares de delegados, secretários e empregados (inclusive o «exército» da ONU: um coronel e cinquenta homens) nela se instalarão. O orçamento previa uma despesa total, em cruzeiros, de 1 bilhão e 550 milhões, mas o custo será mais elevado ainda. A ONU nada despende, porque é o governo dos EE. UU. que adianta esses milhões sem juros (e sem esperança de reembolso). Quanto ao terreno, alguns riquíssimos americanos disputaram a honra de oferecê-lo, grátis, à ONU. A família Rockefeller, após um conselho dos herdeiros, derrotou os «concorrentes».

A sede definitiva da ONU tem 39 andares e 5.100 janelas. Para edificá-la foram necessários 13.775 toneladas de aço e 4 milhões de tijolos. Graças a uma instalação gigantesca compreendendo 80 quilômetros de canos e 900 quilômetros de fios elétricos, o norueguês poderá fazer reinar em seu apartamento uma temperatura polar, ao mesmo tempo que no apartamento contíguo o enviado da Índia suará em meio do calor da «jungle». Dizem que o delegado britânico exigiu nos seus aposentos o nevoeiro das margens do Tâmisa, o célebre «fog» londrino — mas isto, certamente, não passa de gracejo.

Além desse edifício o projeto prevê mais outros dois igualmente majestosos, devendo todos achar-se concluídos no outono de 1951.

TUDO ACONTECE NO DIA SEGUINTE



Desde o início da atual guerra da Coreia todas as salas de redação do mundo vivem atrapalhadas com as datas, conforme elas procedam de Washington ou de Seul. A confusão principiou no primeiro dia: no fim da tarde de 24 de junho, sábado, Washington recebeu a comunicação de que os norte-coreanos atacaram a Coreia do Sul na manhã de domingo, 25. Isso acontecera no dia seguinte... De acordo com uma convenção internacional, quando os relógios de Seul marcam 6 horas da madrugada, são 6 horas da tarde, de

dia anterior em Washington. Washington tem, portanto, um atraso de 10 horas em relação a Seul.

Esta diferença é convencional. Quando os homens acreditavam que a terra era chata como um disco de vitrola, o sol, para eles, parecia sair dos mares da China para percorrer a Ásia e a Europa, e desaparecer em seguida no Atlântico. E ao verificarem, depois da descoberta da América, que a terra era redonda, resolveram, após longos tateamentos, adotar uma linha arbitrária para separar a véspera do dia seguinte. Ela fica no meio do Pacífico, passando perto do estreito de Behring, das ilhas Hawai e da Nova Zelândia. É o meridiano 180°, adotado pela Conferência Internacional de Washington em 1884 como linha de mudança de data. É nesta linha que começa cada um dos novos dias. O sol ilumina sucessivamente a Coreia, a Ásia, a Europa, o Atlântico e a América... E essa é a razão por que Seul está sempre adiantada em relação a Paris e Washington.

(Conclui na pag. 115)

NOVA ESPERANÇA PARA OS TUBERCULOSOS?



SALOMON MARBAIS

⊙ processo a que ora responde, na França, Salomon Marbaix, interessa a toda a classe médica e aos tuberculosos do mundo inteiro.

Esse médico rumeno, de 75 anos, que em 1907 desembarcou em Paris com cartas de recomendação para o professor Roux e o célebre Metchnikoff, é o criador de uma vacina antituberculosa que nada tem de comum com a BCG de uso generalizado.

Dado o estado atual das experiências de controle desta vacina, ninguém pode ainda afirmar com certeza se a descoberta do dr. Marbaix é um erro monstruoso ou uma das descobertas mais sensacionais do século.

Uma diferença essencial distingue sua vacina da BCG — é que esta é retirada de vacas, ao passo que a vacina Marbaix utiliza BK (bacilos de Koch) de seres humanos — ficando desta forma, à margem da bacteriologia clássica. Ele próprio fabrica sua vacina tomando como base um caldo de cultura cuja fórmula não é secreta e semeando os germes BK em tubos, sobre lamininhas de batata. Recebe os enfermos duas vezes por semana, atendendo de 50 a 60 de cada vez. Muitos chegam de bem longe (Bélgica, Dinamarca).

Vinte mil pessoas já tratadas por ele escrevem-lhe, às vezes, cartas delirantes de alegria. Entre os «curados» figura Laniboire, zelador de sua vila, e que cuida dos animais das experiências. Sofrendo de tuberculose ao entrar para seu serviço, viu-se milagrosamente restabelecido com três injeções da nova vacina. Quando lhe falam sobre o dr. Marbaix, Laniboire, chora de reconhecimento, exclamando:

— Ele me salvou! Devo-lhe a vida!

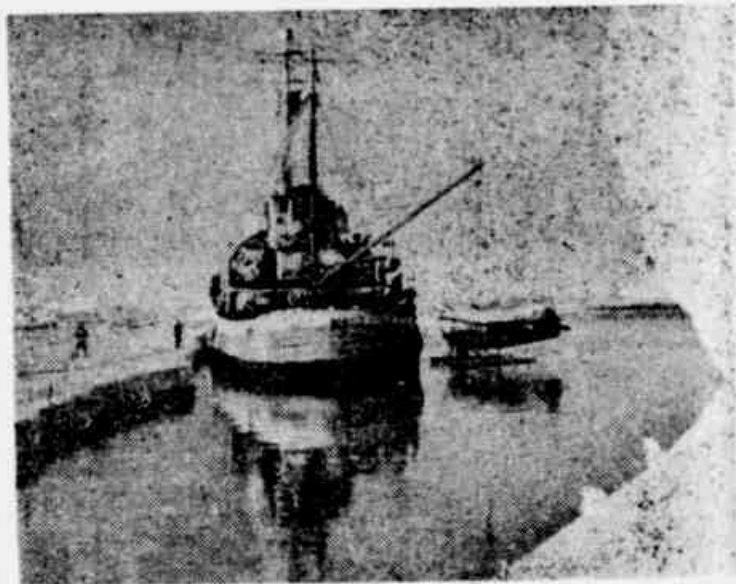
Velho robusto, de constituição hercúlea, o dr. Marbaix pouco se enfraqueceu com dois litros de sangue que perdeu, em consequência de uma hemorragia nasal sofrida no decurso de uma das audiências de seu processo.

Este foi movido pelo Ministério da Saúde e pela Academia, os quais acusam o dr. Marbaix de duas infrações: exercício ilegal da medicina por não estar inscrito na Ordem dos Médicos, e utilização ilegal de uma vacina ainda não aprovada.

OS FRANCESES VOLTAM À TERRA ADÉLIA

Ⓐ o mesmo tempo que as exigências da estratégia militar impelem grandes nações a interessar-se pelas regiões polares, o mundo moderno procura avidamente descobrir tanto no Ártico como no Antártico novos campos de ação para seu gênio industrial e comercial. O Ártico já se está tornando muito conhecido e nele já parece não haver grande futuro. O Antártico, em compensação, continua ainda a ser região nova, e oferece recursos tão certos quanto variados. Para aí manter o prestígio de seu pavilhão, e para não perder a dianteira que lhe proporcionaram a coragem e a audácia de seus exploradores, a França, 110 anos exatos depois da descoberta por Dumont d'Urville, da Terra Adélia, sita no Círculo Polar Antártico, enviou este ano para esse território o navio «Comandante Charcot», com a finalidade de nele desembarcar uma missão.

O «Comandante Charcot» levou 18 dias para atravessar o «pack» de gelos flu-



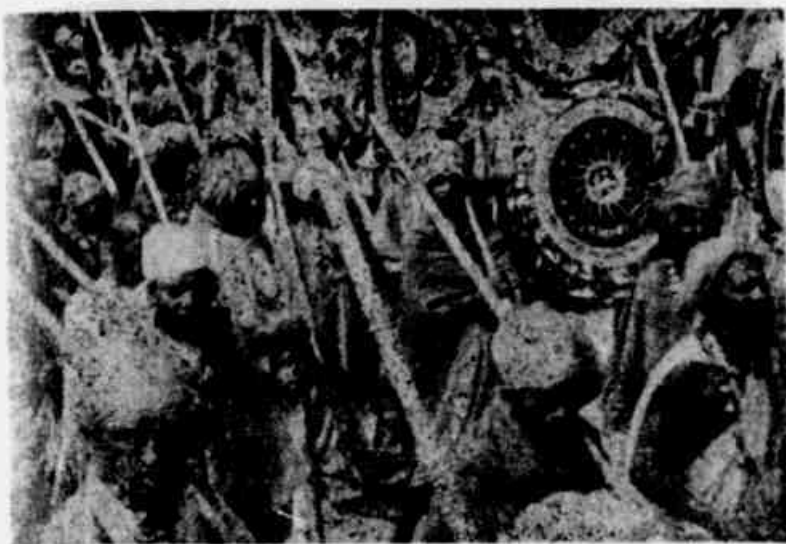
O «Comandante Charcot»

tuantes e chegar ao mar d'Urville, que se achava quase desembaraçado deles. Mas dois dias depois o navio viu-se aprisionado pelos gelos; e enquanto seu capitão Max Douguet erguia vôo para procurar uma passagem, realizou-se, em frente de uma assistência de pingüins atônitos, uma sensacional partida de futebol, disputada pelos maquinistas contra os marinheiros do convés.

Afinal, o Charcot chegou à terra, e durante alguns dias houve animado trânsito de barcas e lanchões entre o navio e a costa, sendo desembarcados dois tratores de caterpilares, e mais de 200 toneladas de material, carvão e víveres; ao mesmo tempo os carpinteiros de bordo, após o nivelamento do terreno, montavam a barraca da expedição. Esta barraca, em forma de cruz, tinha numa ala o dormitório; em frente, a cozinha e o banheiro; à direita, a estação de rádio; e à esquerda os escritórios e os instrumentos de trabalho.

(Conclui na pag. 143)

1.250.000 INDÚS BANHAM-SE NO GANGES



Uma coluna de peregrinos dirige-se ao Ganges

Os indús acreditam que, banhando-se no Ganges a qualquer hora e em qualquer lugar, podem conseguir a absolvição de seus pecados. É preferível mergulhar no rio sagrado em Haridwar (Porta do Céu), na embocadura do Ganges, mas banhar-se em Haridwar durante a Kumbh-Mela, (Festa do Urna), que se realiza de 12 em 12 anos, encerra uma virtude cem mil vezes maior do que um banho comum.

Na atual Kumbh-Mela, que coincidiu com o Ano Santo dos católicos, 1.250.000 indús dirigiram-se para Haridwar. Além do Ganges, atracado número 1, havia teatros ambulantes, circos, feiras e outras diversões. Os peregrinos entravam na água bradando:

— O Ganges divino, o mais santo dos rios, conduza minha alma para a salvação!

Quinze horas e 48 minutos é a hora H fixada pelos astrólogos como sendo a mais favorável para o banho sagrado. Mas, por um paradoxo oriental, essa hora privilegiada é reservada aos sadhus, os puros, os homens santos, os faquires, isto é, aqueles que unicamente necessitam menos da indulgência divina.

Para evitar incidentes, a ordem foi garantida por 4 mil policiais e 1.500 soldados que dispunham de postos de rádio e alto-falantes. Muitas aldeias de barracas, 15 pontes de barcos, 35 mil toneladas de víveres — tudo fora previsto para satisfazer as necessidades materiais dos peregrinos.

O DDT, espalhado em profusão, devia impedir os mosquitos de participar da festa. Para maior precaução os médicos efetuaram vacinações em massa.

Na última Kumbh-Mela, em 1938, os peregrinos nada tiveram para comer, milhares de fanáticos morreram de cólera e os sobreviventes desencadearam uma epidemia na Índia.

Neste ano só houve um incidente: uma coluna de peregrinos que se dirigia para o Ganges encontrou-se com outra coluna de regresso — e em resultado morreram espezinhados 24 mulheres, 5 homens e 1 criança. Incidente, aliás, sem gravidade, de acordo com o ponto de vista local, porque morrer em Haridwar durante a Kumbh-Mela é considerado uma honra. Há velhos que para lá se dirigem expressamente com a esperança de morrer. Se isto acontece, seus corpos são queimados à beira do rio numa fogueira, e suas cinzas lançadas na água sagrada. Nem todos, porém, têm esta sorte, e esses infelizes regressam para suas casas decepcionados, mas vivos.

No ano corrente, 28 crianças nasceram inesperadamente no meio da multidão.

Um dos peregrinos isolou-se perto da multidão e do ruído, numa cova de areia. Era um homem santo. Terminada sua imersão no Ganges, ele meditava, orava e servia de exemplo aos outros homens santos, cuja peregrinação se completava com mortificações diversas, como ficar sentado num tapete de pregos, ou conservar-se de pé, equilibrado numa perna só, durante horas seguidas.

CASAMENTO POR PROCURAÇÃO



— Ao contrário da princesa Ali Khan, Ingrid Bergman deseja recomeçar a trabalhar no cinema. Para isso apenas espera que se faça silêncio em torno de seu nome, pelo menos sobre seu casamento com Rossellini.

— Esse casamento me causou uma sensação extraordinária, — disse ela. — Poucas pessoas sabem que se realizou em Juarez, no México, onde dois advogados, Javier Alvarez e Arturo Gomez, se levantaram ao mesmo tempo ante o juiz Raul Orozco. Descobriu-se, este perguntou a Alvarez:

— Sabe se Roberto Rossellini deseja receber Ingrid Bergman como sua esposa legal?

Alvarez respondeu "Sim" com voz forte, representando evidentemente o marido.

O juiz voltou-se então para Gomez e, *mutatis mutandis*, fez-lhe a mesma pergunta. Gomez, que representava Ingrid, respondeu "Sim". (Desejamos crer que este "Sim" foi proferido com voz tímida).

— Então, — disse o juiz Orozco, — em nome da República do México, das leis e da sociedade, declaro que Ingrid Bergman e Roberto Rossellini estão unidos pelos elos do casamento.

Como esta cerimônia não foi transmitida pelo rádio, o cenarista e a atriz não assistiram a seu próprio enlace, mas receberam uma telefonada comunicando-lhes que os "Sim" haviam sido pronunciados. Convidaram os amigos e beberam champanhe.

— Que casamento esquisito! — repetia Ingrid. Ela usava um bracelete, do qual pendia um pequenino apito policial de ouro, que seu marido acabava de oferecer-lhe.

Liderança contínua



...exige

aperfeiçoamento contínuo

Na fabricação de Continental, um líder há 15 anos, vimos introduzindo, sempre que possível, aperfeiçoamentos resultantes de nossa vasta experiência no plantio, seleção e mistura de tabacos finos.

uma
preferência
nacional



cigarros

Continental

um produto SOUZA CRUZ

PETER PAN...

(Conclusão)

tarde num volume, elas deviam tornar-se um grande e duradouro sucesso de literatura regional.

Quando estudante em Edimburgo e, em seguida, jornalista em Londres, James Barrie sempre ia à cidade para procurar inspirações em palestras com sua mãe, a quem lia todos os seus livros. As heroínas das suas novelas daquele tempo sempre tinham traços de Margaret Ogilvy. «Sem eu querer ela sempre se insinuava nos meus escritos», confessava ele.

— Lá vem ela outra vez! — dizia, um tanto orgulhosa, Margaret Ogilvy, reconhecendo-se nos retratos involuntários.

Os filhos zombavam carinhosamente da vaidade materna:

— Talvez ela não seja quem a senhora pensa, — dizia James, e sua irmã acrescentava:

— Seu nome não é Margaret... É uma senhora alta e de porte majestoso.

Mas, Margaret Ogilvy, que era baixinha e frágil, bem sabia que a heroína de seu filho não podia ser senão ela; dava de ombros, murmurando:

— Há tanta coisa esquisita neste livro! — até que por fim todos tinham que concordar: «De fato, é ela outra vez!»

A mãe do autor de «Peter Pan» morreu setuagenária, em 1895, quase dez anos antes da estréia do «Menino que não queria crescer». Porém, não está ausente desse livro que seu filho escreveu para todos os filhos de todas as mães e que devia levar seu nome aos quatro cantos do mundo.

Ela possuía uma relíquia, preciosamente guardada e que às vezes acariciava: a roupa com a qual foram batizados todos os seus filhos e que ela costumava emprestar também às crianças de que era madrinha. Era a única coisa em casa que não tinha custurado com suas próprias mãos, e sim comprado numa loja, porque queria que fosse algo «diferente». Mas cada vez depois de usado, lavava e passava pessoalmente o vestidinho com muito cuidado, para conservar-lhe a frescura. Já quase na hora da morte, pediu que o trouxessem e ficou alguns instantes abraçada a este símbolo da eterna infância, símbolo também da maternidade.

Peter Pan, o menino lendário, tem um monumento de bronze no seu parque de Kensington, em Londres. Mas, seu autor — que morreu com setenta e oito anos — foi sepultado, como o desejava, ao lado de sua mãe, no velho cemitério do lugarejo onde nasceu, sendo seu nome gravado sem adorno algum, na mesma pedra, debaixo do de Margaret Ogilvy e de seus outros filhos.

✱

Quereis ser sábios? Estudai a natureza. Justos? Estudai a natureza. Felizes? Estudai a natureza. A Natureza é uma revelação da Divindade. — Marquês de Maricá.



Colorido...
-o toque divino!

PÓ-DE-ARROZ TORMENTO... O TOQUE DE BELEZA

Sedução de perfume, exclusivo...
sutil... Magia de colorido
- criação de verdadeiros Mestres...
sensação de veludo na
ponderável textura...
unidas num só pó-de-arroz -
TORMENTO, o toque de beleza.

PÓ - DE - ARROZ
Tormento



branco
raquel
ocre
bois-de-rose
pêssego

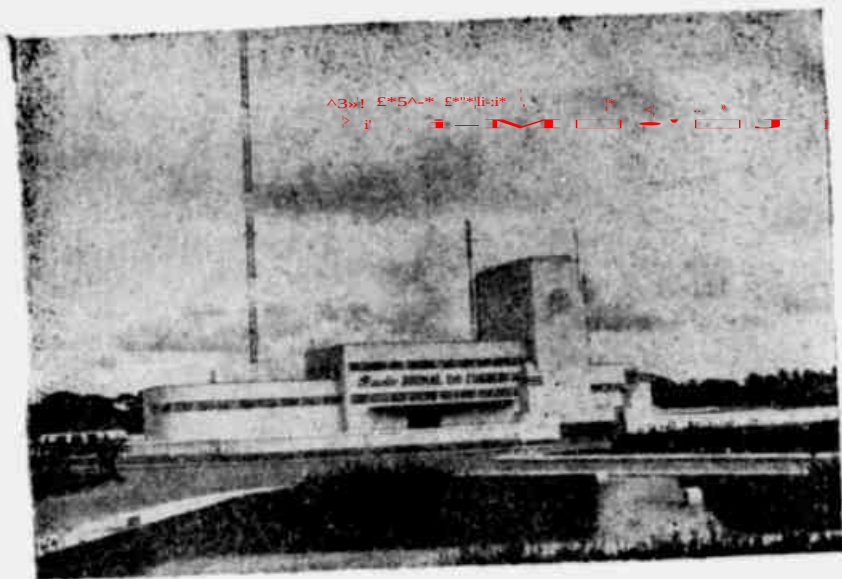
O pó-de-arroz Tormento
é oferecido também em
ricos estojos de matéria
plástica próprios
para presentes.

Um produto da PERFUMARIA SANDAR S.A. - Rua Teodoro Sampaio, 1492 - São Paulo

PAXAM - CASA DE AMIGOS

PERNAMBUCO FALTA

O que é o Rádio Jornal do Commercio, de Pernambuco
— Duas ondas curtas cobrindo o Brasil e o Mundo —
Teóphilo de Barros e Guerra Peixe — Programas em
inglês — Grandes realizações, em apenas dois
anos de vida.



Vista do majestoso Edifício dos Transmissores, em Santana (Recife), do Rádio JORNAL DO COMMERCIO, na bela praça do mesmo nome

© Rádio JORNAL DO COMMERCIO, conforme o nome indica, é filiado à Empresa JORNAL DO COMMERCIO S. A. e foi inaugurado pelo presidente da República, general Eurico Dutra, no dia 3 de Julho de 1948. Com apenas dois anos de atividade, as emissoras do Rádio JORNAL DO COMMERCIO alcançaram, já, sensível popularidade não só no Brasil como no Estrangeiro. Possuindo frequências de ondas médias e ainda de ondas curtas nas bandas de 19, 25, 31 e 49 metros com potência de 64 kilowatts, a emissora pernambucana é a única no continente que dispõe de tão valiosos elementos para situá-la na indiscutível primazia que sem dúvida ocupou desde os seus primeiros dias de existência. Todo o seu equipamento dos estúdios e transmissores é de fabricação «Marconi».

DIREÇÃO

É diretor-superintendente do Rádio JORNAL DO COMMERCIO o dr. F. Pessoa de Queiroz, diretor, também, da Empresa JORNAL DO COMMERCIO S. A. que edita além do JORNAL DO COMMERCIO, o popular vespertino DIÁRIO DA NOITE. O dr. F. Pessoa de Queiroz convidou para a direção artística do Rádio JORNAL DO COMMERCIO, o dr. Theophilo de Barros Filho, nome de conhecida projeção nos meios radiofônicos e cinematográficos do país.

Segundo a orientação artística que o dr. Theophilo de Barros Filho imprimiu à orga-

nização, cada programa é ensaiado e dirigido por um produtor que acompanha a preparação do mesmo desde a concepção à irradiação, fornecendo relatórios completos sobre sua marcha à direção artística. Deste modo se conseguiu o lançamento de programas artísticos tão perfeitos quanto os melhores do Rio e de São Paulo.

EQUIPAMENTO HUMANO

Dispõem as emissoras do Rádio JORNAL DO COMMERCIO de um equipamento humano no afeito, já, ao serviço, o que foi conseguido mediante trinta dias de ensaios intensivos em todas as horas do dia no período pré-inaugural. Muitos dos locutores, radiatores e produtores foram descobertos através de concursos para pesquisas dos elementos mais capazes.

Para a execução dos seus programas, contam aquelas Emissoras com um efetivo de quase cem músicos, ou sejam, uma Orquestra Sinfônica, duas orquestras populares (Jazz Paraguari e Jazz Tupan), um conjunto regional, pianistas, orquestradores, organista, e maestros condutores.

A Orquestra Sinfônica é dirigida pelo maestro Vicente Filippini de competência reconhecida nos centros musicais do Brasil. As orquestras populares são dirigidas pelos maestros José Caetano (Timoshenko) e José Cosme. O conjunto regional foi entregue ao famoso bandonista brasileiro, Luperce Miranda.

Para maestro arranjador o Rádio JORNAL DO COMMERCIO contratou o maestro Guerra Peixe, cujos trabalhos musicais já foram até transmitidos pelas Emissoras da Inglaterra, de Moscou, Bruxelas, Zurich, Roma e Berlim. Guerra Peixe, cujo prestígio nacional é motivo de orgulho para a Emissora que conta com sua presença no seu «cast», escreveu obras sinfônicas, de câmara e peças para solistas que mereceram consagrações internacionais.

O Departamento de Rádio-teatro foi entregue ao dr. Joel Pontes e conta com duas companhias para a transmissão das novelas e audições mistas de rádio-teatro, orquestra e coral.

Trabalham no Rádio JORNAL DO COMMERCIO doze locutores dos dois sexos e uma locutora para programas de língua inglesa. É responsável pelo REPORTER ESSO, o locutor Mário Teixeira.

ESTÚDIOS

Internamente, o Rádio JORNAL DO COM-

DO PARA O MUNDO

O **COMERCIO** possui um Auditório com poltronas estofadas para 600 pessoas, dois Estúdios com ar condicionado para transmissões de rotina e um Estúdio de emergência para irradiações diretamente do Transmissor.

A qualidade de som é a mais perfeita porque a intercomunicação entre os Estúdios e os Transmissores é feita por intermédio de dois pequenos transmissores de Frequência Modulada, os quais possibilitam aos possuidores de receptor equipado com esse dispositivo uma recepção admirável, em 80 ou 85 megacíclos.

OUTROS DETALHES

Os programas em língua inglesa são feitos pela dra. Janet Slater Swaton formada pela Universidade de Oxford e transmitidos, nos dias úteis, às 22:05 e, aos domingos, às 18:30. Esse programa que é «Brazil Calling», tem ouvintes em todos os Continentes, uma vez que possuindo Ondas dirigidas e mantendo, permanentemente, no ar, duas ondas curtas (31 e 49 metros) a Estação pernambucana é ouvida com absoluta clareza, em todo o globo, sendo já muito conhecidos os seus slogans: «Pernambuco falando para o Mundo» e «Pernambuco speaking to the world». Da sua numerosa irresponsabilidade, por exemplo, constam numerosas cartas da Índia, numa das quais o filho do sr. R. Lahiri, de Calcutá, afirma que, todas as manhãs, toma chá ao som do Rádio JORNAL DO COMMERCIO. Através desses programas em inglês, o Rádio JORNAL DO COMMERCIO recebe centenas de cartas mensalmente, as quais são publicadas, depois de traduzidas, em edição própria, pelo JORNAL DO COMMERCIO.

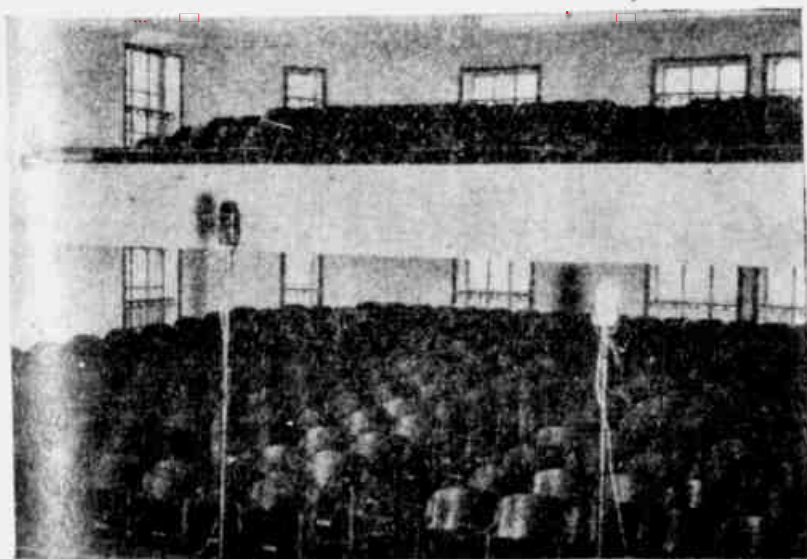
Para transmissões fora dos estúdios, dispõem as emissoras pernambucanas de uma camiãoete de Frequência Modulada, com alta fidelidade de som.

No auditório dessa grande emissora pernambucana já se exibiram em apenas dois

anos de vida cerca de 120 artistas nacionais e estrangeiros, entre os quais destacamos: Maria da Graça, Carlos Galhardo, Cuquita Carballo, Fernando Borel, Mesquitinha, Lili Ray, Silvino Neto, Sílvia Caldas, Mussapere e Cristancho, Jaraça e Ratinho, Orlando Silva, Emilinha Borba, Carlos Ramirez, Francisco Alves, Vicente Celestino, Rayito de Sol, Peter Kreuder, Bob Nelson, Jovita Luna, Príncipe Maluco, Luiz Gonzaga, Pedro Vargas, Badú, Marlene, Alvarenga e Ranchinho, Naja Kassel, Mr. Broni, Erik Landner, Izaura Garcia, Pedro Raimundo, Heitor Alimonda, Mexicana e seus Chinacos, Carmen Brown, Barbosa Junior, Ester de Abreu, Dick Farney, La Gitanela, Ernesto Borlino, Ivonete Miranda, Chucho Martinez, Ramsay Ames, Dó, Zé Fidelis, Eladir Porto, Alcides Gerardi, Antônio Mestre, Fernando Barreto, Carmélia Alves, Oscarito, Marion, Alberto Rabagliatti, Léo Romano, Elvira Paiva, «Black Out», Rui Rey, Jorge Goulart, o menino regente Ferruccio Burco, José Mojica e muitos outros.

ONDAS E FREQUÊNCIAS

O Rádio JORNAL DO COMMERCIO é a única Estação das Américas do Sul e Central que opera simultaneamente, com duas Ondas Curtas, o que lhe confere maior poder de penetração. Eis as ondas e frequências das suas Emissoras, que são ouvidas com absoluta clareza no Brasil e em todos os Continentes: PRL-6 — frequência de 780 kilocíclos, ondas médias de 384,6 metros; ZYK-2 — Ondas curtas de 19,81 e 49,3 metros, frequências de 15,145 e 6,085 kilocíclos; ZYK-3 — frequências de 9,565 e 11,825 kilocíclos, ondas de 31,37 e 25,37 metros. Essas ondas e frequências são usadas de acordo com as estações climatéricas, visando sempre a perfeição das transmissões. As irradiações em Frequência Modulada (Very High Frequency) são feitas em 80 ou 85 megacíclos.



Platéia e Balcão, com capacidade para 600 pessoas e poltronas estofadas



O moderno Balco-Auditório da grande Emissora pernambucana

Arte e Culnária

ALMOÇO DE DOMINGO

CARDÁPIO:

Camarões à milanesa.
«Hamburgers» com beringelas.
«Soufflé» de arroz.
Nhoque à napolitana

SOBREMESA:

Creme de ameixas.
Maças à parisiense.

CAMARÕES A MILANESA

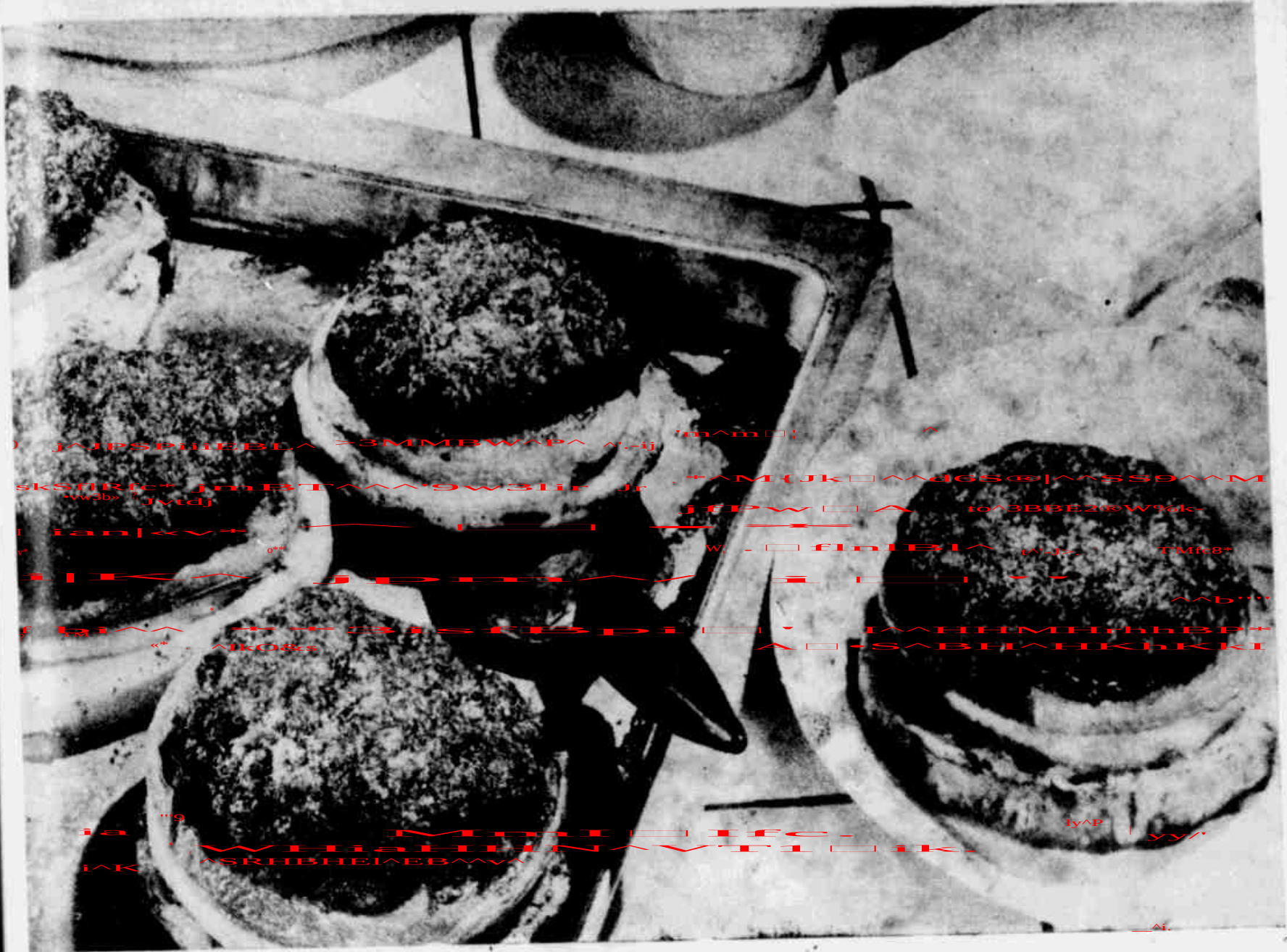
Os camarões à milanesa são deliciosos, e acompanham muito bem um prato de salada. Prepare os ingredientes: 4 xícaras de camarões frescos, 4 xícaras de farinha de rosca, 2 ovos bem batidos, azeite (ou óleo vegetal, para fritar). Lave muito bem os camarões (se forem frescos retire os olhos e as membranas escuras). Passe-os pelo ovo batido e depois pela farinha de rosca. Frite no azeite ou óleo muito quente, até ficarem corados. Sirva puro ou com molho de tomates. A receita foi calculada para 6 pessoas.

«HAMBURGERS» COM BERINGELAS

Esta receita é também apropriada para uma refeição leve, de um só prato, ou para passeios e piqueniques. Nesse último caso convém embrulhar em papel celofane cada porção. Ingredientes: 6 rodela grandes de beringela, 1 colherinha de sal, 6 fatias finas de cebola, 6 fatias grandes de tomate, 6 bolas de carne, preparadas da seguinte maneira: meia xícara de farinha de rosca, 1 xícara de leite, 400 gramas de carne moída, 1 colherinha de molho inglês, 1 colherinha de sal, 1 colherinha de pimenta. Misture muito bem todos os ingredientes. Divida



Camarões à milanesa



"Hamburgers" com beringelas

em 6 partes, formando bolas achatadas. Arrume as rodela de beringela numa assadeira untada com gordura. Salgue cada uma. Coloque uma fatia de cebola, outra de tomate e uma bola de carne em cima de cada beringela. Asse em forno moderado, perto de 1 hora.

«SOUFFLÉ» DE ARROZ

Cozinham-se água fervendo com sal 200 gramas de arroz, em fogo forte e caçarola destampada. Quando seco passa-se água fria e deixa-se escorrer bem. Põem-se para cozinhar, em 1 colher de sopa de manteiga, 250 gramas de tomates; quando cozidos passam-se numa peneira fina. Tomam-se mais 250 gramas de tomates sem a pele e os caroços e picados em pedaços que se misturam ao arroz juntamente com o molho de tomates, 3 gemas, 1 lata de petit-pois bem escorrido, um pouco de pimenta do reino e sal e 1 colher de sopa de molho de tomates Ketchup ou outro do mesmo gênero. Juntam-se as claras em neve e vai ao forno quente

em prato próprio para soufflé, durante 20 minutos.

NHOQUE A NAPOLITANA

Põe-se numa caçarola meio litro de leite, 100 grs. de manteiga e uma pitada de sal. Quando estiver fervendo despejam-se dentro 250 grs. de farinha de trigo e mexe-se até formar uma massa dura. Retira-se do fogo, deixando-se esfriar um pouco, e misturam-se então 100 grs. de queijo parmesão ralado, 3 ou 4 ovos, um a um. Com uma colher de chá tiram-se bocados dessa massa (do tamanho de uma noz) que se vão arrumando em uma bandeja untada com manteiga. Enche-se com água fervendo uma caçarola, junta-se um pouco de sal, põem-se dentro os nhoques e tampa-se a caçarola. Quando eles vierem à tona, estão cozidos. Em seguida escorrem-se bem e arrumam-se em um prato, cobrindo-os com o seguinte molho: em uma panelinha põe-se uma colher de manteiga e outra mal cheia de farinha de trigo; deixa-se derreter e vai-se acrescentando molho de carne (uma

xicara mais ou menos), duas colheres de sopa de massa de tomate e 100 grs. de queijo parmesão ralado.

Há nas lojas de ferragens uns saquinhos de pano com ponta de folha, especiais para fazer nhoques, que facilitam muito o trabalho.

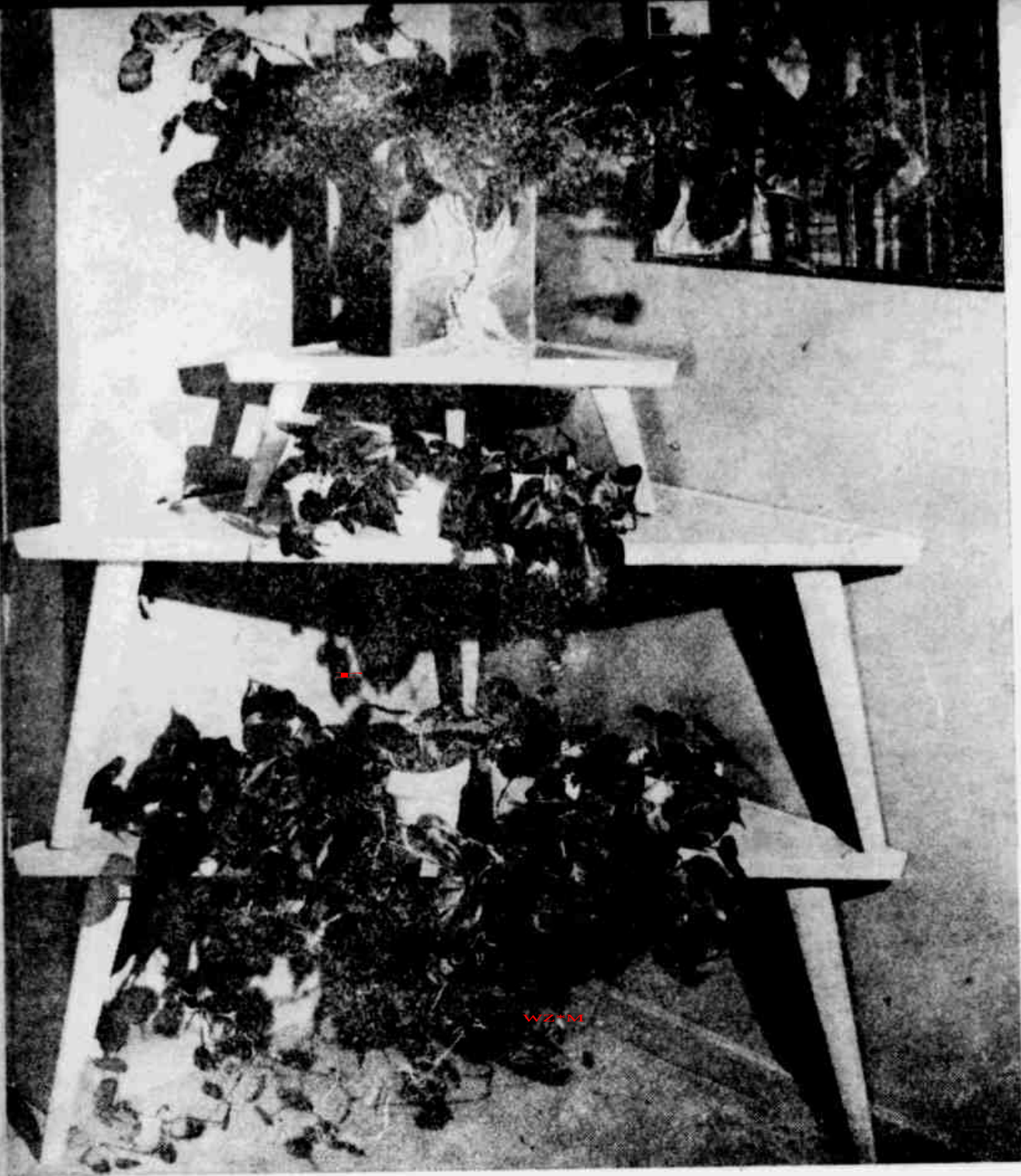
CREME DE AMEIXAS

Batem-se 4 gemas com 4 colheres de sopa de açúcar, junta-se 1 das de chá de maizena, 1 copo de leite e um pouco de baunilha. Leva-se ao fogo até formar um creme. Faz-se um doce com 250 grs. de ameixas pretas e 200 grs. de açúcar, tirando os caroços das ameixas. Mistura-se esse doce ao creme. Derretem-se 4 folhas de gelatina em meia xícara de água quente, junta-se ao creme e por último as claras em neve. Arruma-se num prato côncavo e põe-se para gelar. Serve-se no próprio prato.

MAÇAS A PARISIENSE

Cortam-se ao meio 4 maçãs, depois de descascadas, tira-se a

(Conclui na pag. 132)



SUGESTÕES PARA O SEU LAR

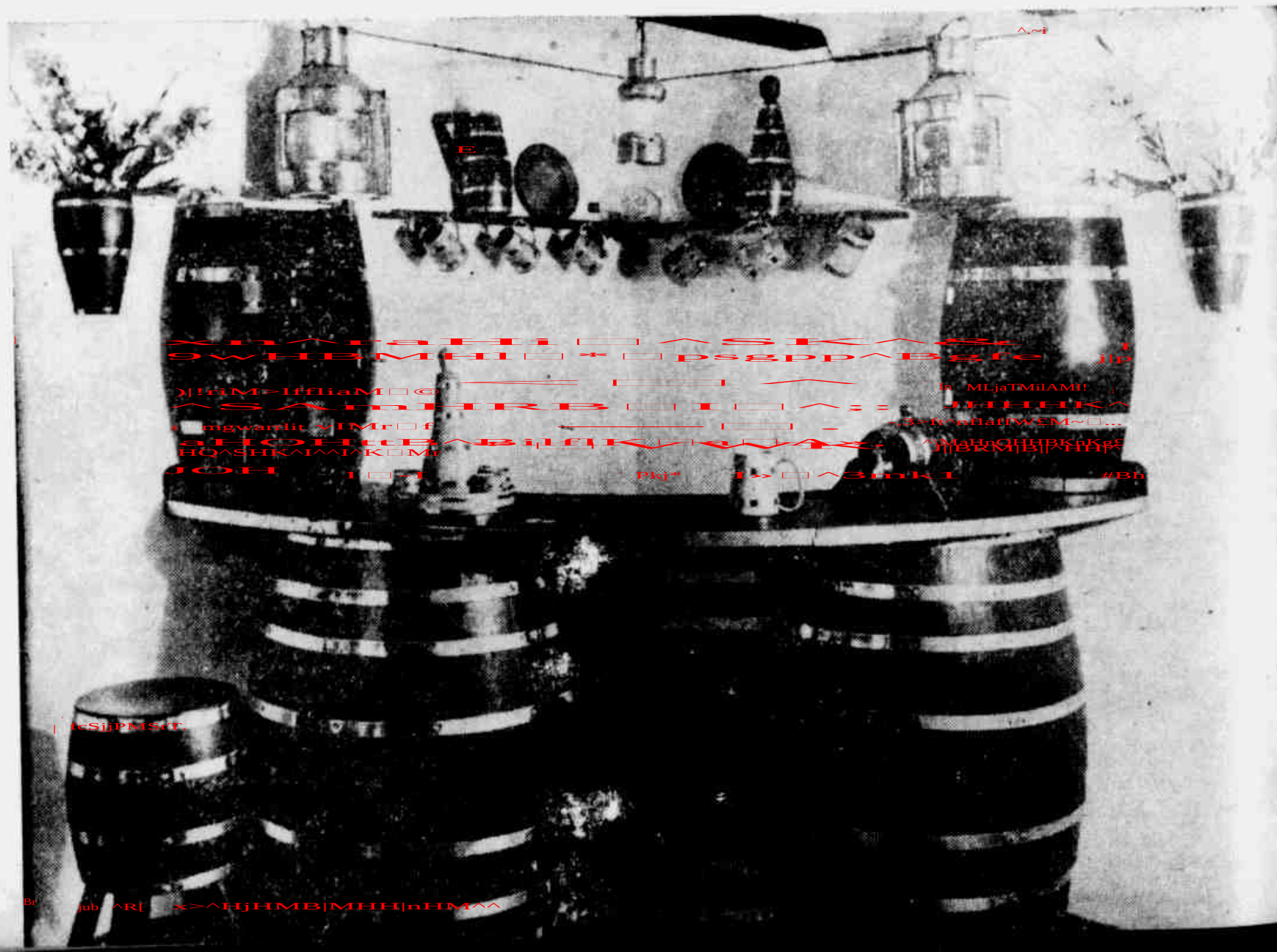
*Cantos
bem
aproveitados*

Nem sempre é fácil arran-
jar lugar para plantas quan-
do se mora num apartamen-
to. Mas se você tem um co-
tinho disponível, mande fa-
zer três mesinhas triangula-
res, de forma rústica, e ne-
las coloque os seus vasos,
conforme se vê no clichê.

(Foto Apla)

Embaixo, um pequeno e ori-
ginal bar, formado de bôr-
ris de mogno com arcos dou-
rados. O mesmo motivo se
repete na sua decoração.

(Foto News Press)



Bom
para

TODAS AS IDADES

Resolva seus problemas com o sorriso
dos que confiam na saúde. Sinta-se melhor
— de corpo e espírito — recorrendo
ao BIOTONICO FONTOURA — fonte
de novas energias. E lembre-se que,
para seus filhos, na idade escolar,
o BIOTONICO FONTOURA é
o mais completo fortificante.



"Sim, ainda hoje, para res-
taurar minhas energias, tomo
o BIOTONICO FONTOURA
— o tônico das gerações!"

BIOTONICO

— o mais completo fortificante!



Edição

Página das Mães

Causas psicológicas das birras das crianças

Birras violentas e frequentes advertem os pais de que as crianças estão perdendo alguns dos principais prazeres de que deveriam desfrutar.

A pergunta de Mrs. Lynn era uma daquelas comumente feitas pelos pais alarmados com acontecimentos que frequentemente constituem explosões provocadas pelo mau gênio de seus filhos.

Costuma ser difícil compreender que uma briga entre duas crianças possa, normalmente, terminar numa birra da que leva a pior na «batalha»; e que também seja natural que uma criança demonstre irritação quando se sente coibida e frustrada na satisfação de seus desejos.

Quando uma criança começa a desenvolver a sua própria personalidade, ela quer liberdade para satisfazer seus desejos fundamentais e para realizar coisas que lhe proporcionem satisfação. Quando suas vontades são atendidas, a criança se sente feliz e satisfeita; mas quando os seus desejos não são realizados, ela se sente frustrada e infeliz. E é esta sensa-

ção de frustração que faz com que as crianças dêem vazão a certas emoções, de uma maneira que provaria a paciência de Jó e que faz subir a pressão arterial das mães e dos pais.

Seja qual fôr a sua idade, a criança precisa sempre de oportunidade para fazer o que deseja, para expressar sua personalidade, para amadurecer, enfim. Ela deveria ter permissão para manifestar sua opinião na escolha das coisas a serem feitas, e também para concorrer com uma parte considerável de liberdade pessoal no planejar das suas atividades. Isto, naturalmente, não quer dizer que se deve deixar a criança mandar e desmandar na casa ou na vizinhança... Toda criança precisa e até deseja ser dirigida por pessoas adultas, mesmo quando parece que ser dirigida pelos pais é a coisa de que a criança menos gosta. E é somente pela dire-

ção e pela limitação que a criança aprende a discernir; e estes seus julgamentos farão com que seu procedimento futuro seja bem aceito em sociedade.

Os pais não devem se esquecer de que as crianças precisam de lugares muito espaçosos, nos quais possam viver e brincar; e não devem importunar constantemente a criança. Proibindo-a de tocar nisto ou naquilo, terá como resultado a frustração e grandes distúrbios. Contribuindo para aumentar o número das dificuldades na vida das crianças de hoje, aí estão os apartamentos apinhados, as ruas estreitas e perigosas, e a falta de espaçosos lugares de recreio — tanto dentro como fora de casa. Os cômodos acanhados de muitos apartamentos não permitem que haja lugares apropriados para se guardar as coisas, sejam elas valiosas ou simples bugigangas. E o resultado é que tudo é colocado em lugares tentadoramente à vista e ao alcance da criança. E é compreensível que ela procure satisfazer sua natural curiosidade a suas tendências «experimentais», tentando brincar com os objetos ao seu alcance. Ela ouvirá então uma série de «Não mexa nisso!» e «Não brinque com isso!»; sentir-se-á, desta forma, coibida, e — como se pode facilmente compreender — responderá à longa série de «Nãos!» com berreiros, bater de pés, quebradelas e manhas.

E' preciso uma certa habilidade para se ter a certeza de que a criança tem espaço suficiente para agir livremente. Ela deve ter, tanto dentro como fora de casa, lugares adequados para os seus folguedos, supridos com equipamento apropriado a tais atividades. Sem espaço, sem material para manipular, sem equipamento para exercícios físicos, sem meios para satisfazer seu novo dese-



jos a criança fica sujeita a dar
vaio, por meio de birras, às
energias acumuladas. Ela deve
ter uma grande variedade de
brinquedos que sejam realmente
seus, com os quais ela possa
brincar sem perigo, e sem o
temor das constantes admoes-
tações.

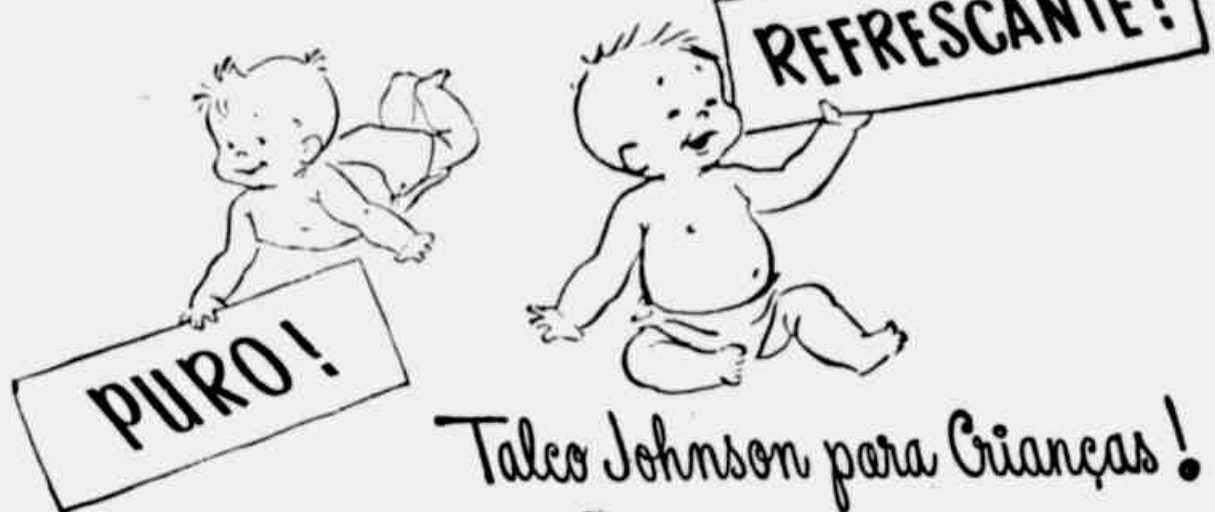
Muitas cenas desagradáveis
podem ser evitadas, quando se
avisa à criança, de antemão,
qual vai ser a sua próxima ati-
vidade. Se a criança está en-
tregue de corpo e alma a um
brinquedo, e o almoço está sen-
do preparado, ela deve ser avi-
sada de que, daí a pouco, terá de
abandonar a atividade a que se
está dedicando no momento. Se
a criança tiver tempo para ter-
minar o que está fazendo, e
guardar seus objetos, a transi-
ção do ato de brincar ao de
comer será muito mais suave do
que quando o menino é abrupta-
mente avisado de que deve pa-
rar de brincar, sem demora.

Permitir à criança que par-
ticipe de escolhas, evitará mui-
tas rixas desnecessárias, assim
como as birras. É provável que
a criança que apresenta ago-
ra objeções para vestir uma
camisa ou uma «sweater» es-
colhida pela mamãe para esta
manhã toda especial, fique sa-
tisfeita e coopere no seu tra-
jar, se lhe oferecerem a o por-
tunidade de usar um artigo de
sua própria escolha. Entretanto,
isto também não quer dizer
que o pai ou a mãe deva ficar
à mercê das vontades do ga-
rôto, enquanto ele vai escolhendo
todo o seu guarda-roupa...

Uma criança cujas vontades
estejam sendo satisfeitas, que
é estimada, e fundamentalmente
feliz, estará apta a vencer suas
possíveis frustrações, e terá bir-
ras em menor número, ou me-
nos violentas do que as da
criança que é infeliz. Birras in-
tensas podem ser o reflexo de
um clima psicologicamente in-
salubre, no lar. Alterações e
discussões constantes, entre os
pais, podem lançar as raízes
da infelicidade na criança, e
não adiantará muito tentar
melhorar o comportamento do
filho antes que os pais tenham
resolvido seus próprios proble-
mas.

Quando uma criança que é
bem ajustada, feliz, e que ge-
ralmente não faz birras, come-
ça a fazê-las, é sinal de que es-
tá tendo início alguma enfer-
midade. Muito frequentemente
a criança é castigada por «mau
comportamento» — porém, ho-
ras mais tarde, este «mau com-

Contra assaduras e brotoejas...



Talco Johnson para Crianças!



Feito especialmente para o seu bebê, pelos maiores fabri-
cantes de produtos para crianças, em todo o mundo, o
Talco Johnson mantém a epiderme fresca, suave, livre de
brotoejas e assaduras. Não use *qualquer* talco na pele deli-
cada de seu filhinho. Proteja-a com o puro e refrescante
Talco Johnson, para crianças, adotado por muitas mater-
nidades, creches e clínicas médicas.



O PRESENTE IDEAL PARA O BEBÊ:
Estôjo Johnson para Crianças! Con-
tém os puríssimos produtos Johnson
para Crianças: Talco, Óleo, Sabonete
e Creme. E um lindo álbum, grátis!



TALCO JOHNSON
PARA CRIANÇAS



Johnson & Johnson

(Continua na pag. 121)

Caixa de Segredos

Lúcia Maria

Toda correspondência para esta seção deve ser dirigida a Lúcia Maria, «Caixa de Segredos», Redação de ALTEROSA, Caixa Postal, 279 — Belo Horizonte

COELHO TRISTE — Minha querida, errar é humano, mas o que não se desculpa é a persistência no erro. Você, aos 18 anos, teve a infelicidade de conhecer um homem «que abusou de sua ingenuidade». Mas o que de modo algum deveria fazer era continuar com relações ilícitas, como fez. O que mais me admirava era a sua família nada saber dessa situação. Agora ama e paga pelos seus erros. Você não deve e nem pode exigir casamento do seu noivo atual, a quem confesseu todo o seu passado. Procure conservar o amor e a confiança que sente por você. Espere calmamente que ele se forme, para então se casarem, como combinaram. Mas se tal não suceder, (o que faço votos que não aconteça), não se desole por isso, minha filha. Procure no entanto viver dignamente, como agora, tardiamente, vem fazendo.



CORAÇÃO SOLITÁRIO — Creio que você deve seguir a voz do seu coração. Se ele optou pelo outro, é claro que o viajante deve ser posto de lado. Procure convencê-lo de que nem todas as mulheres são iguais. E faça votos que você seja feliz.

FLORA — Não há motivos para a sua indecisão. Se o seu primeiro amor já nada mais representa para você, acho que deve aceitar a corte do outro, por quem sente tantos cuidados.

MARILIZE — Você foi ingênua em permitir que seu antigo namorado, hoje casado, tivesse «certas intimidades» com você. Se seu namoro fosse conduzido com recato, hoje não temeria que o seu novo amor, que é parente do outro, viesse a saber de seu passado.

Mas não tema. Se a ama de fato, ele a perdoará, se vier a saber de alguma coisa.

INDECISA FELIZ — Creio que deve continuar morando com sua filha casada, como até agora vem fazendo. Sendo «velha e doente», conforme diz, sua companhia não será de grande valia para seu filho solteiro e fazendeiro.

OSÓRIO MENDES — Lamento não ser adivinha para poder desvanecer suas indecisões. Como poderei saber se será feliz casando, ou mudando de terra? O futuro só a Deus pertence. Entretanto, acho que já é mais do que tempo de casar-se. Certamente, haverá por perto alguma jovem de bons predicados que mereça a sua escolha.

R. S. S. — Se seu ex-namorado agora a despreza, sem haver motivos, só lhe resta fazer o mesmo. Pelo que diz na sua carta, ele não lhe tinha verdadeiro amor. Procure esquecê-lo e seja feliz da próxima vez.

INFELIZ NO AMOR — Se seu namorado afastou-se, sem você ter dado motivos, é justo que ele se explique. Se não se interessar, porém, em reatar as relações, então sim, procure esquecê-lo. Mas o que você não deve fazer é casar-se com o outro, sem amor, apenas para esquecer o primeiro.

APAIXONADA INDECISA — Creio que você deve dar tempo ao tempo. Não lhe compete tomar iniciativas, ainda mais sendo seu amado noivo de outra. Se ele gostasse realmente

mente de você, já teria esclarecido essa situação. Sinto muito, minha filha, mas creio que ele apenas brinca com o seu coração. Só lhe resta, portanto, conformar-se com essa situação e tratar de esquecê-lo.

ALMA SOFREDORA — E' claro que não devemos ser ciumentas, se não há motivo, mas creio, minha filha, que este rapaz não merece o seu afeto. Por suas próprias palavras, vejo que ele apenas quer se divertir à sua custa. No namoro, ainda mais sendo recente como é o seu, não devem existir certas intimidades como ele quer. E' ele quem deve se modificar e não você.

APAIXONADA DO INTERIOR — Minha filha, este seu namorado, pelo que você me conta, parece-me incoerente e de péssimo gênio. Apenas porque seu pai se opunha ao namoro, pois você ainda estuda, não era motivo para ele brigar e ficar noivo de outra. Agora que ele voltou outra vez, e já tornaram a brigar e novamente se reconciliaram, creio que você deve pedir-lhe um esclarecimento: ou você ou a noiva, com quem ele próprio procurou reconciliar-se durante esta última briga. Se ele gosta mesmo de você, desistirá da outra, e como você o ama, aceita-lo-á com os seus defeitos. Faço votos que sejam felizes e não briguem mais.

MAURINHA — Você tem 24 anos, seu namorado 17. Se sua família se opõe ao namoro é apenas para seu bem. Mas você mesma me confessa que não gosta dele e sim de outro. Não me diz, no entanto, se este é a ama. Apenas pelo fato dele ser rico e você pobre, isto não quer dizer que seja impossível o namoro entre vocês. Creio que você deve romper com o jovem de 17 anos, já que não o ama.

MINEIRA INDECISA — Seu candidato, minha filha, é muito exigente. Você é alegre e expansiva. Ele, por ser circunspecto, reprova o seu gênio. Se você o ama verdadeiramente, então procure modificar-se a fim de animá-lo a aproximar-se. Quanto ao seu confidente, só você mesma, que o conhece pessoalmente, poderá julgá-lo digno ou não de confiança. Entretanto, é aconselhável que tente uma aproximação, se você puder fazê-la com naturalidade.

FLOR INGRATA — Você adquiriu o complexo de se julgar inferior à sua irmã em matéria de simpatia. Procure combatê-lo, minha filha. Quanto ao amor, aguarde com calma, que o seu momento também há de chegar. Vejo que você nutre certa afeição pelo seu miuguinho de infância. Se ele prometeu-lhe as fotos que tiraram juntos, porque não lhe escreve, perguntando por elas? Seria o melhor pretexto. Agora, Flor Ingrata, o que você não deve fazer, é continuar com esse namoro atual. Se não gosta mesmo do rapaz, para que enganá-lo? E' melhor ser leal.

SAUDAVEL E
ALEGRE É O
SORRISO DA
KOLYNOS-ISTA!

MAS, VEJA ESTE CONTRASTE...

olhe os dentes de outro boce-
cariados e mal cuidados, isto
posterior ter sido evitado, com
uma visita ao dentista e o uso
diário da Kolynos.



GUERRA ÀS CARIES! SOMENTE KOLYNOS AS COMBATE destes 3 modos

1. ELIMINANDO OS ÁCIDOS DA BOCA

Os ácidos da boca, que causam as caries, ficam neutralizados logo que os ingredientes anti-ácidos de Kolynos se põem em contato com a saliva. Esses mesmos ingredientes dissolvem a película que sentimos sobre os dentes, antes de escová-los com Kolynos. É nessa película que as bactérias se ocultam e se reproduzem.

2. DESTRUINDO AS BACTERIAS

A conhecida bactéria "Lactobacillus Acidophilus Odontolyticus" é a produtora dos ácidos que provocam as caries dentárias. Somente Kolynos contém certos ingredientes bactericidas que são mortais para essas bactérias. Estudos científicos realizados em famosas universidades norte-americanas e européias, provaram que Kolynos destrói cerca de 92% das bactérias da boca. Este efeito de Kolynos dura várias horas.

3. LIMPANDO PERFEITAMENTE

A espuma penetrante e refrescante de Kolynos retira as partículas de alimentos deixadas pela escova... e mantém os ingredientes protetores de Kolynos na superfície dos dentes, para evitar que se forme nova película. Essa espuma penetrante leva os ingredientes anti-ácidos e bactericidas de Kolynos aos lugares perigosos... atacando realmente a causa principal das caries.



Delicioso sabor refrescante!
E ECONÔMICO TAMBÉM!
Basta 1 cm. na escova seca.

Melhores resultados são
obtidos escovando-se os dentes
com Kolynos, depois de cada refeição

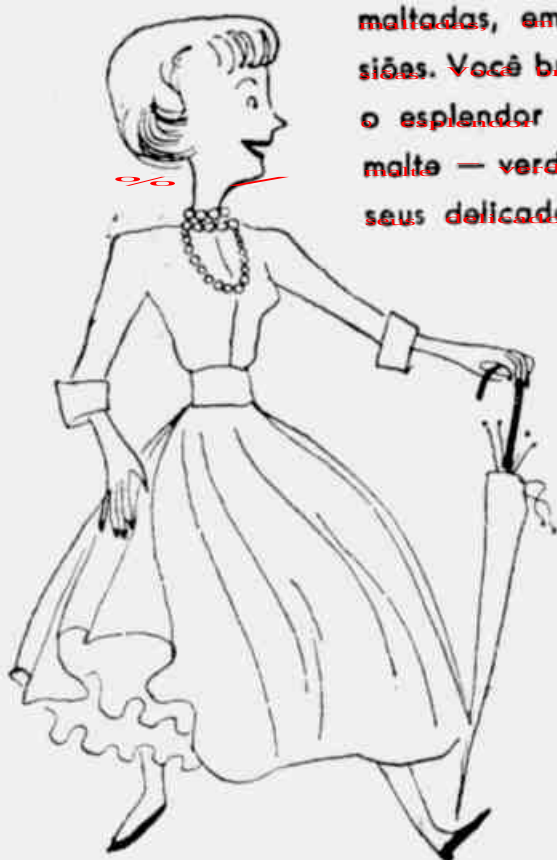
K-302

Os tempos mudam...



hoje em dia, o natural é usar esmalte

Seja moderna e bem feminina. Mantenha suas unhas bem esmalçadas, em tôdas as ocasiões. Você brilhará mais, com o esplendor colorido do esmalte — verdadeiras jóias nos seus delicados dedos!



Em tôdas as mãos, as
glamurosas cores de

Cutex

Applecort • Pretty Gay
Look Pink • Deep Rose



MORENA DESILUDIDA — Se você gosta de fato desse rapaz que reside noutra cidade, procure provocar um encontro, com naturalidade, é lógico. Mas não se julgue inferior apenas pelo fato de não ter namorados. Isto, de modo algum, desmerece uma jovem.

VALÉRIA — Minha querida, infelizmente, não sou adivinha, senão poderia saber se o seu amado ainda gostará de você. Se ele não lhe demonstra o mínimo interesse, é melhor tentar esquecê-lo. É tolice sua ter horror ao celibato. Muitas vezes é preferível ficar-se solteira do que fazer um casamento infeliz. Você diz levar uma vida enfadonha e vazia. Procure trabalhar ou estudar alguma coisa. Devemos dar valor às pequenas coisas pois são elas, na verdade, que constituem a felicidade.

SEBASTIANA — Minha filha, seu noivo, que mora no Rio, até há pouco tempo, mantinha uma correspondência assídua com você. Agora já não faz o mesmo. Tente então escrever-lhe mais uma vez, pedindo-lhe uma explicação do seu silêncio. Continue rezando e confiando na Providência Divina. Se ele ainda gosta de você, ambos se casarão, certamente. Mas se tal não suceder, não fique triste por isso: «Deus escreve certo por linhas tortas...»

ADMIRADORA DE CASTRO ALVES — Seus pais têm toda razão em condenar este namoro. Você agora deve pensar mais nos estudos. Seu amado, você mesma o diz, é um rapaz de péssimos costumes. Promete que, depois do casamento, modificar-se-á. Se gostasse realmente de você, deveria tentar fazê-lo agora. Mas não se preocupe tanto. Ainda é muito cedo para pensar em prender-se seriamente a alguém.

SUELI MARIA — Se você gosta realmente dele, não deve decepcioná-lo, para fazer justiça à sua família. Julga você que seus parentes se opõem apenas pelo fato do rapaz ser de cor. Não são as qualidades exteriores as que realmente valem, e sim as interiores. É certo que, com o tempo, aparecem certas divergências, mas espero que saberá suplantá-las. Lembre-se de que, por sua causa, ele rompeu o noivado antigo. Se é mesmo digno de seu amor, case-se com ele e sejam felizes. A oposição de sua família, mais tarde, desaparecerá.

R. M. O. — Baixo — Ceará — Esta seção é dedicada a todos que necessitam de um amparo moral, sem distinção de espécie alguma.

PRINCESA DE OLHOS VERDES — Se ele parece gostar de você e não tem compromisso, por que então não o procura? Se você pudesse conseguir uma aproximação, seria bom que a tentasse, a fim de esclarecer esse caso.

MORENA INDECISA — Sua família tem razão em opor-se a namoros agora. Na sua idade, os amores sempre atrapalham os estudos. Mas se você gosta verdadeiramente de seu namorado, e ele também a estima, não deve abandoná-lo, apenas por causa dos ciúmes da sua colega. Não acha, porém, que é bem melhor deixar isto para depois? Os estudos merecem a preferência agora.

R. A. — Para extirpar os pontos negros que tanto enfeiam a pele, você deve fazer o seguinte: encha uma bacia de água fervendo e incline-se sobre ela para que seu rosto tome um banho de vapor. Depois de enxuto, faça sair os pontos negros, não com os dedos, mas com uma pinça especial para tal operação. Use também um bom creme ou leite adstringente, antes de deitar, seguido de massagens. Fiscalize sua alimentação que deve ser constituída de verduras frescas, sucos de frutas, evitando os alimentos muito condimentados.

*

O DIÁRIO DE MUSSOLINI

(Conclusão)

... dificuldade em dormir. Às onze a casa está mergulhada em profundo silêncio. Desperto. Sinto que a casa é agora um templo onde se cumpre o rito augusto e misterioso da vida. Esta ideia me comove. À meia-noite abre-se a porta de meu quarto e uma enfermeira invulsa de meu quarto, com uma criaturinha nos braços, gritando: — Sr. Presidente! Nasceu! É um belo menino! Um menino! — Nasceria havia uma hora, mas primeiro Prensavam-Javalô. Olho-o. Tem os olhos abertos. É belo. Levanto-me daí a pouco e dirijo-me ao quarto de minha mulher. Acha-se exangue, mas tranqüila e orgulhosa. »

Sua mulher! Infeliz Raquel... Na última carta que lhe escreveu de Como, dois dias antes de sua morte, Mussolini dizia-lhe: « Bem sabes que foste a única mulher que amei. Jurei-te diante de Deus e de nosso Bruno, neste momento supremo ». No entanto, ele preparava sua fuga em companhia de Clara Petacci... Seu filho Romano, o novinato, tem hoje 23 anos. Vive numa vila em Roma, alheio à política, em companhia da velha mãe, ganhando pacatamente a vida como tocador de harmônica... »

*

TUDO ACONTECE...

(Conclusão)

... instável. Quando um avião atravessa de leste para oeste, a linha imaginária de mudança de data, ele penetra no dia seguinte. Das 10 horas de sábado passa incontinenti para as 10 horas de domingo. Inversamente, se a transpuser de oeste para leste, imediatamente cai no dia da véspera, com um atraso de 24 horas. Conforme se vê, o retorno ao passado não é coisa impossível, e isto de certo modo pode agradar aos saudosistas... »

Atração!



Use Cilion que escurece e recurva os cílios, embelezando-os

Cilion

evita caspas e terçóis

PREFIRA O TUBO GRANDE QUE RENDE MAIS

Coparelhos de JANTAR CHÁ e CAFÉ

Louça francesa Desenhos ultra-modernos

SECCAO DE PRESENTES

MESBLA

Loja: R. da Bahia, 986

AGENTES - ACEITAM-SE

Para CASIMIRAS — LINHOS — TROPICAIS, Etc.

MOSTRUÁRIO GRATUITO - ÓTIMA COMISSÃO E BONIFICAÇÃO

VENDAS PELO SISTEMA DE REEMBOLSO POSTAL

Cartas: TECIDOS MEHERO - R. Page, 33 - Cx. Postal 4020 - S. Paulo

CONFEITOS PARA BOLOS



Bombinhos
e Flores de
Açúcar

NOIVOS,
ADORNOS,
os mais belos
e variados

M. IOLANDINO

Bicos Metálicos para confeitar bolos, PA-
PEIS FESTIVOS — VELINHAS, e tu-
do mais para elegância de suas festas.

Av. Dorcas do Indaiá, 216 — Belo Horizonte
(Frente do Bonde Santa Tereza)

A pedido, remetemos listas de preços. Remete-
mos para todo o Brasil pedidos de Cr\$ 50,00
em diante, que vierem acompanhados de carta
com valor declarado ou vale postal. NÃO VEN-
DEMOS PELO REEMBOLSO POSTAL

★ Bôca amarga ★ Digestão difícil ★

Intolerância para certos alimentos,

revelam mau funcionamento do fígado.

HEPATINA

N. S. DA PENHA

— um produto do
INSTITUTO FARMACOBIOLOGICO

Rua da Estréla, 57 - Rio



FIGURAS EM FOCO

(Conclusão)

os possa esmagar. Mas se erigir, uma só vez,
que seja, a retirada de minhas forças, Wash-
ington a ordenará sem demora e vocês fica-
rão sem o seu belo sino!

Infelizmente, Syngman Rhee sucumbiu às
pérfidas tentações da política interna. A 1ª de
dezembro passado, Seul em festa celebra a
partida do último soldado de Mac Arthur, en-
quanto sonoramente badalava o grande sino
de Seul, o maior do mundo, o sino que Stalin
quer mandar tocar para festejar a implanta-
ção de «sua» liberdade no mundo inteiro!

O presidente Rhee tem hoje 75 anos e
sempre se encontra sob a vigilância de po-
derosa guarda pessoal. Desempenhou importan-
te papel na formação da nova mentalidade
sul-coreana, mas atribuem-lhe, com razão, ten-
dências ditatoriais. Repetidas vezes violou a
constituição tendo em vista seus próprios in-
teresses. A imprensa não se atreve a hostili-
zá-lo, mas a Assembléia Nacional não lhe pou-
pa, implacável, seus ataques. Nos últimos tem-
pos anteriores à guerra foi promovida forte
campanha para retirar ao presidente grande
parte de seu poder.

✱

RELEMBRANDO MARCONI

(Conclusão)

nhacia. E, a conselho do embaixador, mãe e
filho partiram para a Inglaterra. Na capital
inglesa, Sir William Preece, físico de valor e
diretor geral dos Correios e Telégrafos, decla-
rou: «Estou pronto a facilitar as experiências
do sr. Marconi, com a condição de que elas se
façam sob o controle de meus funcionários».
Marconi aceitou e de julho a setembro de 1896
efetuiu numerosas provas em distâncias sem-
pre crescentes, até conseguir o alcance de 8
quilômetros, com a presença de delegados do
Post Office, da Marinha e do Exército britâ-
nicos. Estes resultados sensacionais induziram
Sir William Preece a fazer duas importantes
conferências. A imprensa inglesa publicou ar-
tigos entusiásticos sobre a importância e a
eficiência da nova invenção. E então findou a
tranquilidade da vida de Marconi. Recebeu
cartas de todos os países da Europa, da Amé-
rica e do Japão; homens de negócios e inter-
mediários propunham-lhe organizar socieda-
des para a exploração de sua patente de inven-
ção; mulheres pediam-lhe explicações sobre
os mistérios da natureza que ele tinha viola-
do; e banqueiros punham à sua disposição
grandes quantias de dinheiro.

As distâncias de prova foram crescendo.
Em 1901 construiu-se em Poldhu, condado de
Cornualhes, a primeira estação transatlântica,
sendo o posto receptor instalado na Terra No-
va. E a 12 de dezembro ouviram nitidamente
sinais do alfabeto Morse transmitidos da Eu-
ropa. A primeira transmissão a grande dis-
tância era um fato indiscutível. Nesse mesmo
dia Marconi recebeu uma intimação judicial
requerida pela Companhia de Cabos Submari-
nos, para incontinenti cessar suas experiên-
cias...

Tais foram os primórdios da grande inven-
ção cujos frutos beneficiaram em extremo to-
da a humanidade.

Fórmula do
Prof. Dr. Antonio Aleixo
da Faculdade de
Medicina da Universidade
de Minas Gerais

PARA O BÍBI
PARA O PAPI
PARA A MAMÃ

TALCO Mabe

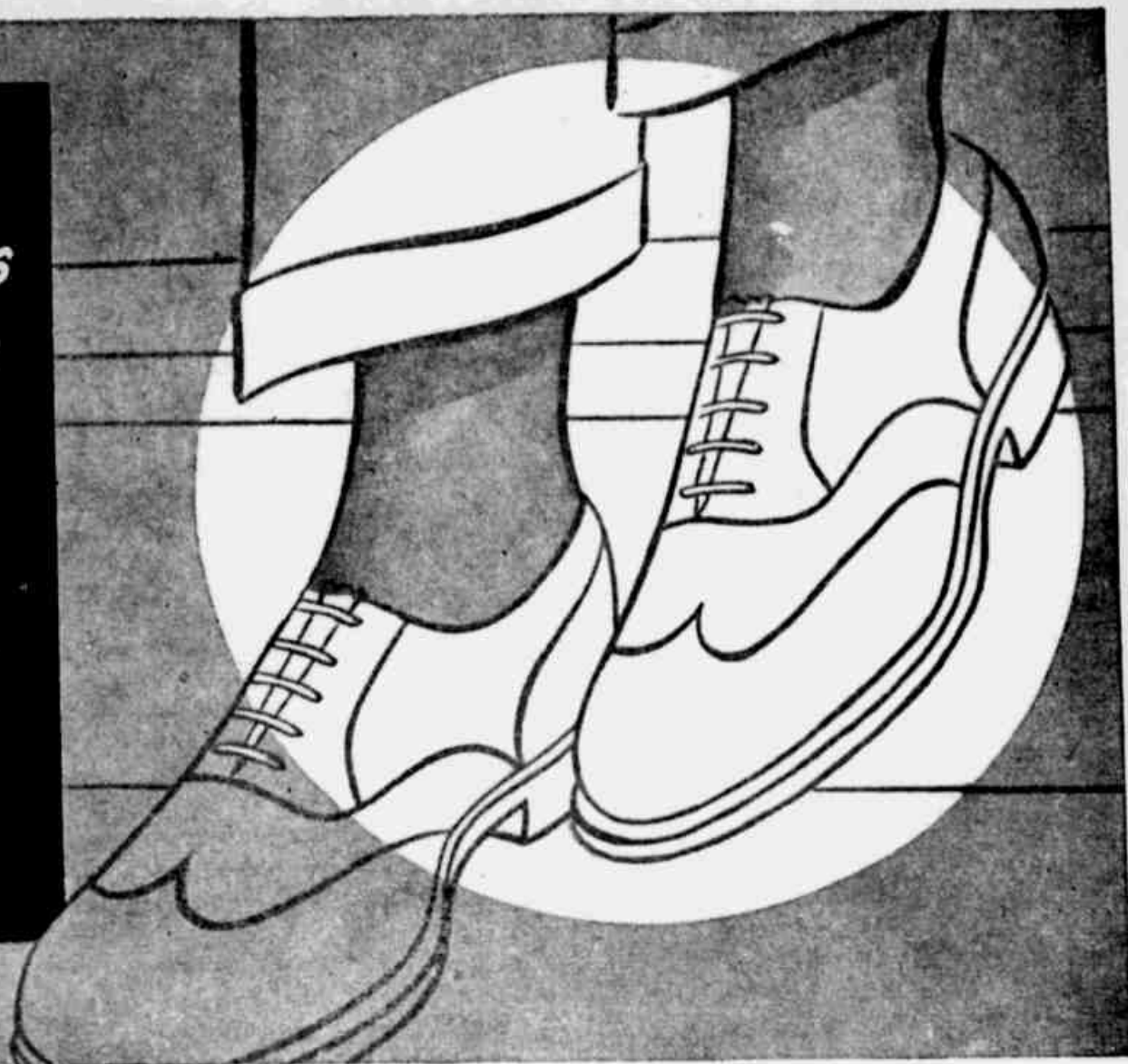
O TALCO IDEAL

Ao fazer as suas compras, tenha em vista que um
produto muito anunciado é necessariamente um bom
produto. E recuse as marcas desconhecidas.



*São
duráveis
as meias*

*Long
Life*



- ★ Ajuste anatômico aos pés
- ★ Elasticidade perfeita
- ★ Côres firmes
- ★ Resistência
- ★ Fio tipo inglês



Long Life

as melhores meias fabricadas no Brasil



Era Uma Excêntrica

• SPENCER HARDY

Em fins do século XIX, a psiquiatria valia tanto quanto a frenologia, ciência que estuda o caráter e as funções intelectuais humanas, baseada na conformação do crânio. Por isso, não se admiraram os habitantes de Troy, pequena cidade do Estado de Nova York, quando Charlotte Wood foi acusada de assassinato, apesar de todos reconhecerem-na como demente. Se o fato sucedesse em nossos dias, ela seria enviada, não para a força, mas para um hospital psiquiátrico.

Charlotte, bela mulher de cabelos negros e olhos azuis, descendia duma família aristocrata, cujos outros membros adaptaram-se bem na sociedade, não revelando sintomas anormais. Tinha três irmãs, das quais duas se casaram com jovens oficiais da Artilharia Real sediada no Canadá, sendo que, mais tarde, uma foi levada para a Escócia e outra para a Irlanda. A terceira casou-se com um nobre inglês e com ele partiu para a mansão de seus ancestrais.

Aos 16 anos, quando foi enviada para o colégio feminino de Troy, Charlotte possuía uma beleza fascinante, não obstante seus modos excêntricos. Apesar dessa idade, adorava brincar com bonecas, em cuja honra organizava sempre festinhas, para as quais convidava suas colegas.

Quando completou 19 anos, contraiu núpcias com o jovem e simpático tenente William Elliot, da aristocracia inglesa. Mas seu coração, havia muito, pertencia a um jovem de Troy e, aparentemente, foi a lembrança desse amor que a fez abandonar o lar do marido em Londres. Seu biógrafo não revela a identidade desse rapaz, contentando-se em dizer que ele recebeu «toda a torrente

de suas afeições». Seu pai, certamente, desaprovou esse romance e avisou mesmo ao futuro genro que sua filha, além de possuir um caráter excêntrico e infantil, já dera seu coração a outro. Mas para o tenente Elliot, perdidamente apaixonado, isso não era obstáculo. Em sua viagem de lua de mel do Canadá a Nova York, donde embarcariam para a Inglaterra, ele cometeu a tolice de fazer uma pequena parada em Troy, cidade pela qual sua esposa nutria forte obsessão. Charlotte desapareceu na noite em que aí chegou, e mais tarde, foi encontrada andando pelas ruas, com trajes masculinos. Antes mesmo de chegarem a Londres, ela já não suportava o marido, acusando-o histêricamente de sua infelicidade amorosa.

*

Em meio ao respeitável círculo de amigos e parentes de seu marido, ela não hesitou em continuar com sua violenta revolta. Nem o nascimento de dois filhos, nem as viagens que o marido fez com ela pela Europa, com o intuito de acalmá-la, conseguiram modificar seu estado. Ele a amava, a despeito de tudo, ao passo que Charlotte só lhe votava ódio e desprezo.

Em fins de 1849, Charlotte, com a idade de 22 anos, abandonou o esposo e os filhos e embarcou para a América, em companhia duma criada francesa. Após alguns dias de repouso em Irving House, em Nova York, seguiram para a casa dos Wood, em Quebec. Interromperam, porém, a jornada por alguns dias, parando em Troy, onde Charlotte, sentimental, recordou cenas felizes de sua paixão, com o

namorado dos tempos de colégio. Se tornou a ver o rapaz naquela época, ou quando lá esteve com o marido, ninguém o sabe.

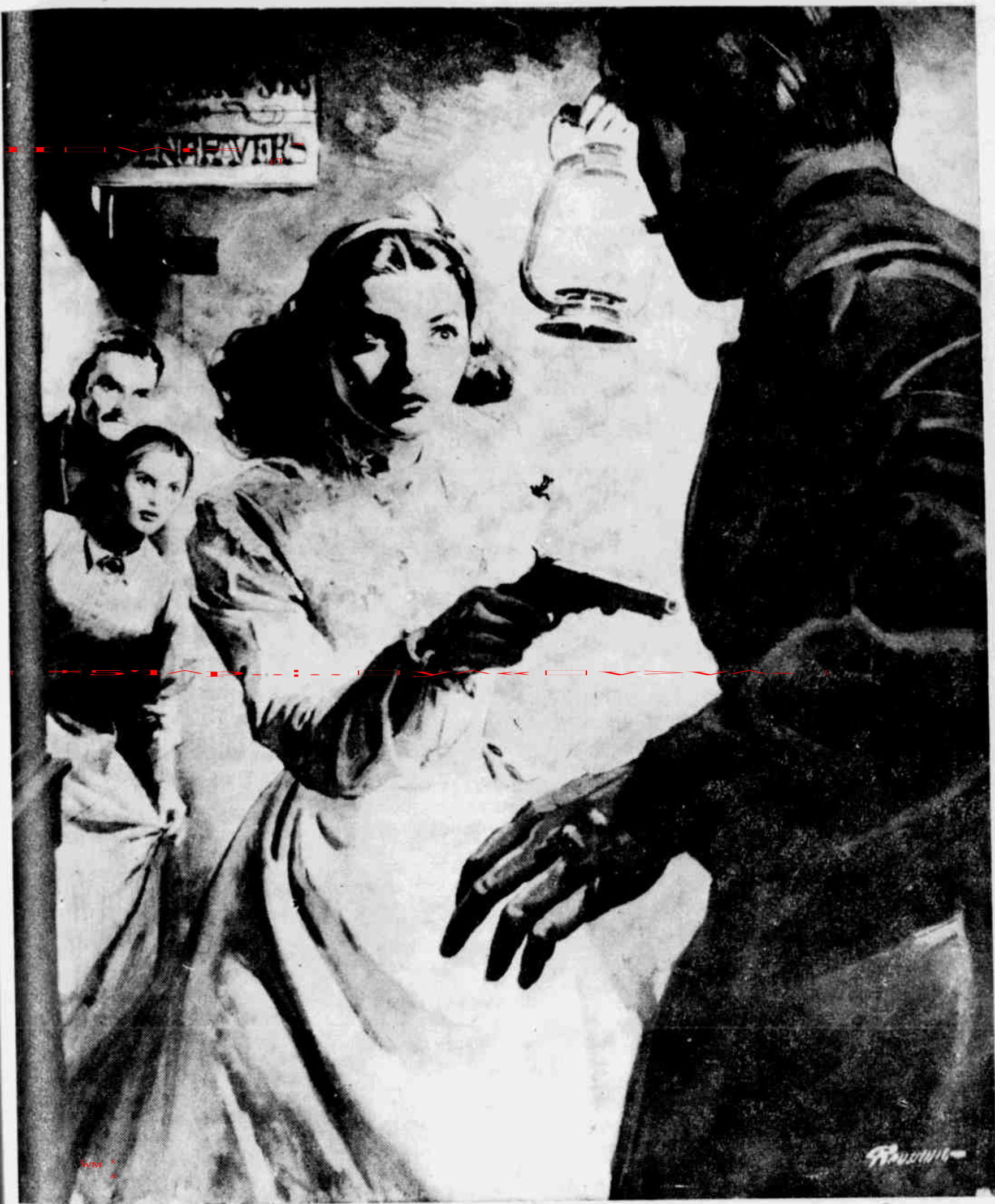
Numa sombria noite de ventania chegou ao seu velho lar. O pai, porém, que recebera uma carta do genro, informando-o sobre a inominável conduta de Charlotte, negou-se a recebê-la e ordenou que voltasse naquela mesma noite. Seu irmão William, a quem ela pessoalmente detestava como um indivíduo hipócrita, afirmou-lhe que estava inteiramente de acordo com o pai.

Mais uma vez, Charlotte sentiu o apelo fascinante de Troy. Embarcou para lá imediatamente e, procurando embaraçar todos seus parentes, arranjou um emprego no colégio feminino. Mais tarde confessou que imaginava o quanto isso iria magoar seu irmão.

Frequentemente tem-se observado que as pessoas desequilibradas, quando se sentem insatisfeitas, procuram degradar-se.

A loucura de Charlotte, porém, ainda não se revelara com toda sua trágica força.

No barco em que partiu de Quebec, havia um homem que a observava mais insistentemente que a maioria dos passageiros, os quais se sentiam aturdidos pela sua extraordinária beleza. Com sua crescente tendência para a mania de perseguição, suspeitava que aquele homem fora contratado por seu pai ou seu marido para vigiá-la. Tinha a impressão de tê-lo visto antes. De fato, ele estivera em Irving House, na ocasião em que chegara da Inglaterra, e a adorara de longe. Agora, porém, estava disposto a aproximar-se. Ofereceu-se delicadamente para ajudá-la a satisfazer as exigências



algas delegacias e encontrou da parte dela uma disposição favorável.

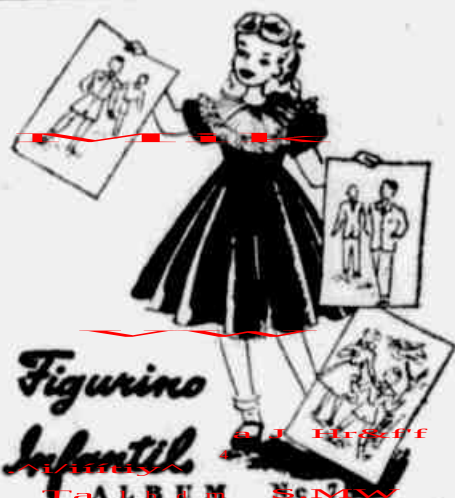
O mesmo delicado biógrafo vittoriano que ocultou o nome do amorado de infância de Charlotte, refere-se ao homem do barco com igual discreção. Conta apenas que «ocupava posição proeminente no mundo e cujo nome não era desconhecido ao povo de Nova York».

Quando Charlotte chegou ao

hotel em Troy, pretendendo descansar alguns dias antes de dedicar-se ao trabalho no colégio, seu amiguinho de barco também já se instalara ali. Dentro de uma semana ela se converteu em sua amante e abandonou a ideia de trabalhar.

E é assim que vamos encontrá-la mais tarde, residindo numa casa afastada num bairro do norte de Troy, com o nome de Henrietta Robinson e em

companhia duma jovem que lhe servia de criada (a francesa se fôra embora) e um jardineiro idoso. À noite, às vezes, seus vizinhos costumavam ver um homem entrando apressadamente na solitária casa da bela Charlotte, mas ninguém sabia de quem se tratava. Presumivelmente era o mesmo cujo nome o povo de Nova York conhecia, embora com o correr dos tempos, aparecessem outros.



Figurino Infantil

ALBUM Nº 1

ESTE album foi preparado exclusivamente para resolver o problema da indumentaria das crianças! Em suas 40 páginas as costureiras encontrarão grande variedade de modelos de vestidos e roupinhas!

As donas de casa que costuram para os seus filhinhos, mesmo sem grandes conhecimentos do assunto, poderão executar os modelos, todos gráficos e práticos, em virtude das explicações claras que o album oferece.

Um album-figurino de grande utilidade nas Lares!

PREÇO: CR\$ 25,00.

A lingerie

ALBUM Nº 1



A mulher elegante encontra neste album, primorosamente organizado, inúmeros desenhos de modelos de "peignoirs", "soutiens", blusas, chemises, camisolinas, aplicações todas na medida de execução, e muitos outros trabalhos que compõem a graça e a distinção da mulher moderna!

As páginas deste album, de grande formato, foram enriquecidas com os mais belos riscos desenhados para o encanto do belo sexo!

PREÇO: CR\$ 25,00.

Enxoval do Bebê

ALBUM Nº 1



O enxoval do recém-nascido merece das mães um cuidado todo especial. O enxoval do bebê resolve magistralmente o problema!

Este album contém interessantes sugestões, que orientam facilmente a confecção de um enxoval bastante prático e, além do mais, algo gracioso, tão encantadora são os motivos de desenhos de riscos que suas páginas apresentam.

PREÇO: CR\$ 25,00

O Filet

ALBUM Nº 2



CONTÉM uma rica coleção de motivos para barras de toalhas para jantar, panos para moveis, centros de mesa, paninhos, bar-

PREÇO: CR\$ 15,00 ras para toalhas de altar etc., podendo os modelos ser executados também em croché.

Pedidos pelo Reembolso Postal a S. A. O MACHO Rua Senador Dantas, 15 5.º and. Rio de Janeiro

Todos na localidade ignoravam a verdadeira identidade de Charlotte, que ficou sendo conhecida pelo nome que passou a adotar.

*

Dentro de pouco tempo as senhoras da vizinhança perceberam que a nova vizinha não era um conhecimento conveniente. Embora muito arre-dia, Charlotte, às vezes, conduzia-se de modo racional. Quando saía de casa era para dar ligeiro passeio com seu jardineiro. Mas, sobrevinham, de tempos em tempos, espantosos ataques, sintomas de sua alucinação. Altas horas da noite, saía pelas ruas, em trajes de dormir, obrigando os transeuntes a parar a fim de lhes mostrar um velho e inútil revolver e anunciar que planejava matar vários vizinhos que pretendiam assaltar sua casa.

Certa vez, o delírio levou-a a pedir a intervenção da polícia, avisando que um homem das imediações pretendia bloquear a navegação do rio. Seu interesse naquele assunto visava apenas o bem do povo em geral, pois quanto à ela, poderia lograr o patife: possuía uma folha mágica que, posta entre os dentes, a fazia flutuar.

Nenhuma providência foi tomada para segregar Charlotte, pois seus vizinhos afirmavam que, embora excêntrica, era inofensiva.

Sobrevindo um período de calma, Charlotte fez um esforço para salvar sua vida. Abandonou a casa solitária de Troy e partiu com destino a Londres, a fim de juntar-se ao marido e aos filhos.

Sua fuga, porém, terminou em Boston onde o amante a encontrou em Revere House e a persuadiu a voltar. Isto destruiu totalmente qualquer resquício de esperança que ela ainda pudesse alimentar.

Refugiou-se na bebida e sua embriaguez era constante. Lanagan, o taverneiro, observava que seus pedidos de cerveja e brandy aumentavam assustadoramente. O vício, como era natural, serviu para a degradação de seus hábitos. Abandonando sua primitiva atitude de digna reserva, misturava-se agora aos frequentadores da taverna, que servia ao mesmo tempo de negócio e residência do proprietário, sua esposa e filhos. Com ela morava também, sua linda cunhada Catherine Lubee, que trabalhava como criada, mas atualmente se encontrava sem ocupação.

Certa manhã de maio, do ano de 1853, Charlotte mandou pedir a Lanagan, por intermédio de seu criado, que lhe entregasse dois dólares, dos quais absolutamente não precisava. Acompanhou discretamente seu mensageiro e ouviu o próprio Lanagan dizer que não dispunha daquela quantia. Cerca do meio-dia, voltou a taverna, e entre lágrimas de desespero, disse que seu marido vorera num acidente ferroviário. Mas as suas palavras não ligou a menor atenção, pois era uma história antiga. Vendo que não se comoviam ante a sua dor, pôs-se a discutir freneticamente com os fregueses que lá se encontravam. Percebendo que ela se tornava insuportável, levaram-na até a porta, pedindo-lhe que fosse embora. A 1 hora da tarde, voltou novamente, encontrando a sra. Lanagan e Catherine fazendo lanche. Convidou-as para tomarem um copo de cerveja. Charlotte pediu então um pouco de açúcar em pó para pôr na bebida, hábito muito usado naquela época.

A sra. Lanagan, ao receber seu copo, comentou que o pó que flutuava no líquido não parecia açúcar. Entretanto, nessa ocasião, levantou-se para atender alguns fregueses. Lanagan, chegando à sala pouco depois, viu a bebida e não hesitou em tomá-la. Catherine, por sua vez, bebeu sua dose sem demora. Poucas horas depois, Lanagan e sua cunhada foram presas de dores atrozes e faleceram, envenenados com arsênico em pó.

As provas eram suficientes para culpar Charlotte — inclusive o fato de ter comprado do arsênico na semana anterior, «para matar ratos», conforme disse mais tarde. Sob um tapete de sua casa foi encontrado o pacote, contendo parte do terrível tóxico. O júri então acusou-a de assassina e condenou-a à forca.

Seu pai e seu irmão surpreenderam-se com as notícias recebidas, e mais ainda com sua prisão, embora suspeitassem que Henrietta Robinson e Charlotte Wood fossem a mesma pessoa. William embarcou rapidamente em Quebec, e obteve permissão de estar com ela, particularmente, durante uma hora, na prisão do Condado de Rensselaer. Saindo, deixando um ar distraído, insistiu em que «não conhecia aquela mulher».

O companheiro de Charlotte sumiu como por encanto, e esta também não revelou

sua identidade. Quanto à sua própria, só admitiu-a depois de ter sido reconhecida por amigos de infância. Houve, contudo, celebração acerca da proposta de enforcar uma louca. O governador comutou a pena em prisão perpétua. Vinte e dois anos depois do julgamento — ignora-se a data certa — a linda louca, agora adulta «nas formas e nas feições», morreu na prisão de Auburn, usada naquele tempo para o internamento de criminosos dementes.

✱

CAUSAS PSICOLÓGICAS...

(Continuação)

portamento» é seguido por sintomas de febre ou de um resfriado.

Infelizmente não há nenhum método rápido e eficiente de cura, do qual os pais possam se valer no momento em que a criança faz uma birra. É acertado que se mantenha a calma exterior (se possível) e que se deixe que a criança se livre de sua carga superflua de energia, sem que fiquemos tão emocionalmente envolvidos a ponto de perdermos o controle da situação, criando um problema insolúvel. Se a criança estiver em posição na qual possa se machucar ou danificar algo importante, ela deverá ser retirada — delicada, porém energeticamente — e levada para lugar mais seguro.

Se bem que bater na criança possa, temporariamente, aliviar a tensão paterna, é pouco provável que a criança aprenda alguma coisa ou se possa tornar mais feliz com tal método.

Quando passa a crise da birra, o episódio deve ser esquecido e as relações amistosas entre pais e filho devem ser restabelecidas. O assunto não deve ser discutido na presença da criança, quando o pai chegar em casa. Assim, ela se irá sentir bastante culpada, pela situação desagradável criada, mas tirará do resto a culpa. Desta forma, lançará bases para um episódio ainda mais violento, na próxima vez.

Quando uma criança faz manhas constantemente, está estragada por hábitos excessivos, e reage com birras diante de cada nova situação. Os pais devem, então, procurar o auxílio de especialistas no assunto, principalmente se a criança já se encontra no período escolar.

(Conclui na pag. 132)

UMA ORIENTAÇÃO NA CIÊNCIA



Por onze Professores da Faculdade de Rochester — Rio português. Um livro muito útil e de fácil compreensão para qualquer pessoa que deseja ampliar e atualizar os seus conhecimentos em: Astronomia, Geologia, Química, Teoria atômica, Física, Biologia, Paleontologia, Fisiologia, Bacteriologia, Psicologia e Matemática. Um volume, encadernado de luxo, com 631 pags., e 300 gravuras correspondentes a todas as matérias, em formato grande. PREÇO REDUZIDO DE PROPAGANDA C\$ 120,00. Remetemos

pelo Reembolso postal, sem alteração de preço. Pedidos à EDITORA EDANEE — Caixa Postal 104-R SÃO PAULO

① rádio em revista

«O DIÁRIO DA METRÓPOLE»

A crônica diária do escritor Alvarus de Oliveira



Alvarus de Oliveira

Alvarus de Oliveira, o conhecido escritor fluminense, está escrevendo interessantes crônicas que a Rádio Inconfidência irradia, diariamente, às 17,50 hs. sob o alto patrocínio dos laboratórios de Emulsão de Scott e «Sal de Fructa» Eno.

É uma crônica ligeira, focalizando fatos cotidianos da «cidade maravilhosa», num estilo leve, constituindo um diário interessante. Está, portanto, o rádio de parabéns pelo concurso realmente expressivo de um escritor que vem se destacando pela sua incansável operosidade.

HUMORISMO NO RÁDIO

A bebida é uma fonte de humorismo no rádio norte-americano. Eis alguns exemplos:

Bob Burns e Betty Field;

BOB — Betty, V. está bebendo whisky!

BETTY — Não, Bob. V. me proibiu que bebesse e eu não bebo. Eu estava fazendo gargarejos. Para curar minha gargantinha... O whisky foi que escorregou...

Jack Benny e Gracie Allen;

JACK — A bebida torna V. realmente linda.

GRACIE — Mas eu não bebi coisa alguma.

JACK — Eu sei. Mas eu bebi.

Jimmy Durante e uma senhora não identificada:

SENHORA — Oh, o sr. toma whisky!

JIMMY — O que é que a sra. acha que eu devo fazer com ele?

Um pensamento de Bob Hope:
«Ele estava tão bêbado, mas tão bêbado, que foi ver se o passarinho do relógio tinha posto ovos...»
— Al Neto

RÁDIO BAIANO

Jorge Marabá

Conta a Cidade do Salvador com duas emissoras, a Rádio Sociedade da Bahia (PRA-4), pertencente aos «Diários Asso-

ciados», e a Rádio Excelsior da Bahia (ZYP-8), ambas irradiando em faixa longa, a 740 e (Conclui na pág. 148)



Guaracy Moraes, uma das maiores intérpretes do samba no norte do Brasil, eleita rainha do rádio baiano; Brim Filho, locutor, produtor e animador de programas; e Alzira de Oliveira, grande intérprete de músicas brasileiras, folclorista e elemento de destaque no «cast» do rádio-teatro. Os primeiros do elenco da Rádio Sociedade da Bahia e a última da Rádio Excelsior da Bahia.

OS FANQUEIROS

Oswaldo Nascimento

Não sabemos donde vem o termo. A verdade é que ele se repete por toda parte, como uma das piores epidemias do século. O fanqueiro surge por todos os cantos, mais do que cogumelos em dia de chuva. Machado de Assis já lhe dedicou um livro. Arrasou-o. Dilacerou-o. Pulverizou-o. Mas o fanqueiro ressurgiu das próprias cinzas. Continuou a existir. Em tudo, se introduziu. Na arte, na literatura, na ciência, na religião e até na política. Nesta com muita mais intensidade. Mas para nós, que nos encontramos estreitamente ligados à arte radiofônica, o fanqueiro é um sujeito familiar que não precisa das apresentações protocolares para entrar em nosso convívio. Somos, portanto, frequentemente assaltados pelo fanqueiro. Um assalto amistoso, com que, felizmente, já estamos acostumados. E, pior do que isto, sentimos-nos na contingência de abrir as portas de nossos estúdios e ceder o microfone ao fanqueiro glorioso, que achou o caminho já feito, dentro de sua arte, na pura função de papel-carbono dos maiores.

Interessante que, ao contrário do que geralmente sucede, noutros setores da inteligência humana, o fanqueiro de rádio é um sujeito necessário, indispensável mesmo, à glória dos verdadeiros criadores de sucessos.

Principalmente entre os cantores, o fanqueiro predomina. Gosta de imitar. Pretende, sem dúvida, alcançar de perto a imitação dos astros. E somente contribui para que estes se tornem mais brilhantes, desaparecendo em sua passagem como a estrela cadente cujo brilho é o mais efêmero.

Exemplificando: é comum hoje em dia, aparecer na programação das emissoras radiofônicas, indivíduos apassoados, donos de invejável argumentação, munidos de recortes e mais recortes de jornais que registrarão sua rápida passagem em cidades onde há estações de rádio, declarando: — «Yo soy Fulano de Tal, nascido em Chihuahua, en

(Conclui na pág. 150)

O "REPORTER ESSO", NA P R I - 3

AO incontáveis os benefícios que as diversas irradiações diárias do «Reporter Esso» prestam à coletividade, informando, esclarecendo e enfim, colocando os mais longínquos pontos do Brasil e do mundo a par dos últimos e mais palpitantes acontecimentos internacionais, empolgando a atenção geral do público.

Na última conflagração mundial, por exemplo, foram inúmeros seus sucessos, trazendo os ouvintes sempre em dia com os mais palpitantes acontecimentos que se iam desenrolando no campo da luta. Terminada a guerra, prosseguiu o «primeiro a dar as últimas» o seu trabalho de informar e esclarecer com absoluta precisão e imparcialidade, nos mais diversos horários, a cumprir as suas finalidades.

Em Minas Gerais tem a Rádio Inconfidência, a supremacia de se alinhar entre as estações que possuem contrato para as emissões do «Reporter Esso», que sobem ao ar às 8, 13, 19,25 e 22 horas, nos dias úteis e, aos domingos, às 13 e às 19 horas e 25 minutos, lidas pelo locutor Aluizio Campos que as vem desempenhando com regularidade, precisão e clareza, merecendo de seus aptidões para o espinhoso posto.

A Rádio Inconfidência está comprovando ser, com o magnífico serviço do «Reporter Esso», uma das mais bem aparelhadas estações difusoras do Brasil. Ampliando e aperfeiçoando sempre o seu maquinário, com equipamento moderno de telegrafia para transmissão e recepção, aparelhamento técnico e material humano que só faz necessário à perfeita execução da difícil e importante tarefa, vem satisfazendo plenamente os altos objetivos que determinaram a sua criação.



Aluizio Campos, o «Reporter Esso» da Inconfidência.

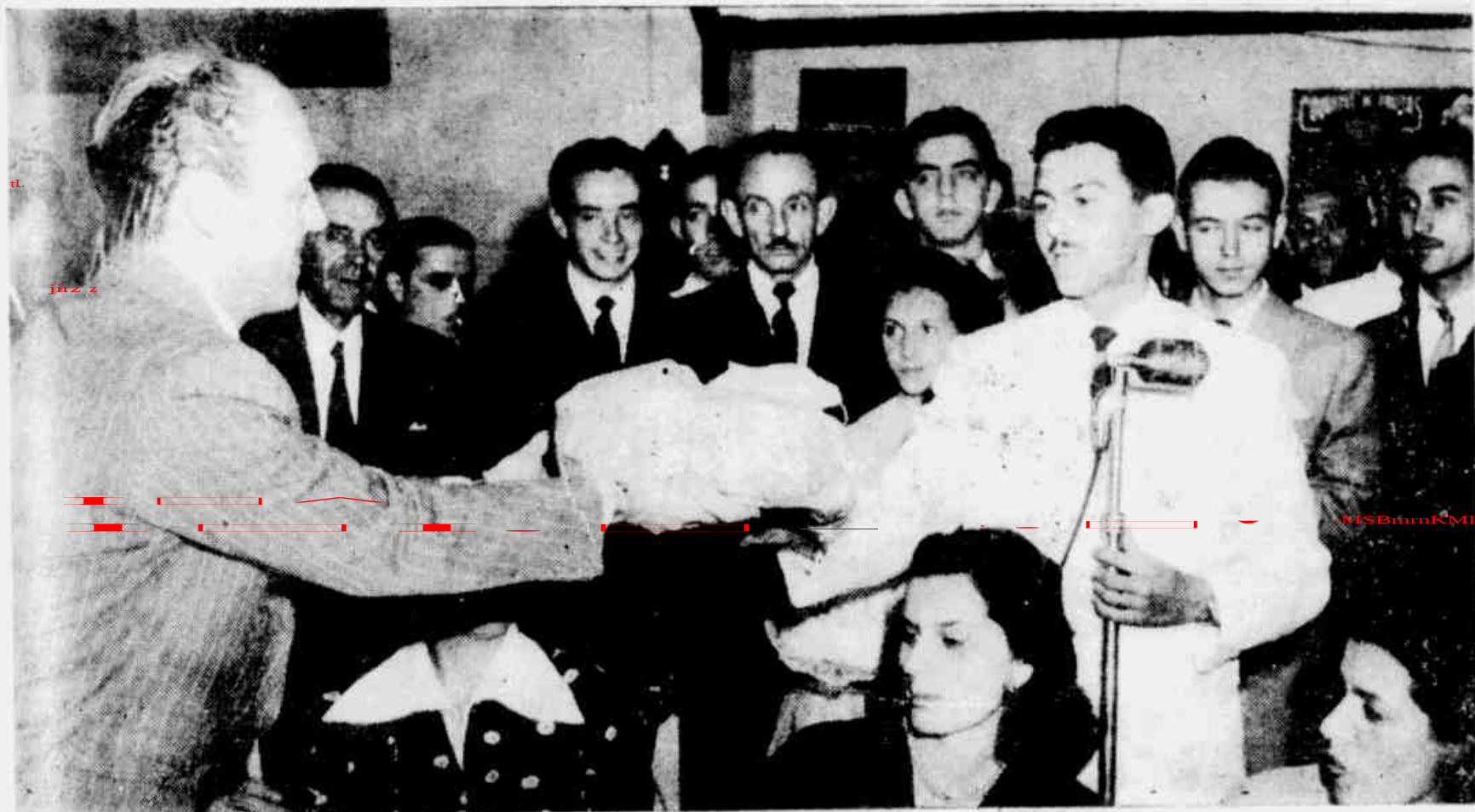
O ANIVERSÁRIO DA INCONFIDÊNCIA

Entre excepcionais demonstrações de júbilo a Rádio Inconfidência comemorou a 3 de setembro p.p. a passagem do seu 14º aniversário.

A parte das programações, bem cuidadas e selecionadas, demonstrou o elevado sentido cultural e artístico dos seus dirigentes. Foram três dias de magníficos programas, os mais diversos.

Terminadas as transmissões comemorativas da grande data, realizou-se, numa das dependências

da Feira de Amostras, concorrida festa de congratamento entre todos os funcionários da prestigiosa estação oficial — além da presença de figuras destacadas das emissoras «Associadas» de Minas — ocasião em que se fizeram ouvir diversos oradores, entre os quais o dr. Ney Octaviani Bernis, chefe do Serviço de Rádio Difusão do Estado, que teve palavras de elogios e agradecimentos a todos os seus colaboradores. Ao dr. Ney Octaviani Bernis, nesta ocasião, foram prestadas, pelos funcionários da PRI-3, expressivas homenagens.



O locutor Jairo Anatálio, que falou em nome dos funcionários da PRI-3, ao entregar ao Dr. Ney Octaviani Bernis um rico e fino presente.

No mundo dos Enigmas

Direção de Polidoro

TORNEIO CIDADE DE SANTOS

(Homenagem aos confrades Duqueza do Brasil, o Sineiro, Janota e Nostradamus)

Léxicos: Silva Bastos; Simões da Fonseca, edição antiga; Fonseca e Roquete, os dois; Se-guier; Brasileiro, 2ª, 4ª, 5ª e 7ª edições; Japyas-sú, 1ª e 2ª edições; Enciclopédia de Casanovas (Zytho); Breviário, Lamenza e Dr. Lavrud. Neste torneio foi, excepcionalmente, utilizada a 2ª parte do A. M. de Sousa.

Prazo: Três meses.

Brinde: Uma obra literária de atualidade.

Correspondência para a redação.

MESOCLITICAS

(Agradecendo ao caro amigo Von Protozoário)

1 — Enfim, eis-nos chegada a expedição
Ditada pela sua inteligência,
Trazendo, pra o celeiro da ciência, — 2
Riquezas mil da sua observação.

De cem ou de uma boa experiência — 1
Os resultados têm esse condão
De dar ao nosso afeto coração
Mais fé, mais esperança e paciência.

Assim espero vêr sua embaixada
De novo prosseguindo na empreitada
De investigar e projetar-se além.

A Ciência, eterna fonte, pura e rara,
E' limpa corrente que não pára,
Numa ansia nobre de fazer o bem.

JASBAR — B. B. — CAPITAL.

2 — O senhor vive quase sempre triste, — 2
A cogitar na fraca humanidade.
E' que em seu peito duplamente existe — 1
Uma chaga de grande cavidade.
VIOLETA — G. C. N. — Recife

LOGOGRIFO N. 3

(Ao João Fogaca)

Foi um médico chamado
Por um «homem», que dizia, — 6, 7, 5,
9, 10.

Que a mulher, «naquele estado»,
Ha muitas horas sofria.

Sai o doutor sem demora.
Porém, fica encabulado — 8, 10, 2, 3, 4.
Pois, ao chegar, a senhora,
Já havia se despachado.

O marido, mui nervoso,
Temendo qualquer suspeita,
Pede ao doutor prestimoso
Que passe alguma receita. 8, 1, 5, 6, 4.

Porém, o esculápio atesta — 3, 1, 2, 9, 7.
Que não há nada a temer

E indaga, franzindo a testa:
Eu quero a parteira vêr.

Ai! doutor — o outro responde,
Fazendo grande espantelho,
— A verdade não se esconde,
Foi eu quem fez o trabalho.

FORMICA LEAO — Alagoas — Bahia

ENIGMAS

(Ao Lutércio)

4 — Difícil de solver esta questão:
Se o pouco inteligente, com mais lábias,
ou se o douto, com virtudes sábias,
é quem tem deste mundo a direção.

E assim se estabelece a confusão
(pois o mundo é mesmo das arábias);
Se um leu quatro linhas de alfarrábias
crê a ciência toda ter na mão.

e sai a pregar normas o astuto.
Enquanto o homem sábio, o impoluto
e que tem a verdade por lema

Jás apagado, humilde, esquecido.
Melhor é mesmo dar-se por perdido
o meio de solver este dilema.

CAPELISTA — Curitiba

5 — Preste a atenção no «recheio»,
Retirando a retaguarda.
Fica «completo» o torneio,
Nesta palavra cortada.

Troque a «cabeça» por «um»,
Existente de — permeio;
Resolvido este zunzum
Continua o todo cheio.

UENIRI — Rio

(Ao Zytho, a propósito do n. 110 de «Nó górdio»,
e retribuindo).

6 — Sei que «está certo». Mas se perde «o»
certo

A culpa não é minha, meu amigo.
Procure buscar logo outro elemento
Colocando no «celeiro» bem a jeito
O resto que ficou. Eu não comento.
E' questão de viver em paz comigo
Pelo caminho certo do direito.
Na vida tudo é felicidade
Quando não existe quebra de amizade
DATRINDE — Salvador — Bahia

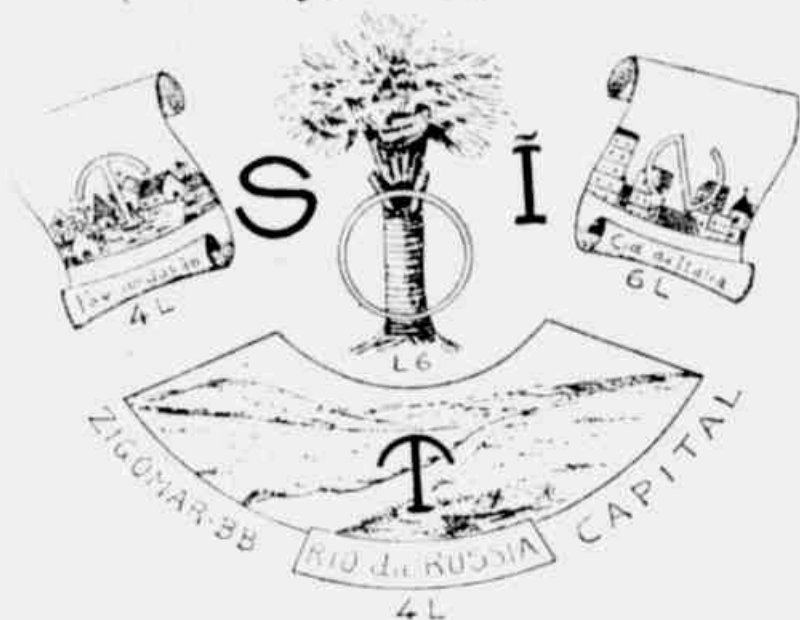
(Ao Sineiro, com meu abraço)

7 — «Eu», com «maneira» adequada,
não digo por ser gabola,
fiz esta quadra alinhada
sem quebrar muito a cachola.
NOSTRADAMUS — Santos — S. Paulo

(A Jasbar e Euclides Vilar)

8 — Se Adão — o primeiro «homem»

SIMBÓLICO DE



Que de barro fôra feito,
Vivesse nos nossos dias
Andaria satisfeito
No meio «de» tanta gente
Que só prega santidade,
Quando, em verdade, não passa
De porta-voz da maldade?

Talvez que, se êle seguisse
Um caminho sem constância,
Baseado que o fim do corpo
E' pó, «insignificância»,
Os farsantes atuais,
Fantasiados de cordeiros,
Que trazem, sob a vil capa,
Dons de lobos verdadeiros,
Um pobre testa de ferro
Fizessem com o pai Adão,
Com a maior injustiça,
Sem a menor compaixão.
FORMIGA LEÃO — Alagoinhas

— Em tôda «investigação»,
Há, sempre, um **mas** ou «porquê»;
Para encontrar solução
Basta o Pequeno e você.

Para êste decifrar,
Não precisa haver permuta,
Por isso vou ofertar
Ao matador um «fruta»
UENIRI — Rio

(Ao Loanco)

10 — Com êste «utensílio», agora
A «lavoura» irá para a frente.
Se fôr certa a **afirmação**,
Contentar-se-á muita gente.
XOFRANGO — Ipameri — Goiaz

CHARADAS

11 — «Ribeira de Portugal». — 1
Um **fato** fenomenal — 2
Sucedeu nesse lugar.



Os olhos límpidos
e sadios têm magia e
sedução! E é tão fácil —
com LAVOLHO — devolver
aos olhos a limpidez e o bri-
lho, restituir ao olhar o en-
canto e a expressão capazes
de revelar a sua afeição inefável

LAVOLHO

clareia
os olhos

Para combater a insônia,
o nervosismo, a perda
de memória, o desân-
imo e o cansaço fi-
sico e mental,

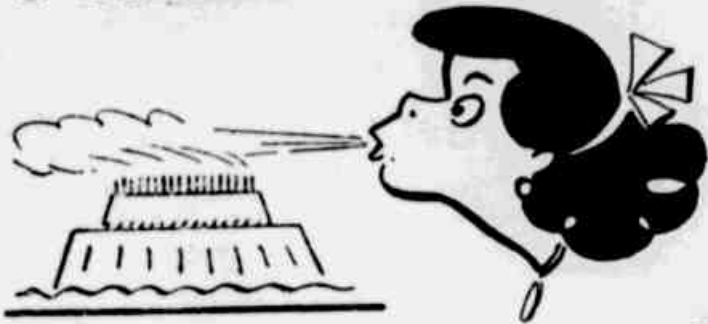
tome
FOR-T-FOSFATOS
contêm

Fosfatos natura-
is, Vitamina B-1 e
Aminados cerebrais.

— um produto do
INSTITUTO FARMACOBIOLOGICO
Rua da Estrêla, 57 — Rio



O MELHOR PRESENTE



DE ANIVERSÁRIO

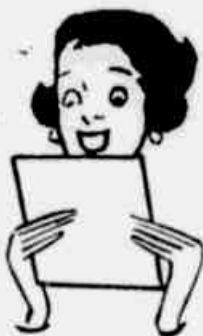
O PRESENTE QUE CHEGA 12 VEZES

A uma noiva, a uma esposa, a uma mãe ou a uma filha, não há presente que mais agrade. Um presente delicado, distinto e que tem a vantagem de chegar doze vezes, mantendo por mais tempo a recordação de quem o oferece: — uma assinatura de ALTEROSA — a revista da família do Brasil.

Reunindo cerca de 2.000 páginas, uma assinatura anual de ALTEROSA proporciona uma verdadeira biblioteca, com tudo que interessa e agrada à mulher brasileira.

SURPRESA AGRADÁVEL

Sua oferta será anunciada em bonito cartão que a Editôra enviará à pessoa presenteada.



OFFEREÇA UMA ASSINATURA DE

ALTEROSA

a revista da família do Brasil

SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA. — Caixa Postal 279 — Belo Horizonte — Minas Gerais

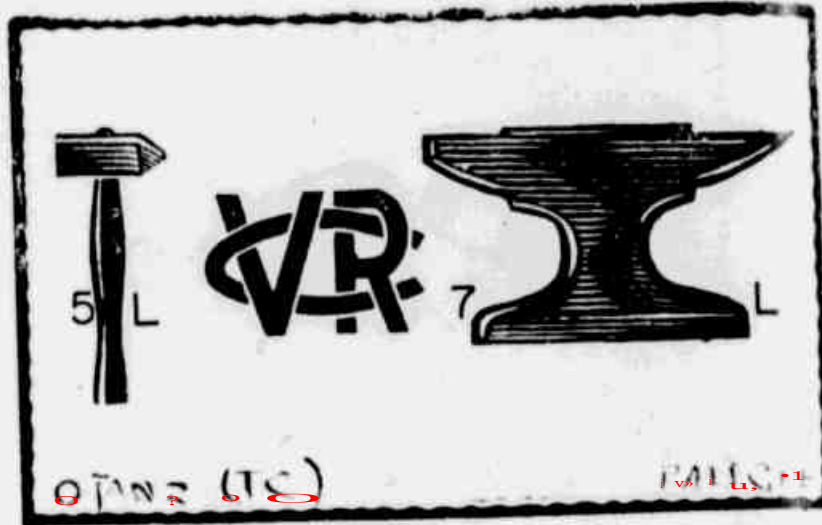
Junto remeto a importância de Cr\$ 60,00, para uma assinatura anual de presente, para:

NOME
 RUA E Nº
 CIDADE ESTADO

Ofertante
 Residência
 Cidade Estado

Cidade Estado

Estado
 Estado



Por afonia recebida,
Um homem perdeu a vida,
E outras mortes a chorar.

APOLÔNIA VILAR — Campina Grande

12 — Além de comeres tudo, — 2
Ficaste pesado e mudo
Do jantar logo à metade.
Usaste de possessão, — 2
Mas não manda a educação
Se comer contra vontade.

EUCLIDES VILAR — C. Grande

(Ao confrade Ferrameda)

13 — Vou seguindo o meu caminho, — 1
Ao teu lado, bem juntinho,
Sem mudar de direção. — 2
Sempre o mesmo movimento...
Cada qual com o pensamento
De fazer nossa união.

EUCLIDES VILAR — C. Grande

SINCOPADAS

14 — E' pessoa muito magra,
Por isso vive trancada,
A vizinha do Conrado
Para não tomar pancada.

DATRINDE — Salvador

(Ao amigo Ueriri)

15 — O' que grande maravilha
Teu cabelo, minha filha,
Com esta flôr posta de lado!
Pois ele inspira paixão,
E qualquer um coração
Por ti fica apaixonado. — 3 — 2.

EUCLIDES VILAR — C. Grande

(A Violeta)

16 — Pegue lá neste enxadão
Vá batatas arrancar,
Mas não se «poste» a altercar
Com alguém do barracão — 3 — 2.

HERON SILPES — Canavieiras

CHARADA N. 17

(Ao ilustre Radge)

Um dia, em Copacabana,
A minha avó foi passar,

Porém, ao dar com a praia,
De espanto pôz-se a chamar:

Santo Deus, mas que pecado,
Quanta «mulher» sem juízo, — 2 — 2.
Passando em plena rua
Em trajos do paraíso!!!

Ah! meu tempo de mocinha,
Para qualquer uma «zinha»
Mostrar nós somente os braços!

Ou vivia como a gente,
Recatada, ingenuamente,
Ou via o nome em pedaços.
FORMIGA LEÃO — Alagoinhas

CASAIS

(Para o Juca Pírolito ficar «por conta»...)

18 — Eu lhe vou contar um conto,
«Conto» extraordinário,
Conto que o porá tonto,
Pois é conto do vigário... — 4.
PADRE CHAGAS — Porto Alegre

19 — Um conselho aqui vou dar,
Para aquele que o quizer:
— E' inútil se fiar
Em algebeira de mulher.
PADRE CHAGAS — Porto Alegre

SOLUÇÕES RECEBIDAS:

De Julho: Radge, Padre Chagas, Juca Pírolito,
O. Janz, Nostradamus, Janota, Duqueza do Bra-
sil e O Sineiro.

De Agosto: Nostradamus, Janota, Duqueza do
Brasil e O Sineiro.

COLABORADORES INSCRITOS

Nostradamus (Avenida Ana Costa, n. 286 —
Santos); Janota (Rua Guaiúba, n. 12 — Santos);
Xefrango (Ipameri — Goiás); Wesmingos (Rua
Santa Cruz, n. 382 — Sorocaba — São Paulo)
e Formiga Leão (Praça Dr. Seabra, n. 9 —
Alagoinhas — Bahia).

AUXILIAR DO CHARADISTA

Comunica-nos o confrade Carlos Costa (Alva-
zil) — Avenida Luiz Tarquínio, n. 105 — Sal-
vador — Bahia — estarem à venda por Cr\$ 35,00
os dois tomos do seu interessante auxiliar.

DICIONÁRIO MONOSSILÁBICO JAPYASSU'

Oferecido pelo autor, recebemos um exemplar
da 2ª edição que vem acrescida de novos vocá-
bulos e com o índice analógico muito melhorado.

«NORTE CHARADISTA»

Temos em mãos o número de julho e agosto
dessa vitoriosa publicação que merece o apoio
dos charadistas. Uma assinatura anual custa
Cr\$ 20,00 sob registro postal. Endereço: Liceu
de Artes e Ofícios — Recife — Pernambuco.

CORRESPONDÊNCIA

Giffoni Filho — São Paulo. Notada a mudan-
ça de seu pseudônimo. Apareça mais a miúdo.
Américo Lins — São Paulo. A organização e

(Conclui na pag. 140)

Emprestimo Mineiro de Consolidação

«Série C» — Lei n° 192 de 10 de setem-
bro de 1937

RELAÇÃO DAS APÓLICES PREMIADAS No sorteio de 31 de agosto de 1950

CR\$ 300.000,00	2.895.539
CR\$ 50.000,00	2.626.941
CR\$ 50.000,00	2.901.733
CR\$ 20.000,00	2.595.640
CR\$ 20.000,00	2.636.283
CR\$ 20.000,00	2.652.490

PRÊMIOS DE DEZ MIL CRUZEIROS

2.126.131	2.500.964	2.921.109
2.163.569	2.906.785	2.979.672

PRÊMIOS DE CINCO MIL CRUZEIROS

2.079.103	2.396.065	2.858.954
2.177.289	2.589.250	2.900.852
2.240.038	2.661.312	2.981.907
	2.788.289	

PRÊMIOS DE DOIS MIL CRUZEIROS

2.027.922	2.276.785	2.522.895
2.086.499	2.305.359	2.655.690
2.109.444	2.344.248	2.688.852
2.153.366	2.370.040	2.854.744
2.186.308	2.419.424	2.861.806

PRÊMIOS DE MIL CRUZEIROS

2.003.010	2.028.761	2.059.929	2.067.316
2.074.212	2.075.386	2.096.660	2.098.240
2.108.103	2.111.297	2.119.153	2.122.603
2.136.281	2.133.477	2.138.408	2.140.889
2.156.933	2.159.256	2.159.773	2.175.250
2.186.064	2.205.739	2.210.104	2.220.016
2.231.638	2.237.546	2.268.195	2.269.820
2.295.714	2.309.251	2.317.222	2.340.239
2.345.678	2.357.771	2.359.176	2.367.670
2.381.311	2.406.146	2.410.830	2.418.495
2.440.761	2.441.781	2.442.243	2.455.243
2.458.247	2.466.503	2.469.504	2.472.356
2.474.391	2.476.009	2.477.310	2.488.443
2.504.347	2.507.007	2.508.202	2.530.067
2.542.599	2.553.433	2.577.822	2.595.664
2.598.219	2.603.238	2.614.421	2.615.913
2.628.549	2.628.695	2.645.675	2.651.595
2.662.656	2.673.559	2.677.952	2.682.445
2.682.714	2.683.895	2.687.292	2.702.220
2.702.416	2.749.812	2.750.257	2.754.954
2.758.277	2.766.227	2.794.560	2.815.272
2.861.204	2.862.362	2.863.364	2.869.829
2.874.832	2.901.226	2.901.999	2.917.819
2.921.335	2.927.825	2.965.583	2.965.980
2.979.397	2.980.278	2.995.811	2.996.347

Produtos alimentícios pouco conhecidos não
devem ser admitidos em sua dispensa, porque
podem constituir seria ameaça à sua saúde e
dos seus. Ao pedir um doce, uma conserva, um
condimento ou um biscoito, exija produtos co-
nhecidos pela sua tradição de qualidade. E re-
cuse terminantemente as sugestões que lhe fo-
rem feitas no sentido de aceitar marcas clan-
destinas.



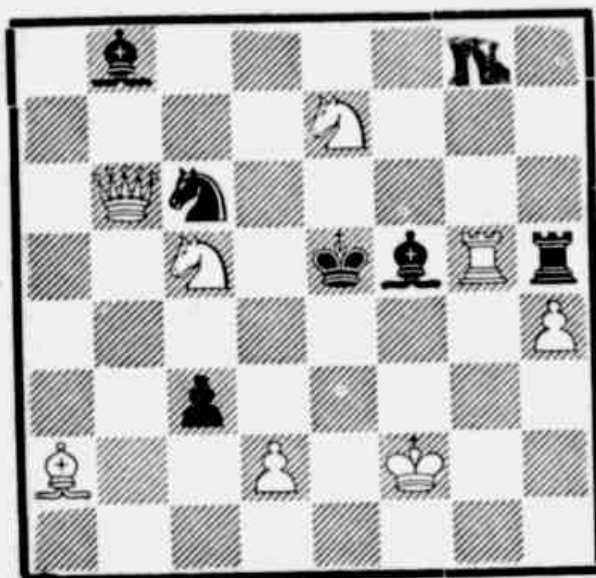
XADREZ

Qualquer correspondência deve ser dirigida a:
L. Lopes, Rua Sergipe, 1199, Belo Horizonte,
Minas Gerais

PROBLEMAS

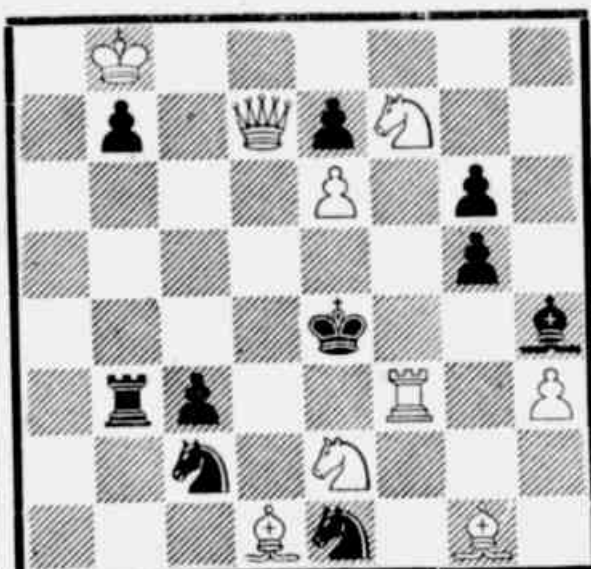
Nº 9

W. H. Thompson
(Escóssia)



Nº 10

C. Vincent Berry
(Inglaterra)



MATE EM DOIS

As soluções serão publicadas no próximo número.

Soluções dos problemas anteriores:

Nº 7 — Fred Lazard — 1. T7BR

Nº 8 — Fred Lazard — 1. D1BD

3º CAMPEONATO BRASILEIRO DE SOLUÇÕES

Conforme demos notícia em nosso número passado, está sendo realizado o 3º Campeonato Brasileiro de Soluções, sob a responsabilidade oficial da Confederação Brasileira de Xadrez, que designou o conhecido problemista patricio J. Figueiredo (endereço: Av. Maracaná, 415, Rio) para seu orientador e Juiz.

Tratando-se de uma prova oficial, julgamos que a Confederação deveria enviar a todas as suas filiações, com a necessária antecedência, as condições para o Campeonato, a fim de serem largamente publicadas, facilitando, assim, um maior número de inscrições, o que viria trazer, inquestionavelmente, um grande interesse interestadual pela prova.

PARTIDAS

Dando sequência às nossas partidas, prosseguiremos apresentando aquelas comentadas pelos próprios Mestres o que, é inevitável, ilustra com segurança e fidelidade a orientação do vencedor.

A partida n. 9 é uma obra-prima do brilhante Mestre do passado, Rudolf Spielmann, um dos conservadores do espírito

romântico do xadrez. Em seu magnífico livro «The Art of Sacrifice in Chess», do qual extraímos, em tradução, seus comentários, estuda as diversas modalidades de sacrifícios e os seus objetivos. Na presente partida é o «sacrifício de mate» que o autor analisa e executa de forma surpreendente e demolidora, como veremos.

Partida n. 9

Prêmio de beleza
(Carlsbad, 1929)
G. D. aceito

R. Spielmann — E. Grünfeld

«1. P4D, P4D; 2. P4BD, P3R; 3. C3BD, P3P — Este não é um bom caminho para aceitar o gambito, como poderia ser, com melhor resultado, P4R.

4. P4R, P4BD; 5. C3BR, P3F; 6. C3P, P3TD; 7. B3P, B2D; 8. O.O, C3BD; 9. C3B, D2B; 10. D2R, B3D; 11. T1D, ... — Prevenindo ... C3B e sua sequência.

11. ... C3R; 12. B3R, C4R; 13. C3C, B3C; 14. P3CR, B3C — Com o objetivo de fechar a coluna do BD, pois a ameaça TD1B era muito forte.

15. P3B, C3C; 16. B3C, O.O — Não 16. ... D3P, em virtude de 17. B4D.

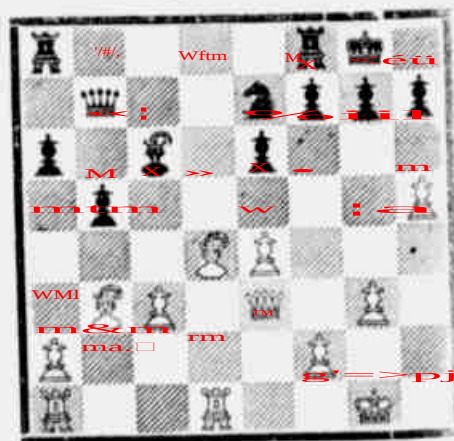
17. B4D, P4CD — Um plano concebido com fraquezas. ... P4R seria também inferior devido a 18. B6C, D3B; 19. T3B, etc.. A melhor continuação teria sido 17. ... P3B; ainda assim, as Brancas teriam tido melhor jogo em virtude de seus dois BB.

18. ... D3R, B3B; 19. P4TR, D3C — Complemento de 17. ... P4CD; mas o lance é um fatal engano. ... P3T era essencial.

20. P5T, C2R — Ver diagrama.

Pretas (12)

Grünfeld



Brancas (12)

Spielmann

Posição depois de 20. C2R

As brancas têm agora uma

clara vitória, visto que o C de 2R das pretas pode ser atacado por D e peão e não pode ser protegido uma segunda vez. Mas a situação deve ser explorada sem vacilações, pois, de outra maneira, o segundo jogador pode salvaguardar sua posição e apoiar-se em sua superior formação de peões. Os dois BB nada mais fazem do igualar.

21. BxPC!... — Um típico e ativo «Sacrifício para o mate»; forçado, ou traz tão ruínoza perda de material que qualquer resistência ulterior seria vã. A decisão também poderia ter saído de 21. D5C, P3B; 22. BxPx., R1T; 23. P6T (ainda um «sacrifício para o mate»), mas a sequência do texto é mais forte.

21...., RxB — A aceitação do sacrifício conduz forçosamente ao mate, mas nenhuma forma de ampará-lo seria jogável: — 22. B6B, melhor do que 22. BxT, é a ameaça. Por exemplo: 21... BxP; 22. B6B, B8T; 23. B5D, etc..

22. D5Cx., C3C; 23. P6Tx.,... — O objetivo. Si ..., R1C; 24. D6B, seguido de mate. «ataque contra o C de 2R das pretas ganhou realmente. Estas renunciaram».

A seguir veremos Eliskases, o grande Mestre tirolês há anos radicado no Brasil. De seu esplêndido livro «Jogo de Posição», editado no Brasil e em português, na parte em que estuda a exploração das «casas fracas» do adversário, extraiamos a partida que transcrevemos pela excelência de suas observações em torno do tema.

Partida n. 10

(Campeonato da Alemanha, 1938)

Defesa Francesa

P. Michel — E. Eliskases

1. P4R, P3R; 2. P4D, P4D; 3. C3BD, C3BR; 4. B5CR, B2R; 5. P5R, CR2D; 6. BxB, DxB; 7. P4B, P3TD; 8. C3B, P4BD; 9. P3CR, C3BD; 10. B2C, ... — As Brancas cometem uma inexistência; deveriam jogar 10. D2D! e, si 10... PxB, 11. C2R, ou 11. CRxP, D5C; 12. O.O.O.

10...., PxB! — Aproveito-me imediatamente do último lance, trocando os peões num momento em que o adversário não pode continuar com C2R por causa de D5Cx.. Perturbo assim o seu plano de controlar a casa forte 4D com os dois CC.

11. CRxP, D5C!; 12. C3C, C3C! — Este C procura ir a 5BD, um posto avançado.

13. P3TD, D2R; 14. D2R, ... — Impede diretamente que o C se plante em 5BD: 14... C5B?; 15. BxP, PxB; 16. CxP, etc..

14... O.O.; 15. O.O, T1D; 16. C2D, ... — Michel continua impedindo a ocupação do posto avançado 5BD.

16... D4Bx.; 17. R1T, B2D; 18. B3D, TD1B; 19. TD1B, C2R; 20. C3C, D2B; 21. C2D, ... — As Brancas contemporizam. A ocupação da casa forte 4D é por enquanto inoportuna, porque as pretas replicariam C5B. O posto avançado 5BD das pretas tem mais valor, nesta fase da partida, do que a casa forte 4D das Brancas.

21...., C4D; 22. TR1R, B3B; 23. P4CR, C5T!; 24. D3C, ... — Ver diagrama.

Pretas (14)

Eliskases



Brancas (14)

Michel

Posição depois de 24. D3C

Michel provoca a troca do B de 2CR, a sua melhor peça defensiva, por um C inimigo. A consequência desse plano errado é o enfraquecimento das casas brancas.

24... CxB; 25. RxC, C5B!; 26. CxC, ... — Depois desta troca forçada, que faz desaparecer tanto o posto avançado como a casa forte, torna-se evidente a fraqueza das casas 1TR, 2CR, 3BR, 4R e 5D das brancas.

26... PxCx.; 27. R3T, D3C!; 28. T1CD, T7D!; 29. T2R, TxT; 30. CxT, T1D; 31. P5B, T7D — Além de dominarem as casas brancas, as pretas achem-se de posse da única coluna aberta e ocupam a sétima fila. Se as brancas tivessem jogado 31. D3BD, ganharia 31... D7B; se 31. D1R, 31... D6Rx., e se 31. D1C, 31... DxD; 32. CxD, B5R; 33. T1BD, T7D!, etc..

32. C4B, T7BR; 33. PxB, PxB!; 34. CxP, ... — As brancas estão indefesas. Em resposta a 34. R4T, decide 34... T6E; 35. D1C ou D1R, D1Dx.; 36. P5C, TxCx..

(Conclui na pág. 151)



É natural...
ELE usa
MOONE
nos cabelos!

Sim! Você pode conquistar o penteado perfeito com o Creme Óleo Moone - à base de lanolina. Suavemente perfumado.



LABORATÓRIO FRANCO-AMERICANO S. A.
Rua Valparaíso, 22-A - Tel.: 28-6733
Rio de Janeiro



ORD. 185 — Em verniz preto, pelica azul, vermelha e havana, e em búfalo branco. Saltos 4½ e 6½ — Cr\$ 145,00.



ORD. 180 — Em verniz preto, em pelica azul, vermelha, preta e havana, em camurça azul, preta e marrom, e em búfalo branco: Saltos 4½, 5½ e 6½ — Cr\$ 135,00



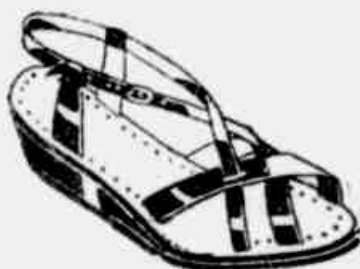
ORD. 105 — Em vaqueta havana, azul, vermelha e preta, com solado de borracha. De 33 a 39 — Cr\$ 75,00



ORD. 135 — Em verniz preto, búfalo branco, e em vaqueta havana. Salto cariooca de 3½ — Cr\$ 70,00.



ORD. 115 — Brotinho em vaqueta havana, preta, canário e vermelha. De 33 a 39 — Cr\$ 90,00.



ORD. 170 — Em vaqueta canário, havana, vermelha e branca, e em verniz preto — Cr\$ 75,00.



ORD. 200 — Em ótimo bezerro preto e marrom, de 1ª, sola fina. De 37 a 44. Preço de propaganda — Cr\$ 120,00.

SAPATARIA MARACANÁ

Rua Formiga, 307 (Lagoinha)

Belo Horizonte — Minas

UM POUCO SOBRE GAIL

(Conclusão)

va em "O valente Treme Treme", com Bob Hope.

O quarto de Gail é inteiramente adornado de fotografias autografadas de todos os atores com quem tem representado, sendo que o último deles é John Payne, o simpático astro do filme da Paramount, "Capitão China". Os únicos "estranhos" que figuram nessa galeria são Bing Crosby e Bob Hope, dois de seus astros preferidos.

Entre seus passatempos favoritos, incluem-se modelagem, pintura e arremesso de arco. Este último foi-lhe ensinado pelo seu marido-ator, Guy Madison; Gail, em retribuição, modelou-lhe a cabeça em gesso.

Ginger Rogers é uma de suas amigas mais íntimas e sua atriz predileta. Sua maior emoção teve lugar quando foi destacada para trabalhar com Ginger no luxuriante filme "A mulher que não sabia amar".

Durante muito tempo, a pequena Gail foi conhecida como a mais tímida estrela de Hollywood, embora seus amigos íntimos sempre a considerassem viva, popular e leal... Gradualmente, porém, venceu seu medo da câmera e agora representa com muita confiança e segurança própria, o que contribui para que sua ascensão seja cada vez mais rápida.

*

MANIAS DE BOB

(Conclusão)

nidade, que é, na sua opinião, o melhor traço que um comediante deve possuir. Bob nunca esteve desempregado desde 1928, quando arranhou um trabalho para três dias num *vaudeville* do Teatro Stratford de Chicago; ali ficou seis meses, donde saiu para o estrelato.

Apesar de ser considerado sobretudo um comico, Bob é autor de inúmeras canções de sucesso, uma das quais, *Bottom and Bows*, que interpreta em "O valente Treme Treme".

Bob nasceu na Inglaterra e é o quinto dos sete filhos de um pedreiro.

O que nem todos sabem é que ele já foi professor de sapateado nos começos de sua carreira.

Certa vez, numa entrevista, perguntaram a Bob qual era sua maior ambição. E ele respondeu:

— Nunca me aposentar e ficar representando enquanto me queiram.

*

BILL QUER SER VILÃO

(Conclusão)

o papel de um assassino e verifiquei que sofri um verdadeiro choque emocional para me identificar com o tipo que estava interpretando. Voltei para casa, de noite, estudei bem o papel, fui para cama cedo e no dia seguinte me apresentei no estúdio sentindo que tinha trabalho pela frente. Tive mesmo. E gostei.

De modo que é esse o meu programa para o futuro. Fazer papéis característicos de força, quer em filmes do Oeste, quer no gênero moderno. Mesmo que não sejam necessariamente de «vilão», creio que essa categoria me daria a oportunidade de trabalhar realmente. De qualquer forma, quero fazer algo que não seja apenas bancar o mocinho simpático, cheio de sorrisos.

*

O VALOR DO EXEMPLO

Devemos encaminhar os homens à prática da virtude, não só com nossos ensinamentos mas também com nossos exemplos — Osiris.

GANHOU TODOS...

(Conclusão)

Margaret, quando esta reportagem fôr publicada, certamente terá adquirido mais alguns títulos, pois tôdas as honrarias se acumulam últimamente sobre essa criatura jovem, bela e simpática. Cada vez que uma associação, um clube ou um grupo de pessoas pensa em escolher uma miss isto ou aquilo, é para ela que acabam se voltando as preferências gerais.

Mas com todos êsses títulos honoríficos, a história de Margaret apresenta ainda um lado patético. No dia 4 de outubro de 1941, tornou-se esposa do jovem oficial de marinha John Hunter. Quatro dias antes do ataque a Pearl Harbor, ela despedia-se dele para voltar aos Estados Unidos, feliz e contente com a vida. No «dia da infâmia», 7 de dezembro, o tenente Hunter tombava sobre o mar, juntamente com o seu avião, falecendo sob os bombardeios japoneses.

E é por isso que Margaret, a dona de tantos títulos, diz sempre que perdeu aquêle que para ela mais significava: o título de senhora.

*

O ROUBO DE JÓIAS...

(Conclusão)

lor de milhares de dólares. Se foram perdidos ou roubados, é coisa que não se sabe.

A polícia esteve presente, também em trajes de fantasia. Van Cleerf e Arpels, joalheiros da alta roda, quiseram garantir a linda exposição de jóias emprestadas aos modelos de Costello, que desfilaram nessa ocasião.

Assim, o baile do Waldorf, que contou com o comparecimento do «grand monde», alcançou um êxito retumbante, com a apresentação de elegantíssimas fantasias, e cuja nota sensacional foi o roubo a que deu lugar.

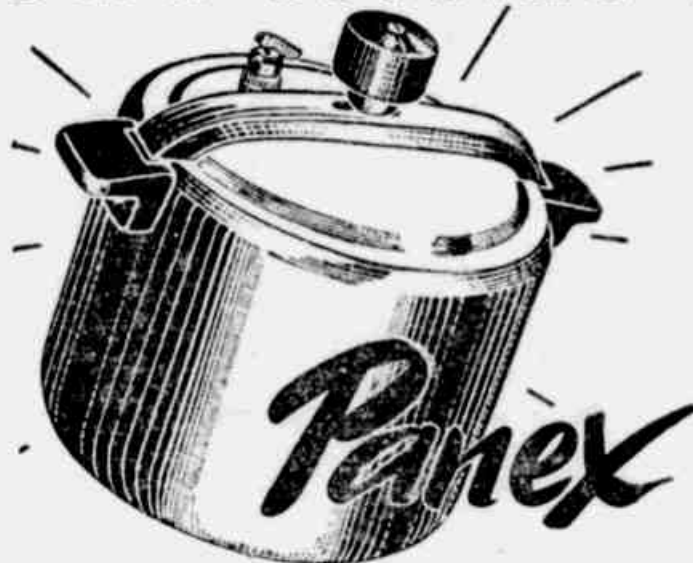


A beleza dos seus móveis consiste unicamente em tratá-los constantemente com óleo de peroba.

Grat. 1941



uma escolha feliz...



a maravilhosa
panela
de pressão

Sim, solucione seu problema de presente para casamento com a mais oportuna lembrança:

— uma panela de pressão PANEX para a cozinha do novo lar! PANEX faz maravilhas no fogão: economiza 80% em combustível e tempo. Capacidade 6 litros — À venda nas boas casas do ramo PANEX INDÚSTRIA & COMÉRCIO LTDA. Rua Xavier de Toledo, 266 — 4.º andar-Fone 4-3768-S. Paulo



Um GUIA GRATIS para SUCESSOS CULINÁRIOS!

• É o novo livro de Receitas "OS MAGOS DA CULINÁRIA" onde encontrará 65 receitas variadas, saborosas e para todos os paladares.

1 PACOTE DE 400 GRAMAS
CUSTA menos
DO QUE 2 DE 200 GRAMAS!

AMIDO DE MILHO
MAIZENA
DURVEA
MARCAS REGISTRADAS



A "MAIZENA DURVEA" 50 B
Caixa Postal, 6-B - São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro
"OS MAGOS DA CULINÁRIA"

NOME _____
RUA _____
CIDADE _____ ESTADO _____



*Um finíssimo
véu de beleza*

Com PÓ DE ARROZ COLGATE

Para maior encanto de sua cutis use

o finíssimo Pó de Arroz Colgate!

Um perfume insinuante... cores que

dão um encanto natural e juvenil à

pele! De maravilhosa aderência, o

Pó de Arroz Colgate espalha melhor

e permanece muitas horas no rosto.

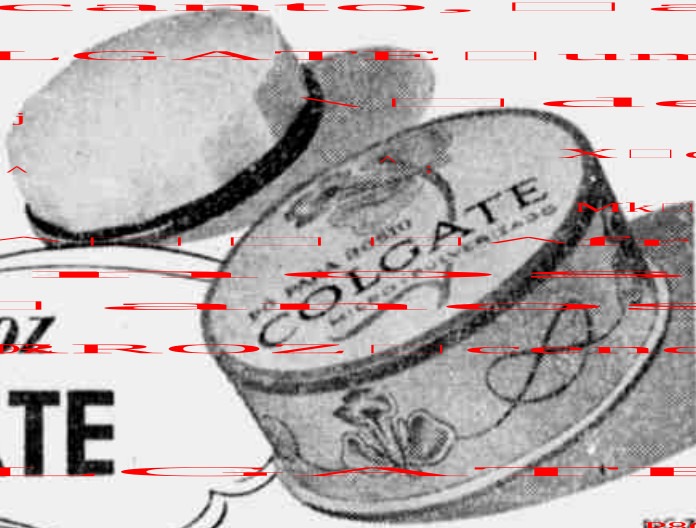
O Pó de Arroz Colgate embeleza a

cutis, dando-lhe uma transparência

aveludada de pétala de rosa.

Aumente seus encantos
com **ROUGE COLGATE**
concentrado...
maravilhosas tonalidades...

PÓ DE ARROZ COLGATE



A melhor ornamentação do
lar resume-se na conservação
dos móveis e isso se obtém
com óleo de peroba.

Escolha você mesma o
seu sabonete, o seu perfu-
me ou seu dentífrico, e
exija a marca de sua pre-
ferência!

DESENHO e PINTURA

ESTUDE EM CASA NAS HORAS VAGAS
"SHINLEY Method"

TÃO EFICIENTE QUANTO UM ESTUDO PARTICULAR

MODICAS MENSALIDADES

AUTHORIZED BY
INTER-AMERICAN Sch.

ESCOLAS INTER-AMERICANAS S/C.

CX. POSTAL 8031 - BRAS - S. PAULO

SOLICITE INFORMAÇÕES DETALHADAS A

ARTE CULINÁRIA

(Conclusão)

parte dura e cava-se um pou-
co. Faz-se uma calda com
2 xícaras de açúcar e 1 de
gua e põem-se dentro as maçãs.
Leva-se ao fogo para cozinhar
10 minutos, com cuidado para
não ficarem cozidas demais.
Faz-se um creme da seguinte
maneira: batem-se 2 gemas
com 2 colheres de sopa de açú-
car, junta-se 1 rasa de farinha
de trigo, 1 copo de leite e um
pouco de baunilha, leva-se ao
fogo, mexendo-se sempre at-
ficar um creme espesso. Arma-
mam-se num prato de forno as
maçãs, enchem-se com o cre-
me e cobre-se cada uma, com
suspiro feito com 2 claras e
2 colheres de sopa de açúcar. O
suspiro deve ser arrumado com
arte, formando espiral em vol-
ta da maçã; polvilha-se de açú-
car e leva-se ao forno brando
para secar o suspiro. Pode ser
servido quente ou frio à vontade,
de, mas quente é melhor.

*

CAUSAS PSICOLÓGICAS

(Conclusão)

São necessárias a habilidade
a ciência de um médico, de
uma enfermeira, de um psico-
logo, de um psiquiatra, e mesmo
de um grupo deles em conferên-
cia, para solucionar esses pro-
blemas de uma criança que so-
fre de sérios distúrbios. A me-
nos que sejam solucionados no
anos imediatos, a criança, cre-
cendo, tornar-se-á uma pessoa
infeliz e desajustada.

*

A CHARADA DO FAN

(Conclusão)

cedido lições de dança, nasce-
predestinada a ser bailarina.
Tem um metro e sessenta cen-
tímetros de altura, pesa qua-
renta e oito quilos e possui
cabelos castanhos. Em 1941
foi premiada pela Academia
de Hollywood e em 1943 cas-
sou-se com um membro da
marinha americana.

As respostas devem ser en-
viadas para Revista ALTE-
ROSA — Seção de Cinema —
Caixa Postal, 279 — Belo Ho-
rizonte — Minas Gerais.



"PROMENADE A DEUX"

criação de Marcel Dumont em
"Faille" Albène listada,
para compras ou passeio matinal.



Tecidos ALBÈNE fôsko e RHODIA brilhante encerram o segredo da sedução feminina !

... e a toilette estará completa com Meias Nylon Rhod

COLGATE

3 Escôvas EM Uma!

1. De formato científico para limpeza completa dos dentes.
2. Tamanho ideal para massagem das gengivas.
3. Maior altura nas extremidades da escôva para uma limpeza mais eficiente.



Para dentes limpos e perfeitos, use, com a Escôva Colgate, Creme Dental Colgate!

A Fôrça Positiva da Mulher

A MULHER tem sido, desde os tempos de Adão, o maior motivo de encantamento para a vida do homem. Onde quer que ela esteja estarão presentes a graça e a beleza que, irmanadas, seduzem e enchem a nossa vida de alegria e felicidade. Em última análise, a mulher será sempre o "leit-motif" da vida do homem, a fôrça positiva de todos os seus atos.

Mas tudo isso se transforma quando a mulher não se apresenta inteiramente saudável. As filhas de Eva, com as suas fisionomias abatidas, sem aquele sorriso que encanta e seduz, perdem todo o seu poder de sedução e encantamento. E a maioria delas anula a sua fôrça positiva durante três dias em cada mês. No período das regras, sofrem por desconhecerem o mais perfeito regulador de eficácia absolutamente comprovada: — UTERCOLINA.

UTERCOLINA é um tônico uterino e sedativo ovariano e que corrige os desvios da função do útero e anexos. UTERCOLINA é um produto do laboratório Jesa, vendido em todas as farmácias e drogarias do Brasil.

Reembolso postal — Lab. Jesa — C. P. 3383 — Distrito Federal.

FOTOGRAVURA MINAS GERAIS LTDA.

Clichés em geral
Doublés
Tricromias

Pronta remessa para todo o Brasil pelo
REEMBOLSO POSTAL
Rua Tupinambás, 905
Fone 2-6525
BELO HORIZONTE

A ARTE DE RIR

(Conclusão)

cuidado deve ser renovado, e seguido de bochechos com um produto antissético de comprovada qualidade. A visita ao dentista, pelo menos a cada seis meses, constitui outra medida muito aconselhável, porque somente assim nos será possível descobrir e debelar qualquer cárie que possa surgir, em seu início. Nessa oportunidade, o dentista poderá ainda retirar qualquer formação de tártaro que seja notada nos dentes, especialmente na parte que fica sob as gengivas, evitando-se assim a principal causa da descalcificação e da piorrêia.

As pessoas que fumam estão sujeitas à formação de uma película amarelada muito resistente aos cremes dentais comuns. Para elas apresentamos aqui uma boa receita de dentifrício:

Magnésia calcinada	10 gr.
Tanino	10 gr.
Laca carminada	4 gr.
Essência de anís	10 gotas

OS COSMÉTICOS COMO PRESENTES

(Conclusão)

feita ordem, os potinhos de creme, os estojos de pó de arroz e rouge, talco, sabonete e tudo o mais que é necessário aos cuidados pessoais da mulher.

Outro presente que agrada é um estojinho de unhas completo, que deve ter de tudo: tesoura, alicate, lima, dois ou três vidros de esmalte, removedor, creme para a cutícula e palitos de laranja. Facilita muito o trabalho de fazer as unhas quando se tem tudo guardado num estojinho, pois assim não haverá necessidade de ficar remexendo gavetas e caixinhas à cata do que se necessita. Em geral aquelas coisas nunca se encontram no lugar onde supomos que estejam.

Tôda moça deve ter uma pequena coleção de batons. Às vezes a cor que habitualmente usamos não combina bem com a do vestido novo e é bom termos outras à mão. Seria uma boa idéia oferecermos um conjunto de baton e pincel, juntamente com um vidro de esmalte combinando com a cor do baton.

Outro presente que sempre agrada muito são os perfumes. Não só dão prazer, como podem até ser considerados como gênero de primeira necessidade, pois levantam o moral feminino, fazendo com que a mulher se sinta mais atraente. É um prazer espalharmos à volta de nós uma aura de perfume.

As águas de colônia também constituem um bom presente. Não custam caro e muitas pessoas as preferem para usá-las sem a parcimônia que se recomenda para os extratos.

E há ainda os «sachets» que são bem apreciados. Quando os temos em grande quantidade, podemos usá-los pendurados nos cabides e nas gavetas, fazendo com que tôda a nossa roupa fique delicadamente perfumada.

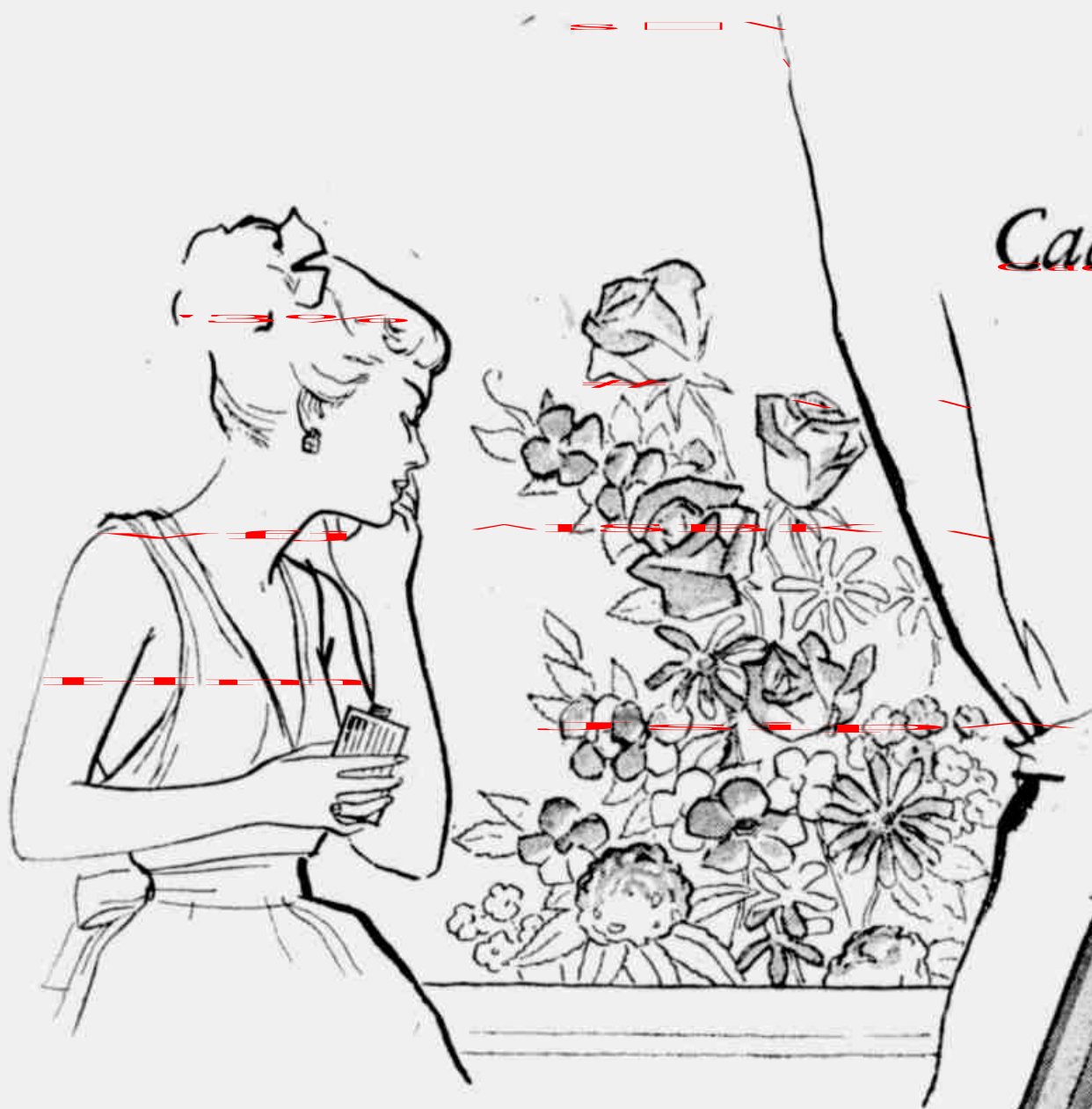
PARA AS PERNAS E PARA OS PÉS

(Conclusão)

lhor, observando se a forma e a cor lhe ficam bem. Há certos modelos e cores que contribuem para dar uma aparência mais delgada às pernas grossas, outros dão a impressão de engrossarem as pernas demasiado finas.

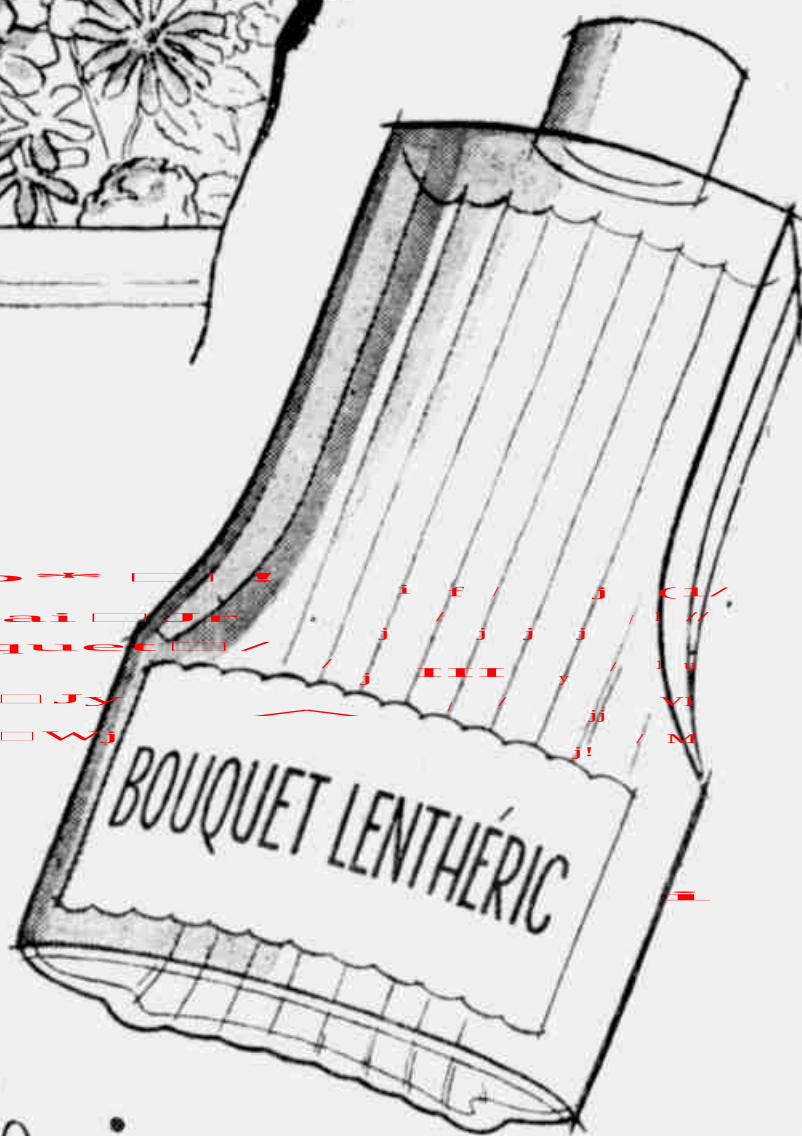
5) Quando se tem um problema realmente sério de per-

nas ou de pés, o melhor a fazer é consultar um especialista no assunto. Se o problema em questão for por exemplo, pernas grossas demais, é necessário lembrar que este é um defeito difícil de corrigir, e que requer bastante tempo. Torna-se indispensável no caso a orientação de um perito em massagens e exercícios.



*Cada novo dia
... uma nova
lembrança*

Uma lembrança que se renova todos os dias, nas delicadas fragrâncias da água de colônia perfumada "Bouquet Lenthéric": Miracle, Shanghai, Tweed, Confetti, A Bientôt, Cabaña, Pink Party.



*Bouquet
Lenthéric*

Parfumeur, Paris

50,00
95,00
180,00

11.601

Vamos trocar Cartas

Nesta seção aparecem os nomes dos que desejam manter correspondência para travar relações e iniciar intercâmbios interessantes. Para que o seu nome apareça também aqui, queira enviá-lo, com indicação de idade, profissão, assuntos preferidos e endereço completo, para: ALTEROSA — Seção "Vamos Trocar Cartas" — Caixa Postal, 270 — Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil.

ESPAÑHA

BARCELONA: Mariano Llivi Ibáñez, 27 anos, Consejo de Giento, 365 (com jovens bras.).

PERÚ

GALLAO: Victore N. Britto, 20 anos, Colón, 562 (com moças, tr. fotos).

PORTUGAL

LISBOA: Luiz Antônio Montinho V. Dias, acad. med., rua Cidade Liverpool, 10 (com moças est. med.).

BRASIL

BAHIA

FEIRA DE SANTANA: Rômulo da Silva Oliveira, 18 anos, est., pr. Pe. Ovidio, 6; **ILHÉUS:** Ana Vera Marcelo, 18 anos, av. Dr. Soares Lopes, 886; Mirza Mara Almeida, 18 anos, rua Bento Berilo, 193; **LIVRAMENTO DO BRUMADO:** Walda Públio Montenegro, 20 anos, profa.; **SALVADOR:** Waldir Correia de Cerqueira, 18 anos, est. e Garcia d'Ávila P. Ribeiro, 20 anos, est., rua Visconde de Itapanica, 28 (com moças); Wilma Matos Pinto, 15 anos, est., rua Almeida Sande, 30; **UBATUBA:** Odilardo R. Galvão, 25 anos, Adelino Jesus Fernandes, 28 anos, Maria José Conrado, 16 anos e Norival Silva Fahning, 18 anos, pr. da Bandeira, 17, Via Ilhéus; Walter Bessa Leite, 20 anos, pr. da Bandeira, 18, Via Ilhéus; Osvaldo Fróes Oliveira, 25 anos, pr. João Pessoa, 13, Via Ilhéus; Sílvia Fahning Silva, 16 anos, a/c de Corrêa Ribeiro, Via Ilhéus.

CEARÁ

CEBRÓ: Antônio David Grangeiro, 20 anos, Maria Aldeni, 17 anos e Maria Moreira, rua Dr. Francisco Sá, 66 (com moças); **FORTALEZA:** Lúcia Helena, 30 anos (com med.) e Rita de Cássia, 29 anos (com faz. e milit.), av. Visconde de Caupe, 2720; Guilhermina, 25 anos, rua Gal. Sampaio, 1366; Maria Carmélia Teixeira, 25 anos, rua D. Teresa Cristina, 1278 (tr. post., rev.); Maria Regina Emídio, 20 anos, avenida Visconde de Caupe, 2446 — Benfica (com rap.); Suêrda Selene Alvaras, av. Duque de Caxias, 950; **JUAZERO DO NORTE:** Maria N. Silva, 19 anos, contad., rua S. Pedro, 568; S. JOSÉ DE LAVRAS: Raimundo de Amorim Lemos, 22 anos, Vila Mangabeira; José Duarte de Souza, 28 anos, Vila Mangabeira; Pedro André Pinheiro, Sítio Torroes; Geralda Jucaci dos Santos, 24 anos, Sítio Tabeleiro Comprido.

DISTRITO FEDERAL

Caetano Ferreira Leite, 22 anos, comere., rua Marquês de S. Vicente, 68 — Gávea (rel.); Maria Cristina Lins, 18 anos, est., rua Voluntários da Pátria, 68, c. 2.º apto. 1 — Rotafogo (com rap. cultos); Célia Lourenço, 18 anos, est., rua Luiz de Camões, 75, 3º andar, apto. 1 (idem); Nancy Ronbaud Coutinho, 15 anos, rua Puntatá, 122, bairro Braz de Pina (idem); Alaide Cunha, rua Engº Gama Lobo, 158, apto. 202, Vila Isabel (idem); Mário Luz, 20 anos, rua do Carmo, 6 - S/ 801 (tr. jorn. e rev.); Sebastião de Souza, 22 anos, escrit., rua S. Luiz Gonzaga, 1471, casa 4 - S. Cristóvão (lit., arte); Mariete G. Bruno, 18 anos, est., travessa João de Matos, 11 f/, Quintino Bocaiuva (com rap. br. e do ext.).

ESPIRITO SANTO

VITÓRIA: Hilton Modenesi Pratte, 23 anos, med., C. Postal, 288; Helenice Gouni, rua José Marcelino, 75 (em port., fr., tr. fotos).

ESTADO DO RIO

BARRA DO PIRAI: Luzo Figueiredo, 18 anos, C. Postal, 9; **MARQUES DE VALENÇA:** Kleiber S. Almeida, 21 anos e Gerson P. Ribas, 18 anos, Colégio S. José; **NOVA FRIBURGO:** Marilza Pimentel e Dayse Rocha, C. Postal, 46 (com rap.); **PORCIÚNCULA:** Carlos Augusto Sampaio, 17 anos, est. (tr. fotos, post.); **TABOAS:** Suelly Araújo, 19 anos e Suzana Araújo, 20 anos, Faz. Sta. Isabel (com rap.).

GOIÁS

ANAPOLIS: Waldomiro Celestino Gouveia, 17 anos, est., C. Postal, 121 (com moças, tr. fotos); **GOIÁS:** Maria Yara Fleury, 16 anos, est. e Lúcia Alves, 18 anos, rua Hugo Ramos, 9 (com rap.).

MATO GROSSO

GUIABÁ: Vêda Silveira, 19 anos, rua Barão de Melgaço, 812 (com rap., tr. fotos e post.); Lina Cavallieri, 18 anos, rua Barão de Melgaço, 815 (tr. fotos e post.).

MINAS GERAIS

ABAETÉ: Noemi Silva, 17 anos, est. (com rap.); Sebastião Albino da Silva, 19 anos, padreiro (com moças); José Mendonça A. Silva, 26 anos; Joaquim Alberto, 19 anos, banc.; **ANDRELÂNDIA:** Fernando Teixeira Guimarães, 17 anos, est., S. Antônio do Porto (com moças do Br. e ext.); Dirceu Nogueira de Moura, 16 anos, est., S. Antônio do Por-

to (com rap. do Br. e ext.); **BELO HORIZONTE:** Maria Regina Novais, 14 anos, rua Montes Claros, 494 — Carmo; Sandra Maria Araújo, 16 anos e Dayse Araújo, 15 anos, rua Caetano Dias, 112 — Serra (com rap.); Ana Maria Almeida, 15 anos e Glara Lúcia Almeida, 14 anos, rua Sta. Catarina, 1200 — Lourdes (com rap.); Tânia Marisa Ullrich, 15 anos, rua Pernambuco, 366, Bairro dos Funcionários (com rap.); Elísio Pires Sanna, 21 anos, funo. públ., rua Carlos Gomes, 249; Maria Augusta Lima, 21 anos, rua Caritiba, 1001; Elza Dias (com rap. est.) e Mathews José Leonel, rua Visconde de Mauá, 1147 — Inga; nha (com moças est.); Cinle Magalhães, 19 anos, Helen Magalhães, 19 anos e Kathia Magalhães, 20 anos, rua Pousa Alegre, 120 — Floresta (com rap.); Lourdinha de Oliveira, 25 anos, rua Olinto Magalhães, 208 — Vila Geleste Império (com rap.); Dora Sylvia, rua Curitiba, 1033 (em ing. com rap. cultos); Maria de Lourdes Mota, 22 anos, est., rua Pirapetanga, 195 — Serra (com rap. cultos); Márcia Campos, 22 anos, normal., rua Graça, 32-A, Progresso (com rap. acad. e mil. do Br. e ext.); Elizabeth Olimbra, 18 anos (em port., fr.), Dalton Martins dos Santos, 22 anos (idem) e Luiz Martins, 17 anos (em port., fr., esp.), rua Calcedônia, 93 — Prado; Nilza Carlos Veloso, rua Brito Melo, 79 — Barro Preto (com rap.); Marcela de Oliveira, 17 anos, taquigr., rua Industrial, 15; Helysée Cristina Oliveira, 19 anos, est., av. Antônio Carlos, I.A.P.I., Edif. 4, apto. 606 (com rap. do Br. e ext., lit., cult. geral, tr. fotos); Lúcia Maria, 16 anos, rua Miracema, 84; Elizabeth Miranda, 24 anos e Mathilde Miranda, 15 anos, est., rua Ouço Preto, 39 (com rap.); Sandra Maria Araújo, contadora, rua Breanha, 472 (idem); **BOM SUCESSO:** Miriam Wanderley Lara, 16 anos, est., rua 7 de Setembro, 502 (com rap.); Berenice Castanheira, 17 anos, est., rua Alfredo Carlos Mourão, 90 (com rap., tr. fotos); Celina de Oliveira, 17 anos, est., av. Amâncio Castanheira, 892 (idem); Lúcia Yankous Monteiro, 16 anos, est., rua Otávio Carlos, 160 (idem); Leila Yankous, 16 anos, est., rua Otávio Carlos, 150; Maria Angélica Bolognani, 15 anos, est., av. João T. Miranda, 61; Dora Castanheira, 16 anos, est., rua dos Passos, 680; Maria de Oliveira, 16 anos, est., estudante, rua dos Passos, 690; Maria Mônica Diniz, 15 anos, est., rua 7 de Setembro, 505 (com rap.); **BRASÓPOLIS:** Vera Lúcia, 18 anos, rua Tte. Francisco Dias, 51; e **APR. TÓLIO:** Dora Célia de Queiroz, 23 anos, domest. (com rap.); **CARATINGA:** Maria Célia, Jussara e Yara Caldeira, av. Olegário Magalhães, 120 (com pessoas cultas do Br. e ext., tr. post.); Júlia Fonseca, rua João Pinheiro, 229 (idem); **CASA DE TELHA:** Vera Lúcia Davrell, 16 anos, rua Direita, 122, Via Conceição do Sério (com rap. cultos do Br. e ext.); Margarida Sarrêf Freire, 22 anos, rua da Saudade, 15, Via Conceição do Sério (idem); **CATAGUASES:** Vicente Martins F. Pacheco, 20 anos, banc., C. Postal, 26 (com moças); Helen Bayl d'Allencaster, 17 anos, est. e Lúcia Célia Meireles, 19 anos, est., Vila Minalda, 10 (com rap.); César Campos de Abreu, rua Gama Cerqueira, 38; Dalva Geleste Pacheco, rua Manoel Gomes, 27; **CONCEIÇÃO DO RIO VERDE:** Thais Matos da Quel-

anos, escrit., pr. Dr. Maria-
 18 (com oñe. da Marinha e
 A. n. 1); Maria Carneiro Araújo,
 23 anos, faz., pr. da Matriz, 112
 (com rap., l. foles); Iva Cam-
 pos Lobo, 22 anos, hom., Mirre-
 m Campos Lobo, 20 anos, hom., e
 her. da Campos Lobo, 17 anos,
 pr. Getúlio Vargas, 192 (com
 rap.); Adelin Nicolau Gubbem, 21
 anos, comerc., Neusa Nicolau Gad-
 hui, 17 anos, comerc., Largo d'1
 Mai 7, 175 (com rap. cultos);
 CONSELHEIRO LAFAIETE: Nilo
 Wickin, 19 anos, C. Postal, 6; DIVI-
 NÍAS: Zaira Magalhães de I-vi-
 lis - Angéla Cristina, rua Minas Ge-
 rais, 531; Ana Teresa, rua Minas
 Gerais, 161; Radegunda Tenca do
 Santos, rua Minas Gerais, 527; Pe-
 driu Paiva Pacheco, rua Minas
 Gerais, 511; Marquilha e Marce-
 ta Silva, rua Pernambuco, 26, C.
 Postal, 61; Nice Gomes, 17 anos,
 ps., rua Goiás, 285 (com rap. cul-
 tur); João Botelho Machado, 18
 anos, comerciante e Danilo Macha-
 do, 16 anos, aux. de escrit., rua
 Minas Gerais, 180, C. Postal, 56;
 Jane Maria, 19 anos, est., rua Goiás,
 117 (com rap. cultos); FORMIGA:
 Carlos Alberto Soraggi, 17 anos, C.
 Postal, 63 (com est.); Maria Ert-
 mann Starling, 19 anos, perm., C.
 Postal, 68; GILDOVAL: Márcia de
 Oliveira, 21 anos, faz., Posta
 Restante (com rap. catol. rom.);
 ILÍDIA: Maria Celina Bueno, pr.
 da Matriz, 168 — Via Boa Espe-
 rança (com rap. est. do Br. e ext.);
 FERNANDA: Ademar de Moraes
 Lima e Edite de Moraes Lima, rua
 Maria Felizarda, 129 (com rap.);
 ITACRIM: Eliana Evangelista, 22
 anos, profa., pr. Dr. Max Macha-
 do (com rap. cultos); JESUANIA:
 Xand Carlos dos Reis, 22 anos, rua
 Dr. João Lisbon, 28 (com rap. av.
 do Br. e ext.); JUIZ DE FORA:
 Antônio Gomes, 16 anos, est., av.
 Getúlio Vargas, 813; LAVRAS: Mar-
 zia Maria H. de Carvalho, 16 anos,
 pte., C. Postal, 27 (com rap. do
 Br. e ext.); MOEDA: Lillian Le-
 mos e Silva, 18 anos, profa. (com
 rap.); MONTES CLAROS: Cassan-
 dra Caponeiro, 22 anos, contad.,
 rua Dr. Santos, 279; Juvencio Al-
 buquerque, 25 anos e Joaquim Gor-
 reia, 25 anos, rua Afonso Pena, 218
 (com rap.); NOVA LIMA: Regina
 Ivili de Almeida, 18 anos, rua Sto.
 Antônio, 121 (com Br. e ext., lit.,
 esp. fene.); OURO PRETO: Dalvo
 Augusto, 20 anos, est. engr., rua
 Costa Setti, 1 (com rap.); PARA-
 GUAÍ: João R. Silveira Filho, 22
 anos, func. públ. fed., rua Ba-
 rão do Rio Branco, s/n (idem); PE-
 DRE: LEOPOLDO: Robertinho Lu-
 ciani Mica (com rap.), Luciani-
 nhos, 110 (idem) e Lady Alizande
 Ribeiro, pr. do Jardim, Farmácia
 Lima, 50; PIUMÁ: Sandra Soa-
 reis Vieira, rua do Rosário, 32;
 SANTA LUZIA: Nilza Sales, 18 anos,
 rua do Carmo, 36; SANTA RITA
 DO SUL: Sandra Lucia de Ca-
 mara, 22 anos e Cláudia Maria de
 Cam, pr. Américo Lopes, 139
 (com rap.); S. JOÃO DEL REI:
 Euphonia Amaury Ottoni, rua S.
 Frei, 75, C. Postal, 8 (com
 rap.); Cecília Neves, 20 anos, rua
 Sto. Antônio, 394; SETE LAGOAS:
 TRISS: Rosenberg, 20 anos e Fran-
 cisco, 16 anos, rua Dr.
 205; Mária Regina Coelho,
 17 anos, rua Auxiliadora Cor-
 deiro, 17 anos, rua Paulo Frontin,
 152; TRÊS PONTAS: Risa Dione
 Dias, 17 anos, est., C. Postal, 82
 (com rap. est. med., eng., av.);

(Conclui na pag. 144)



"Diga quando chega"

...E FOI AÍ QUE A LÂMPADA QUEIMOU!

Valeu a lição...
 Na próxima vez exigirei Lâmpadas PHILIPS!

MAIS LUZ
 MENOS CONSUMO



LÂMPADAS
 PHILIPS

INCANDESCENTES • FLUORESCENTES

LOÇÃO CONTRA ESPINHAS
 LACERDA

INDISPENSÁVEL NO TOUCADOR DA MULHER

Eficaz contra acne ou espinhas, cravos ou foliculites
 Ótimo dissolvente das seborréias do rosto ou do corpo

LABORATÓRIO LACERDA
 Rua Conde de Bonfim, 832 — Rio de Janeiro

Envie-se pelo Reembolso Postal



Acontece cada coisa...

IA GANHAR PELA CERTA



UM rapaz que habitava no lindo pórto de Sête resolveu ir a Paris a passeio.

O trem em que viajava era n. 7. E o moço notou, admirado, que ocupava o lugar n. 7, no compartimento n. 7, do sétimo vagão.

«Quanta coincidência!» pensou.

No carro restaurante deram-lhe o cartão n. 77. Ao chegar a Paris chamou um carregador. O que atendeu era também n. 77. Fez sinal a um chofer, e o carro n. 777 veio ficar à beira do passeio.

— Leve-me para um hotel.

— Qual?

— E'-me indiferente.

— Então vou levá-lo para o Hotel Eduardo VII.

«E' incrível!» pensou o viajante.

Mas já se ia habituando aquilo, por isso não se mostrou surpreso, quando no hotel lhe indicaram o quarto n. 77 do 7º andar.

Mas nesse momento chamou o mensageiro.

— Há corridas hoje? — perguntou.

— Sim, senhor.

— Então tome êste dinheiro e jogue no sétimo cavalo do sétimo pareo. Compreendeu bem?

— Compreendi.

Cheio de satisfação, e já sacando sobre o futuro, o rapaz do pórto de Sête encomendou um opiparo almoço, fumou um bom charuto, assistiu a um filme sentado numa poltrona de luxo, e voltou para casa às sete horas, na feliz disposição de um homem de sorte que vai receber grande bolada.

— Mande o mensageiro ao meu quarto, — recomendou ao porteiro.

E quando o rapazinho se apresentou:

— Passe para cá o dinheiro...

— Não tenho dinheiro nenhum...

— Como assim?! Eu não lhe disse que jogasse no sétimo cavalo do sétimo pareo?

— Oh, meu senhor, o sétimo cavalo do sétimo pareo chegou em sétimo lugar! — André Jean Mizar.

O SEU A SEU DONO



HÁ três anos, na véspera de Natal, quando, na estação de Milão, Giuseppe Gasperini ia tomar o trem para reunir-se à sua família, que se achava ausente, verificou que lhe haviam batido a carteira, com dinheiro e documentos, que trazia no bolso da calça, notando-se neste um hábil golpe praticado com a clássica lâmina de gilete.

Gasperini deu parte à policia, mas não descobriram o ladrão.

Há poucas semanas, porém, recebeu um volume da América por via postal: nele encontrou sua carteira, com dinheiro e com os seus documentos: o ladrão, que enriquecera, restituíu-lhe com juros a importância furtada.

Outro caso semelhante acon-

teceu recentemente na França. Três larápios parisienses deram provas de «honestidade» digna de menção. Os três roubaram uma mala que supunham estar cheia de roupas fáceis de revender, mas nela só encontraram uma mamadeira, uma coleção de chupetas, numerosas fraldas e cueiros, e outros objetos destinados a recém-nascidos.

Mesmo assim dirigiram-se a jardins frequentados por crianças e tentaram vender a qualquer preço a sua mercadoria. Mas, como não conseguissem «passá-la a cobres», restituíram a mala a seu dono.

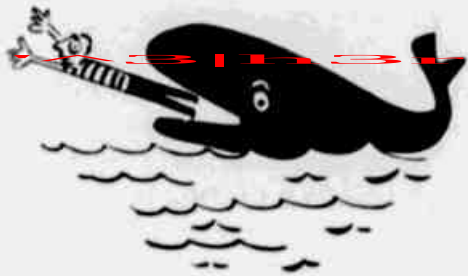
JÁ ESTAVA QUASE CURADO

CERTA vez perguntaram a um psiquiatra qual fora o caso mais extraordinário de sua longa carreira, e ele respondeu:

— Foi o de um homem que seus amigos me trouxeram dizendo que sofria de grave obsessão. Dizia que era herdeiro de uma grande fortuna e que a qualquer dia chegaria uma carta contando-lhe todos os pormenores e dando-lhe instruções para receber a herança. A princípio o homem se mostrou extremamente rebelde a meus esforços, mas as melhoras, depois, se acentuavam; e, afinal, quando já estava a bem dizer curado a tal carta que ele esperava chegou...



UM JONAS INGLÊS



Q único homem que já saiu realmente vivo do estômago de uma baleia foi um tal James Bartley, da equipagem da baleeira «Estrêla do Oriente». Isto sucedeu em 1891, nas proximidades das ilhas Falkland, no Atlântico Sul. Os marinheiros haviam harpoado uma baleia, mas esta fez sua barca virar. Bartley desapareceu e foi dado como afogado. Mas no dia seguinte, quando os homens da «Estrêla do Oriente» retalhavam a baleia, descobriram o marinheiro no seu estômago. Estava semilouco e só se restabeleceu no fim de três semanas.

E' pelo menos o que consta do diário de bordo. Resta saber como é que, tendo a baleia uma garganta tão estreita, segundo dizem, haja cometido a proeza de engolir um homem...

O LADRÃO E O FEITICEIRO

A PESAR das aparências, não se trata de uma fábula e sim de um caso autêntico acontecido há poucas semanas no Sudão Egípcio.

Um ladrão foi procurar um feiticeiro e pediu um talismã que o tornasse invisível quando o desejasse. O feiticeiro, por um feliz acaso, possuía em seu santuário essa espécie de mágica, e no dia seguinte o ladrão, confiando nas virtudes mágicas do amuleto, roubou em pleno dia, e sem pressa, a caixa de um comerciante.

Infelizmente, porém, ele não estava tão invisível quanto supunha. A vítima deu alarme, a polícia chegou e prendeu o

ladrão. Nessa mesma ocasião prendeu o feiticeiro. Pelo crime de fraude comercial...

UMA FORTUNA NO PÉ

TODOS os domingos um lavrador belga usava para ir à missa um par de sapatos que pertencera a um refugiado de guerra falecido em 1940. Como os saltos começaram a cambar, ele mandou-os ao sapateiro de sua aldeia para reformá-los. Três dias depois o sapateiro devolveu-lhe os sapatos e mais dois brancos de brilhantes, seis anéis de ouro e cinco pérolas finas que encontrara nos saltos. E o fazendeiro, contentíssimo, costuma agora comentar:

— Quando penso que esses sapatos me poderiam machucar os pés e ficar indefinidamente numa prateleira de meu armário...

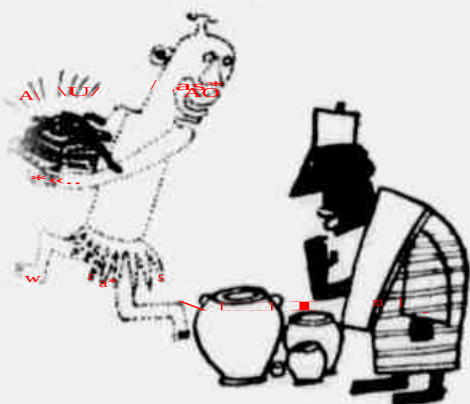


COLABORE NESTA SEÇÃO

Aceitamos a colaboração de nossos leitores para esta seção, premiando com Cr\$ 50,00 as narrativas que forem publicadas.

Mande o seu trabalho escrevendo com simplicidade, em uma só face do papel, de preferência à máquina, até 250 palavras, com o seu nome e endereço completos.

Só serão aproveitadas as narrativas de fatos curiosos e pitorescos da vida real, absolutamente inéditos.



A Fábrica de Pastas «VITÓRIA»

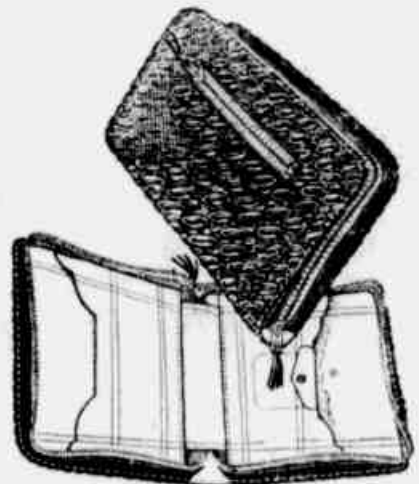
envia para todo o Brasil, pelo Reembolso, sem nenhum despesa de porte para o comprador



MODELO P. C. B. — Com chate, divisão interna, bolsinha com presilha, aço sob a alça, couro legítimo, preto ou marrom, liso ou estampado:
Tipo B Cr\$ 55,00
Tipo B Cr\$ 65,00
Tipo A (com 40) Cr\$ 120,00



MODELO P. R. B. — Com 3 divisões, folio com 18 cm., tampa forrada, bolsinha chave, retorce de aço sob a alça, couro legítimo, preto ou marrom, liso ou estampado. Com 42 cm.
Tipo B Cr\$ 130,00
Tipo A Cr\$ 170,00



MODELO P. R. B. F. — Com dois folios, "Reclair" de primeira, couro liso ou estampado, preto ou marrom. Com 20 x 15 x 4 "fechada". Cr\$ 85,00. Com 35 x 20 x 5 "fechada", tamanho ofício. — Cr\$ 115,00.

Rua Juiz de Faria, 142
Fone 4-1139 — Belo Horizonte



685 A — Ótima sandália, couro naco, em canário, havana, vermelha, branca e em verniz preto — Cr\$ 85,00.



680 A — Ótima sandália, couro naco, em canário, havana, vermelha, branca e em verniz preto — Cr\$ 85,00.



1.865 A — Camurça azul, preta ou marron. Pelica preta, havana, azul, vermelha ou mostarda. Verniz preto. Búfalo branco. Salto 4½, 5½ ou 6½. — Cr\$ 145,00.



1.860 A — Camurça azul, preta ou marron. Pelica preta, havana, azul, vermelha ou mostarda. Verniz preto. Búfalo branco. Salto 4½, 5½ ou 6½. — Cr\$ 145,00.



1830 — Camurça azul, preta ou marron. Pelica preta, havana, azul, vermelha ou mostarda. Verniz preto. Búfalo branco. Salto 4½, 5½ ou 6½. Cr\$ 150,00.



1765 A — Camurça azul, preta ou marron. Pelica preta, havana, azul, vermelha ou mostarda. Verniz preto. Búfalo branco. Salto 4½, 5½ ou 6½. Cr\$ 150,00.

ATENÇÃO: As encomendas por via aérea devem ser acompanhadas de Cr\$ 50,00, em vale postal ou selos do correio, importância que será descontada na fatura de remessa.

Remessa para todo o Brasil, pelo REEMBOLSO POSTAL

ORGANIZAÇÃO MINEIRA DE VENDAS

Rua Tupinambás, Edifício IAPI - Sala 1.028

BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS



1760 A — Em camurça azul, preta ou marron. Pelica preta, havana, azul, vermelha ou mostarda. Verniz preto e em búfalo branco. Salto 4½, 5½ e 6½ — Cr\$ 145,00.

A MODA NÃO É MANIA

(Conclusão)

Para a noite, Rhonda Fleming, que aparece com Bob Hope em «O Gostoso», usa saia franzida de chiffon negro, recamada de sequins, juntamente com blusas variadas como, por exemplo: jêrsei rosa claro com pequenas perolas, jêrsei preto com decote bem amplo, e brocado negro ou dourado com renda branca engomada.

Colarinhos duros e de formas diversas estão enfeitando muitos dos costumes e vestidos usados atualmente em Hollywood. Feitos em piquê, linho, renda bordada e voll dão graça a qualquer indumentária. Mona Freeman, a jovem atriz que dita a moda para as garotas abaixo de vinte anos, no filme da Paramount, «Brotinho Infernal», acrescentou um grande colarinho de piquê branco ao seu costume de gabardine azul-marinho. Wanda Hendrix, co-estrêla de Alan Ladd no filme «Missão de Vingança», enfeitou um vestido de linho azul, com um colarinho tipo coroinha em côr dourada.

Confrontando-se êstes estilos para 1950 vê-se que a moda não é mania.

NO MUNDO DOS ENIGMAS

(Conclusão)

a impressão da revista exigem que os originais destinados ao mês sejam entregues, no máximo, até o dia 10 do mês anterior. Como temos de examinar a colaboração recebida, só a chegada na redação até o dia 5 ou 6 é tomada em consideração. O atraso é, assim, coisa normal.

FLAGRANTES

(Conclusão)

pôsa estava farta do regimen britânico, dos racionamentos e do tédio sinistro que reina em Londres. O Sindicato de Iniciativa Britânico que procura atrair turistas não consegue convencer as inglesas... Seja como fôr, o Brunel da política inglesa comprometeu definitivamente suas probabilidades de um dia chegar a primeiro ministro. Embora a Constituição inglesa não o proíba, nenhum divorciado, até hoje, chegou a ser chefe do governo na Grã-Bretanha. Em compensação, a notícia de seu divórcio rendeu-lhe grande número de cartas femininas. Algumas são propostas de casamento; outras têm, unicamente, finalidades de consolação.

● O professor Fleming, descobridor da penicilina, declarou em Milão, a 5 de junho último, por ocasião do encerramento do Congresso Nacional sobre os antibióticos: «Parto de Milão levando comigo a certeza de que o país que me hospedou se encontra na vanguarda do campo dos estudos e pesquisas sobre os antibióticos.»

● Elizabeth Taylor, em viagem de núpcias na França com seu marido Conrad Hilton Junior, obteve licença para entrar no cassino de Deauville somente depois de assumir por escrito o compromisso de não participar de jogos de azar. Com seus dezoito anos, Elizabeth, de fato, é de menoridade.

CIENTIFICAMENTE* provado
que Detefon é
36% mais poderoso -



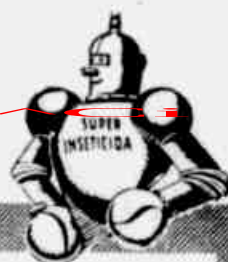
MATA AS MOSCAS!



Diz: Sra. DAYSE VASSALO
RUA GENEIRA, 1311 - SÃO PAULO
"Além de muito mais eficiente que outros produtos que tenho usado, Detefon é mais econômico. A aplicação recomendada, de 1 em 30 dias, é suficiente para manter a casa livre de moscas e baratas."

A sra. está atormentada com o problema dos insetos; siga o exemplo da maioria das donas-de-casa brasileiras: pulverize DETEFON nas paredes, nos móveis, nos colchões, nas roupas. Moscas, baratas, pulgas ou pernilongos não resistem à sua ação. DETEFON é ultra econômico: uma aplicação dura por um mês!

* Provas de laboratório realizadas com o aparelho que aparece ao lado, para comprovar a superioridade de DETEFON. Em quantidades menores, DETEFON é de efeito mais rápido. DETEFON é mais poderoso porque possui mais alto teor de ingrediente ativo.



A CIÊNCIA NÃO FALHA!



Um jato de ar comprimido (A) e de pressão constante (B) com HCl, junto ao bico pulverizador (C) pulveriza o Dctetida (D) no interior da torneira (E) para insetos que saem (F). (Y. nitroam lid. jirjuma COIXA) com o peso (G) de recolheite de insetos como insetos.



DETEFON

SUPER INSETICIDA

CIENTIFICAMENTE PROVADO - O MAIS PODEROSO!

INTERNACIONAL

Combatendo as tosses

FIGATOSSE é duplamente

eficaz !

À base de óleo de fígado de bacalhau e xarope de glicose, Figatosse combate a tosse em suas origens e fortalece o organismo.

FIGATOSSE

Instituto Farmacobiológico
Rua da Estrêla, 57 - Rio

Pay - 1363



Casemiras, linhos e lãs



Pelo Reembolso Postal

Pedem amostras grátis

Casemiras, brins, linhos, lãs, veludos, aviamentos para alfaiates e capas colegiais, da conhecida e popular casa

A FONTE DAS ROUPAS

RUA TUPINAMBAS, 316 — Belo Horizonte

Num infinito desencanto,
Pelas praias a vagar,
Juntei o sal do meu pranto
Ao sal das águas do mar!

Do livro: "QUADRAS", de Soares da Cunha.
Pedido pelo reembolso postal, à rua Fernandes
Tourinho, 446 - Belo Horizonte - Preço: Cr\$ 25,00.

PARA ASSINATURAS DE

ALTEROSA

na capital de São Paulo: **Prof. Julieta Nogueira Rinaldi** — Av. Anhangabaú, 814, Aptº 39, fone 2-5423.

Carmen Pinheiro Dias — Rua Artur Guimarães, 188.

Neuza Cruz Martins — Rua dos Andrade, 384.

Newton Ribeiro — Praça Morungaba, 128 — J. Europa.

Nilton Gandra Ribeiro — Rua Cons. Crispiniano, 20 — 5º andar.

O SEU LUGAR NO SOL



Creche bem organizada de uma grande fábrica cuida das crianças dos trabalhadores. Estas crianças começam a vida com a oportunidade de alcançar futuramente a saúde e a felicidade. (Foto gentilmente cedida pela Johnson & Johnson)

UMA criança não requer muitas coisas — alimento para comer, panos para vestir, saúde e felicidade, o direito ao seu lugar no sol. Nem tão pouco este lugar é reservado para algumas poucas crianças. Pertence a todos que nasceram, sejam eles ricos ou pobres, brancos ou pretos.

Porém os obstáculos que impedem que todos gozem deste simples privilégio são muitos. Miséria e doenças invadem o país desde as cabanas de barro do interior até as favelas superpopuladas das cidades. Crianças com dois dias de idade são atingidas pela tuberculose e pelo tétano. Os casos de disenteria e de pneumonia são inúmeros. Cada ano trezentas mil crianças são vitimadas por estas pragas antes de atingirem o primeiro ano de vida.

Que vergonhoso desperdício de vidas humanas! Que lamentável perda de futuros cidadãos! Um problema que pela sua enormidade se tornou uma responsabilidade para todos nós! As crianças brasileiras devem ser salvas!

Nestes últimos anos uma atenção sempre crescente foi dada às estatísticas da mortalidade infantil e das doenças de crianças. Numerosos projetos para ampará-las foram feitos. Quem os tendo assistido a estas misérias, não poderá fazer e quem se deu a este enorme trabalho é quem, mais esquece-las. Algumas destas instituições foram montadas com luxo. Outras são humildes e sem fundos adequados. Mas todas elas baseiam-se no mesmo princípio: cada criança tem direito à saúde e à felicidade; é dever de todos que elas gozem desse direito.

A Campanha Nacional da Criança constitui a sua oportunidade de colaborar. Cada instituição de amparo à criança precisa de ajuda. Este trabalho deve ser espalhado no país até que os seus efeitos alcancem todas as cidades, todas as vilas, todas as casas que precisam de auxílio.

Ajude a divulgar a obra da Campanha Nacional da Criança; as crianças brasileiras devem ser salvas! A sua contribuição, por pequena que seja, ajudará mais uma criança a tomar o seu lugar no sol!

A gratidão de uma criança não tem preço

mas pode ser adquirida com alguns centavos!



Qualquer contribuição, por
menor que seja, tornará
feliz uma criança necessitada.

FAÇA SEU DONATIVO ATRAVÉS DA

CAMPANHA NACIONAL DA CRIANÇA



Extrações em Outubro
de 1950

MINEIRA

	Prêmio maior	Preço inteiro
	Cr\$	Cr\$
6	1.000.000,00	200,00
13	600.000,00	100,00
20	1.000.000,00	200,00
27	600.000,00	100,00

DE ONDE QUER QUE VOCÊ RE-
OIRA PODERÁ PEDIR SEU
BILHETE AO

CAMPEÃO DA AVENIDA O CAMPEÃO DAS SORTES GRANDES

Avenida, 612, e Avenida, 770 - Caixa
Postal, 225 - End. Teleg.: CAMPEÃO
BELO HORIZONTE

NÃO MANDEM DINHEIRO EM
REGISTRADOS SIMPLES

BIBLIOTECA DOMESTICA

ARTE CULINARIA

- 1. Coleção de 8 Livros. União neste
gênero a cozinha. Belíssimo presente
para festas ou aniversários.
- 2. Bolos, Tortas e Doces Cr. \$48,00
- 3. 200 Receitas Cr. \$13,00
- 4. Frutas e legumes Cr. \$30,00
- 5. Peixes, Caras e Aves Cr. \$15,00
- 6. Cozinha Internacional Cr. \$30,00
- 7. Frutas Cr. \$30,00
- 8. Pastéis, Empadões e Tortas Cr. \$30,00
- 9. 350 Receitas Cr. \$30,00
- 10. Todos com inúmeras receitas e
conselhos. Alimentação sadia em
vitaminas e sais minerais. Lamen-
tavelmente ilustrada com gravuras a
cor, mostrando-nos o modo e a
maneira de preparar pratos de
vista, de paladar, ou pratos deliciosos e
agradáveis, e ornamentar uma mesa.
- 11. DEUTSCH. BRAS. KOCH-BUCH
- 12. Cr. língua alemã. Cr. \$40,00

MEU SISTEMA PARA SENHORA

Do chamado higienista J. Müller.
O único para cultivo da ginástica
doméstica, um repertório de exer-
cícios para o corpo e respiração.
Ilustrado com belas gravuras que
mostram a prática da ginástica
caseira. Cr. \$25,00

SEJA BILHETE! São telas, são atrações,
são encantamentos... quem não gosta
de reunir em si todos estes belos
predicados? M. Signa os conselhos e
os aumentos deste livro e não é
difícil, e se tem vontade e querê-lo!
Ricammente ilustrado, mostrando pe-
las gravuras, o modo de se aplicar
os diversos tratamentos. Cr. \$25,00

REMILHAR PIED RIMBROSO POSTAL
SEM MAIS DESPESAS

EDITORA EDANEE
CAIXA POSTAL: 104-B, S. PAULO

Para a renovação dos seus
móveis, torna-se indispensá-
vel a aplicação de óleo de
peroba.

(Conclusão)

sam que só porque uma moça
ganha sua vida no cinema, quer
ser diariamente levada para
jantar no Ciro, ou assistir a jo-
gos de basquet de um cama-
rete especial. Ao ler o que se
escreve a nosso respeito, te-
mem ter de gastar mais numa
só noite com uma estrela do
que eles possuem, em geral,
para se divertir durante o
mês inteiro.

Liz afirma que tal não acon-
tece. Ela e outras moças de
gostos simples se divertem
tanto num simples passeio a
pé, comendo pipocas num ci-
nema, jantando em restauran-
tes sem luxo, quanto as outras
mulheres de profissão muito
diversa.

— Outra coisa — diz Liz.

— Os homens que trabalham
na indústria de filmes se preo-
cupam tanto com suas res-
ponsabilidades que pouco tem-

po podem dedicar às moças.
E talvez esteja certo. Mas não
ajuda em nada a construção
de um lar feliz.

Se bem que Elizabeth não
proclame ser uma santa, ela
passa a maior parte das suas
horas de descanso em casa.
Assim como muitos outros
artistas de cinema, raramente
vai a «night-clubs». Possui
uma agradável conversa e es-
tá sempre informada do que
se passa na política mundial,
na arte e nos esportes. E de-
pois de discutir seus proble-
mas com os colegas de traba-
lho, chegou à seguinte con-
clusão: As atrizes são as mu-
lheres mais mal compreendi-
das do mundo!

Contudo, Liz não se mostra
impaciente.

«Vale a pena esperar pelo
que é bom» — diz ela sorrindo.

*

VAMOS TROCAR CARTAS

(Conclusão)

UBA: Clarinha Neves, 23 anos, cos-
tur., Marly Cavalcante Gomes, 18
anos e Maria Lúcia de Abreu, 18
anos, Posta Restante (com rap.
cultos); UBERABA: Clarimundo
José Ferreira, 18 anos, est. e banc.,
C. Postal, 1; Romão de Araújo, 17
anos, est. e banc., rua Arter Ma-
chado, 47; UBERLÂNDIA: Mirza
Naves, 25 anos, C. Postal, 444 (com
rap.); VIÇOSA: Cirilo Euclides,
Colégio de Viçosa (em port., ing.
e fl.).

PARAÍBA

CAMPINA GRANDE: Rosalinda Vi-
lar, 14 anos e Vera Lúcia Occen-
stein, 11 anos, rua 13 de Maio, 42;
Sandra Pavlová Gasparini, 17 anos
(com rap. cultos) e Cleopatra An-
tonieta Gasparini, 16 anos (com
rap. acad.), rua João da Mata, 185;
Sheila Medeiros, 17 anos, rua Ge-
túlio Vargas, 174 (com rap. acad.);
Kathryn Vally Moreira, 18 anos
(com acad., lit., esp., arte, tr.
post.) e Tamyres Eugénie A. Ar-
coverde, 19 anos (com acad., tr.
post.), rua Afonso Campos, 335;
JOÃO PESSOA: Jeanne de Lourdes,
15 anos, rua Duque de Caxias, 186
(com Br. em port. e ext. em espe-
ranto); Zilah Meira de Vasconce-
los, Câmara Estadual (com rap.);
Glécia Peixoto Pessoa, rua Hera-
clito Cavalcanti, 48 (idem); Joo-
ly Fontinelli, Ladeira da Borbu-
rema, 101 (idem); Delourdes Vas-
concelos, rua Heraclito Cavalcanti,
15 (idem); Marley Abolin, 19
anos, rua 13 de Maio, 656 (cog.,
esp., cine, tr. fotos, post.); MON-
TEIRO: Teresa Maria Rafael de
Menezes, 18 anos, rua Getúlio Var-
gas.

PARANÁ

CURITIBA: Lori Stella Peter,

20 anos, C. Postal, 1075; Dina Ho-
soshi, 25-anos, rua Fontana, 301
(com rap. opor.); Hayde de To-
ledo, rua João Negrão, 940 (com Br.
e ext.); JACAREZINHO: Hélio D An-
cheta Gentil, 21 anos, rua Para-
ná, 552 (com moças); JATAIZINHO:
Agnes Meredith, 21 anos, contad.,
C. Postal, 20 (com rap.); Iju Ri-
tencourt, 20 anos, secret., C. Postal,
15 (idem).

PERNAMBUCO

ARCOVERDE: Maria Fernandes,
rua Zeferrino Galvão, 220 (com rap.);
NAZARE DA MATA: Clóvis Mar-
tins, 18 anos, est., Ginásio São Jer-
né; PETROLINA: Gerezilda Mo-
reza Sá, 16 anos, est., Delza Andrad, 15
anos, est., e Vânia Ferreira, 15 mi-
os, est., a/c de Terezinha Campos, rua
Dr. João Pessoa, s/n (com rap. est.
e cad.); RECIFE: Maria José Vws.
av. Liberdade, 698, Telipio (com
rap.); Dava Silva, rua Dina, 242,
3º andar.

PIAUI

PARNAÍBA: Maria Auxiliadora
Oliveira, C. Postal, 12 (tr. 10 sk)

RIO GRANDE DO NORTE

AREIA BRANCA: Maria de Sa-
conço de Souza, 21 anos, air de
comere., rua Barão do Rio
co, 313; MACAU: Ezequias S. ur-
ra, 19 anos, rua Pereira Gar-
ro, 242 (com moças, tr. fotos); MA-
TAL: Ivanete Galhardo, 20
rua dos Pajóis, 1269 — Ar-
(com rap.).

RIO GRANDE DO SUL

BAGÉ: Claudina Artigas Ti-
da, 17 anos, rua 18 de Maio, 843;
CACHOEIRA DO SUL: Lúcia For-

trs. 21 anos, Av. Brasil, 1308 (com rap.); **GARAZINHO:** Melânia M. Pôrto, 21 anos, rua Benjamin Constant, 20 (com rap.); **DOM PIUTO:** Sheila Maria Francisca, 20 anos, Av. Rio Branco, 91; Lillian Denis Souza, 17 anos, rua Major Niemcewicz da Fontoura, 22; Rosa Giltana Verzoni, 20 anos, G. Postal, 18; Cláudia Giannoly Brentano, 19 anos, Bar Comercial; **KICHIM:** Garmun Vera de Quadros, 25 anos, G. Postal, 37; Grislân Landet, 20 anos, av. 7 de Setembro, G. Postal, 37; **GENERAL CAMARA:** Therezinha Demoly, 17 anos, est.; **MONTENEGRO:** Hse Kottick, 19 anos, Paralel. Novo; **DAIAHES:** Aurca Pereira do Anjo, 18 anos, est.; Eunice do Anjo, 18 anos, est.; **PASSO FLUIDO:** Berenice Biasuz, rua Silva Jardim, 550; **PORTEO ALEGRE:** Sônia Meireles, 22 anos, rua Castro Vives, 741 (com rap.); Marli Winderley, 19 anos e Sandra Soares, 20 anos, rua Protásio Alves, 1547; Márcia Marques, 17 anos e Marly Kent, 18 anos, rua José do Patricínio, 1144; Vera Regina Ribeiro, acad. direito, rua Jacinto Gomes, 181 (com rap.); Ana Maria Campos, 25 anos, prof., rua Firral Câmara, 52, apto. 20, 7.º andar (com rap.); Carlos Garvalho, acad. medic., rua do Rosário, 738; Norma Andra, 21 anos, av. Protásio Alves, 943 (com rap. do Br. e ext., em port. e alemão); Renita Garcia, 18 anos, av. Protásio Alves, 866 (com rap. do Br. e ext., em port. e esp.); Kátia Rodrigues Mello, rua Barão do Amazonas, 554, apto. 334; **RIO GRANDE:** Norma Pereira, 19 anos e Elaine Pereira, 18 anos, G. Postal, 275 (com rap. do Br. e ext.); **SANTA MARIA:** Lúcia Regina, 20 anos, rua Dr. Bozano, 741 (com rap.); Maria Teresa Rosa, 18 anos, rua Visconde Ferreira Pinto, 1224; Iolanda Santos Corral, 19 anos, Rua Visconde Ferreira Pinto, 868; **STO. ANGELO DAS MISSÕES:** Mara Mousquer, 16 anos, est.; Rose Mary Silva, 16 anos, est.; Rônia Farias, 15 anos, est. e Escarlate Morgan, 17 anos, est., G. Postal, 90 (com rap.); Luiz Carlos Silva, 16 anos, est., rua Marquês de Herval, 1888; João Nicola, 17 anos, est., rua 7 de Setembro, 860; Antonio Menezes, 16 anos, rua Antunes Ribas, 1410; **S. FRANCISCO DE PAULA:** Therezinha Ledy Pinto, 18 anos, est., Tainhas; Therezinha Borges, 16 anos, est.; Glaci Rogers, 17 anos, est.; **S. LUIZ GONZAGA:** Ivédito S. Pereira, 17 anos, est., G. Postal, 6; **S. SEPE:** Adão Saldim Silveira, 25 anos, estancieiro, rua da República, 55 (com moças, em port. e esp.); **VENÂNCIO ALVES:** Noemy Machado, 21 anos, prof., rua Tiradentes, 692.

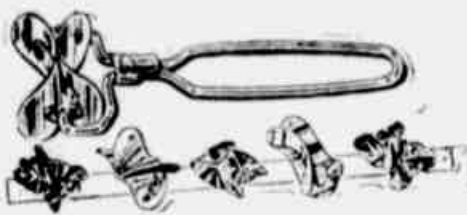
SANTA CATARINA

FLUMENAU: Ayvoned Reinert, 15 anos, est., G. Postal, 57; **FLORIANÓPOLIS:** Nilton Souza, 23 anos, dat. escrevente, rua Pedro Demotri, 293 — Estreito (com moças).

SÃO PAULO

BOBUVA: Thelma Fortuna, 27 anos, rua Cel. Eugênio Mota, 303 (com rap. cultos); Leticia Holtz, 24 anos, rua Cel. Eugênio Mota, 641 (le. >>); Sandra Fernello, 28 anos e Maria Fernello, 31 anos, rua Cel. Eugênio Mota, 252 (idem); Eny Camdim, 28 anos, prof., Fazenda Pinhal (idem); Rosemary Agostinho, 22 anos, prof., rua Cel. Eu-

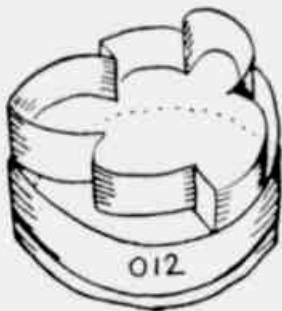
SERP OFERECE PELO REEMBOLSO



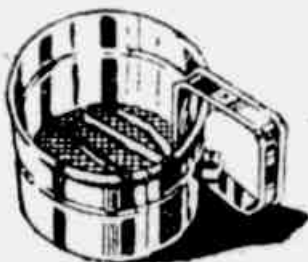
APARELHO PARA CORTAR MASSA — Conjunto de 6 peças, muito resistente — Cr\$ 50,00.



SERINGA e 6 bicos sortidos para enfeitar bolos; há também mais 8 peças que permitem formar diferentes tipos de listreiros, etc. Jogo todo niquelado — Cr\$ 50,00.



CORTADOR PARA MASSA — Para enfeitar bolos — 38 modelos diferentes — Em metal — Cada Cr\$ 15,00.



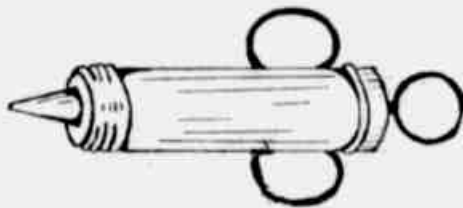
PENEIRA PARA GLACE — Com medida, em folha de Flandres, Cr\$ 25,00. Quadrada, em tela finíssima, Cr\$ 15,00.

APARELHO "TAK" para tricô sem agulhas. Faz qualquer ponto. Simples e rápido. Blusas em 5 horas. Peças detalhadas. Aparelhos de 150, 170 e 200 malhas, a 550, 600 e 650 cruzeiros.

Pedidos à Organização SERP, que só atende pelo Reembolso Postal. — Rapidez e perfeição. Rua Benedito Valadares, 37 — GUARANY — E. F. L. — MINAS



JOGO VARA PECORAR BOLOS — Composto de 1 saco e 5 bicos — Cr\$ 70,00.



SERINGA NIQUELADA, com 5 bicos diferentes, para decoração de bolos — Cr\$ 45,00.



FÓRMAS para cortar massa de biscoitos e doces — Em vários desenhos — Caixa com 5 peças, tamanhos sortidos — Cr\$ 12,00



FÓRMAS PARA BOLOS — FOLHA DE UVA — SINO — SA- VATO — COELHO — ESTRELA — CORAÇÃO e outras — Cr\$ 10,00.

Para assinaturas de

ALTEROSA

em Curitiba:

DIDIMO CERCAL DA SILVA

Rua Manoel Felix, 84



IMPUREZAS DO SANGUE?

ELIXIR DE NOGUEIRA

AUX. TRAT. SÍFILIS

ELIMINE A TORTURA DA TOSSE

Por que sofrer tanto? **SATOSIN** é o seu remédio de confiança. Contém poderosos ingredientes antitussivos e antissépticos. Desde as primeiras colheitas tira a opressão do peito, solta o catarro e acalma a tosse mais rebelde. Os médicos recomendam **SATOSIN** para a tosse e bronquite das crianças e adultos. Em todas as farmácias e drogarias **SATOSIN** — o dominador das gripes, tosse e bronquites.



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e amolecedor ideal, ao deitar e ao levantar - para garantir o seu bom humor diário. Facilita a digestão

"SAL DE FRUCTA"

ENO

A CASA SELMA OFERECE

Para todo o Brasil, pelo REEMBOLSO POSTAL



Mod. Americano — Em couro sintético, roloço, americano, amarelo, branco, azul e vermelho. De 27 a 32 — Gr\$ 43,00. De 33 a 40 — Gr\$ 48,00.



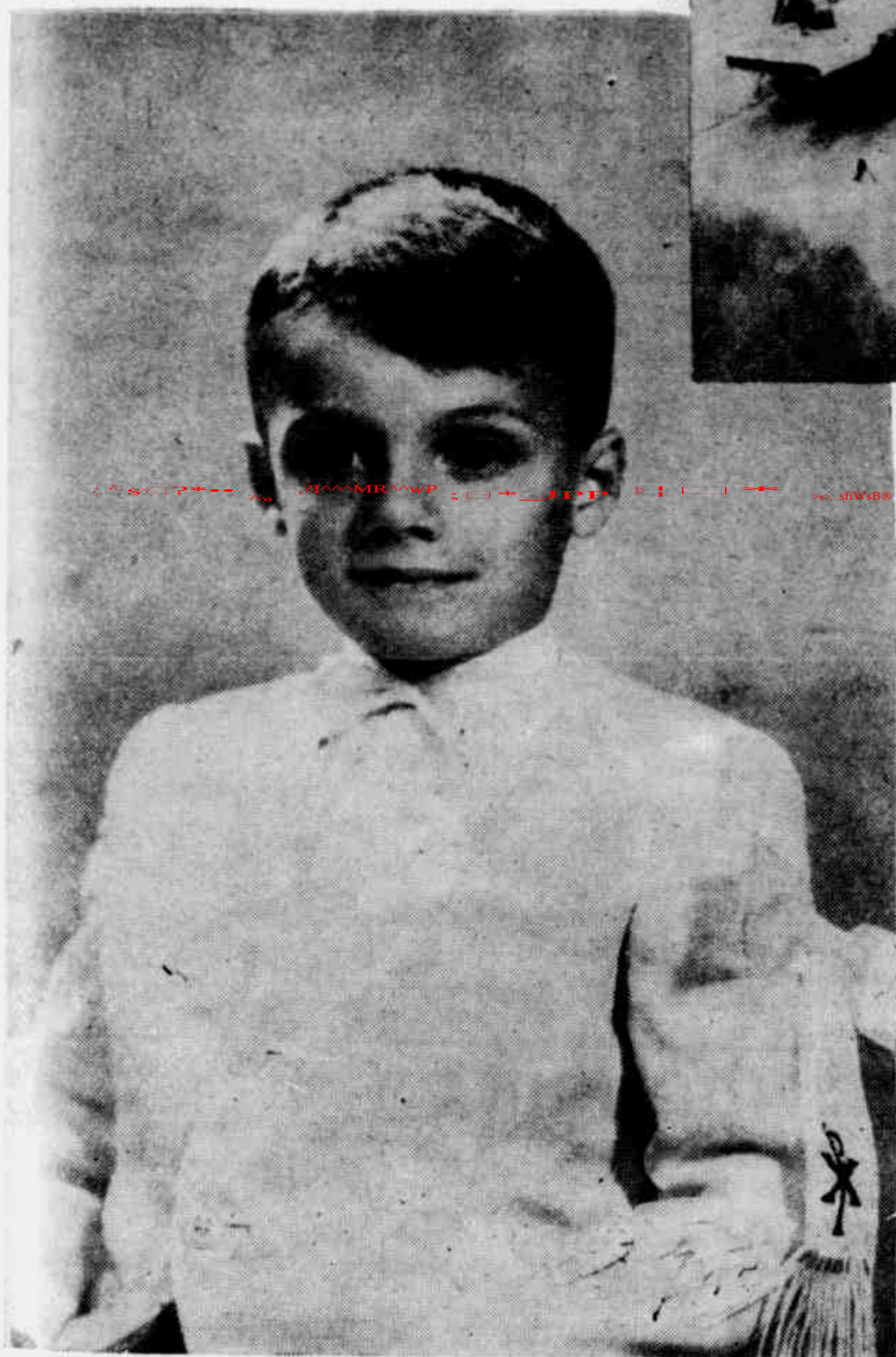
Mod. 5001 — Ótimo sapato clássico, próprio para trajes de rigor e para bailes. Em vaqueta cromada preta e marrom, com sola cilindrada. De 36 a 44, Gr\$ 95,00.

CASA SELMA

AVENIDA BRASIL, 317 — FONE 2-4295
BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS

gênio Mota, 130 (idem); Alina Issa, 21 anos e Maria Maria Issa, 22 m/s, rua Cel. Eugênio Mota, 105 (idem); Maria Aparecida Abud, 21 anos, rua Cel. Eugênio Mota, 624 (idem); Al. da Saramba, 22 anos, rua Cel. Eugênio Mota, 143, (idem); Elisabeth Pires Carvalho, 20 anos, rua Cel. Eugênio Mota, 292 (idem); Vânia Peltz, 21 anos e Valente Peltz, 14 anos, rua Cel. Arraújo Botelho, 388 (idem); Nicolau Vercechino, 32 anos, capitalista, rua Nicolau Vercechino, 1; José Luiz Nogueira, 25 anos, prof., TV, Municipal, 10; Gilberto Holtz, 25 anos e Gustavo Holtz, 21 anos, Fazenda S. Pedro; Antônio Lamington, 21 anos, est., rua Cons. Inácio Antônio Prado, 2; Miguel Cassano, 21 anos, est. medic., rua Cel. Arraújo Botelho, 135; BOTE-FUTEC; Trajano Rodrigues Ribeiro, 10 anos, est., av. Santana, 505 (com moças do Br. e ext.); Filomundo Loone, 10 anos, est., rua Siqueira Cammota, C. Postal, 10 (com moças do Br. e ext., tr. fotos e post.); Joaquim Fernandes da Silva, 21 anos, est., rua Nilson Prado, 176 (idem); Maria Olinda R. P. Machado, rua Prefeito Tonico de Barros, 430 (com vap.); CAFELÂNDIA: Maria Paula de Souza Ney, prof. e Sandra Lia de Albuquerque, prof., C. Postal, 76 (idem); CASA BRANCA: Mary Helen, 20 anos, prof. (com rap. cultos, em ing., esp. e port.) e Lucy Rose, 16 anos, est. (com rap. tr. fotos), rua Barão de Casa Branca, 243; GÁLIA: Mercedes A. Santos, C. Postal, 28, Fazenda Itapanga (com rap.); IGARAPAVA: José de Paula Martins, 23 anos, Antônio de Souza, 20 anos e Osvaldo Silva Nogueira, 23 anos, rua Cel. Francisco Martins, 45 (com moças, cine, esp., lit.); ITAPEVA: Hilda Maria, 10 anos, Carmen Cristina, 10 anos e Mary Olga, 10 anos, rua Ray Barbosa, 628 (com rap.); LEMEIRA: Rosa Maria de Alencar, 21 anos, rua Humaitá, 86 (com rap. mulatos); LINS: Durvalina A. Landim, 25 anos, C. Postal, 26 (com med. e eng.); SANTOS: Maria de Lourdes Loureiro, 22 anos, prof., rua Joaquim Távora, 312 (com rap. formados); S. JOSE DO RIO PARDO: Zélia Maria, 18 anos, est., rua 13 de Maio, 395 (com rap.); SÃO PAULO: Joaquim Arruda, 22 anos, rua Guaiçurass, 807 - Lapa (com moças); Plínio de Almeida Prado, 21 anos, telegr. e radi. telegr., av. Tiradentes, 443, apto. 41 (idem); Armando Vercechino, 22 anos, av. Tiradentes, 441; Nelson Girard, 20 anos, aux. de cartório, rua Abílio Soares, 607 (com moças, esp., cine, test.); Abdon Frazão Antas, comerciante, rua 25 de Março, 021; Minda Rodrigues de Oliveira, 26 anos, rua D. Carolina, 83 (com moças, mus., pint., poes.); Carlos J. Freitas, 18 anos, rua Desembargador Guimarães, 97 - Perdizes (com moças); Regina Célia, 21 anos, C. Postal 132-B; Jovino Teixeira da Silva, 22 anos, rua Cônego Eudólio Leite, 1172 — Pinheiros; TATU: Hely Ana O. Carvalho, 16 anos (com milit.) e Stella Salinas, 16 anos, rua Sta. Cruz, 52; TALVTE: Tania Mara Camargo, 21 anos (com rap. tr. fotos), Lúcia Helena Guimarães, 17 anos, est. (idem); Annyracy Camargo, 15 anos, est. (idem); rua Cel. João Afonso, 467; Tania Lia de Alencar, 25 anos, Nylia Campos, 27 anos, Nezel Winston, 25 anos, Ana Maria Almeida, 26 anos, Katty Anne Rhering, 26 anos e Wanda Alayde Almeida, 25 anos, Biblioteca Oscar do Amaral.

Primeira comunhão



Regina e Ricardo, filhinhos do casal dr. Theodulo Pereira-D. Conceição Pereira, no dia de sua primeira comunhão realizada na Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto.

**EM TODA PARTE
SE ENCONTRA ÉSTA VERDADE:**



**PARA OS
MALES DO FÍGADO
HA UM REMÉDIO:
HEPACHOLAN
XAVIER
LÍQUIDO E DRÁGEAS
[2 TAMANHOS
NORMAL E GRANDE]**

A boa aparência é tudo. Embora velhos os seus móveis, torne-os novos aplicando o óleo de peroba.

O presente que estreita e consolida amizades. O presente que chega 12 vezes!

Uma assinatura de

ALTEROSA

A revista da família brasileira

SECOS, MOLHADOS, FAZENDAS, ARMÁRIO, CALÇADOS, ETC.

CASA NOGUEIRA

GERMÃO NOGUEIRA
Sucessor de Nogueira Irmão & Cia.

LATICÍNIOS «ESTRELA MATUTINA»

Queijo tipo Minas «E.F.F.» — Queijo prato LUSITANIA — Manteiga «Estrela Matutina» e Queijo Reino «FORMOSO».

CARANDAI

E.F.C.B.

ESTADO DE MINAS

OS FRANCESES. ... (Conclusão)

Os vinte e oito cães esquimós, ansiosos de ar e espaço, foram também desembarcados. Liotard assumiu o comando da base. Em seguida, entre acenos amistosos e exclamações de «Até à vista, até o próximo ano!», o Comandante Charcot apareceu para o cabo Geologia, onde descarregou viveres e material, assim como na baía da Commonwealth, a leste da Terra Adélia, em zona australiana. Feito isso, depois de procurar durante quatro dias uma passagem, o «Charcot» transpôs o «pack» e apressou para Hobart.

RÁDIO BAIANO (Conclusão)

820 quilociclos, respectivamente.

Por muito tempo, permaneceu o rádio baiano mais ou menos estacionado, sem outra novidade que não a apresentação esporádica de certos cartazes do sul do país. De algum tempo para cá, todavia, as emissoras de Salvador entraram em um novo ciclo de atividade, estimulando o aparecimento de valores locais, movimentando seus programas e entrando, assim, numa fase dinâmica e realizada, que muito promete.

O rádio-teatro, por exemplo, é já um fato na capital da Bahia. Tanto a PRA-4 como a ZYD-8 contam agora com excelentes elencos cujas apresentações vêm sendo coroadas de pleno êxito.

E há mais nessa auspiciosa renovação. Por estes dias, teremos em Salvador mais uma emissora, a Rádio Cultura da Bahia, que virá trazer, ao que se espera, um novo e vigoroso contingente de realizações para o broadcasting baiano.

Cada qual imita os costumes de quem reina, e desde o trono se propagam facilmente o vício e a virtude. Metastasio.

SAPATARIA CYSNE

a mais antiga e conceituada da Capital, agora celebrando seu 24º aniversário, oferece calçados de qualidade, a preços mínimos, pelo seu perfeito serviço de

REEMBOLSO POSTAL

Despachamos qualquer pedido no prazo de 24 horas

Vejam mensalmente nas páginas de ALTEROSA as nossas últimas criações em calçados.

A pedido remetemos nosso catálogo com vários outros modelos para senhoras, homens e crianças.



ORD. 704 — Forte e elegante. Em vaquilhona de 1ª, marron e preto, solado Anabela de borracha. De 37 a 44 — Cr\$ 125,00.



ORD. 530 — Em camurça marron, com pelica marron, camurça azul com pelica azul, camurça preta com pelica, em búfalo branco, e em pelica vermelha. Salto de sola de 1½. De 32 a 38 — Cr\$ 125,00.



ORD. 513 — Em grande moda. Em pelica e camurça de todas as cores. Saltos 4½, 5½ e 6½ — Cr\$ 130,00.



ORD. 566 — Em camurça preta e azul, em pelica preta e havana, e em verniz preto. Salto carioca 3½ e 4½. Preço de bonificação — Cr\$ 95,00.



ORD. 520 — Linda sandalia em camurça azul e preta, em pelica preta, azul e vermelha, e em búfalo branco. Saltos Quiz XV 4½, 5½ e 6½ — Cr\$ 100,00.



ORD. 830 — Elegante confecção, em vira francesa, acabamento esmerado. Em croco nacional, marron e preto. De 36 a 44 — Cr\$ 160,00.



ORD. 537 — Em havana, camurça preta, e verniz preto. Salto Anabela 3½. De 32 a 40. Muito barato! Cr\$ 70,00.



ORD. 119 — Aprimorada fabricação. Em preto e havana, e em verniz preto. De 22 a 27 — Cr\$ 70,00.



ORD. 514 — Sedutor e confortável. Em camurça preta e azul, e em pelica preta. Saltos 4½ e 6½ — Cr\$ 130,00.



ORD. 533 — Delicado e confortável. Em vaqueta preta e havana, e em camurça preta. Salto Anabela ou Carioca, de 3½. De 33 a 40 — Cr\$ 75,00.



ORD. 205 — Em verniz cereja e preto. De 18 a 27 — Cr\$ 25,00. De 28 a 35 — Cr\$ 30,00.



ORD. 101 — Nosso reclame! Em naco nas cores: branca, vermelha, rosa, azul, havana e verniz preto. De 16 a 22 — Cr\$ 28,00. De 23 a 27 — Cr\$ 38,00.

Aceitamos representantes em tôdas as localidades do Brasil

SAPATARIA CYSNE

Avenida do Contorno, 1423 (Floresta)
Fone 2-3702 — Belo Horizonte — Minas

Calçados OLHOS NEGROS

UM ENCANTO PARA OS OLHOS UMA JÓIA PARA OS PÉS!

Oferecem uma sedutora BONIFICAÇÃO, SEM concurso e SEM sorteio. Quem adquirir um par de nossos sapatos, receberá um coupon autenticado. Cinco desses coupons darão direito a um lindo par de sapatos "sport", cujos modelos seguirão com a encomenda, a fim de facilitar a escolha.



ORD. 001 — Lindo modelo, raso e delicado. Em pelica extra, vermelha, preta e azul, em camurça de primeira, azul, preta e marrom, e em verniz preto, finíssimo. Salto 4½ e 6½. De 32 a 38. Preço de propaganda — Cr\$ 190,00.



REF. 111 — Original modelo em verniz preto, camurça preta, azul e em búfalo branco. Salto 4½ e 6½. Cr\$ 230,00.



ORD. 105 — Lindo modelo de nossa exclusividade. Usado com o laço, serve para toalete, e sem o laço torna-se lindo modelo de passeio. Em camurça francesa (forrado com ótimo material), preta, marrom e azul-marinho. Salto 5½ e 7½. De 30 a 40 — Cr\$ 200,00.

**Aceitamos agentes
vendedores em tôdas
as cidades do Brasil,
para serviço de
Reembolso Postal.**



ORD. 710 — Original criação de nossa fábrica, em búfalo branco, argentino, e em camurça francesa, preta e azul. Salto 4½, 6½ e 7½. De 30 a 40 — Cr\$ 200,00.

Pedidos pelo REEMBOLSO POSTAL a
Calçados OLHOS NEGROS Indústria e Comércio Ltda.
Av. Amazonas, 491 — Edifício Dantés — Loja 1 (Galeria)
Belo Horizonte — Minas Gerais

Elimine as ESPINHAS

A causa Combatida no 1.º Dia

Logo á primeira aplicação, Nixoderm começa a eliminar as espinhas como si fosse por mágica. Use Nixoderm á noite e V. verá sua pele tornar-se lisa, macia e limpa. Nixoderm é uma nova descoberta que combate os parasitos da pele causadores das espinhas, frieiras, manchas vermelhas, acne, impingens e erupções. V. não poderá libertar-se destas afecções cutâneas a menos que elimine os germes que se escondem nos minúsculos poros de sua pele. Portanto, peça Nixoderm ao seu farmacêutico, hoje mesmo. A nossa garantia é sua maior proteção.

Nixoderm
Para as Afecções Cutâneas

A AGONIA DA ASMA

Aliviada em Poucos Minutos

Em poucos minutos a nova receita **Mendaco** — começa a circular no sangue, aliviando os acessos e os ataques da asma ou bronquite. Em pouco tempo é possível dormir bem respirando livre e facilmente. **Mendaco** alivia-o, mesmo que o mal seja antigo, porque dissolve e remove o mucus que obstruía as vias respiratórias, minando a sua energia, arruinando sua saúde, fazendo-o sentir-se prematuramente velho. **Mendaco** tem tido tanto êxito que se oferece com a garantia de dar ao paciente respiração livre e fácil rapidamente e completo alívio do sofrimento da asma em poucos dias. Peça **Mendaco**, hoje mesmo, em qualquer farmácia. A nossa garantia é a sua proteção.

OS FANQUEIROS

(Conclusão)

el Mexico! Soy puro mexicano de la tierra de Pedro Vargas y estoy ahora en viaje por toda la América del Sud! El Mexico es la tierra de los mejores cantaderos. Es por eso que me gusta de imitar, en verdad, Pedro Vargas»!

E por aí vai o pretenso mexicano nascido, em realidade, em qualquer Estado de nosso País; tendo aprendido a falar regularmente o espanhol e procurando insinuar-se como «famoso cancionero de la tierra de Ortiz Tirado», imitando este ou aquele valor a quem mais glorifica com uma pretensa imitação. E, como Pedro Vargas, Ortiz Tirado ou Gregório Barrios, estão Vicente Celestino, Francisco Alves, Orlando Silva, Silvio Caldas, entre os brasileiros; Frank Sinatra, Bing Crosby e outros entre os norte-americanos... e por aí afora.

O que se faz, modernamente, em arte, é imitar, descabeladamente, os valores consagrados. Quantos Vicente Celestino baratos existem por aí? Quantos Chico Alves? Quantos Bing Crosby? Quantos Pedro Vargas?

O «gajo» que descobre em si alguma coisa de papel carbono, procura logo escutar as gravações do cantor que mais o agrada, decora «de orelhada» as músicas que lhe apeteçam, compra as respectivas partituras e larga-se pelo mundo, sem conhecer uma única nota de música, a imitar os modelos de sua predileção, repetindo as mesmas canções, tornando-as monótonas, banalizando-as como tem acontecido com tantas e tantas boas músicas surgidas por aí.

E' por este motivo que raramente surgem novas revelações. Quer no bel-canto, quer na composição. Todo o sujeito que tem a desventura de ser original, encontra em toda parte uma série de barreiras. O fanqueiro é o pior inimigo da renovação de valores. Guerreia-os impiedosamente. Sim, é preciso deixar viver o fanqueiro desvalorizador, em prejuízo das autênticas manifestações artísticas! A arte precisa de ser desvalorizada para sustentar ao fanqueiro que se contenta com o pouco que o seu nenhum esforço lhe proporciona!

*

Paciência, laboriosidade, solidão: sem estas três circunstâncias concorrentes não pode haver um bom matrimônio. — Tommaseo.

XADREZ

(Conclusão)

34..... T6B; 35. Abando-
naria;

NOTICIÁRIO

Concurso de Soluções — In-
teressante Concurso de Soluções
vem de ser instituído pela Se-
ção «No Xadrez», de Vida Es-
portiva, a revista mineira de
esportes para o Brasil. Os pro-
blemas serão todos diretos, em
dois lances, com distribuição de
prêmios-lembranças aos vence-
dores. É uma oportunidade para
aqueles que se dedicam ao pro-
blema aquilatar a sua capa-
cidade e força de solucionistas.
Os interessados poderão se diri-
gir à Seção de Xadrez de Vida
Esportiva, endereçando sua cor-

respondência para a Rua Espíri-
to Santo, n. 621, sala 4, Belo
Horizonte, Minas Gerais.

CORRESPONDÊNCIA

Sr. Abreu Sobrinho — (Ca-
xias — Maranhão) — Não está
ao nosso alcance, infelizmente,
atender ao seu justo pedido.
Transmitimos sua carta à admi-
nistração da Revista. Agradeci-
mentos pela lisongeira referên-
cia.

Dr. José Monteiro Lopes —
(Juiz — Rio Grande do Sul) —
Sua carta foi respondida pes-
soalmente. Estamos sempre
ao seu inteiro dispor. Gratos
pela simpática apreciação.

O BALANÇO DE UMA EXISTÊNCIA

Um homem de 80 anos emprega durante sua vida:
Para trabalhar: 11 anos, 91 dias, 14 horas e 40 minutos.
Para encolerizar-se: 6 anos, 186 dias, 14 horas e 10 minutos.
Para esperar (o bonde, a namorada, etc.): 5 anos, 362 dias, 16
horas e 5 minutos.
Para festas e outros divertimentos: 4 anos, 2 dias, 13 horas e
3 minutos.
Para dar nó na gravata: 18 dias, 12 horas e 6 minutos.
Para barbear-se: 140 dias, 23 horas e 19 minutos.
Para assoar o nariz: 13 dias, 8 horas e 23 minutos.
Para ler os jornais: 1 ano, 243 dias, 7 horas e 18 minutos.
Para rir: 1 dia, 22 horas e 3 minutos.
Para bocejar: 2 horas e 26 minutos.
Para comer e beber: 5 anos, 346 dias, 5 horas e 14 minutos.
Para dormir: 26 anos, 312 dias, 18 horas e 22 minutos.
Em resumo, mais da metade de nossa existência é absorvida
pelos atos mais vulgares, pelas ocupações mais pueris, pelas neces-
sidades mais baixas. Apesar disso, todos nós fazemos o possível
para viver 80 anos!

NEM TODOS OS DIAS TÊM 24 HORAS

Herbert Frank Finch, de 46 anos, e que, trabalhando no Obser-
vatório de Greenwich, forneceu a hora certa durante 10 anos
à Europa, declarou que nosso dia, que acreditamos ter sempre 24
horas precisas, é dois milésimos de segundo mais longo em maio
do que em novembro. Este fenômeno, de nenhuma importância
para o homem comum, reveste-se, ao contrário, de grandíssimo in-
teresse para os estudiosos que precisam calcular, por exemplo, a
velocidade de um raio de luz, que atinge 300.000 quilômetros por
segundo. Além disso, Finch afirma que a terra gira em torno do
sol mais lentamente na primavera do que no outono, e que deve
competir a uma conferência internacional de peritos determinar
como praticamente se possam regular os relógios por causa deste
inconveniente.

UM POUCO DE ESTATÍSTICA

Em Birmingham, segunda cidade industrial da Inglaterra por
ordem de importância, 15% das moças têm como única am-
bição o casamento, e 31% nunca lêem livros. 67% dos jovens de am-
bos os sexos nunca vão à igreja, 20% dos rapazes a frequentam uma
vez por semana, mas 45% deles vão mais de uma vez por semana
ao cinema (a mesma proporção se observa entre as moças). Os
livros mais lidos pelos menores de 20 anos são «Ambar» e
«Nenhuma Orquídea para Miss Blandish».

CHUVEIRO ELÉTRICO

“DALTON”

Cr \$ 275,00



Aparelho todo de metal fun-
dido, obra de termos, inteira-
mente desmontável. Dim. 20x7,
peso 800 gramas, lindamente
cromado.

Atendem-se pedidos pelo
REEMBOLSO POSTAL

Fábrica: Av. Afonso Pena, 574
Sala 12 — Fone 2-2823

BELO HORIZONTE

ACEITAM-SE AGENTES

Viva
mais feliz



BIOGYNAN - um produto
feito à base de extratos
glândulares, regulariza as
funções ovarianas e dá à
mulher disposição, joviali-
dade, boa aparência e ale-
gria de viver, tornando-a
mais atraente!

BIOGYNAN

normaliza o ciclo feminino!

produto do
INSTITUTO FARMACOBOLÓGICO
Rua da Estrela, 57 - Rio



Eva Perón

A DAMA DA ESPERANÇA

Uma das maiores campanhas de assistência social já realizadas na América, sob o comando direto da primeira dama da Argentina — Uma entrevista e a saudação de Eva Maria Duarte de Perón aos brasileiros, por intermédio desta revista.

DIEGO VALERO MANCHÓN

Especial para ALTEROSA

de ouvir os mil e muitos problemas dos que lhe ocupam a atenção.

Oito horas. Todos que se encontram no salão já se conhecem. Mas há um grupinho à parte — em torno duma mesa colocada ao centro — que atrai os olhares dos cavalheiros. E' desnecessário dizer que se trata de um grupo de senhoritas, meia dúzia talvez, que conversam em voz baixa, seduzido pelo encanto que delas emana, empenho-me em descobrir de onde serão. Argentinas não são, naturalmente. O olhar suave, a voz meiga me despertam lembranças: apuro o ouvido e meu coração dá um pulo. E' exatamente o que eu pensava: falam português. São brasileiras, portanto...

Agora que o tempo já não me parece longo, uma voz varonil quebra-me o encanto, convidando da porta:

— Pode passar a Comissão do Brasil!

Levantam-se e acorrem. Outras pessoas ajuntam-se a elas. Sem saber, estava cercado de brasileiros e estes se vão, tomando-me a dianteira. Mas, enfim, já é bom sinal. Significa que já começaram as audiências...

Parece que as coisas se complicam. Já são nove horas, e ninguém mais foi chamado. E, como se fôra pouco, chegamos da rua um rumor de vozes que se aproxima. Ouvem-se distintamente os gritos:

— Perón, Perón, Perón...

Não é necessário ser mais perspicaz: trata-se duma manifestação. Estamos acostumados a vê-las quase todos os dias, pelos arredores deste edifício. Certamente desejaram ser recebidos pela esposa do Presidente da República, e isto alongará ainda mais nossa espera.

De fato, as vozes já ressoam aqui dentro, no salão contíguo. Os manifestantes, ou parte deles, estão na presença da ilustre dama, a julgar pelos aplausos que se ouvem.

*

Quando sou introduzido, para efetuar minha entrevista, vejo dona Maria Eva Duarte de Perón sentada ante uma mesa de trabalho. As suas costas, acha-se um grande espelho ornamental. Vários secretários e duas secretárias estão atentos às suas ordens. O salão, sem ser pequeno, não é muito espaçoso, mas basta para dar lugar comodamente sentadas, a umas cinquenta pessoas. A maior parte é constituída de mulheres e crianças, mulheres humildes que trouxeram sua prole para pedir alguma coisa... Como se o tempo não houvesse transcorrido, lá estão, à esquerda da dama, as mocinhas brasileiras, sorridentes, tracando, às vezes, algumas palavras com ela, que sempre lhes volta a cabeça para olhá-las ou endereçar-lhes um sorriso.

Peço a um secretário que não me apresente logo: a ocasião é magnífica para observar como atua dona Eva Perón em seu trabalho benéfico. Não quero perder nem um detalhe desta realidade palpável. Loura, muito clara, de uma alvura pálida, acentuada pela luz artificial; veste traje de corte alfaiate, justo, claro. E' delgada (há quem foi submetida a uma operação), mas conserva seu bom aspecto; seus gestos são simples, sem afetação. Vendo-a, entendo, uma após outra, estas humildes mulheres que se vão aproximando, percebendo que cada uma recebe uma palavra, algumas frases de conforto, e o sorriso sempre terno, um sorriso de alento.

Comunicado que acabo de receber dá-me a oportunidade de entrevistar, nesta tarde, no Ministério de Trabalho e Previdência, uma das figuras femininas de mais destaque mundial, e sem dúvida de maior ressonância em toda a América do Sul. E' necessário que concrete bem as perguntas que farei à primeira dama argentina, já que seu tempo é precioso, e também com o fim de obter o melhor proveito na honrosa missão que «ALTEROSA» me confia, para oferecê-lo à natural avidez de suas simpáticas leitoras.

Minutos antes das seis — a hora marcada — convidam-me a permanecer no amplo salão de espera. Pelas janelas abertas, penetram os rumores da rua, o enlouquecedor brouhaha desta zona central de Buenos Aires, pelos amadores da Plaza de Mayo. Não sou o primeiro a chegar: à minha frente já se acha uma vintena de pessoas. As horas vão passando, ao mesmo tempo que aumenta o número de pessoas. Chegam as comissões de grêmios, que serão recebidas pela ilustre senhora. Há mais de uma hora que estou esperando, mas tranquilizo-me ao ver que nenhum ainda foi chamado... Já não entra mais ninguém. Um impaciente ouve dos lábios de um funcionário que, às mais das vezes, as audiências se prolongam até a uma ou duas da madrugada. E' preciso armar-se de paciência e comover-se ante o exemplo que nos dá Eva Perón, submetida diariamente a este labor exaustivo, labor a que voluntariamente se entrega,

floresce em seus lábios delgados. Não há, o que mais desperta a atenção é o olhar. Quero ser exato na minha descrição. É um olhar inteligente, firme, que às vezes se amolece, como a refletir, para depois recobrar intensidade outra vez. Em suma, possui um olhar agradável, muito feminino, pensativo e sereno.

Vejamos como trabalha: as mulheres se sucedem, conduzindo seus garotos. Os pedidos são vários: uma acha-se desamparada com vários filhos pequenos; outra não tem lar e solicita uma moradia. A tudo accede Eva Perón. Rapidamente, escreve num papel e entrega-o a este ou aquele auxiliar. Em seguida, oferece sua mão para a despedida. Chega outra e senta-lhe à frente, a fim de expor seu pedido. Observo que, uma vez ou outra, quando entrega o papel em que estava escrevendo, introduz, entre suas dobras, algum dinheiro. Pelo que vejo, a ajuda não é uma promessa longínqua, mas concreta e que começa a realizar-se no momento. Na sala está, separados, dois cegos que solicitam, quando lhes chegar a vez, algo que seria demorado ou difícil de alcançar normalmente. Mas aí está a Dama da Esperança para tomar providências e tornar-lhes a vida mais agradável, pois esta é a finalidade que Maria Eva Duarte de Perón outorgou à «Fundação de Ajuda Social».

Quando me estende a mão, agradeço-lhe a gentileza pessoalmente e em nome de «ALTEROSA».

A minha pergunta, sua resposta é espontânea:

— Nas horas difíceis, nunca duvidei do triunfo do Presidente Perón. Minha atuação a seu lado é a atitude lógica da esposa cristã que tem o dever de apoiar seu marido. Como argentina, não podia ser indiferente ao momento histórico de assegurar à Pátria o lugar que lhe corresponde e que um argentino de larga visão e acendrado patriotismo se esforçava em conseguir, para criar uma Argentina justa, livre e soberana.

— Pode dizer algo sobre a «Ajuda Social»?

— Eu se destina principalmente aos velhos, crianças e desamparados. Nada de esmola, mas uma ajuda que não humilhe a ninguém e que de-

ve ser cumprida como um dever. Restitui também à sociedade os descendentes dos desvalidos, a fim de que possam ser úteis e libertados da indigência. Isso é o primordial.

— Que significam as chamadas «Células Mínimas»?

— A «Ajuda Social» se ramifica por meio delas, com a finalidade de levar até os rincões mais afastados do país as vantagens da «Fundação». Nada se deixa à improvisação: solucionar imediatamente os problemas é a nossa norma e seu resultado não se faz esperar.

— E até onde chegam as atividades dessas «Células»?

— Facilitam empregos, dão colégio às crianças, camas adequadas aos enfermos. Enfim, cobrem todas as necessidades dos que necessitam ser orientados e auxiliados de modo eficaz.

— Tenho ouvido falar dos «Albergues», dos «Lares-Escolas», do «Lar da Empregada», da «Cidade Infantil»...

— Seus próprios nomes já indicam sua finalidade. Foram construídos, constroem-se e continuarão sendo construídos. O «Lar da Empregada», por exemplo, aí mesmo, na Avenida de Mayo, tem capacidade para quinhentas camas; o refeitório está habilitado para mil e quinhentos talheres. A mulher que luta por sua subsistência pode nela encontrar-se com em sua própria casa. Foi-lhe dado o nome de «Lar da Empregada General Don José de San Martín», em memória do Libertador da Pátria. E como a «Ajuda Social» é muito extensa, direi que se preocupa, não em teoria, mas na prática, a contemplar os pequenos problemas da mulher, que são enormes no lar humilde: há quem peça uma máquina de coser, um ferro de engomar, para ganhar sua vida. E também objetos que servem de pequenas satisfações, como possuir bateria de cozinha, uma coisa que nunca se teve, e que tanta satisfação pode proporcionar.

— Muito obrigado, senhora. Não sei como agradecer-lhe a amabilidade.

Estende-me a mão e nesse momento atrevo-me a perguntar:

— Algo sobre o Brasil, senhora...

— Meus melhores cumprimentos para o país irmão.

(Continua na pág. 158)



TRATE
CIENTIFICAMENTE
AS CHAMADAS
IMPERFEIÇÕES
DA CÚTIS

VACINOSAN

creme-vacina que encerra em sua fórmula um filtrado de bactérias, age internamente deixando a cutis limpa e sadia, protegendo-a contra a ação prejudicial do tempo!

VACINOSAN



produto do

INSTITUTO

FARMACOBIOLOGICO

Rua da Estréla, 57 - Rio

ACTIVE A AÇÃO DO SEU FIGADO

Sem o uso de Calomelanos e despertará todas as manhãs cheio de entusiasmo e alegria

O fígado deverá fornecer normalmente, mais o menos, 1 litro de bile aos intestinos todos os dias. Se a bile não flui livremente, os alimentos serão mal digeridos, passando, assim, para os intestinos. Isso ocasionará a formação de gases no estômago e dará origem a uma constipação. Você se sentirá mal humorado, desanimado e a vida lhe parecerá um fardo.

Com o uso das renomadas PÍLULAS CARTER para o fígado, a bile fluirá livremente e você se sentirá cada dia melhor. Adquira um vidro hoje mesmo, tome conforme as instruções e você constatará a ação realmente eficaz destas Píbulas na regularização do curso da bile. Peça as PÍLULAS CARTER para o fígado.



Querendo ver os seus móveis sempre novos, conserve-os com óleo de peroba.



MOSAICO

De acordo com cálculos feitos por pesquisadores, um homem, na expectativa de ser pai, caminha oito quilômetros no corredor do hospital, enquanto espera notícia da délivrance. Fuma 63 cigarros ou 14 charutos, sai 5 vezes para tomar café, pergunta ansiosamente: 22 vezes «Nada de novo ainda?» e fala com a sogra, ao telefone, 7 vezes.

Os cérebros de 87% dos assassinos considerados loucos emitem ondas de intensidade anormal — foi o que observaram os drs. Stalford Clark e Taylor. O mesmo acontece com 78% dos criminosos que instam sem que nenhum motivo aparente justifique seu ato, com 25% dos ladrões que chegam a praticar homicídios, e com 10% dos que se tornam assassinos de modo puramente acidental.

No século XVIII viveu uma menina de 66 centímetros de altura, chamada Judith Skinner. Durante vinte e três anos de casamento ela teve de seu marido, de 65 centímetros, 14 filhos, que chegaram todos à idade adulta e eram de porte normal.

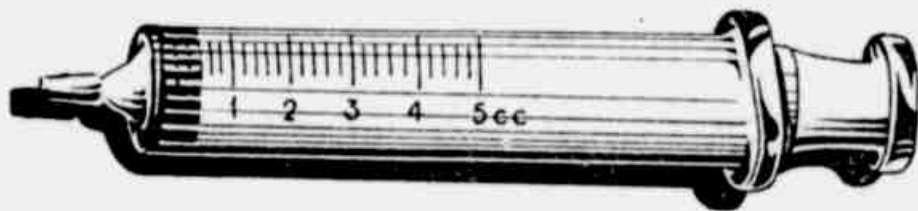
Numa cabana dos arredores de Bombaim encontraram um feto de cinquenta centímetros de comprimento com cabeça de cavalo, corpo de homem, e costelas e cauda de cabra. O feto nascera vivo e fôra morto com uma facada no estômago. Os peritos criminais não puderam especificar se se tratava de uma criatura humana ou de um monstro bestial.

PARA OS CÉGOS

O Conselho Nacional de Pesquisas dos Estados Unidos anunciou a criação de um «laboratório para cegos». Este pequeno instrumento consta essencialmente de uma célula fotoelétrica e de um dispositivo capaz de transformar letras em sons.

Em breve, aprendizado permitirá que os cegos leiam todos os livros impressos com os caracteres usuais.

"Casa das Seringas"



Grande estoque de seringas americanas «B.D.», alemãs, inglesas, italianas, argentinas e nacionais, luvas cirúrgicas, agulhas hipodermicas, termômetros, esparadrapo americano, algodão hidrófilo, ataduras de gaze, estojo de metal, artefactos de borracha, fundas herniárias, comederos, irrigadores, esterilizadores elétricos, cateter, crina de florença, material aséptico, estetoscópios «B.D.», «TYROS», Penicilina «Merk». Relógios elétricos «Reform» de mesa e parede, «KORR». Relógios de bolso e de pulso de várias marcas suíças e despertadores marca «HELVETICO».

SOC. IMPORTADORA HELVETICA LTDA.

Rua Espírito Santo, 311 — Fone 2-0017 — Caixa Postal, 766
Belo Horizonte — Minas Gerais

Vendas a varejo e por atacado. Despachamos para todo o Brasil pelo REEMBOLSO POSTAL

O Brasil inteiro está pedindo Commander

DIRETAMENTE DA FÁBRICA
NO RIO PELO REEMBOLSO!

É formidável! Em fino creme, todo forrado a couro e solado de borracha. Liso, cores: preto, marrom e havana. Granulado: branco, marrom e havana. 36 a 44. Custa em qualquer sapataria Cr\$ 300.

REEMBOLSO POSTAL

PORTE GRÁTIS!



ACOMPANHADO DE UM PAR DE SOLAS DE BORRACHA SOBRESSALIENTE!

CR\$ 180,

INCA INDÚSTRIA NACIONAL DE CALÇADOS LTDA.
R. BARÃO DO BOM RETIRO, 1104 - RIO

ACEITAMOS AGENTES EM TODO O PAÍS.

Nome

Cidade Estado

Rua N.º

Quantidade de pares N.º Cor Liso ou granulado? Modelo

CALÇADOS
Inca

Ajude a criar e educar 180 meninas sem pai e sem mãe
TUXILIE O

ABRIGO JESUS

RUA COSTA SENA, 1.126 (Progresso)
BELO HORIZONTE

Uma grande efeméride farmacêutica

O QUADRAGÉSIMO ANIVERSÁRIO DA APROVAÇÃO DO «BIOTÔNICO FONTOURA» — 110 MILHÕES DE VIDROS CONSUMIDOS ATÉ HOJE EM TODO O BRASIL.

HÁ quarenta anos, completos a 16 de Setembro último, era aprovado pelo Serviço Sanitário de São Paulo um novo preparado farmacêutico, cuja fórmula e amostra, entre muitas outras, lhe haviam sido anteriormente apresentadas.

Já bem experimentado pelo autor, em vários anos de seu emprego entre os seus amigos e clientes, estava oficialmente reconhecida a legitimidade científica do novo preparado, que assim podia iniciar a sua carreira na produção farmacêutica do País. Começada sob tão bons auspícios, pois só depois de bem comprovado o seu valor intrínseco é que ele fôra demandar a chancela oficial, ninguém poderia entretanto prever, naquela ocasião o nível e a extensão que essa carreira haveria de atingir.

Porque esse preparado não era outro senão o «Biotônico Fontoura», hoje o fortificante mais popularizado e apreciado em todo o Brasil, segundo se depreende das estatísticas relativas à sua fabricação e consumo.

As causas de tão rápido e auspicioso êxito só se podem encontrar nas qualidades especiais do produto: a feliz escolha, criteriosa combinação e incontestável eficácia dos elementos que entram na sua composição. Essas circunstâncias, confirmadas pela experiência, logo fixaram sobre o «Biotônico» a atenção da ilustre classe médica, passando ele a figurar no receituário habitual de inúmeros facultativos, entre os quais se destacam alguns dos nomes mais ilustres da clínica de São Paulo, do Rio de Janeiro, e demais grandes centros do País.

Essas características do «Biotônico Fontoura» estenderam-se também ao estabelecimento científico industrial de que foi ele a pedra angular: o «Instituto Medicamento Fontoura» que, partindo das modestas proporções que tinha naquela época, — cresceu, desenvolveu-se e acreditou-se extraordinariamente, vindo a constituir hoje em dia uma organização verdadeiramente modelar no seu gênero, cujos produtos, inúmeros e variados, gozam do mesmo crédito e popularidade, em todo o âmbito do território nacional.

Desde a sua aprovação até a data comemorativa do seu 40.º aniversário de aprovação, o consumo do «Biotônico Fontoura» no Brasil elevou-se à expressiva cifra de 110 milhões de vidros.

UM policial prendeu em Seattle (Washington) a Robert Bagby, de 18 anos, simplesmente porque ele deu um beijo em sua noiva, da mesma idade.

O grosseirão tentou justificar esse atentado aos direitos mais imprescritíveis do homem alegando que: 1.º) o crime em questão fôra praticado na rua mais movimentada da cidade; 2.º) em vez de segurar a moça com as duas mãos, ele apenas se utilizava de uma, achando-se a outra no volante de seu automóvel; 3.º) esse automóvel rodava com uma velocidade excedente à máxima autorizada; e 4.º) Miss Dorothy Clarke, que atravessava a rua no momento da passagem do carro, foi atropelada por ele e conduzida em estado grave para o hospital federal.

O «DDT» E AS MÔSCAS

O professor Lindquist, entomologista do Colégio Estadual do Oregon, descobriu que, depois de 7 anos de uso do DDT, os homens criaram uma raça de super-moscas que resistem valentemente a tudo, menos ao esmagamento por uma roda de automóvel.

Explorando humoristicamente o caso, uma revista americana publicou a anedota ilustrada de uma mosca a levar suas quinhentas mil mosquinhas para a cama.

— Vamos! comam seu DDT antes de dormir.

— Oh! é tão ruim, mamãezinha! — protestam as mosquinhas careteando.

— Mas é assim que vocês podem crescer muito e ficar com umas carinhas bem rosadas!

A situação é essa... Será preciso, portanto, descobrirmos um novo inseticida!

DETETIVES DE SAIAS

NA cidade de Nova York existem 190 milhares agentes de polícia. Sua idade varia de 25 a 65 anos. Não usam uniforme, mas carregam consigo um revólver de que sabem utilizar-se com perícia. Recentemente uma delas conseguiu dominar um louco que, de revólver em punho, ameaçava numa loja uma multidão aterrorizada. Exige-se igualmente dessas detetives de saia que sejam capazes de desempenhar todos os papéis necessários à sua profissão, desde o de mulher da alta sociedade até o de modesta quarteira de hotel.

TEMPESTADES PERUANAS

AS costas do Peru são às vezes assoladas numa extensão de 1.000 quilômetros, por tempestades de sulfureto de hidrogênio que sopram do mar, matando os passaros e provocando terríveis epidemias. Os peruanos denominam a esse fenômeno «Pintor de Calao» (pronuncie Calhao), porque é no porto de Calao que ele atinge seu auge, recobrimdo toda a cidade, os barcos e os navios de uma espessa tinta negra. Nenhum sábio conseguiu ainda explicar esse mistério.

SERVINDO A MINAS E AO BRASIL

20 ANOS DE ATIVIDADE DO BANCO DE MINAS GERAIS S/A

O vertiginoso desenvolvimento do Banco nos últimos 20 anos

	Nº de departa- mentos	Capital e re- servas	Depósitos	Aplicações	Movimento geral
Dezº 1930	1	Cr\$ 1.200.000,00	Cr\$ 157.971,10	Cr\$ 404.293,70	Cr\$ 2.690.914,70
Dezº 1940	15	12.314.981,10	55.438.726,10	53.841.363,60	168.174.251,70
Agosto 1950	78	56.903.850,70	810.186.364,30	762.355.647,50	2.172.624.914,10



AOS NOSSOS ACIONISTAS, CLI-
ENTES, AMIGOS E AUXILIARES
DE SERVIÇO, UMA SAUDAÇÃO
CALOROSA, COM OS MAIS VIVOS
AGRADECIMENTOS PELA CON-
FIANÇA, APÓIO E COLABORAÇÃO
QUE NOS TÊM DADO.

BANCO DE MINAS GERAIS S/A

Diretoria — Antônio Mourão Guimarães, Manuel Ferreira Guimarães, José Osvaldo de Araújo, Antônio Carlos de Carvalho e Francisco de Assis Castro.

Conselho Fiscal — Juvenino Dias Teixeira, Osvaldo de Melo Campos e Casemiro Laborne Tavares.

A DAMA DA ESPERANÇA

(Continuação)

Permaneco ainda no salão; não quero desperdiçar nem um só detalhe. E agora, o que se me apresenta é extraordinário. Um casal se aproxima da dama e fala-lhe. Atrás deles garotos e garotas. E' numerosíssima a prole. Ouço o número dezesete. Espanto-me e creio que o espanto é geral. Quando a senhora lhes entrega um papel e dá instruções a um dos funcionários, começam a desfilar o casal e seus pimpolhos. São quinze filhinhos... Tiveram dezesete mas perderam dois. Os que ficaram, porém, necessitam de auxílio, e aí está a Dama da Esperança para atendê-los. Em seguida, aparece outra senhora; felizmente, esta só tem oito garotos, que desfilarão satisfeitos. Vieram ver se obtinham um lar. Na verdade, para abrigar tanto anjinho deve ser necessário um quartel.

Todos os presentes acham-se comovidos ante a paciência de dona Eva Duarte de Perón: nenhum gesto de impaciência, nenhuma palavra me-

nos amável. Sempre o sorriso, a frase cordial, a mão que acaricia os garotinhos, essa mesma mão fraterna que assim os ampara.

Mas a prova contundente de quão grande é a sua bondade, seu grau de compreensão humana, é quando se aproxima um ancião, com ar de operário, baixinho, calvo e de afeições duras, que propõe seja derribado o Palácio do Governo — a Casa Rosada — para levantar em seu lugar um palácio moderno, que o velhote idealizou...

A senhora procura dissuadi-lo. Explica-lhe que para isso deve dirigir-se à cidade do Prata, que cuida desses assuntos. Adverte-o que as atribuições da «Ajuda Social» não tratam desses problemas. Mas o velho insiste, insiste tenazmente. A senhora, sempre sem perder a calma, continua procurando convencê-lo. O visitante mostra-lhe os quadros que trouxe. Serão, certamente, maquetes da idéia fixa que lhe domina o cérebro,

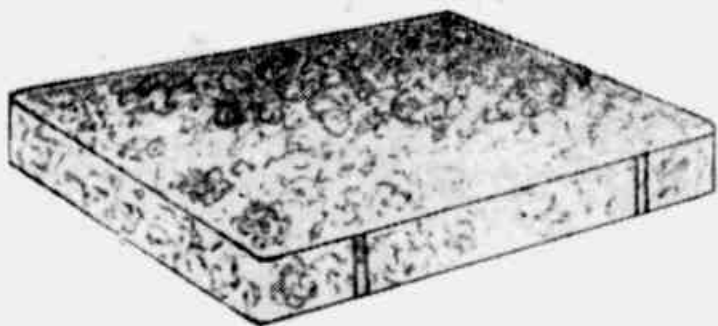
por fim, o homem se vai, depois de saudá-la, mas ismado pelo peso de seu fracasso.

É a única negativa, o único «não» que Dona Maria Eva Duarte de Perón pronunciou durante toda esta noite...

Ainda terá de conversar com as comissões dos grêmios que vieram expor-lhe seus problemas ou fazer-lhe entrega de coletras, para sustentar a Fundação, com as contribuições voluntárias dos operários que representam. Nesta manhã — diz o diário vespertino — a senhora já havia recebido numerosas visitas. Em seguida, compareceu a um certo lugar, onde ocorreu uma catástrofe, que causou pouco dano às pessoas, mas grandes prejuízos materiais. E a «Ajuda Social» terá que resolver o problema.

E é sempre assim esta incansável mulher, atenta à dor alheia para mitigá-la, roubando horas ao próprio descanso.

(Conclui na página 164)



COLCHÃO «LIDER» é o melhor e não é o mais caro.

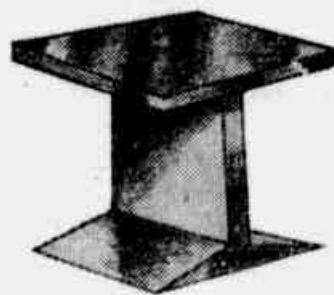
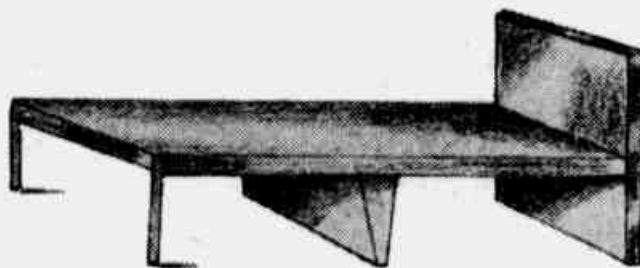
Além do colchão ventilado de molas «Lider», apresentamos a grande novidade do momento: MESA CAMA, que é também um belo SOFÁ (Patente D. P.).

FÁBRICA: — RUA AQUILES LOBO, 559 (EX-RUA ARAPÉ) — FONE: 4-0750 —

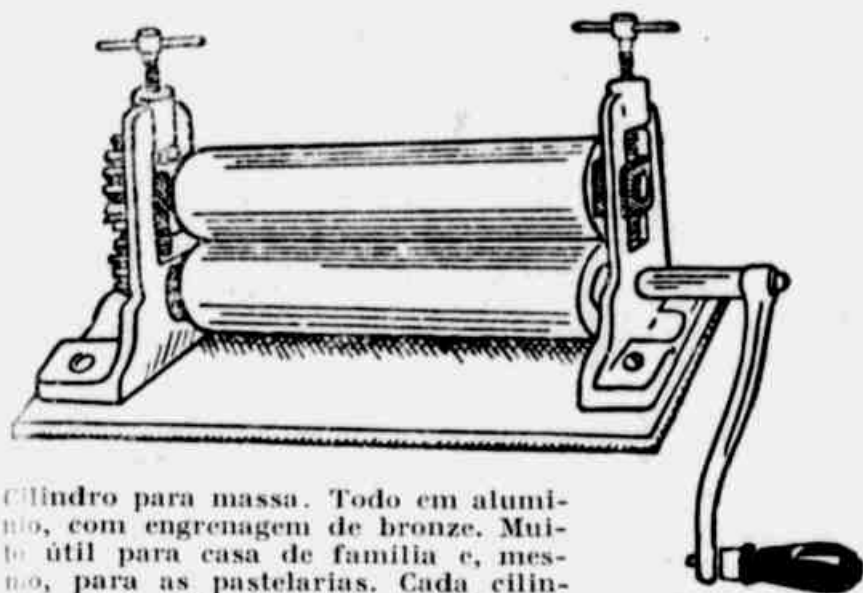
BELO HORIZONTE — MINAS

À VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO

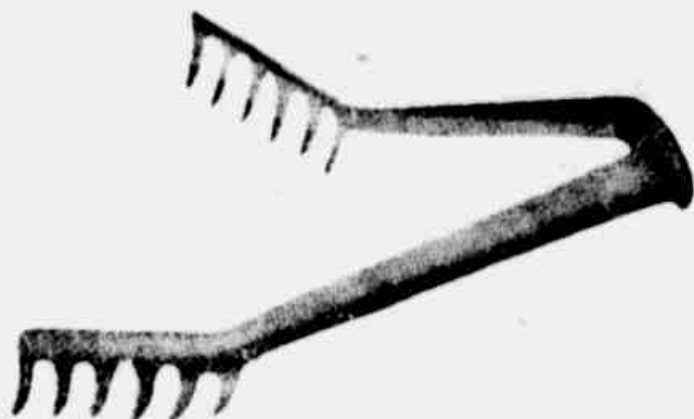
ABERTA, transforma-se em linda cama estofada, ou num belo sofá, ambos úteis aos lares de pessoas de bom gosto.



FECHADA é uma mesa de centro, com várias utilidades, servindo até para passar roupa.



Cilindro para massa. Todo em alumínio, com engrenagem de bronze. Muito útil para casa de família e, mesmo, para as pastelarias. Cada cilindro tem 16 cms. de comprimento. Cr\$ 300,00.



GARFO PARA MACARRÃO

De metal niquelado. Indispensável para servir macarrão, talharim, salada e verduras. Cr\$ 35,00.



APARELHOS

PARA CORTAR

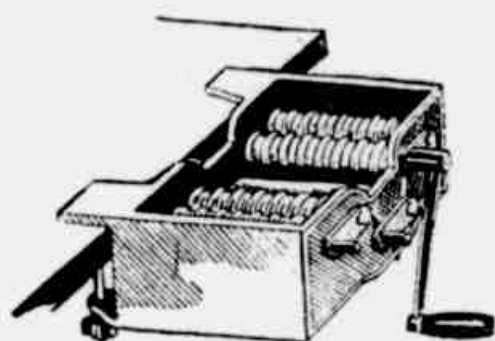
PASTEIS

E

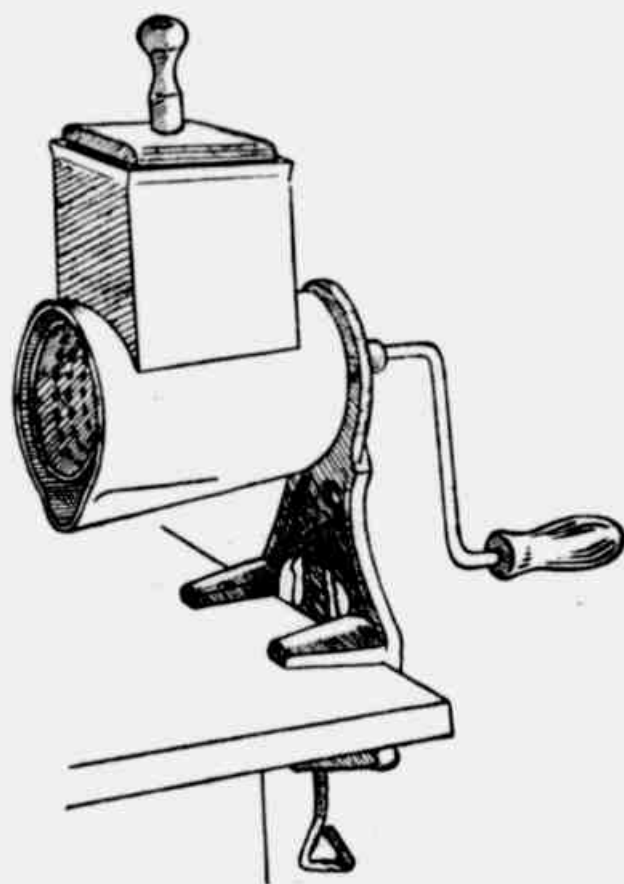
RAVIOLI

COM MOLA E VIRAL DE ESPREMER

Automático. Fecha a massa e corta. Prático, eficiente e rápido. Material de 1ª qualidade. Em tamanho grande, para pasteis, Cr\$ 50,00. Em tamanho menor, para ravioli, Cr\$ 39,00.



MAQUINA PARA MACARRÃO E ABRIR MASSA — Faz macarrão, talharim, abre massa para empada, pastel, ravioli, biscoito, etc. Toda feita de alumínio. Cr\$ 380,00.



MAQUINA PARA RALAR CÔCO, amêndoas, nozes, queijo, etc. Não machuca os dedos; eficiente e garantida. Cr\$ 45,00. Tamanho grande especial para côco, queijo, cidra, etc., Cr\$ 70,00.



A BOLSA TÉRMICA é um artigo indispensável às mãos! Feita de material plástico, com isolamento de lã de vidro. Especial para mamadeira, pois conserva a temperatura durante 8 horas. — Cr\$ 50,00.

Pronta remessa, pelo REEMBOLSO POSTAL, para todo o Brasil



Ao fazer o seu pedido, escreva sempre com clareza seu nome completo, endereço, cidade e Estado. Cartas ou telegramas para

CASA ONIX

RUA TUPINAMBÁS, 629 — FONE, 2-3160 — BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS

ALTEROSA

PARA A FAMÍLIA DO BRASIL

Publicação mensal da
SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.

ADMINISTRAÇÃO

Av. Afonso Pena, 941 — 4º andar
— Ed. Sul-América — Fone: Gerên-
cia: 2-0652; Redação: 2-4251 —
Caixa Postal, 279 — End. Teleg.
"ALTEROSA" — Belo Horizonte —
Estado de Minas Gerais — Brasil.

SUCURSAL NO RIO

Diretor: Ulisses de Castro Filho
Rua da Matriz, 108 — Apto. 15
Fone 26-1881

ASSINATURAS

1 semestre (6 números) . Cr\$ 30,00
1 ano (12 números) . . . Cr\$ 60,00
2 anos (24 números) . . Cr\$ 110,00
3 anos (36 números) . . Cr\$ 150,00

Estes preços são mantidos para
todos os países do continente ame-
ricano, Portugal e Espanha. Para os
demais países são elevados ao dobro.
As assinaturas começam e terminam
em qualquer mês. Pagamento por
meio de cheque, vale postal ou car-
ta registrada com valor declarado.

VENDA AVULSA

Em todo o Brasil . . . Cr\$ 5,00
Portugal e colônias . . . Esc. 8,00

DIRETOR — Miranda e Castro
ASSISTENTE — N. M. Castro
REDATOR-CHEFE — Mário Matos

ARTE: — Augusto Rezende, Euclides
Santos, J. C. Moura, Jerônimo Ribe-
iro, Orlando Matos, Rocha e Rodolfo.

SEÇÕES — Cristiano Linhares, Go-
dofredo Rangel, Leviando Lopes,
Leonor Telles, Lúcia Maria, Olga
Obay e Pedro Ribeiro da Franca.

FOTOGRAFIAS — Augusto Cardo-
so, Francisco Martins da Silva e
Stúdio Constantino.

GRAVURAS — Ateliê Este e
Fotogravura Minas Gerais Ltda.

IMPRESSÃO — Estabelecimentos
Gráficos Santa Maria S. A.

A redação não devolve originais,
ainda que não sejam aproveitados,
não aceita fotografias sociais para
publicação e não mantém correspon-
dência com autores de trabalhos que
não tenham sido solicitados.

Os conceitos emitidos em artigos
assinados não são de responsabilidade
da direção da revista.

Caixa Postal

COLABORAÇÕES APROVADAS

FORAM aprovados pela Comissão Julgadora os seguin-
tes trabalhos recebidos de nossos leitores durante
o mês de agosto último:

Contos: «Vida sem luz», de Sônia Fiuza da Rocha.

Poesias: «Judeu errante» e «Se voltares...», de Roge-
ciano Leite; «Num lance», de Celina Maria Taques Bitten-
court; e «Trovas», de Luiz Otávio.

Narrativas: Colaborações de Julieta Calderari Araújo,
Carlos L. Andrada, G. Andrade, Cecy Flôr de Maio e Niêta
Calaes Teixeira.

A DAMA DA ESPERANÇA

(Conclusão)

so, fazendo ouvir sua voz na
tribuna dos Comícios, viajan-
do, indo daqui para ali, sem
que desfaleçam suas forças.
Caso único talvez, onde não
se sabe qual emoção pesa
mais em seu coração, se a da
mulher enamorada do ho-
mem a que está ligada sua
vida, ou a chama voraz do
patriotismo. Talvez as duas
se igualem.

Saio, vindo-a agora de pé,
cansada, esgotada, atendendo
ainda aos visitantes. Um se-
cretário aproxima-lhe uma
cadeira para que, ao menos,
nela se apoie a gentil senho-
ra.

Acabei de viver intensa-
mente uma grande fase da
História da República Ar-
gentina. Chego à rua. No re-
lógio da Casa do Cabildo os
ponteiros marcam uma hora
da madrugada...

N. R. — Em nossa edição
de agosto último, divulgamos
um artigo sobre a atuação po-
lítica da sra. Eva Perón. Por
um lapso de nossa redação,
esse artigo saiu como sendo
de autoria do sr. Diego Vale-
ro Manchón, quando se tra-
tava de trabalho de outro co-
laborador. A bem da verdade,
fazemos aqui a devida retri-
buição.

VISÃO PARA OS CEGOS

UM periódico italiano informa que a «Sociedade Romana de Me-
dicina Legal» encarregou um grupo de parlamentares de pre-
parar um projeto de lei permitindo a transformação da cór-
nea de um olho sã para outro olho enfermo. Na França, nos Es-
tados Unidos e na Rússia já é possível, algum, na iminência,
morte, destinar os próprios olhos a um instituto oculístico, para
que a córnea (8 a 10 horas depois do falecimento do doador) seja
transplantada para algum olho cego, a fim de restituir-lhe a
visão. Promulgada que seja uma lei regulando essa complexa
matéria, conclui o referido periódico, também na Itália será pos-
sível efetuar-se a moderníssima operação de transplantação.

ELIXIR DA LONGA VIDA

A sra. Carmela Manferoce ergue os ombros quando lhe fa-
lam no sêro de Bogomoletz. Essa rija anciã, que acaba de
celebrar em Roma seu 102º aniversário, declara:

— O verdadeiro sêro de Bogomoletz cresce nos olivais...
Três vezes por dia, antes de cada refeição, ela toma uma co-
lher de óleo de oliva. Começou esse regime em 1870. Seus filhos
não a imitaram.

— Por isso eles morreram muito novos, — diz ela.
Com efeito, seus filhos não passaram dos 70 anos.

S. A. CASA PRATT

DISTRIBUIDORA EXCLUSIVA DE

Remington Rand

O 1.º NOME EM EQUIPAMENTOS DE ESCRITÓRIO

RE M I N G T O N

Máquinas de escrever Standard - Portáteis - Elétricas

RE M I N G T O N R A N D

Máquinas de contabilidade, somar e calcular

P O W E R S

Equipamentos de cartões perfuráveis para
Contabilidade, Controle e Estatística

K A R D E X

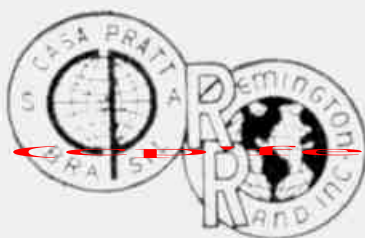
Sistemas visíveis de Controle

M O V A Ç O

Arquivos, Fichários de Aço e Pertences

RE M T I C O P A R A G O N

Fitas para Máquinas e Papeis Carbonos



FILIAL DE BELO HORIZONTE

RUA GOIÁS, 187 (ED. AUTOMÓVEL CLUB)

TELEFONE 2-2529

Escolha hoje... e vista amanhã!

Com a meia-confecção
GUANABARA V. terá
garantidos um acabamento
impecável e elegância
perfeita, sem o transtorno das
várias provas, da demora na
entrega, da perda de tempo.

Escolha... e o seu terno será termina-
do em poucas horas, de acôrdo com
as medidas exatas de seu corpo.



- Tecidos de qualidade superior.
- Padrões modernos e lindos.
- Corte distinto e perfeito, garan-
tidos por hábeis contra-mestres.
- Acabamento igual ao das rou-
pas sob medida.

Guanabara



COM UM CARTÃO DE CRÉDITO VESTE-SE
TODA A FAMÍLIA.

O MAIOR MAGAZIN DE BELO HORIZONTE